

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO  
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA  
EDUCAÇÃO**

**UM PROJETO DE FORMAÇÃO HUMANA SOB O OLHAR FEMININO:  
A TRILOGIA TEOLÓGICA DE HILDEGARDA DE BINGEN NO  
SÉCULO XII**

**MICHELE DE OLIVEIRA JIMENEZ**

**MARINGÁ  
2024**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO  
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA  
EDUCAÇÃO**

**UM PROJETO DE FORMAÇÃO HUMANA SOB O OLHAR FEMININO:  
A TRILOGIA TEOLÓGICA DE HILDEGARDA DE BINGEN NO  
SÉCULO XII**

Tese apresentada por MICHELE DE OLIVEIRA JIMENEZ, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Educação. Linha de Pesquisa: História e Historiografia da Educação.

Orientadora: Profa. Dra. TEREZINHA OLIVEIRA.

MARINGÁ  
2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

J61p

Jimenez, Michele de Oliveira

Um projeto de formação humana sob o olhar feminino : a trilogia teológica de Hildegarda de Bingen no século XII / Michele de Oliveira Jimenez. -- Maringá, PR, 2024.  
317 f. : il. color., figs., tabs., mapas

Orientadora: Profa. Dra. Terezinha Oliveira.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Fundamentos da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2024.

1. Hildegarda de Bingen. 2. Projeto de formação humana. 3. História da educação. 4. Virtudes. 5. Ordem social. I. Oliveira, Terezinha, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Fundamentos da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD 23.ed. 370.9

MICHELE DE OLIVEIRA JIMENEZ

**UM PROJETO DE FORMAÇÃO HUMANA SOB O OLHAR FEMININO:  
A TRILOGIA TEOLÓGICA DE HILDEGARDA DE BINGEN NO  
SÉCULO XII**

**BANCA EXAMINADORA**

Profa. Dra. Terezinha Oliveira (Orientadora) – UEM – Maringá

Profa. Dra. Estefania Sottocorno – UBA – Argentina

Profa. Dra. Maria Dailza da Conceição Fagundes – UEG –  
Cidade de Goiás

Profa. Dra. Eliane Batista – UEM – Maringá

Profa. Dra. Conceição Solange Bution Perin – UEM – Maringá

Profa. Dra. Camila Ezídio – UNEB – Salvador

Profa. Dra. Meire Aparecida Lóde Nunes – UNESPAR –  
Paranavaí

Maringá, agosto de 2024

Às Micheles criança, adolescente, jovem, adulta e agora mãe,  
nós conseguimos!

A todas as mulheres da minha vida: mãe, avós, tias, amigas e  
professoras, nós conseguimos!

## AGRADECIMENTOS

Quando conheci minha orientadora do doutorado, uma das primeiras coisas que ela me falou foi: “Michele, ninguém faz um projeto de doutorado sozinha”. Hoje, iria além, ninguém faz uma tese de doutorado sozinha. O caminhar até pode ser solitário, mas sempre têm aqueles ou aquelas que caminham conosco.

Talvez os agradecimentos sejam muitos, então, querido leitor ou leitora, podem ir direto para a apresentação ou podem acompanhar aqueles e aquelas que caminharam comigo durante o doutorado, a quem deixo meu muito obrigada.

À Hildegarda de Bingen! Obrigada por ter me reconectado a minha fé e entender que não encontramos Deus na dor e sim na alegria de viver.

Ao meu esposo, Rafael, que caminha comigo desde a graduação. Obrigada por tanta confiança, por não me deixar desanimar, por sempre acreditar que eu sou o suficiente nos desafios que me meto. Obrigada por seu amor!

Ao Otto, que nem nasceu e já mudou toda a minha vida, inclusive a data de defesa do doutorado, pois já dizia o poetinha “que coisa louca, que coisa linda, que os filhos são!” (Vinicius de Moraes, *Poema Enjoadinho*).

Aos meus pais por sempre terem acreditado que a educação era o melhor caminho a seguir. Por sonharem meus sonhos comigo. Obrigada e nunca se esqueçam do quanto amo vocês!

Aos meus irmãos, Bruno e Vinicius. Ao Bruno por toda ajuda e apoio, principalmente, depois que descobri a gravidez. Ao Vini, pela caminhada de morarmos juntos e ter me ensinado tanto sobre amor e companheirismo. Por ter digitado todas as cartas anexas a esta tese. Obrigada, ‘Pequeno Gafanhoto’!

Ao meu primo querido, Matheus, que me recebeu em sua casa em Oxford, para o intercâmbio, depois foi para Évora e Lisboa, acompanhar-me em viagem de estudo e, ainda, trouxe-me diversos livros de Hildegarda ou sobre ela, a um preço mais acessível que comprá-los no Brasil. Muito obrigada, ‘Boludinho’!

A minha orientadora, Prof. Dra. Terezinha Oliveira, não só do doutorado, mas da vida, meu agradecimento especial. Agradeço por toda a paciência em me ajudar a encontrar a minha confiança perdida depois de vários reveses em seleções para entrar na pós-graduação. Pela sensibilidade quando a ansiedade me dominava. Pelo carinho e atenção durante toda a gestação do Otto até aqui. Pela maneira como me

guiou durante o processo, respeitando o meu tempo, orientando-me nas novas teorias. Sobretudo, pelo amor que transborda daquelas que realmente amam o ensinar. Obrigada!

As minhas amigas queridas: Sol, Lili, Cris e Vanessita que estiveram comigo desde as seleções frustradas até o ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá – PPE/UEM. O apoio de vocês, seja com os fichamentos ou com as terças à noite na Cachaçaria, foi sensacional. Obrigada por terem estado presente, mesmo na minha ausência para escrever a tese.

À Bibis que garimpava os textos que eu precisava ler, sem nunca ter dito um único não e, ainda, ouvia-me e incentivava-me a continuar pesquisando.

Às amigas que o doutorado me deu: Gi, Carol, Lari e Ju! Com certeza, o caminhar se tornou menos solitário com vocês ao meu lado. Agradeço pela vida de vocês e por termos compartilhado esse caminho juntas.

A minha amiga Carla que revisou todas as traduções do inglês para o português. Uma amiga especial em um momento ruim, a pandemia da Covid-19. Ainda bem que nem só de tempos difíceis a vida é feita.

Aos meus sobrinhos de coração, Luiz Otávio e Heloísa, que me ajudaram com os fichamentos do referencial teórico em inglês e espanhol. Muito obrigada pelo empenho e dedicação de vocês.

Ao meu amigo Roger, meu artista preferido! Muito obrigada por todas as artes que compõem esta tese e por me ouvir, uma escuta atenta e delicada, que conseguia acalmar meus pensamentos e organizá-los.

À Angélica, amiga que a Unila me deu, por revisar a parte médica desta tese.

Ao Rafa e à Cris pela ajuda em conseguir mapas do Sacro Império Romano-Germânico em fontes confiáveis.

À Fernanda da Oxford University Press, que me ajudou a comprar os livros de Hildegarda de Bingen e me instruiu sobre a licença para a publicação das cartas como anexos nesta tese.

Aos grupos de estudo Transformações Sociais e Educação na Antiguidade e Medievalidade – GTSEAM e Pesquisa em Educação e Ensino na Medievalidade, Modernidade e Contemporaneidade – GPEMC, da UEM e Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, respectivamente. Muitas das discussões desta tese devo à

participação nesses grupos. Muito obrigada por terem me ajudado a construir uma nova forma de pensar.

À banca examinadora, Prof. Dra. Estefania Sottocorno, Profa. Dra. Maria Dailza da Conceição Fagundes, Prof. Dra. Eliane Batista, Prof. Dra. Meire Aparecida Lóde Nunes, Prof. Dra. Conceição Solange Bution Perin e Prof. Dra. Camila Ezídio. Obrigada pela leitura da tese e por participarem deste momento tão significativo e importante para mim.

À Brepols Publishers pela autorização para a publicação das cartas de Hildegarda de Bingen (original latim), sem custos adicionais.

À Oxford University Press pela autorização para a publicação das cartas de Hildegarda de Bingen (tradução inglesa), sem custos adicionais.

À Capes e ao PPE/UEM por terem mantido a pós-graduação viva, mesmo sob um governo reacionário e genocida.

À Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA, pela concessão de meu afastamento integral, a partir do segundo ano. Sem o afastamento, o caminho do doutorado teria sido mais tortuoso. Agradeço aos/às colegas de trabalho que ‘seguraram as pontas’ durante o meu afastamento.

A você, leitor ou leitora, presente até aqui. Espero que esta tese ajude em sua pesquisa e que você se maravilhe com o mundo de Hildegarda de Bingen.

JIMENEZ, Michele de Oliveira. **Um projeto de formação humana sob o olhar feminino:** a trilogia teológica de Hildegarda de Bingen no século XII. 317 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Terezinha Oliveira, Maringá, 2024.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar o projeto de formação humana a partir da trilogia teológica de Hildegarda de Bingen (1098-1179): *Scivias*, *El Libro de los Merecimientos de la Vida* e *Libro de las Obras Divinas*, do ponto de vista educacional. Os objetivos específicos foram: a) analisar a importância das ordens sociais, estabelecidas por meio da hierarquia clero, aristocracia e povo na obra hildegardiana; b) identificar os papéis atribuídos aos homens e as mulheres para o desenvolvimento da humanidade, segundo Hildegarda; c) refletir sobre a importância das virtudes Obediência e Humildade para a formação do ser humano e manutenção da ordem social, conforme o pensamento hildegardiano. Embora Hildegarda de Bingen não tenha dedicado nenhuma obra, exclusivamente, à educação, a hipótese de pesquisa que guiou esta tese foi a de que o objetivo principal desta monja beneditina era ensinar, em 1º lugar ao clero, 2º lugar à aristocracia e em 3º lugar ao povo. A pergunta de pesquisa foi qual era o projeto de formação humana que Hildegarda de Bingen defendeu para o século XII em suas obras teológicas? O caminho teórico percorrido para a construção da tese foi a partir da História Social (Bloch, 2001; Braudel, 1965; Duby, 1994; Le Goff, 2014, 2015), com a utilização de fontes primárias – obras de Hildegarda – e secundárias – teóricos e intérpretes das obras de Hildegarda. Tendo em vista os pressupostos da História Social que nortearam esta pesquisa, a metodologia seguida foi a análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2011). O referencial teórico foi baseado em autoras como Barbara Newman (1997; 2017), Fraboschi (2012; 2018), Régine Pernoud (2020), Victoria Cirlot (2001; 2012; 2022), Fiona Maddocks (2013), Anna Silvas (1998), Gerda Lerner (1993), com obras clássicas sobre Hildegarda de Bingen e nos trabalhos de Dronke (1988), Schmandt e Bettina Kroker (2014), Mark Atherton (2001), Caroline Bynum (1984) e Baird (2006). Os principais resultados para o projeto de formação humana defendido por Hildegarda de Bingen foram: educação não seria para todos, somente para as pessoas superiores, principalmente para os monges; mulheres poderiam ser ensinadas e ensinar, mas não poderiam liderar Igrejas; educação baseada nas virtudes da Humildade e da Obediência; educação sustentável e baseada na moderação de castigos e recompensas.

**Palavras-chave:** Hildegarda de Bingen; Projeto de Formação Humana; História da Educação; Virtudes; Ordem Social; Século XII.

JIMENEZ, Michele de Oliveira. **A human development project from a feminine angle:** Hildegard of Bingen's theological trilogy in the 12th century. 317 f. Thesis (Doctorate in Education) – State University of Maringá. Advisor: Terezinha Oliveira, Maringá, 2024.

## ABSTRACT

The aim of this thesis is to analyze the project of human development based on the theological trilogy of Hildegard of Bingen (1098-1179): *Scivias*, *El Libro de los Merecimientos de la Vida* and *Libro de las Obras Divinas*, from an educational point of view. The specific objectives were: a) to examine the importance of social orders, set up through the hierarchy of clergy, aristocracy and people in Hildegard's work; b) to identify roles assigned to men and women for the development of humanity, according to Hildegard; c) to reflect on the significance of the virtues Obedience and Humility for the formation of human beings and the maintenance of social order, according to Hildegard's thinking. Even though Hildegard of Bingen did not dedicate any of her works exclusively to education, the research hypothesis that guided this thesis was that the main purpose of this Benedictine nun was to teach, firstly, the clergy, secondly, the aristocracy and thirdly, the people. The driving question was what was the project of human development that Hildegard of Bingen defended for the 12th century in her theological works? The theoretical approach to the thesis was based on Social History (Bloch, 2001; Braudel, 1965; Duby, 1994; Le Goff, 2014, 2015), using primary sources – Hildegard's works – and secondary sources – theorists and interpreters of Hildegard's works. In view of the Social History concepts that guided this research, the methodology followed was the content analysis proposed by Laurence Bardin (2011). The theoretical framework was based on authors such as Barbara Newman (1997; 2017), Fraboschi (2012; 2018), Régine Pernoud (2020), Victoria Cirlot (2001; 2012; 2022), Fiona Maddocks (2013), Anna Silvas (1998), Gerda Lerner (1993), with classic works on Hildegard of Bingen and the works of Dronke (1988), Schmandt and Bettina Kroker (2014), Mark Atherton (2001), Caroline Bynum (1984) and Baird (2006). The main outcomes for the project of human development defended by Hildegard of Bingen were: education would not be for everyone, only for superior human beings, especially monks; women could be taught and teach, but could not lead Churches; education based on the virtues of Humility and Obedience; sustainable education and based on the restraint of punishments and rewards.

**Keywords:** Hildegard of Bingen; Project of Human Development; History of Education; Virtues; Social Order; 12th century.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Obras mais estudadas de Hildegarda de Bingen no Brasil.....	23
Gráfico 2 – Teses e Dissertações sobre Hildegarda de Bingen por ano.....	31

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – A profetisa.....	38
Figura 2 – Hildegarda de Bingen no cenário do século XII.....	54
Figura 3 – Contemporâneos e contemporâneas de Hildegarda de Bingen.....	76
Figura 4 – Viagens de Hildegarda de Bingen.....	90
Figura 5 – Vista da localização atual de onde ficava o Mosteiro de Rupertsberg, na confluência dos rios Nahe e Reno (Bingen, Alemanha).....	92
Figura 6 – Árvore das Virtudes.....	110
Figura 7 – Segunda visão da primeira parte LDO.....	136

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Correspondência de Hildegarda de Bingen.....	43
Mapa 2 – Localização dos Mosteiros de Hildegarda de Bingen.....	52
Mapa 3 – Sacro Império Romano-Germânico no século XII.....	61
Mapa 4 – Sacro Império Romano-Germânico sob Frederico Barba Ruiva.....	62
Mapa 5 – O Império Romano-Germânico na época dos Hohenstaufen (1125-1254).....	63
Mapa 6 – Localização atual dos Mosteiros de Hildegarda de Bingen.....	92

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Resumo das pesquisas sobre Hildegarda de Bingen no Brasil.....	32
Quadro 2 – Apresentação de Hildegarda de Bingen em suas obras.....	40
Quadro 3 – Prólogo das obras de Hildegarda de Bingen.....	69
Quadro 4 – Eva como mãe da humanidade.....	139

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Citações ao(aos) homem(s) nas obras de Hildegarda de Bingen.....	132
Tabela 2 – Citações à(às) mulher(es) nas obras de Hildegarda de Bingen.....	138

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>18</b>
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>21</b>
<b>2 HILDEGARDA DE BINGEN E O SÉCULO XII.....</b>	<b>37</b>
2. 1 Hildegarda de Bingen: de monja beneditina à Sibila do Reno.....	45
2. 2 Hildegarda de Bingen: uma intelectual e historiadora no século XII?.....	56
2.2.1 Contextos religioso e político do século XII.....	59
2.2.2 Contextos religioso e educacional do século XII.....	71
2.3 Três décadas de escrita: Scivias, El Libro de los merecimientos de la vida e o Libro de las obras divinas.....	86
<b>3 A ORDEM SOCIAL NO PROJETO DE FORMAÇÃO HUMANA DE HILDEGARDA DE BINGEN.....</b>	<b>96</b>
3.1 O feudalismo.....	96
3.1.1 As três ordens e a ordem na sociedade do século XII.....	101
3. 2 As virtudes no pensamento hildegardiano.....	105
3.2.1 Obediência e Humildade para a manutenção da ordem social no século XII. 115	
<b>4 OS HOMENS E AS MULHERES NO PROJETO DE FORMAÇÃO HUMANA DE HILDEGARDA DE BINGEN.....</b>	<b>128</b>
4.1 O século XII: uma nova espiritualidade dentro dos mosteiros.....	129
4.2 O Homem nas obras de Hildegarda de Bingen.....	132
4.3 A Mulher nas obras de Hildegarda de Bingen.....	138
4.4 A complementaridade entre homens e mulheres nas obras de Hildegarda de Bingen.....	142

<b>5 PROJETO DE FORMAÇÃO HUMANA DE HILDEGARDA DE BINGEN.....</b>	<b>148</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>166</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>171</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>187</b>
APÊNDICE 1 – Tabulação Dados para aplicação da Análise de Conteúdo de Bardin (2011).....	187
APÊNDICE 2 – Artigos lidos Portal de Periódicos Capes e Scopus.....	188
<b>ANEXOS.....</b>	<b>193</b>
ANEXO 1 – Proteção da diocese de Mainz sobre a independência financeira e administrativa ao Mosteiro de Rupertsberg.....	193
ANEXO 2 – Página Portal de Periódicos Capes.....	196
ANEXO 3A – Autorização para utilização das cartas de Hildegarda de Bingen pela Oxford University Press.....	197
ANEXO 3B – Cartas de Hildegarda de Bingen (inglês).....	203
ANEXO 3C – Autorização para utilização das cartas de Hildegarda de Bingen pela Brepols Publishers n. v.....	265
ANEXO 3D – Cartas de Hildegarda de Bingen (latim).....	266
ANEXO 4 – Decreto Proteção Imperial de Frederico Barba Ruiva ao Mosteiro de Rupertsberg de Hildegarda de Bingen.....	304
ANEXO 5 – Material de estudo para elaboração da Árvore das Virtudes.....	306

## APRESENTAÇÃO

Conheci meu objeto de pesquisa no final de 2019, em um destes casos da pós-graduação brasileira – fazer disciplina como aluno não-regular na Universidade Estadual de Maringá (UEM) – quando a professora citou uma mulher intelectual na Idade Média, que havia aconselhado quatro Papas e deixado muitas e muitas páginas (livros e cartas) escritas. Comecei a pesquisar sobre ela e fui apresentada à Hildegarda de Bingen, monja beneditina, nascida no final do século XI, na atual Alemanha.

De lá para cá, não parei minhas pesquisas sobre Hildegarda. Em 2020, em conjunto com minha futura orientadora, apresentamos e escrevemos sobre os ecos do milenarismo nas principais obras da monja beneditina – *Scivias*, *Libro de los Merecimientos de la Vida* e *Libro de las Obras Divinas* – como fontes para compreender o período histórico, a partir de três aspectos: a) importância da demarcação histórica; b) penitência para alcançar a salvação; c) humanização de Deus (Michele Jimenez<sup>1</sup>; Terezinha Oliveira, 2020; 2021a).

Em 2021, com o ingresso como aluna regular do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (PPE/UEM), pude formalizar minhas pesquisas sobre Hildegarda, por meio do projeto de pesquisa “A formação humana a partir da trilogia teológica de Hildegarda de Bingen, no século XII” (Jimenez; Oliveira, 2021b). O ano de 2021 foi muito importante para entender o meu projeto de pesquisa e o que, de fato, gostaria de pesquisar. Entendi a monja beneditina como uma defensora da manutenção da ordem social, principalmente dos *oratores*<sup>2</sup> (Jimenez; Carolina Bonetti; Oliveira, 2021; Jimenez; Oliveira, 2021c) e o papel que as virtudes desempenharam em suas obras teológicas.

No entanto, faltava algo para fechar o ciclo de pesquisa inicial sobre Hildegarda, isto é, compreender a mulher intelectual, conselheira procurada pelas mais diferentes pessoas, como Papas, Imperadores, professores das universidades, bispos, enfim, uma mestra em um mosteiro (Jimenez; Oliveira, 2021d). Para suprir

---

<sup>1</sup> Ainda que não seja o padrão na ABNT, optei por manter o nome e sobrenome principal das autoras, na primeira vez em que forem citadas, para destacar e valorizar a produção e a pesquisa femininas. Em geral, os sobrenomes invisibilizam o gênero das autoras e autores na produção científica.

<sup>2</sup> Sobre os *oratores*, ver seção 3 desta tese.

essa falta, outro ponto ao qual me dediquei foi ao estudo das virtudes e a relação estabelecida por Hildegarda para a manutenção da ordem social (Jimenez; Oliveira, 2022a, 2022b), o que já havia iniciado em 2021. Foi preciso situar Hildegarda no contexto histórico em que viveu, o que justificou a pesquisa em cartas, como registros históricos e pessoais, detalhando o ambiente religioso, político e educativo do século XII (Jimenez; Oliveira 2023a, 2023b, 2023c, 2023d). Alguns resultados da pesquisa desta tese foram apresentados durante o Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação e no 5º Congresso da Sociedade Portuguesa de Filosofia, realizado em Évora (Jimenez; Oliveira, 2023c; 2023e). Além disso, analisei a relação de interdependência entre Deus, ser humano e natureza em duas obras que não fazem parte do escopo desta tese, *Explicación del Credo de San Atanasio, que dió Santa Hildegarda a su Congregación de Hermanas* e *Libro de las Causas y Remedios de las Enfermedades* (Jimenez; Oliveira, 2023f).

Ressalto que, no mestrado, estudei as personagens masculinas nas obras de Machado de Assis e João Gilberto Noll, de uma perspectiva dos estudos comparados da literatura e dos estudos de gênero, orientada pelas diferentes possibilidades para se viver as masculinidades (Jimenez, 2011). No doutorado, o que me guiou foi o caminho inverso, ou seja, estudar o pensamento de uma mulher. No mestrado, o que me intrigava era o fato de que na maioria dos estudos acadêmicos, as personagens femininas de Machado de Assis eram superiores às personagens masculinas, senhoras de si mesmas, em contraposição aos homens, frágeis e indecisos (Jimenez, 2011). Já no doutorado, a problemática foi ao contrário. Se na literatura machadiana, as mulheres têm papel de destaque, a vida real não imita a arte. As perguntas que me inquietaram foram: por que conhecemos tão pouco sobre as mulheres medievais, sobre seu papel de destaque na sociedade? Por que as mulheres são destaque como personagens fictícias na literatura, mas não como teóricas, teólogas, filósofas, educadoras, enfim, como intelectuais? Foram caminhos distintos, mas que tiveram o cerne na mesma questão: por que uns e não outros?<sup>3</sup>

Para compreender a escolha por um novo campo de pesquisa – a História da Educação – preciso apresentar as minhas formações originais, em Letras e Pedagogia. Da primeira, trago a paixão pela literatura! Poder estudar uma escrita

---

<sup>3</sup> Título da obra de Jailson de Souza e Silva (2011), em que o autor descreveu e analisou a caminhada dos estudantes pobres da favela da Maré/Rio de Janeiro, para a universidade.

como a de Hildegarda, com tons apocalípticos, ao mesmo tempo, didática e preocupada com quem irá receber suas obras, motivou-me a conduzir minha pesquisa para a área de educação e, por conseguinte, para a História da Educação Medieval. Da segunda, a capacidade de compreender as pessoas situadas dentro do contexto histórico e geográfico, imersas em uma realidade datada, o que me proporcionou entender Hildegarda como intelectual ligada às questões de seu tempo, porém, conhecedora da tradição cristã que fundamentou seu pensamento.

E é deste lugar de fala<sup>4</sup> de uma pesquisadora que encontrou seu objeto de pesquisa sem o procurar, que apresento minha tese a vocês: “Um projeto de formação humana sob o olhar feminino: a trilogia teológica de Hildegarda de Bingen no século XII”.

---

<sup>4</sup> Lugar de fala não se restringe apenas ao direito à voz, pois está intrincado por estruturas sociais – raça, gênero e classe – que influenciam na forma de compreender o mundo. Cada pessoa tem um lugar de fala específico, de acordo com as experiências vividas e as estruturas sociais citadas (Djamila Ribeiro, 2017).

# 1 INTRODUÇÃO

O nosso mundo é um mundo hiper conectado. Estamos sempre em contato com alguém, por meio de nossas mídias sociais – Instagram, Facebook, Tik Tok, Twitter, Telegram, WhatsApp<sup>5</sup> – este último, principalmente na cultura brasileira, rompeu de vez a barreira entre o público e o privado, principalmente, entre o horário de trabalho e de descanso, isto é, não nos desconectamos. Ainda que pesem malefícios das mídias sociais em nossas vidas (as *fake news* e as eleições presidenciais de 2018 e de 2022 no Brasil, por exemplo) não podemos negar a facilidade do acesso à informação e, conseqüentemente, dos chamados vídeos virais. Um desses vídeos que viralizou em maio de 2023 e tem circulado pelo WhatsApp é de um monge brasileiro, ligado aos Aautos do Evangelho de Recife<sup>6</sup>, fazendo propaganda de uma cerveja artesanal produzida no próprio mosteiro, com a seguinte legenda: “[...] quando eu penso em parar de beber vem um enviado de Deus e fala para eu não parar”. Talvez, vocês estejam se perguntando o quê esse vídeo viral tem a ver com esta tese. Respondo: a receita que o monge está utilizando é de Hildegarda de Bingen (1098-1179), uma mulher medieval, monja, abadessa<sup>7</sup> beneditina e objeto desta tese<sup>8</sup>.

Hildegarda é reconhecida como uma polímata – estudiosa de muitas ciências (Andreea Boboc, 2013; Maria Simone Nogueira; Ana Rachel Vasconcelos, 2022), o que é possível notar pelas diferentes áreas de interesse das obras que chegaram até nossos dias, desde músicas, peça de teatro, teologia até tratamento com plantas medicinais. Hildegarda começou a escrever apenas em 1141, aos quarenta e três anos de idade, porém, escreveu por quase quatro décadas. As obras que chegaram

---

<sup>5</sup> Interessante análise foi feita por Átila Iamarino em seu canal do Youtube, sobre o WhatsApp e a cultura brasileira e está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yCiSv-IN-x8>.

<sup>6</sup> O vídeo está disponível na página do Instagram dos Aautos do Evangelho de Recife: <https://www.instagram.com/p/CsLvLpoAhB-/>. Foi publicado, como *reels*, em 13 de maio de 2023, com a seguinte legenda: “primeira prova do chopp artesanal feito no Mosteiro dos Aautos com a receita de Santa Hildegarda. Estará disponível hoje no festival do Ateliê Gourmet. Será que ficou boa?”, acompanhado das *tags* #arautosdoevangelho, #arautosrecife; #arautosdoevangelhorecife; #irejacadólica; #fe; #recife; #oração; #ceu; #recife; #oração; #choppartesanal.

<sup>7</sup> Hildegarda é nomeada como abadessa nesta tese, pela independência financeira e administrativa que alcançou em relação ao Mosteiro de Disibodenberg, respondendo diretamente à Arquidiocese de Mainz e não ao abade de seu primeiro mosteiro, o que era a prática nos mosteiros duplos. A independência financeira e administrativa do Mosteiro de Rupertsberg foi concedida pelo Documento n° 231, MUB 2, pp. 416-18, datado de 1158 e assinado pelo Arcebispo Arnolfo de Mainz (Anexo 1).

<sup>8</sup> Na Seção 2 desta tese, apresento Hildegarda de Bingen, vida e obra, por meio de suas correspondências, de maneira mais detalhada.

até nós foram: *Scito Vias Domini ou Scivias – Conhece os caminhos do Senhor; Liber Vitae Meritorum; Liber Divinorum Operum; Lingua Ignota et litterae ignotae; Ordo Virtutum; Symphonia armonie celestium revelationum; Vita S. Disibodi; Vita S. Ruperti; Solutiones XXXVIII questionum; Explanatio Regulae S. Benedicti; Explanatio Symboli S. Athanasi; Expositiones Evangeliorum; Liber subtilitatum diversarum naturarum creaturarum*, dividido no século XIII em duas obras – *Physica* e *Causae et curae*; e quase quatrocentas cartas<sup>9</sup> trocadas com Papas, reis, imperadores, abades, abadessas e personalidades importantes do século XII – como Bernardo de Claraval e Frederico Barba Ruiva – e pessoas simples da comunidade.

Embora Hildegarda não tenha dedicado nenhuma obra, exclusivamente, à educação, a hipótese de pesquisa que guiou esta tese foi a de que o objetivo principal desta monja beneditina era ensinar, em 1º lugar ao clero, 2º lugar à aristocracia e em 3º lugar ao povo. Assim, qual era o projeto de formação humana que Hildegarda de Bingen defendeu para o século XII em suas obras teológicas? Para responder a essa pergunta, o objetivo geral deste trabalho é analisar o projeto de formação humana a partir da trilogia teológica de Hildegarda de Bingen: *Scivias*, *El Libro de los Merecimientos de la Vida* e *Libro de las Obras Divinas*<sup>10</sup>, do ponto de vista educacional. Os objetivos específicos foram: a) analisar a importância das ordens sociais, estabelecidas por meio da hierarquia clero, aristocracia e povo na obra hildegardiana; b) identificar os papéis atribuídos aos homens e as mulheres para o desenvolvimento da humanidade, segundo Hildegarda; c) refletir sobre a importância das virtudes Obediência e Humildade para a formação do ser humano e manutenção da ordem social, de acordo com o pensamento hildegardiano.

Por que escolhi trabalhar com *Scivias*, *Libro de los Merecimientos de la Vida* e *Libro de las Obras Divinas*? As três obras representam o arco teórico de Hildegarda, marcando começo, meio e fim, respectivamente, de seu pensamento, pois foram escritas ao longo de três décadas. Azucena Fraboschi (2009), Gussem e Dinah Wouters (2019) salientaram que as três obras tornam-se unitárias por compartilharem a mesma estrutura: visões, descrições alegóricas e as explicações. Além disso, baseada na pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes,

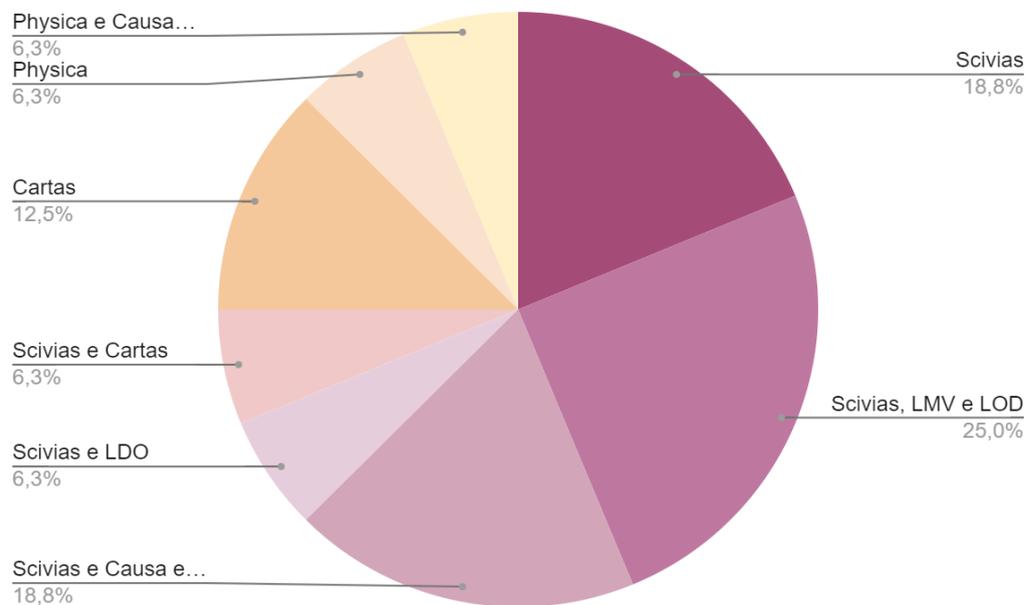
---

<sup>9</sup> Na Patrologia Latina de Migne, estão reunidas 135 cartas da abadessa de Bingen, com respectivas respostas, disponíveis em: <http://www.migne.com.br/>. As cartas também estão reunidas no *Riesincodex* ou *Código Gigante*, disponível para download no site: <https://hlbrm.digitale-sammlungen.hebis.de/urn:nbn:de:hebis:43-972>.

<sup>10</sup> As obras, utilizadas como fontes desta tese, foram apresentadas detalhadamente na Seção 2.

mapeie as obras mais estudadas de Hildegarda de Bingen no Brasil, conforme Gráfico 1:

**Gráfico 1 – Obras mais estudadas de Hildegarda de Bingen no Brasil**



Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações Capes, 2024.

Nota: as informações foram editadas e tabuladas para esta tese.

Como se pôde observar no Gráfico 1, a obra mais estudada – isolada ou em conjunto com outras obras – é o *Scivias*, que é fonte de mais de 70% dos estudos, seguida pela obra *Causae et curae*. Até 2020, foram encontrados apenas os trabalhos de Mirtes Pinheiro (2012, 2017) – em que a autora, em sua dissertação, comparou os conhecimentos de Circe, Hildegarda de Bingen e Isolda para discutir sobre as chamadas herboristas na literatura e, em sua tese, utilizou as três obras, do ponto de vista dos estudos das mulheres, com destaque para o papel de Eva nos planos de Deus. Rayana Lippmann (2014) utilizou algumas passagens das obras, contudo, o foco da autora foi trabalhar a biografia e a importância de Hildegarda no século XII e para os dias atuais. Flores (2018), partindo de um estudo comparativo entre João Escoto Eriúgena, Hildegarda de Bingen, Mestre Eckhart e Juliana de Norwich, utilizou-se das três obras da abadessa para definir o conceito do *Ser* (alma) e a unidade com Deus. Nenhum desses autores trabalhou com as três obras de Hildegarda do ponto de vista de serem complementares umas as outras ou do

caráter formativo que possuem, de um projeto de formação humana, que é o proposto por esta tese.

As principais fontes utilizadas nesta tese foram as seguintes: a) *Cartas de Hildegarda de Bingen: Epistolario completo – volumen I* (2015), tradução de oitenta e quatro cartas de Hildegarda do latim ao espanhol, realizada por Azucena Adelina Fraboschi, Cecilia Avenati de Palumbo e María Esther Ortiz<sup>11</sup> e *The letters of Hildegard of Bingen (volumes I-III)* traduções do latim ao inglês de Joseph L. Baird e Radd K. Ehrman. b) *Scivias* (2017), publicação da Paulus, tradução do inglês para o português da obra de Madre Columba Hart e Jane Bishop *Hildegard of Bingen: Scivias; Scivias: conoce los caminos* (1999), tradução do latim ao espanhol de Antonio Castro Zafra e Mónica Castro, baseada na edição crítica de Adelgundis Führkötter O.S.B. e Angela Carlevaris S.S.B; e *Scivias de Hildegarda de Bingen (primera parte): lectura y comentario al modo de una lectio medievalis* (2009), tradução do latim ao espanhol de Azucena Adelina Fraboschi. c) *Libro de los Méritos de la Vida* (2014) tradução do latim ao espanhol realizada por Rafael Renedo Hijarrubia, para a Associação Hildegardiana – responsável por boa parte das traduções das obras de Hildegarda do latim para o espanhol, disponibilizadas gratuitamente no site da associação<sup>12</sup> e *El libro de los merecimientos de la vida* (2011), tradução do latim ao espanhol de Azucena Adelina Fraboschi. d) *Libro de las Obras Divinas* (2013), tradução do latim ao espanhol realizada por Rafael Renedo Hijarrubia, para a Associação Hildegardiana; *Libro de las Obras Divinas* (2021), tradução do latim ao espanhol de María Isabel Flisfisch, María Eugenia Góngora e María José Ortúzar; *Livro das Obras Divinas* (2020), tradução ao português, edição Kindle<sup>13</sup> (2020).

---

<sup>11</sup> Embora a tradução siga a numeração da edição em inglês *The letters of Hildegard of Bingen (volumes I-III)* de Joseph L. Baird e Radd K. Ehrman, na edição em espanhol foram traduzidas apenas as cartas escritas por Hildegarda de Bingen, sem considerar as missivas que motivaram a resposta da abadessa ou que a responderam.

<sup>12</sup> Para consultar as obras traduzidas de Hildegarda de Bingen ao espanhol, acesse: <http://www.hildegardiana.es/3obras.html>.

<sup>13</sup> A edição kindle ainda é uma amostra grátis, não foi possível acessá-la na íntegra, a fim de realizar o cotejamento entre as traduções. Optei por utilizar as traduções para as línguas estrangeiras modernas (inglês e espanhol) e para o português, por ter conseguido apenas o volume I, da edição crítica publicada pela Brepols Publishers n. v. das obras de Hildegarda, em latim (Anexos 3C e 3D). Embora na Patrologia de Migne haja parte das obras no original latim, as pesquisas que acompanham as edições críticas apresentam a junção de vários manuscritos para a versão final, o que já consta nas versões para as línguas estrangeiras modernas. As edições críticas publicadas pela Brepols Publishers n. v., por meio da série Corpus Christianorum, estão disponíveis para compra neste link: <https://www.corpuschristianorum.org/cccm>.

O caminho teórico percorrido para a construção desta tese seguem os caminhos a História Social (Bloch, 2001; Braudel, 1965; Duby, 1994<sup>14</sup>; Le Goff, 2014, 2015), com a utilização de fontes primárias – obras de Hildegarda – e secundárias – teóricos e intérpretes das obras de Hildegarda. Na construção da História, houve um destaque às grandes figuras masculinas, panorama que começou a se modificar com os estudos da História Social, em que a historiografia deu voz aos comuns, marginalizados ou minorias (Barros, 2005). Ao trabalhar do ponto de vista de uma abordagem histórica e social, foi possível compreender o ser humano de uma maneira mais abrangente, dentro de seu contexto social, econômico, político e quais foram as correntes de pensamento que o influenciaram.

Os pressupostos teóricos da História Social subsidiaram a análise do projeto de formação humana, no século XII, a partir das obras de Hildegarda, de modo a relacioná-la com o contexto em que foi idealizada, das condições políticas, sociais, econômicas ou culturais, isto é, nas condições objetivas desse século. Dessa forma, a História Social permite “[...] visitar o passado em busca das especificidades, descontinuidades e continuidades dos significados (por exemplo, de ‘ser homem’, ‘ser mulher’, ‘ser jovem’ etc.) e das relações (familiares, de trabalho etc [...])” (Carla Pinsky, 2009, p. 180).

Para entender o contexto da obra de Hildegarda, foi preciso compreender a História como processo de longa duração (Braudel, 1965; Le Goff, 2015), atentar-se ao seu movimento, entre o passado e o presente, em que os acontecimentos históricos não estão dissociados dos homens e mulheres que os promoveram. A duração dos tempos históricos não é “[...] apenas a substância do passado, mas também a base da atual vida social [...].” (Braudel, 1965, p. 262) e a longa duração é a linguagem que conecta o nosso presente ao passado (Braudel, 1978). A origem de determinados acontecimentos pode não ter ocorrido imediatamente antes, mas podem ser entendidos a contar de um ou mais séculos antecessores ao fato presente (Braudel, 1965). Não é possível explicar o presente por ele mesmo, é preciso recorrer a um período mais longo, pois, em geral, os fatos não são isolados entre si, podem acontecer individualmente ou simultaneamente, contribuindo para o

---

<sup>14</sup> Apesar de Duby não ser um autor vinculado diretamente à História Social, a maneira como entendeu a História como processo de longa duração, a preocupação com o estudo das mulheres, dos camponeses, isto é, com aquelas e aqueles que fizeram a História, mas não são lembrados como grandes figuras históricas, fez-me decidir em mantê-lo junto aos autores clássicos da História Social.

próprio movimento do ser humano e, conseqüentemente, da história, a ciência do ser humano no tempo, conforme observara Bloch (2001).

Le Goff (2015), na obra *A história deve ser dividida em pedaços?*, destacou como a história é feita de e por meio das mudanças, não é apenas contínua. A periodização da própria história é um fator intencional que define a intenção de quem periodiza e não é um processo neutro. A periodização dos tempos históricos deve ser mais flexível, de modo a compreender a totalidade dos acontecimentos, isto é, as condições materiais e pensamentos vigentes para que determinadas ações aconteçam da forma que aconteceram (Le Goff, 2015). No texto *Passado e Presente* (1990), o autor retomou a ideia das classificações do tempo que Agostinho de Hipona (354-430) propôs, em que sempre teríamos apenas o presente, isto é, “[...] o presente das coisas passadas, o presente das coisas presentes, o presente das coisas futuras [...]” (*Confissões*, L. I. c. XI), em que cada classificação seria única no que tange à pessoa singular e coletiva, posto que somos seres sociais (Le Goff, 1990). À medida que fazemos a História, como seres coletivos, somos feitos por ela, como seres singulares, isto é, não há como desvincular a tessitura da arte de ‘historiar’ das relações estabelecidas entre os homens em um dado tempo histórico, o que vai ao encontro da definição de tempo de Agostinho, pois o presente se constitui como a única forma possível de agir.

A longa duração não é uma teoria. É uma das formas possíveis de se fazer a História é, antes de tudo, uma opção política, que não ignora o que foi produzido ao longo do tempo. Investiga a origem dos acontecimentos e ao investigar, constrói a própria história dos homens. A tese defendida por Le Goff (2015), em sintonia com o conceito de longa duração de Braudel (1965), foi que houve uma longa Idade Média, para além da periodização comumente ensinada nas escolas,

um ‘verdadeiro’ período histórico é habitualmente longo: ele evolui, pois a História jamais é imóvel. No decorrer dessa evolução, ele é levado a experimentar renascimentos mais ou menos brilhantes, que amiúde se baseiam no passado, fruto de um fascínio por este último, sentido pela humanidade da época. Mas esse passado só serve como uma herança que permite o salto para um novo período (Le Goff, 2015, p. 129).

Oliveira (1997), baseada na concepção da longa duração, analisou como a constituição da Igreja e do Feudalismo estiveram imbricadas durante a Idade Média,

mas o fez, por meio da obra de François Guizot (1787-1874), o qual considerava as questões históricas como as questões dos homens, como seres sociais, não singulares. A autora destacou a concepção abrangente e de conjunto que Guizot possuía, baseada na defesa de uma concepção universal sobre o que seria civilização. Um dos pontos destacados pela autora é que a nossa concepção de História estaria baseada no que se entende por civilização no presente. Nesse sentido, a Idade Média estaria submetida ao próprio presente e esse seria o responsável por lhe atribuir valor, conforme as questões e acontecimentos que o inquietam.

São as nossas motivações, nossas indagações, pessoais ou acadêmicas, nossos problemas no tempo presente que nos fazem buscar novos olhares sobre o passado. Além da possibilidade de estudar uma mulher medieval, que teve sua obra reconhecida durante sua vida (Maria Carmen Van De Poll, 2009; Le Goff, 2013), outra questão que guiou este estudo é por que somente após mais de 800 anos é que Hildegarda foi proclamada doutora da Igreja Católica? Qual a importância de retomar sua obra no século XXI?

O Papa Bento XVI, na *Carta Apostólica* (2012) – que a proclamou doutora da Igreja Católica – considerou-a como fonte de inspiração, dona de uma doutrina original que poderia contribuir e contribuiu para a consolidação da fé católica. Uma possível hipótese, levantada por Barbara Newman (2017), ao comparar a obra *Scivias* de Hildegarda a de Hugo de São Vítor (1096-1141), é de que se a obra da abadessa tivesse sido escrita por um homem, seria considerada como uma *Suma Teológica*, isto é, um conjunto organizado de escritos introdutórios sobre determinados conhecimentos, em este caso específico, de teologia, da doutrina cristã (Nascimento, 2011)<sup>15</sup>, constituindo-se como “[...] sistematização de todo o saber teológico [...] ordenando de forma inteligível o múltiplo em um todo” (Elizabeth Reinhardt, 2007, p. 47, tradução própria<sup>16</sup>). No *Scivias*, Deus usava as coisas visíveis do mundo para mostrar as invisíveis e eternas aos homens, unindo essência

---

<sup>15</sup> As sumas foram produções mais comuns durante o século XIII, principalmente a partir da obra de Tomás de Aquino (1225-1274), conforme destacado por Teixeira (2015) no artigo *Aquina's Summae Theologiae and the moral instruction in the 13th century*. O artigo completo está disponível em: [https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/23509/pdf\\_5](https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/23509/pdf_5). No entanto, Reinhardt (2007) afirma que as primeiras sumas foram escritas na passagem do século XII para o XIII, como exemplo, cita a obra *De Sacramentis* de Hugo de São Vítor (1096-1141), como um dos exemplos de sumas do século XII.

<sup>16</sup> “Con el término ‘suma teológica’ se quería expresar, cuando nació este género, es decir, en el paso del siglo XII al XIII, una sistematización de todo el saber teológico. [...] ordenar de forma inteligible lo múltiple en un todo”.

e aparência, o que Hildegarda tentou explicitar de maneira pormenorizada em suas obras, em especial no *Scivias* (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. I, v. 3, c. 1)<sup>17</sup>.

Tendo em vista os pressupostos da História Social que nortearam esta pesquisa, a metodologia seguida foi a análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2011, p. 38) em que é possível “descrever o conteúdo emitido no processo de comunicação, seja ele por meio de falas ou de textos”, utilizando “procedimentos sistemáticos”. Quando a análise de conteúdo é escolhida como procedimento de análise, os dados em si constituem apenas dados brutos, que só terão sentido ao serem trabalhados com uma técnica de análise apropriada (Bardin, 2011). A análise de conteúdo, proposto por essa autora, organiza-se em três polos cronológicos ou etapas: pré-análise, exploração de dados, tratamento (inferência e a interpretação dos dados).

Na primeira etapa, houve a organização da informação, com um esquema de trabalho, que compreendeu a leitura do material com a elaboração de hipóteses e indicadores, em que foram formuladas as hipóteses e objetivos. A pesquisa foi organizada em quatro etapas: (a) leitura flutuante, estabelecimento de contato com os documentos da coleta de dados, momento em que comecei a conhecer o texto; (b) escolha dos documentos, que consistiu na demarcação do que seria analisado; (c) formulação das hipóteses e dos objetivos; (d) referenciação dos índices e elaboração de indicadores, que envolveram a determinação de indicadores (recortes de texto) nas obras analisadas.

A segunda fase, a exploração dos dados, consistiu no cumprimento das decisões tomadas anteriormente, na construção das operações de codificação, considerando-se os recortes dos textos em unidades de registros, a definição de regras de contagem e a classificação e agregação das informações em categorias temáticas. A exploração consistiu numa etapa importante, porque possibilitou as interpretações e inferências. Foi a fase da descrição analítica, do *corpus* (entendido

---

<sup>17</sup> Para as citações das obras de Hildegarda, utilizei as normas de referência consagradas pela tradição, com os seguintes elementos: autor, obra, livro ou parte, capítulo, parágrafo. O modelo utilizado foi baseado no livro *História da Educação na Idade Média*, de Rui Afonso da Costa Lima, em que o autor ensinou como citar a *Suma Teológica*. Nos casos específicos do *Scivias* e *Libro de las obras divinas*, acrescentam-se a numeração das visões (v) que os compõem, em números cardinais. Em relação aos títulos, segui o que cada obra utilizou: números romanos para Livros e Partes (todas as obras); números cardinais para capítulos no *Scivias* e *El libro de los merecimientos de la vida*; números romanos para capítulos no *Libro de las obras divinas*; números ordinais (até o 9º) e cardinais (a partir do 10), para referenciar a ordem dos parágrafos nas três obras.

como qualquer material textual coletado) submetido e orientado pelas hipóteses e referenciais teóricos.

Na terceira fase, houve o tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Essa etapa foi destinada ao tratamento dos resultados, à condensação e ao destaque das informações para análise, culminando nas interpretações inferenciais. Nesse ponto, baseada no referencial teórico e na análise das fontes, a partir de uma análise reflexiva e crítica, busquei compreender e realizar o tratamento dos resultados, inferência e interpretação, em captar os conteúdos manifestos e latentes contidos em todo o material coletado.

Tendo em vista as etapas descritas, apresento os procedimentos metodológicos que realizei para esta tese: a) pesquisa bibliográfica nas bases de dados Portal de Periódicos da Capes, no *Scopus* e no Catálogo de Teses e Dissertações<sup>18</sup>, a fim de verificar quantos e quais estudos tinham como objeto de estudos Hildegarda de Bingen ou alguma de suas obras; b) leitura das obras teológicas de Hildegarda, isto é, aquelas inspiradas divinamente, à exceção de *Symphonia* – que reuniu todas as músicas compostas pela abadessa – visando conhecer as obras e escolher com quais fontes trabalhar; c) definição do objetivo geral do trabalho e os objetivos específicos; d) pesquisa bibliográfica das principais autoras e autores que estudam ou estudaram Hildegarda; e) definição das categorias a serem analisadas, como manutenção da ordem social, papéis sociais de homens e mulheres e as virtudes necessárias para alcançar a salvação; f) por fim, análise dos materiais coletados conforme o referencial teórico e os pressupostos da História Social.

Em relação às pesquisas em bases de dados, foi utilizada a Comunidade Acadêmica Federada – Acesso CAFe, da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), que permite acessar de forma remota e gratuita artigos em periódicos nacionais e internacionais, pertencentes ao Portal de Periódicos da Capes, inclusive daqueles que teriam o acesso privado ou com algum tipo de custo para a leitura. Para a pesquisa no Portal de Periódicos da Capes, foi delimitado o recorte temporal dos últimos dez anos (2014-2024), escopo da busca por periódicos, tipo de material

---

<sup>18</sup> Foram pesquisados os números da *Revista Brasileira de História da Educação* (RBHE), desde 2012, até o volume 24, número 1 de 2024, mas não houve nenhum resultado para os termos pesquisados: Hildegarda de Bingen; Hildegard von Bingen; Idade Média, século XII e religião. No caso específico de religião, foi encontrado um artigo sobre a Colômbia na década de 1960. Os séculos estudados são desde o XIII até o XX.

artigos, selecionada a opção ‘busca avançada título+assunto (contém)’. Priorizaram-se artigos de acesso livre, em português, inglês ou espanhol. Foram utilizadas as palavras-chave: Hildegarda de Bingen; Hildegard von Bingen; Hildegard de Bingen; Hildegard of Bingen<sup>19</sup>, todas pesquisadas isoladamente entre aspas duplas. Foram encontradas quarenta e nove entradas para o recorte temporal proposto que possuíam acesso livre. Nem todas as entradas eram artigos, algumas eram apenas resenhas de livros ou verbetes sobre Hildegarda. Os artigos lidos para esta tese encontram-se no Apêndice 2.

Da mesma forma, a pesquisa no *Scopus* foi por meio de acesso com login e senha da instituição em que trabalho por meio do acesso CAFe. A pesquisa utilizou apenas as grafias em inglês *Hildegard of Bingen* e em alemão *Hildegard von Bingen* para a busca de artigos, o que resultou em quatro trabalhos, dois em 2014, um em 2015 e outro em 2017<sup>20</sup>. Em ambas as plataformas, foi importante observar que a maior parte dos trabalhos encontrados foi publicada entre 2012-2015, a partir da proclamação de Hildegarda como santa e doutora pela Igreja Católica.

No Catálogo de Teses e Dissertações da Capes foram realizadas consultas em diversos momentos, desde o ano de 2020, quando escrevi o projeto para a seleção de doutorado, com o intuito de atualizar os estudos e de manter o ineditismo da pesquisa. As palavras-chave utilizadas foram: Hildegarda de Bingen; Hildegarde de Bingen; Hildegard von Bingen; Hildegard of Bingen; Bingen. Ressalto que todas as entradas foram pesquisadas individualmente, sem recorte temporal, apenas utilizando aspas duplas. Ao todo, foram encontrados quinze trabalhos<sup>21</sup>, três pesquisas de doutorado e doze pesquisas de mestrado, conforme está exposto no Quadro 1. Semelhante ao Portal de Periódicos da Capes, a maioria das teses e dissertações são depois do ano de 2012, com o máximo de trabalhos por ano em 2014 (Gráfico 2), o que pode ter sido ocasionado pela luz dada à Hildegarda quando

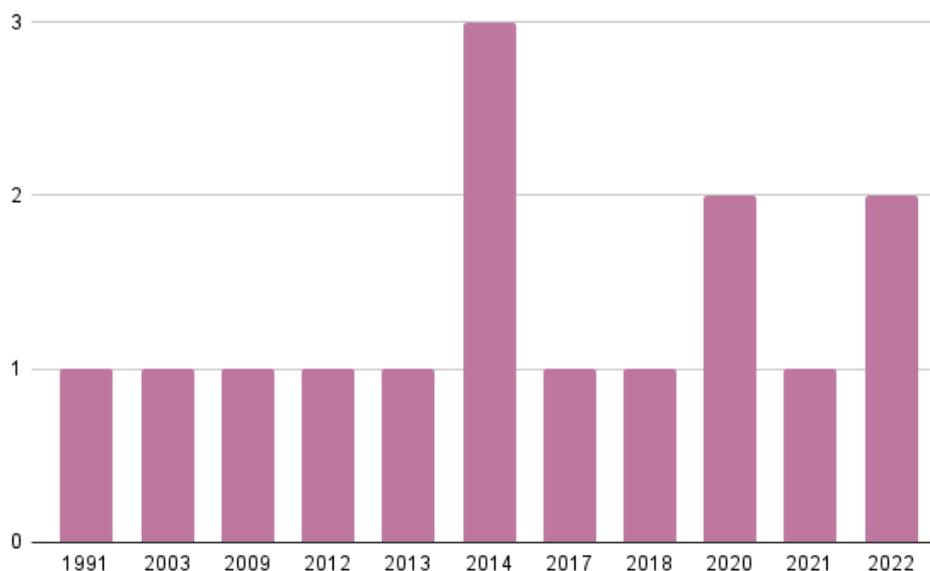
<sup>19</sup> A primeira pesquisa foi realizada em 15 de maio de 2022 e a segunda, em 10 de julho de 2024. Foram acrescentados outros artigos, conforme novas publicações foram encontradas. O Anexo 2 é um *print* da página do Portal de Periódicos Capes, com os dados utilizados para as pesquisas.

<sup>20</sup> A pesquisa foi realizada em 15 de maio de 2022. No entanto, na revisão da pesquisa, realizada em 10 de julho de 2024, não foram encontrados trabalhos para os mesmos parâmetros pesquisados em 2022.

<sup>21</sup> Os estudos de Paschoa (2003) e Maria da Glória Rabelo (1991) são anteriores à Plataforma Sucupira e não estão disponíveis na internet para consulta. Tentei contato com os autores, mas sem sucesso. O trabalho de Páscoa (2003) foi uma *Introdução à obra visionária Scivias de Hildegard von Bingen – aspectos gerais*. Já o trabalho de Rabelo (1991) *O saber feminino: os apaixonantes labirintos do século XII*, não é exclusivamente sobre Hildegarda, mas sobre as mulheres do século XII. Os dois trabalhos foram pesquisas de Mestrado, o primeiro em Letras e o segundo em História, respectivamente.

foi proclamada doutora da Igreja pelo reconhecimento de sua doutrina. Ao ser proclamada doutora da Igreja, Hildegarda se uniu à Catarina de Siena (1347-1380), Teresa D'Ávila (1515-1582) e Teresa de Lisieux (1873-1897), como únicas mulheres doutoras da história católica.

**Gráfico 2 – Teses e Dissertações sobre Hildegarda de Bingen por ano de defesa**



Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações Capes, 2024.

Nota: as informações foram editadas e tabuladas para esta tese.

Como as consultas ao Catálogo de Teses e Dissertações da Capes foram mais frequentes e sistemáticas, houve alteração da quantidade de trabalhos entre um resultado e outro: a) nas pesquisas em 2020-2021<sup>22</sup>, foram encontrados oito trabalhos sobre Hildegarda; b) na pesquisa realizada em 2022<sup>23</sup>, foram encontrados treze trabalhos; c) na pesquisa realizada em 2023<sup>24</sup>, foram encontrados doze trabalhos; d) na pesquisa realizada em 2024<sup>25</sup>, foram encontrados onze trabalhos. No Quadro 1, listei todas as teses e dissertações encontradas nos intervalos citados, acompanhadas de breve síntese e informações técnicas.

<sup>22</sup> Em 2020, a consulta foi feita em 22 de maio e em 2021, a consulta foi realizada em 16 de março.

<sup>23</sup> Em 2022, a consulta foi realizada em 16 de maio.

<sup>24</sup> Em 2023, a consulta foi realizada em 28 de junho.

<sup>25</sup> Por fim, em 2024, a pesquisa foi realizada em 10 de julho.

**Quadro 1 – Resumo das pesquisas sobre Hildegarda de Bingen no Brasil (parte 1)**

Ano	Autor	Titulação e Programa	Síntese
2009	Maria C. G. M. O. Van de Poll	Doutorado em História Social (USP)	A ortodoxia presente na obra de Hildegarda que permitiu que as obras da monja beneditina fossem aceitas desde Papas a Imperadores. O estudo é focado no <i>Scivias</i> e em algumas cartas com personalidades importantes do século XII.
2012	Mirtes E. Pinheiro	Mestrado em Letras (UFMG)	Análise das escritoras Circe, Hildegarda e Isolda para compor o <i>corpus</i> da literatura herborista da antiguidade e do período medieval. No caso de Hildegarda, as obras estudadas são <i>Physica</i> e <i>Causae et curae</i> .
2013	Juliane A. Souza	Mestrado em História das Políticas (UFES)	Análise de como a sexualidade e o controle do corpo estão presentes nas obras <i>Scivias</i> e <i>Causae et curae</i> . No <i>Scivias</i> , ainda, analisou como algumas questões da Reforma Gregoriana foram debatidas por Hildegarda.
2014	Rayana G. A. A. Lippmann	Mestrado em Teologia (PUC/RS)	Contribuição do conhecimento de Hildegarda e de sua obra para a Igreja Católica na contemporaneidade para enfrentar os desafios do século XXI. Para exemplificar, utilizou algumas passagens do <i>Scivias</i> , <i>Livro dos Méritos da Vida</i> e <i>Livro das Obras Divinas</i> .
2014	Rejane B. Silva	Mestrado em História Comparada (UFRJ)	O objetivo do estudo foi analisar, sob o ponto de vista da literatura apocalíptica alemã, entre os séculos XII e XIII, as visões de Hildegarda de Bingen ( <i>Scivias</i> e <i>Livro das Obras Divinas</i> ) e Mechthild Von Magdeburg, comparando-as.
2014	Karine R. Oliveira	Doutorado em Letras (UFPE)	Análise das escritas das freiras místicas da América Espanhola do período colonial. Utiliza a obra <i>Scivias</i> de Hildegarda como precursora e influenciadora das gerações místicas seguintes.
2017	Mirtes E. Pinheiro	Doutorado em Estudos Literários (UFMG)	Análise da figura feminina de Eva. As fontes utilizadas foram a trilogia teológica de Hildegarda e a obra <i>Causa et curae</i> , com o intuito de traçar um perfil da mulher, que encontra em Maria, a redenção.
2018	Josué S. Flores	Doutorado em Teologia (PUC/PR)	Estudo comparativo entre o Ser e a unidade de Deus em João Escoto Eriúgena, Hildegarda de Bingen, Mestre Eckhart e Juliana de Norwich. Fontes: <i>Scivias</i> , <i>Livro dos Méritos da Vida</i> e <i>Livro das Obras Divinas</i> .
2020	Maria T. Estevam	Mestrado em História da Ciência (PUC/SP)	Estudo da arte da cura, por meio da utilização de plantas medicinais. A fonte utilizada foi a obra <i>Physica</i> , de Hildegarda de Bingen.

**Quadro 1 – Resumo das pesquisas sobre Hildegarda de Bingen no Brasil (parte 2)**

Ano	Autor	Titulação e Programa	Síntese
2020	Anna D. R. Peinhopf	Mestrado em Letras (UNIOESTE)	Análise de possível silenciamento das mulheres filósofas no Brasil, por meio da análise das ementas das disciplinas do eixo básico e obrigatório do curso de Filosofia.
2021	Rebeca Lahass	Mestrado em Teologia (Faculdades EST)	Estudo da obra <i>Scivias</i> , sob o ponto de vista da teologia, com o objetivo de apontar como poderia ajudar nas questões do século XXI.
2022	Leticia D. dos Santos	Mestrado em Letras (UFRJ)	Estudo comparativo das obras de Hildegarda com Plínio, o Velho, com o objetivo de evidenciar as semelhanças e diferenças do uso de plantas medicinais para tratamentos de saúde.
2022	Ana R. G. C. de Vasconcelos	Mestrado em Literatura e Interculturalidade (UEPB)	Estudo da autoridade profética e auto imagem de Hildegarda de Bingen em suas cartas.

Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações Capes, 2024.

Nota: as informações foram editadas para esta tese.

Uma justificativa para a alteração de resultados foi a inclusão de novas palavras-chave. Em 2020-2021, foram utilizadas apenas as grafias “Hildegarda de Bingen” e “Hildegard von Bingen”. Contudo, isso não é suficiente para explicar a exclusão de alguns trabalhos pelo próprio algoritmo do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, como foi o caso das pesquisas de Maria da Glória Lima Rabello (1991), Karine Oliveira (2014) e Anna Deyse Rafaela Peinhopf (2020) que estiveram presentes, respectivamente, nas consultas de 2020-2021 e 2022, mas não foram listadas nas consultas de 2023 e 2024. Uma possibilidade para a exclusão desses estudos das últimas consultas seria a utilização indireta das obras ou a vida de Hildegarda de Bingen, não como objeto principal de estudo. As autoras e autores que utilizaram as mesmas fontes que propus para esta tese foram, como já citados anteriormente: Van de Poll (2009), Souza (2013), Lippmann (2014), Silva (2014), Pinheiro (2017), Flores (2018), Lahass (2021) e Vasconcelos (2022), os quais apresento por meio de suas respectivas pesquisas.

Van de Poll (2009), em sua tese *A espiritualidade de Hildegard von Bingen: profecia e ortodoxia*, defendeu que as obras da autora foram prontamente aceitas durante sua vida, por atenderem à teologia ortodoxa, que confirmavam os dogmas da Igreja no pós-Reforma Papal. A autora utilizou como fonte a quarta visão do Livro I do *Scivias* e algumas cartas. O objetivo foi compreender a ortodoxia cristã de

Hildegarda em suas profecias e a própria espiritualidade da abadessa. Souza (2013) defendeu em sua dissertação *A sexualidade e o controle do corpo no Scivias e no Causae et curae de Hildegarda de Bingen*, em consonância com Van de Poll (2009), que as obras da abadessa foram aceitas por estarem em conformidade com a ortodoxia e por prezar pela manutenção da ordem social. O foco da autora foi sobre o controle do corpo e da sexualidade nas obras *Scivias* e *Causae et curae*.

Lippmann (2014), na dissertação *Santa Hildegarda de Bingen: uma doutora para o nosso tempo*, refletiu como o pensamento de Hildegarda de Bingen poderia contribuir para as discussões teológicas e da relação da igreja com os seus membros na contemporaneidade. As fontes utilizadas para essa discussão foram o *Scivias*, *Livro dos Méritos da Vida* e *Livro das Obras Divinas*. Lahass (2021) na dissertação *Hildegard von Bingen: a perspectiva teológica de uma mulher no século XII* buscou compreender a abadessa sob uma perspectiva teológica presente nas seis primeiras visões do *Scivias*, referentes ao Criador e a Criação.

Na dissertação *Hildegard von Bingen e Mechthild von Magdeburg: visionárias do tempo do fim, uma análise comparativa*, Silva (2014) realizou estudo comparado, com ênfase na literatura apocalíptica alemã, entre os séculos XII e XIII, partindo das visões da abadessa e de Mechthild von Magdeburg (1207-1282), utilizando como fontes *Scivias* e *Livro das Obras Divinas*. Flores (2018) na tese *O conceito de união com Deus na literatura místico-teológica medieval: uma análise em João Escoto Eriúgena, Hildegarda de Bingen, Mestre Eckhart e Juliana de Norwich* realizou um estudo comparativo entre os autores e autoras para compreender o conceito do Ser e a unidade com Deus para cada um deles, utilizando passagens isoladas das obras *Scivias*, *Livro dos Méritos da Vida* e *Livro das Obras Divinas*, como forma de exemplificar como as categorias citadas eram vistas e defendidas por Hildegarda.

Pinheiro (2017), que já havia se dedicado ao estudo de Hildegarda no mestrado, em sua tese de doutorado *Desvendando Eva: o feminino em Hildegarda de Bingen*, analisou a figura de Eva nas três obras teológicas da abadessa – *Scivias*, *Livro dos Méritos da Vida*, *Livro das Obras Divinas* – e *Causae et curae*. A autora defendeu que Hildegarda apresentou uma Eva ambivalente, ao mesmo tempo pecadora, mas a mãe da humanidade.

Vasconcelos (2022), em sua dissertação de mestrado *Autoridade profética e autoimagem em Hildegard von Bingen* utilizou como fonte as cartas de Hildegarda, de maneira a entender não apenas o contexto histórico e, sim, a própria abadessa. A

autora ressaltou algumas características autobiográficas nas cartas e na própria *Vita*, como a utilização de metáforas para se referir a si mesma. O objetivo da dissertação foi entender a autoridade profética e a autoimagem de Hildegarda por meio da escrita epistolar da abadessa.

Observo que dentre os trabalhos constantes no Quadro 1, nenhum teve o objetivo de analisar o projeto de formação humana a partir do pensamento hildegardiano, no século XII, do ponto de vista educacional. Outra diferença desta tese dos estudos citados é a vinculação a um programa de pós-graduação em educação, ligada à linha de pesquisa “História e Historiografia da Educação”, uma vez que os demais trabalhos foram desenvolvidos em programas de pós-graduação em História (Social, Comparada, da Ciência e das Políticas) Letras, Literatura e Teologia. Nesse sentido, esta tese pode contribuir nas pesquisas da área de Educação ao discutir um projeto de educação medieval a partir do olhar de uma mulher e contribuir para o estudo das mulheres como filósofas, intelectuais, educadoras e teólogas, na mesma medida em que os homens o são.

Além da atualização dos estudos sobre Hildegarda de Bingen, tanto nas teses e dissertações, como nos periódicos pesquisados no Portal de Periódicos da Capes e no *Scopus*, utilizei nesta tese autoras e autores clássicos que se dedicaram ou se dedicam ao estudo das obras hildegardianas e ao estudo da vida da própria abadessa. As principais autoras em que me baseei foram: Barbara Newman (1997; 2017), Fraboschi (2012; 2018), Régine Pernoud (2020), Victoria Cirlot (2001; 2012; 2022), Fiona Maddocks (2013), Anna Silvas (1998) e Gerda Lerner (1993). Destaco, também, os trabalhos de Dronke (1988), Schmandt e Bettina Kroker (2014), Mark Atherton (2001), Caroline Bynum (1984) e Baird (2006).

A organização da tese foi pensada tendo em vista os objetivos específicos, definidos na pesquisa. A seção 2 foi dedicada à importância das cartas como documentos históricos; ao século XII; à apresentação de Hildegarda de Bingen por meio de seu epistolário e à descrição das fontes desta tese. Na seção 3, apresentei, em consonância com as interpretações de Duby (1994) e Le Goff (2013), a ideia das três ordens do feudalismo presente no século XII, bem como, a relevância das virtudes Obediência e a Humildade e como operaram para que se mantivesse a ordem social estabelecida.

Na seção quatro, apresentei considerações sobre a nova espiritualidade dentro dos mosteiros, sobre as mulheres no século XII, discussão dos papéis

atribuídos aos homens e às mulheres para o projeto de salvação da sociedade que Hildegarda idealizou. Na seção 5, foi apresentado o projeto de formação humana que Hildegarda idealizou, a partir da manutenção das ordens sociais, por meio das virtudes Obediência e Humildade e dos papéis atribuídos aos homens e mulheres, tendo em vista o conceito de *paideia* cristã, utilizando a história como longa duração. Por fim, nas considerações finais, o objetivo foi discutir os resultados alcançados nas seções anteriores. Nos apêndices, há a tabulação dos dados que foram utilizados para a análise de conteúdo proposta e os artigos lidos para a construção da tese. Nos anexos, há as cartas utilizadas, documentos da época de Hildegarda, material de apoio para as artes que compõem esta tese e um *print* da página do Portal de Periódicos da Capes.

Assim como Machado de Assis (2005, p. 15), que citei na epígrafe de minha dissertação de mestrado, o que peço a vocês é

[...] intenção benévola, mas expressão franca e justa. Aplausos, quando não os fundamenta o mérito, afagam certamente o espírito e dão algum verniz de celebridade; mas quem tem vontade de aprender e quer fazer alguma coisa, prefere a lição que melhora ao ruído que lisonjeia.

Boa leitura!

## 2 HILDEGARDA DE BINGEN E O SÉCULO XII

Muitas mulheres que viveram neste século são estudadas ou referenciadas em conjunto com seus pares masculinos, como, por exemplo: Heloísa (1090-1164) é lembrada por seu relacionamento com Pedro Abelardo (1079-1142), Elizabeth de Shönau (1129-1164), pela ajuda de seu irmão eclesiástico, Eckbert of Shönau (1120-1184), em transcrever suas visões, Eleanor de Aquitânia (1122-1204) por seus dois casamentos ou pelos reinados de seus filhos. Todavia, esse não foi o caso de Hildegarda! O que a diferenciava de outras mulheres de seu tempo foi ter sido a voz da “Luz Viva e Verdadeira”, isto é, do próprio Deus (Hildegarda de Bingen, *Scivias, Declaração*).

Hildegarda invocava para si a autoridade do próprio Deus, por meio de suas visões<sup>26</sup>, constituindo-se em suas obras uma “[...] *persona* visionária – uma mulher que se comparava aos apóstolos Paulo e João – era, de muitas maneiras tão importante quanto o conteúdo de suas visões, porque sem o intérprete, as visões não poderiam ser interpretadas” (Wendy Anderson, 2021, p. 210, tradução própria<sup>2728</sup>). As visões eram “[...] um recurso literário comum naquela época” (Singer, 1928, p. 81, tradução própria<sup>29</sup>) e respondiam a um anseio da própria sociedade. Além de descrever como foram as visões que recebia, credita-se à Hildegarda a supervisão das iluminuras que ilustram o *Scivias* (Newman, 2017; Abtei St. Hildegard, 2016). Na primeira iluminura (Fig. 1), antes de iniciar a *Declaração* do *Scivias*, Hildegarda está em primeiro plano, recebendo da Luz Viva as visões, como línguas de fogo, tal qual em Atos dos Apóstolos<sup>30</sup> (2, 1-14) e escrevendo as suas

---

<sup>26</sup> Para compreender como eram as visões de Hildegarda, ver a carta n° 103r, *Hildegard to the Monk Guibert*, em que a abadessa descreve como era receber as visões diretamente de Deus. Todas as cartas citadas encontram-se nos Anexos 3A-D desta tese, com autorização expressa da Oxford University Press para a reprodução das cartas na íntegra, tradução do latim ao inglês, concedida em 07 de novembro de 2023 e da Brepols Publishers n. v., das versões originais em latim, publicadas na série Corpus Christianorum, concedida em 20 de agosto de 2024, respeitando os direitos autorais e de publicação.

<sup>27</sup> Todas as traduções utilizadas nesta tese não são literais e sim uma versão livre e própria, em que o original é apresentado entre aspas em notas de rodapé.

<sup>28</sup> “The construction of Hildegard’s visionary persona – the woman who could compare herself to the apostles Paul and John – was, in many ways, just as important as the content of her visions, because without the former, the latter would go unheard”.

<sup>29</sup> “Visions, it must be remembered, were a common literary device at the period”.

<sup>30</sup> A versão utilizada foi a Bíblia de Jerusalém (2013).

visões em uma tábua de cera, acompanhada de seu secretário e amigo, Volmar († 1173).

**Figura 1 – A Profetisa**



Fonte: Benediktinerinnenabtei Sankt Hildegard<sup>31</sup> (*Scivias*, L I, v. I, 2023).

Por meio da escrita de Hildegarda é possível visualizar como ela se sentiu em relação a essa visão: “[...] uma luz fulgurante de brilho excepcional veio e pervagou todo meu cérebro e inflamou todo o meu coração e todo meu peito, não como ardor, mas como cálida chama, como sol aquece qualquer coisas que seus raios tocam” (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, Declaração, §4°). A iluminura *A Profetisa* é importante à medida que não há outros tipos de registros representativos de Hildegarda, tais como retratos ou pinturas e essa foi feita durante a vida da abadessa. A figura apresenta Hildegarda de olhos abertos, isto é, não estava em estado de transe ou fora de sua consciência no momento em que recebia as visões,

<sup>31</sup> As iluminuras, ou miniaturas, eram ilustrações que acompanhavam alguns manuscritos medievais, principalmente, os chamados códices, mais próximos ao formato dos livros atuais (Angelita Visalli; Pamela Godoi, 2016). Todas as trinta e cinco iluminuras que ilustram o *Scivias* estão disponíveis para download no site da Abadia de Hildegarda: <http://abtei-st-hildegard.de/die-scivias-miniaturen/> e no livro: ABTEI St. HILDEGARD. **Geschaut im Lebendigen licht: Die miniaturen des Liber Scivias der Hildegard von Bingen.** 2. ed. Rüdersheim/Eigingen/Alemanha: Beruner Kunstverlag e Bialystok/Polken: Gesine Beran, 2016.

além de não estar sozinha, o que é complementado pela *Declaração* constante no *Scivias*: “[...] as visões que tive não as percebi em sonhos, ou no sono, ou em delírio, ou em lugares ocultos; recebi-as, pois, estando desperta e enxergando com mente pura e com os olhos e ouvidos do ser interior, em lugares abertos” (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, Declaração, §4º). Destaca-se que as iluminuras que compõem o *Scivias* (*Códice Iluminado de Rupertsberg, século XII*) foram pintadas, provavelmente, sob a supervisão da própria Hildegarda (Newman, 2014; Abtei St. Hildegard, 2016), diferentemente das que compõem o *Libro de las obras divinas*, as quais datam do século XIII, constantes no *Manuscrito de Lucca*<sup>32</sup>.

As visões tiveram papel fundamental para a constituição do pensamento de Hildegarda, mas são objetos de discordância na academia. Charles Singer (1876-1960) foi um dos pioneiros na retomada dos estudos sobre a monja beneditina, no século XX. No artigo *Visions of Hildegard de Bingen* – originalmente publicado em 1917, revisto, ampliado e republicado em 1928 – Singer defendeu que as visões de Hildegarda eram, na verdade, fruto de uma enxaqueca intensa – um “[...] escotoma cintilante [...]” associada a “[...] distúrbio funcional nervoso [...]” (Singer, 1928, p. 77; 78, tradução própria<sup>33</sup>). O autor analisou as iluminuras do *Scivias* e as similaridades que apresentavam com os sintomas de alguns pacientes que sofriam de escotoma cintilante<sup>34</sup>, causado por enxaquecas intensas. Já em um estudo mais recente, Patricia Ranft (2014), analisou a possibilidade de Hildegarda ser portadora do espectro autista, devido ao seu histórico de saúde frágil, dificuldade com a língua escrita e comunicação, mas facilidade com a música e a leitura. As visões seriam parte da inteligência artística e sensível de Hildegarda. Para a autora, o que ajudou Hildegarda a se desenvolver foi a vida de estudos, a disciplina e a rotina no Mosteiro de Disibodenberg, desde a infância.

Por outro lado, Newman (2017), Fraboschi (2012) e Dronke (1988) defenderam que as visões foram a maneira que Hildegarda encontrou para que

<sup>32</sup> O manuscrito está disponível para download no seguinte link: [https://www.internetculturale.it/jmms/iccuviewer/iccu.jsp?id=oai%3Awww.internetculturale.sbn.it%2Fteca%3A20%3ANT0000%3ALU0022\\_ms.1942&mode=all&teca=MagTeca+-+ICCU](https://www.internetculturale.it/jmms/iccuviewer/iccu.jsp?id=oai%3Awww.internetculturale.sbn.it%2Fteca%3A20%3ANT0000%3ALU0022_ms.1942&mode=all&teca=MagTeca+-+ICCU).

<sup>33</sup> “The condition from which she was suffering was clearly a functional nervous disorder; this is sufficiently demonstrated by her repeated complete recoveries, her activity between the attacks, and the great age to which she lived [...]. This outline of the visions Hildegard herself variously interpreted. We give examples from the more typical of these visions, in which the medical reader or the sufferer from migraine will, we think, easily recognize the symptoms of ‘scintillating scotoma’. Some of the illuminations, here reproduced in their original colours, will confirm this interpretation”.

<sup>34</sup> O escotoma cintilante é uma “aura visual caracterizada por características positivas (ou seja, linhas em zigue-zague, luz bruxuleante) ou características negativas” (Cutrer, 2023, p. 29).

pudesse ser aceita no século XII, um recurso de linguagem, utilizando a crença comum da época, que considerava as mulheres inferiores e, por isso, poderiam ser escolhidas por Deus, pois Ele tornava grande, os pequenos (Duby, 1995). A autoridade de Hildegarda “[...] procedia de não ser ela que falava e sim a voz que ouvia na visão”, o próprio Deus (Cirlot, 2022, p. 54, tradução própria<sup>35</sup>).

É preciso salientar que Hildegarda nas três obras teológicas utilizou a Humildade, virtude importantíssima na *Regra de São Bento*, como recurso linguístico para se apresentar e cativar a seus interlocutores, o que pode ser visto no Quadro 2:

**Quadro 2 – Apresentação de Hildegarda de Bingen em suas obras**

<i>Scivias</i>	<i>Libro de los merecimientos de la vida (LMV)</i>	<i>Libro de las obras divinas (LDO)</i>
<p>Ó <b>frágil humano, cinzas das cinzas, e imundície da imundície!</b> Dize e escreve o que vês e ouves. Contudo, visto que és <b>tímido no falar e simples na exposição, e iletrado no escrever</b>, fala e escreve estas coisas não por uma boca humana e não pela compreensão da invenção humana, e não por exigências de composição humana, mas como as vês e as ouves no alto dos lugares celestes, nas maravilhas de Deus [...]</p> <p>E ela não buscou exaltar-se acima de si mesma, mas com muitos suspiros, <b>inclinou-se diante daquele que ela encontrou na ascensão da humildade e na intenção da boa vontade</b> (Hildegarda de Bingen, <i>Scivias, Declaração</i>, §2°; §6°, grifos próprios).</p>	<p>Aconteceu que nove anos depois, a verdadeira visão se manifestara a mim, uma <b>pessoa simples</b>, as verdadeiras visões que eu estava trabalhando a dez anos [...].</p> <p>(Hildegarda de Bingen, <i>LMV, Prólogo</i>, §1°; §2°, tradução própria<sup>36</sup>, grifo próprio).</p>	<p>[...] uma verdadeira visão de luz inesgotável me mostrou, a mais ignorante das criaturas humanas, a diversidade dos múltiplos costumes; foi este o primeiro ano do começo das primeiras visões; quando eu tinha sessenta e cinco anos, tive uma visão de tão grande mistério e força, que me tremi inteira e pela <b>fragilidade de meu corpo</b>, adoeci [...]</p> <p>Oh, <b>pequena forma</b>, que era <b>filha de muitas fadigas e atormentada</b> por graves doenças do corpo [...]</p> <p>Então, eu, <b>forma pequena</b> e fraca [...].</p> <p>(Hildegarda de Bingen, <i>LOD, Prólogo</i>, §1°; §3°; §4°, tradução própria<sup>37</sup>, grifos próprios).</p>

Fonte: elaboração própria (2023).

<sup>35</sup> “La palabra de Hildegarda y su escritura fueron posibles gracias a que ella no era nada, sino solo receptáculo y transmisión de la voluntad de Dios. Su autoridad procedía de que no era ella quien hablaba, sino la voz que oía en la visión”.

<sup>36</sup> “Sucedió nueve años después que una visión verdadera me manifestara a mí, una persona simple, las visiones verdaderas en las cuales había trabajado durante diez años [...]”

<sup>37</sup> “Y aconteció, en el sexto año después de las visiones admirables y verdaderas, en las, en las que había trabajado durante cinco años, que una visión verdadera de luz inagotable me había mostrado a mí, ser humano la más ignorante, la diversidad de las múltiples costumbres; éste fue el primer año del comienzo de las presentes visiones; cuando tenía sesenta y cinco años vi una visión de tan gran misterio y fuerza, que toda yo me estremecía y de allí, por la fragilidad de mi cuerpo, comencé a enfermar [...]. ‘Oh, pequeña forma, que era hija de muchísimas fatigas y atormentada por graves enfermedades del cuerpo [...]. Luego yo, pequeña y débil forma [...]”.

Christina Van Dyke (2022) analisou como as mulheres medievais se utilizaram da “fórmula da humildade” para conseguirem que seus discursos ou textos fossem aceitos pela sociedade em que viveram, tendo em vista que muitas, como Hildegarda, por exemplo, não possuíam uma educação formal. Para a autora, ao se autodescrever como humildes, as escritoras medievais utilizaram este recurso para “[...] ‘enfrentar’ objeções ao seu direito de escrever sobre estes assuntos [teológicos, por exemplo] e abordar explicitamente essas objeções na voz da única autoridade medieval universalmente reconhecida: Deus” (Van Dyke, 2022, p. 3, tradução própria<sup>38</sup>). No caso de Hildegarda, isso tornou-se evidente em sua maneira de escrever, ao utilizar os pronomes sempre em maiúsculas, quando quem está falando é o próprio Deus, por meio dela, como no *Prólogo* do *LMV*: “[...] diga também agora segundo o que **Eu** digo e não segundo o que você ouve, e escreva segundo o que **Eu** mostro a você e não como você vê” (Hildegarda de Bingen, *LMV*, *Prólogo*, §2°, tradução própria<sup>39</sup>, grifos próprios). Andra Alexiu (2018) apresentou que a autoridade profética do discurso de Hildegarda, como a voz do próprio Deus, possibilitou que fosse vista como *magistra* pelos seus contemporâneos, autorizada a pregar e a ensinar pela Igreja, livrando-a de ser considerada uma herética, como as mulheres cáticas, pois denunciava as falsas doutrinas e reafirmava a fé católica.

Tendo em vista a própria escrita de Hildegarda, preferi introduzir nesta seção, a biografia de Hildegarda baseada principalmente nas obras de Fiona Maddocks (2013), Atherton (2001) e na *Vita Sanctae Hildegardis*, escrita por Theoderich von Echternach (*apud* Vitoria Cirlot, 2001<sup>40</sup>), antes de contextualizá-la histórica e geograficamente. Utilizei as próprias cartas de Hildegarda para situá-la no contexto do século XII, de modo a caracterizar o panorama religioso, político e educacional, vistos pelo seu olhar, com o intuito de demonstrar como a abadessa esteve conectada às principais questões do tempo em que viveu.

A correspondência de Hildegarda se iniciou em 1146, a partir da carta enviada a Bernardo de Claraval (1090-1153) e se encerrou em 1179, ano em que ela faleceu, totalizando trinta e oito anos de escrita. No epistolário de Hildegarda foram reunidas

<sup>38</sup> Finally, I address medieval women’s particular use of humility topoi in light of this broader context, which allows us to see how women writers in this period often use these formulae to “front” objections to their right to write on these subjects, and then to explicitly address those objections in the voice of the only universally recognized medieval authority: God.

<sup>39</sup> “Por consiguiente, dilo también ahora según Yo lo digo y no según tú lo oyes, y escríbelo según Yo te lo muestro y no como tú lo ves”.

<sup>40</sup> A obra *Vita* foi traduzida ao espanhol e reproduzida na íntegra no livro *Vida y visiones de Hildegarda von Bingen*, de Victoria Cirlot, o que justifica a expressão *apud* para referenciá-la.

não apenas as cartas escritas pela própria Hildegarda, como respostas ou pedidos, e sim todas as cartas que ela recebeu ou que originaram as respostas. Destaca-se que 80% das cartas que chegaram até nós foram escritas para pessoas ligadas à Igreja, como Papas, Bispos, clero secular, monges e monjas, abades e abadessas (Fraboschi; Palumbo; Ortiz, 2015). Na tradução inglesa das cartas, dois volumes – v. I e II – são dedicados apenas às cartas trocadas entre Hildegarda e religiosos e somente um volume dedicado aos leigos (Baird; Ehrman 1994, 1998, 2004).

Por meio das cartas foi possível compreender tanto alguns pontos-chave do pensamento de Hildegarda, bem como a própria mulher atrás do véu. Como foram escritas em conjunto com as obras teológicas, também são consideradas como inspiradas por Deus e foram agrupadas no *Riesincodex* (María Ester Ortiz, 2019). Góngora (2012, p. 156, tradução própria<sup>41</sup>) exemplifica o caráter público das cartas da abadessa:

[...] foram escritas para seus destinatários diretos, para Richardis y para Guibert – assim como Eugênio III e Odo de Soissons – mas também para uma certa comunidade de leitores; graças ao seu registro, somos também partícipes desses testemunhos, como leitores e leitoras deste século.

Dessa forma, as cartas funcionam como fontes para o estudo da trajetória de vida das pessoas e em seu convívio social (Maria Dailza da Conceição Fagundes; Cleusa Teixeira, 2023). Outro ponto que as cartas demonstram é o alcance e a abrangência do pensamento e fama de Hildegarda, o que é possível visualizar no Mapa 1. Hildegarda se correspondeu com pessoas de diferentes partes da Europa, incluindo Londres, Roma, Praga até Istambul (Império Bizantino) e fora da Europa, caso de Jerusalém.

---

<sup>41</sup> “[...] fueron escritas para sus destinatarios directos, para Ricardis y para Guibert - así como Eugenio III y Odo de Soissons -, pero también para una cierta comunidad de lectores; gracias a su registro, somos también nosotros partícipes de estos testimonios, como lectores y lectoras de este siglo”.

Mapa 1 – Correspondência de Hildegarda de Bingen



Fonte: (Schmandt; Kroker, 2014, p. 30-31, tradução própria).

Antes de apresentar Hildegarda de Bingen, cabem algumas considerações sobre a natureza das fontes que foram utilizadas na construção desta seção: hagiografia e cartas. As hagiografias são o gênero textual dos santos e santas, “[...] entendidas como memória biográfica-comunicativa, pois esses textos foram escritos para serem lidos em voz alta, transmitidos também de forma oral ” (Renata Cristina Nascimento, 2021, p. 130). Silvas (1998, p. xvi-xvii, tradução própria<sup>42</sup>) definiu as *Vitas* medievais “como histórias das vidas das pessoas, de suas virtudes e ‘feitos’, calculadas para trazerem exemplos de santidade”, com o objetivo de inspirar as pessoas que as leriam a se tornarem como os protagonistas das *Vitae*. No caso da *Vita* de Hildegarda há trechos autobiográficos, o que pode ser justificado por ter sido iniciada sob a supervisão da abadessa, tendo sido uma das primeiras nesse molde (Honey Meconi, 2018). A *Vita* foi iniciada por Godofredo, depois assumida por Guibert de Gembloux e finalizada por Theodoric von Echternach, o único que não conheceu Hildegarda pessoalmente (Cirlot, 2001).

<sup>42</sup> “I would briefly propose that the idea of a *vita* is to present a memorial of its subject in the form of a ‘verbal inkon’, i.e., a narrative of the history of his or her life, virtues and ‘wonders’, calculated so as to bring out his or her exemplary holiness, with the aim of moving the readers to admiration and imitation of the holy person depicted, and of inspiring them to have recourse to his or her advocacy in heaven”.

Em relação às cartas, Angela Gomes (2004) ressaltou a importância que têm para a construção da História, como registros de si (autobiográficos, do âmbito privado), dos outros e do próprio contexto, isto é, do âmbito público e coletivo. Por meio da análise das cartas, como fontes primárias, é possível “investigar um passado que não é o nosso” (Munhós, 2016, p. 336). Ao discutir o uso de cartas pela História e pela Literatura, Vanessa Martins (2011, p. 2011) chama a atenção que as cartas, como fontes, “[...] não são o acontecido, mas pistas ou rastros para chegar [nele]”. A carta como fonte nos fornece uma visão unilateral de determinados eventos, que podem ou não refletirem a visão de mundo (valores ou julgamentos) de quem escreveu. Portanto, há a necessidade de comprovação por meio dos acontecimentos históricos e não se poderia confiar inteiramente nos missivistas (Martins, 2011). É preciso lembrar que as cartas “[...] não foram escritas para o historiador [...]” (Rejane Pena; Cleusa Graebin, 2009, p. 68), nem para se constituírem como fontes, como ressaltou Mendes (2011), ao refletir sobre a importância das fontes para os estudos históricos.

Para os medievais as cartas não eram restritas aos âmbitos privado e individual, eram escritas para serem lidas em público, como testemunhos e documentos “[...] muito mais públicos [...] Raramente, ou quase nunca, uma carta individual era destinada a um único destinatário” (Baird, 1994, p. 9, tradução própria<sup>43</sup>). “No século XII, escrever uma carta era como compor um discurso” (Atherton, 2001, p. 179, tradução própria<sup>44</sup>). No caso específico das mulheres, eram herdeiras de uma tradição epistolar desde à Antiguidade e Alta Idade Média, tendo escrito suas cartas como “[...] modelos, tanto de escrita como de experiência monástica e nesse sentido é possível afirmar seu caráter público” (Góngora, 2012, p. 156, tradução própria<sup>45</sup>).

Guibert de Gembloux (1124-1214) relatou como as pessoas se sentiram quando leu a resposta que recebeu de Hildegarda:

[...] para o público em geral. [...] Mais tarde, procurando responder ao seu desejo com o melhor das minhas habilidades, eu tentei satisfazê-lo em sua difícil questão, na presença de várias pessoas, tanto clérigos quanto leigos. [...] Todas estas pessoas, de diferentes

<sup>43</sup> “[...] for the medieval letter was a far more public document than our modern predilections lead us to expect. Rarely, if ever, was an individual letter intended for a single recipient alone”.

<sup>44</sup> “In the twelfth century, writing a letter was rather like composing a speech”.

<sup>45</sup> “[...] es que fueran escritas como modelos, tanto de escritura como de experiencia monásticas y en ese sentido, se puede hablar con propiedad de su carácter público”.

*status* e idades, insistiram – de fato, exigiram – que eu completasse a difícil tarefa de traduzir, embora eu estivesse relutante. No entanto, como eles ficaram felizes em ouvir a sua carta, fizeram cópias com avidez, como estavam entusiasmados em lerem e em elogiar, não apenas as pessoas que leram, mas quase a Igreja inteira (Guibert of Gembloux *apud* Hildegarda de Bingen, *Carta n° 104*, v. II, tradução própria<sup>46</sup>).

No caso dos monges beneditinos há um ponto importante a ser considerado. Na *Regra de São Bento* (c. 54, §1°), somente poderia haver correspondência com o mundo exterior a partir da autorização do abade, que teria a prerrogativa de ler, inclusive antes do remetente, a resposta à carta enviada e decidir se o último leria ou não. Hildegarda conseguiu a autorização para se corresponder, não pela ‘pena do abade’, mas por meio da papal, o que comprovaria que a “[...] sua extensa correspondência demonstra a influência que exercia” junto aos seus contemporâneos e conterrâneos (Singer, 1928, p. 58, tradução própria<sup>47</sup>).

## 2. 1 Hildegarda de Bingen: de monja beneditina à Sibila do Reno

Hildegarda foi uma escritora profícua em diferentes áreas do saber e uma pregadora ‘viajante’, tendo realizado ao menos quatro viagens de pregação, entre seus cinquenta a setenta anos (Cirlot, 2001; Maddocks, 2013). O objetivo desta seção é demonstrar como Hildegarda foi uma mulher multifacetada (Fraboschi 2012), que realizou diferentes atividades ao mesmo tempo, com especial cuidado em responder às cartas que recebeu até o ano de sua morte. Vejamos, então, quem foi Hildegarda de Bingen.

Hildegarda de Bingen nasceu em 1098<sup>48</sup>, em Bermersheim, próxima às

---

<sup>46</sup> “[...] with me reading these words in open public. [...] Later, seeking to fulfill his desire to the best of my ability, I attempted to satisfy him in this difficult matter, in the presence of a number of people, both clergy and laity. Then, awe seized everyone, and, filled with wonder, they all gave thanks to Wisdom, and to the Spirit that was speaking through its instrument, that is, your mouth. All of these people, of varying rank and age, kept insisting – indeed demanding – that I fulfill this difficult task of translation, unwilling though I was. Yet how gladly they listened to that letter of yours, how eagerly they had copies made, how enthusiastically they read and praised it-not just individual readers but almost the entire church!”

<sup>47</sup> “Her extensive correspondence demonstrates the influence that she wielded, while certain other works by her give us glimpses of her activities as head of a religious house.

<sup>48</sup> Com o intuito de auxiliar a compreender a cronologia dos principais fatos da biografia de Hildegarda, veja a Figura 2 – Hildegarda de Bingen no cenário do século XII.

idades de Mainz e Bingen, na atual Alemanha. Era filha de Hildebert von Bermersheim e Mechthild von Merxheim e “[...] seu pai foi provavelmente o Lorde de Bermersheim e Niederhosenbach” (Schmandt; Kroker, 2014, p. 10, tradução própria<sup>49</sup>). Seus pais pertenciam à aristocracia da região conhecida atualmente como Renânia-Palatinado, na Alemanha. A posição aristocrática dos pais de Hildegarda se devia às propriedades de terra que possuíam, à reputação advinda do nome da família e não de funções exercidas junto ao Sacro Império Romano-Germânico (Schmandt; Kroker, 2014), o que se modificou quando Hildegarda fundou o Mosteiro de Rupertsberg, em que mantinha relações sociais com o imperador Frederico Barba Ruiva. Ainda que usufrísse desse prestígio, a família de Hildegarda estava subordinada à família do Conde Stephen von Sponheim († 1095), por parentesco distante. A família Von Sponheim era uma família tradicional da região e reconhecida por suas grandes doações para a Igreja (Maddocks, 2013).

Hildegarda era uma criança de saúde frágil e sempre necessitou de muitos cuidados. Todavia, não era isso que a diferenciava das demais crianças, mas o fato que, entre três e cinco anos, começou a ter visões que foram relatadas na *Vita* e na *Declaração do Scivias* (Echternach *apud* Cirlot, 2001; Hildegarda de Bingen, *Scivias*). As visões seriam recebidas diretamente da Luz Viva e Verdadeira, isto é, o próprio Deus, mas não eram confiadas a ninguém. Hildegarda não sabia como comunicá-las: “[...] não mostrei a ninguém, exceto a algumas pessoas religiosas que estavam vivendo da mesma maneira que eu; mas, entretentes, até o tempo em que Deus, por sua graça, quis que fosse manifestado, eu ocultei-o em tranquilo silêncio” (Hildegarda de Bingen, *Scivias, Declaração*, §3°). No *Scivias* e no *Libro de los merecimientos de la vida*, há a descrição de como eram as visões de Hildegarda, recebidas em lugares abertos, desperta, sem estar em estado de êxtase ou sonhando:

[...] contudo, eu havia sentido maravilhosamente em mim mesma o poder e o mistério das secretas e admiráveis visões de minha infância – ou seja, dos meus cinco anos – até aquele momento, como faço agora [...] Mas as visões que tive não as percebi em sonhos, ou no sono, ou em delírio, ou pelos olhos do corpo, ou pelos ouvidos do ser exterior, ou em lugares ocultos; recebi-as, pois, estando desperta e enxergando com mente pura e com os olhos e ouvidos do ser interior, em lugares abertos, conforme Deus o queria. Como isso poderia ser é difícil para a carne mortal compreender

---

<sup>49</sup> “Her father was probably the Lord of Bermersheim and Niederhosenbach”.

(Hildegarda de Bingen, *Scivias, Declaração*, §4°).

‘Você, que desde a sua infância o Espírito Santo instruiu com uma visão verdadeira – não corporal, mas espiritual – diga as coisas que vê e ouve. Pois desde o início de suas visões, algumas mostradas a você como o leite a fluir, outras foram reveladas como alimento macio e suave e outras como alimento sólido e nutritivo. Portanto, diga agora como eu digo e não como ouve e escreve como eu mostro e não como vê’ (Hildegarda de Bingen, *LMV, Prólogo*, §2° tradução própria<sup>50</sup>).

Na *Vita* foi descrito o oferecimento de Hildegarda por seus pais, como uma forma de agradecimento e ação de graças, porque foi a décima e última filha do casal. Na época, Hildegarda contava com oito anos quando ingressou no Mosteiro de Disibodenberg aos cuidados da filha do Conde de Sponheim, Jutta von Sponheim, (1092-1136), responsável pela parte feminina desse mosteiro duplo. Os mosteiros duplos eram separados fisicamente em suas construções, uma parte para os monges e outra parte para as freiras, com alguns espaços compartilhados, como as capelas, por exemplo (Reinhardt, 2007). O abade era responsável tanto pela parte masculina quanto feminina como a maior autoridade religiosa e administrativa do mosteiro (Meconi, 2018). A líder religiosa da parte feminina, comumente chamada de abadessa, não possuía a mesma autoridade de seu par masculino, pois era sujeita a ele pela hierarquia, o que justificava que alguns estudiosos a considerasse como uma espécie de sacerdotisa ou *magistra* (Meconi, 2018).

Jutta educou Hildegarda a partir do Saltério e da *Regra de São Bento*, ensinando-a ler, mas não a dominar o latim clássico, como as divisões de sílabas (Hildegarda de Bingen, *Scivias*). Foi à Jutta que Hildegarda contou sobre as visões que recebia e foi a própria Jutta que a encaminhou para o monge Volmar, que se tornaria grande amigo, assistente e secretário de Hildegarda por mais de trinta anos (Pernoud, 2020). Hildegarda “[...] adquiriu o conhecimento da escrita e da leitura, liturgia e canto, que seriam expressos mais tarde em suas composições musicais” (Lerner, 1993, p. 52, tradução própria<sup>51</sup>). Diferente de Rosvita de Gandersheim (935-968) – sua famosa antecessora – não recebeu uma educação formal,

<sup>50</sup> “Tú, a quien desde tu infancia el Espíritu del Señor ha instruido con una visión verdadera – no corporal sino espiritual – dí estas cosas que ahora ves y oyes. Pues desde el comienzo de tus visiones algunas te fueron mostradas como la leche fluida, otras se revelaron como alimento blando y suave, y otras se manifestaron como sólido y nutritivo alimento. Por consiguiente, dílo también ahora según Yo lo digo y no según tú lo oyes, y escríbelo según Yo te lo muestro y no como tú lo ves”.

<sup>51</sup> “She acquired a knowledge of writing and reading, liturgy and singing, which later found expression in her musical compositions”.

tampouco clássica (Bragança Júnior, 2013), o que contrastava, curiosamente, com o fato de que em todos os mosteiros beneditinos havia dois espaços fundamentais para o aprendizado, a biblioteca e o *scriptorium*, lugar destinado aos monges copistas para reproduzirem os textos antigos (Ullmann, 2000). Lerner (1993) observou que a educação era destinada somente às mulheres aristocráticas, que a região do Reno era um centro cultural para o ensino e os mosteiros eram um dos meios mais efetivos para alcançar uma educação, inferior aos homens, mas clássica, em certa medida.

Até este momento, Hildegarda era somente uma monja beneditina, que ajudava nos cuidados dos doentes da enfermaria que havia em Disibodenberg, sob orientação de Jutta, que já era famosa por seu poderes curativos, considerada uma santa mulher (Maddocks, 2013; Baird, 2006). O primeiro passo para que a vida de Hildegarda mudasse e ela se tornasse a Sibila<sup>52</sup> do Reno fora ser eleita abadessa, por suas companheiras do Mosteiro de Disibodenberg, após a morte de Jutta e seguindo os critérios da regra beneditina (São Bento, c. 64, §1º). Ressalta-se que ainda que subordinada ao abade, a própria concepção dos mosteiros duplos, possibilitou maior liberdade para as abadessas, o que, conseqüentemente, atraiu mais monges e monjas pela reputação das líderes femininas, consideradas mulheres sábias e, muitas vezes, santas, como Jutta e mais tarde, a própria Hildegarda (Lerner, 1993; Baird, 2006). Além disso, os mosteiros se constituíram como lugares que possibilitaram não somente estudos para as mulheres da aristocracia, bem como a proteção física contra os perigos das guerras, ao optarem por não se casarem e dedicarem a própria vida à Igreja (Duby, 1995; Lerner, 1993; Diel, 2017).

O segundo passo que a transformaria em Sibila do Reno, isto é, a profetisa, foi a ordem que teria recebido em 1141, do próprio Deus, para escrever as visões que via e ouvia (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, Declaração, §2º). A partir desse momento, suas visões que estavam restritas apenas ao monge Volmar, com a morte de Jutta, foram informadas ao abade Kuno<sup>53</sup> de Disibodenberg. Antes disso, em 1140, Hildegarda já havia iniciado a escrita de suas composições musicais que foram reunidas na obra *Symphonia armonie celestium revelationum*.

---

<sup>52</sup> Sibila é um termo utilizado desde a Antiguidade para se referir às sacerdotisas que eram os oráculos do deus Apolo, ou ainda, às mulheres que possuíam o dom das profecias (Grimal, 2005).

<sup>53</sup> Kuno tornou-se abade de Disibodenberg em 1136, mesmo ano que Hildegarda foi eleita abadessa após a morte de Jutta. Disibodenberg ficou sob a direção de Kuno até 1155.

Todavia, esse passo necessitou de duas etapas. A primeira foi a aprovação de uma das personalidades mais marcantes do século XII, Bernardo de Claraval (1090-1151)<sup>54</sup>. A carta que Hildegarda escreveu a Bernardo de Claraval respeitou o seguinte princípio da regra beneditina “[...] se é preciso pedir alguma coisa ao superior, que se peça com toda a humildade e submissão da reverência” (São Bento, c. 6, §7º). Na carta, a abadessa descreveu como Deus a instruiu para escrever o que via e ouvia, revelando os mistérios das sagradas escrituras, mesmo que não tivesse o domínio do latim e pede a Bernardo “[...] dê-me sua opinião nesta matéria, porque eu não fui ensinada nem treinada exteriormente, mas fui ensinada interiormente, em meu espírito. Daí a minha fala hesitante e insegura” (Hildegarda de Bingen, *Carta n° 1*, v. I, tradução própria<sup>55</sup>). Bernardo a exortou a continuar escrevendo, pois as suas visões provinham de Deus.

A segunda etapa ocorreu com o envio da comitiva de bispos, a pedido do arcebispo Heinrich, de Mainz, com aval do Papa Eugênio III (1085-1153), para averiguar se as visões de Hildegarda provinham de Deus ou se eram manipulações do Diabo (Echternach *apud* Cirlot, 2001; Baird; Ehrman, 1994). A comitiva entregou ao Papa Eugênio III uma parte do *Scivias*, que estava sendo escrito pela abadessa, durante o Sínodo de Trier (1147-1148). O último passo que faltava para Hildegarda ser reconhecida como Sibila do Reno era a autorização papal. O pontificado de Eugênio III havia iniciado em 1145, com forte apoio de Bernardo de Claraval, já que ambos pertenciam à Ordem de Císter<sup>56</sup>. A aprovação aconteceu no Sínodo de Trier, com possível intercessão de Bernardo de Claraval em favor de Hildegarda (Cirlot, 2001). O *Scivias*, ou melhor, a parte entregue pela comitiva, foi lido pelo próprio Papa. O abade Bertolf, que estivera presente no Sínodo, descreveu a admiração que todos tiveram pelas palavras da abadessa:

[...] ouvimos falar e acreditamos plenamente na fama de sua virtude, não apenas na fama, mas em sua verdadeira virtude, ativa em seu vaso frágil [cf. II Cor. 4.7] da piedade divina. Ouvimos e cremos plenamente e, imediatamente, soubemos que a profecia foi cumprida

<sup>54</sup> Hildegarda escreveu a sua primeira carta para aquele que iria ajudar a condenar Pedro Abelardo (1079-1142) e Gilberto de La Porrée (1076-1154) por heresia, no Concílio de Reims em 1148 (Dronke, 1988).

<sup>55</sup> “But please give me your opinion in this matter, because I am untaught and untrained in exterior material, but am only taught inwardly, in my spirit. Hence my halting, unsure speech”.

<sup>56</sup> A ordem de Císter foi fundada em 1098, a partir da crítica ao modelo do monástico do século XII, principalmente o de Cluny, com o intuito de restaurar os princípios ascéticos da *Regra de São Bento*, a partir de uma liturgia menos ornamentada e mais simples (Atherton, 2001).

em você: Bom para o homem suportar o jugo, etc [Lam. 3.27] (Bertolf *apud* Hildegarda de Bingen, *Carta n° 209*, v. II, tradução própria<sup>57</sup>).

Destaco a autoridade que este reconhecimento deu à autora. Ao se tornar sibila, ela era aquela que profetizava em nome de Deus (agora o Deus cristão, não mais Apolo, o deus pagão), em que a sua voz não era a sua própria voz e sim a voz Daquele que É, como aparece em muitas de suas obras, em referência à passagem bíblica (Bíblia Sagrada, Ex. 3,14). Ana Lacalle (2022) analisou como a figura da Sibila de Cumas, da Roma Antiga, teve uma releitura na ótica medieval, por meio da profecia da vinda do Messias<sup>58</sup> e como mediadora dos conhecimentos que ainda não foram revelados, os quais seriam, por meio da fé cristã. A autora destacou como um mito profano foi se adaptando às novas crenças do cristianismo, ao adotar e cristianizar a Sibila de Cumas. Hildegarda ao ser proclamada pelo povo como Sibila, representou a importância de uma mulher ser o oráculo de Deus, em que se unem à humanidade feminina e à divindade masculina, tema muito comum nas obras de Hildegarda, ao tratar dos homens e das mulheres e da própria natureza de Jesus, verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus (Hildegarda de Bingen, *LDO*).

Além de autorizar a escrita do *Scivias*, o Papa Eugênio III a autorizou a continuar se correspondendo. Para Cirlot (2001), a autorização papal garantiu a liberdade de Hildegarda da vigilância do abade de Disibodenberg e possibilitou que ela fosse reconhecida como uma autoridade no século XII, capaz de aconselhar desde Papas até Imperadores e uma conselheira dos mais diferentes assuntos, sem se descuidar da administração do mosteiro. Na carta enviada ao Papa Eugênio III, Hildegarda pediu benevolência do Santo Padre sobre seus escritos. A abadessa informou ao Papa que foi o próprio Deus que a instruiu a escrever a carta: “[...] e meu espírito deseja que a Luz da Luz [Deus] brilhe em você, purifique seus olhos e o faça ficar atento ao seu dever sobre os meus escritos, então, sua alma poderia ser coroada, o que será agradável a Deus” (Hildegarda de Bingen, *Carta n° 2*, v. I, tradução própria<sup>59</sup>).

<sup>57</sup> “We have heard of and fully believe in the fame of your virtue, may not just the fame but the real virtue that is active in your fragile vessel [cf. II Cor 4.7] of divine piety. We heard and fully believed, and immediately we knew that the following prophecy was fulfilled in you: "It is good for a man, when he hath borne the yoke," et cetera [Lam 3.27]”.

<sup>58</sup> A profecia é uma reinterpretação da Écloga IV de Virgílio, a qual tratava da vinda de um menino, profetizada pela Sibila de Cumas, a qual foi vista pelos medievais cristãos como a profecia da vinda do Messias, a encarnação do próprio Jesus Cristo (Lacalle, 2020).

<sup>59</sup> “And my spirit desires that the Light of Light shine in you and purify your eyes and arouse your spirit to your duty concerning my writings, so that your soul may be crowned, which will be pleasing to God”.

A autorização papal garantiu e ratificou a autoridade de Hildegarda – baseada nas visões que a acompanhavam, em que ela se tornou a própria voz de Deus – transformando-a em figura pública, influente e Sibila do Reno, o que, conseqüentemente, aumentou a procura pelo Mosteiro de Disibodenberg (Lerner, 1993; Eling; Sakalauskaitė-Juodeikienė, 2021). E aos cinquenta anos, com o apoio papal, do arcebispo Heinrich de Mainz, e das famílias aristocráticas das freiras sob sua responsabilidade, Hildegarda fundou o Mosteiro de Rupertsberg, em Bingen, na confluência dos rios Nahe e Reno, descrito como

[...] proeminente e atraente, localização elevada nas margens do Reno e do Nahe, Rupertsberg teria sido uma construção famosa em sua época, mas público, visível e acessível que o isolado Disibodenberg poderia ter sido. O local era de fato tão proeminente que mil anos antes, os romanos o escolheram para construir uma cidadela, *Bingium* [Bingen] entre duas rotas comerciais [Mainz e Colônia] (Maddocks, 2013, p. 101, tradução própria<sup>60</sup>).

Diferentemente de Disibodenberg, localizado no monte de São Disibodo (hoje Odernheim am Glam, na Alemanha), área rural, isolada e afastada, Bingen já era “[...] uma importante cidade medieval” (Singer, 1928, p. 57, tradução própria<sup>61</sup>). Possuía um grande mercado estabelecido e que cobrava taxas de seus moradores para a manutenção de pequenas obras de infraestrutura na cidade (Schmandt; Kroker, 2014). Bingen era também uma rota antiga para o comércio, desde os tempos dos romanos e, também, uma rota de passagem entre as principais cidades da região: Mainz e Colônia, próxima ao Palácio Imperial de Ingelheim (Schmandt; Kroker, 2014), como é possível ser observado nos Mapa 2 e 5. A mudança para um mosteiro exclusivamente feminino e sob sua administração se constituiu como uma forma de “[...] escapar do controle masculino, e, realmente, Rupertsberg significou para Hildegarda a liberdade [...]” (Cirlot, 2001, p. 15, tradução própria<sup>62</sup>). Tanto Mainz (ao sul de Bingen) como Colônia (ao norte) já eram grandes cidades na época de

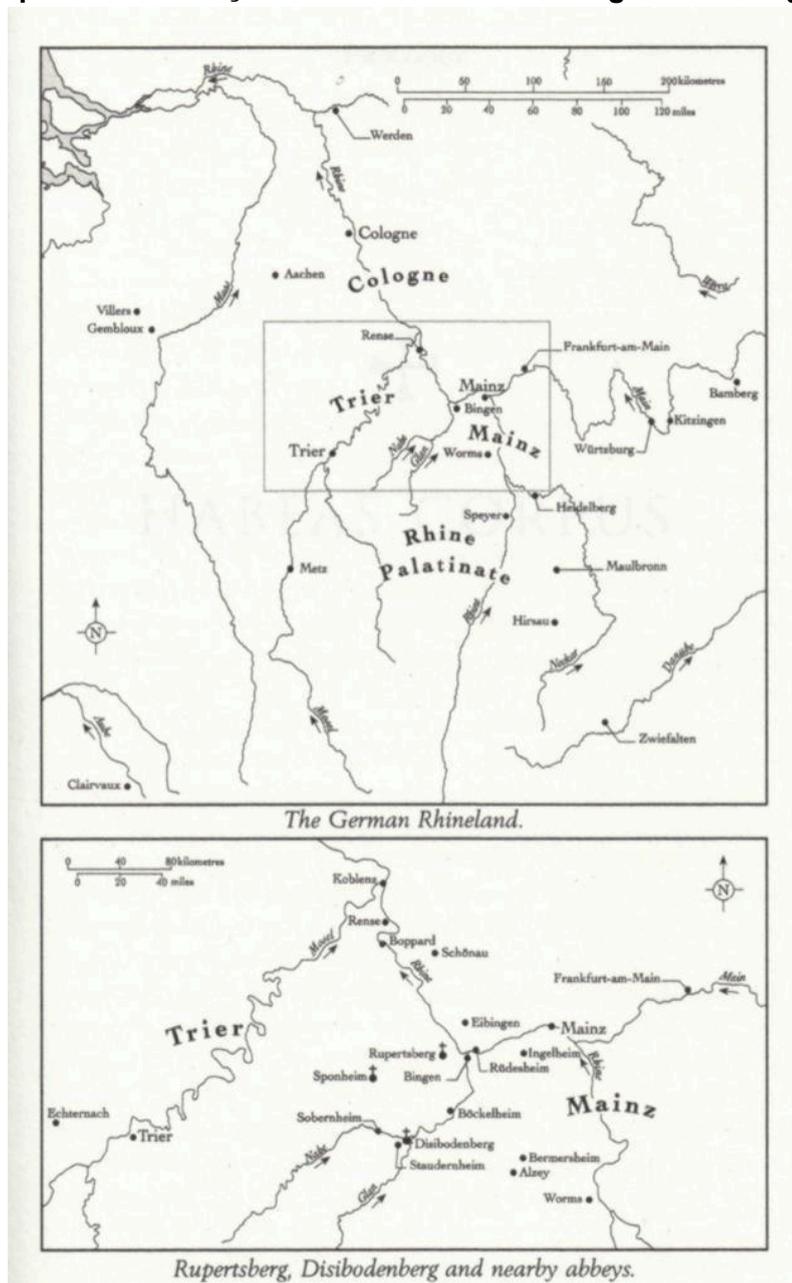
<sup>60</sup> “Prominent and eye-catching from its elevated site on the banks of the Rhine and the Nahe, the Rupertsberg would have been a famous landmark of its day, more public, visible and accessible than the secluded Disibodenberg could ever have been. The site is indeed so prominent that a thousand years earlier the Romans had chosen the place to build a citadel, *Bingium*, Between two trade routes”.

<sup>61</sup> “In 1147 she and some of her nuns migrated to a new convent on the Rupertsberg, a finely placed site, where the smoky railway junction of Bingerbrück now mars the landscape. Between the little settlement and the important mediaeval town of Bingen flowed the River Nahe. The stream was, and is, here spanned by a bridge of Roman origin, to which still clings the name of the pagan Drusus (15 B.C. to A.D. 19)”.

<sup>62</sup> “No dejaba de ser un hecho insólito para la época tratar de escapar del control masculino, y, realmente, Rupertsberg significaba para Hildegard la liberación”.

Hildegarda, conectadas pelo rio Reno a “[...] importantes áreas comerciais de Flandres e do delta do [rio] Reno até às cidades da Lombardia ao sul dos Alpes” (Maddocks, 2013, p. 12, tradução própria<sup>63</sup>).

**Mapa 2 – Localização dos Mosteiros de Hildegarda de Bingen**



Fonte: Maddocks (2013, xix ).

<sup>63</sup> “The Rhine linked the important commercial areas of Flanders and the Rhine delta to the Lombard cities south of the Alps.”

Embora Hildegarda já tivesse iniciado a escrita do *Scivias*, de sua correspondência com o mundo exterior, composto algumas músicas, entre 1141-1147, foi a partir da mudança para Rupertsberg, em 1150, que se intensificou a sua produção literária, sua dedicação à escrita e aos estudos até o final de sua vida. Meconi (2018) atribui o aumento de obras escritas, como consequência das independências financeira e administrativa do Mosteiro de Rupertsberg em relação à Disibodenberg. Em outras palavras, à Sibila do Reno se acrescentam os títulos de intelectual e de historiadora (por que não?) no século XII. Para facilitar a visualização e demonstrar a concomitância dos escritos de Hildegarda com os acontecimentos do século XII, foi construída uma linha do tempo (Fig. 2), que serve de guia de leitura da próxima seção.

**Figura 2 – Hildegarda de Bingen no cenário do século XII**





Fonte: elaboração própria (2023)<sup>64</sup>.

<sup>64</sup> A arte foi elaborada exclusivamente para esta tese e é do desenhista Roger Dourado (2023). Foi inspirada na iluminura *A Queda da Humanidade* (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. I, v. I). Todas as

Como os acontecimentos não se explicam por si só, não se constituem como eventos isolados e “[...] todo o trabalho histórico decompõe o tempo decorrido, escolhe entre suas realidades cronológicas, segundo preferências e opções exclusivas mais ou menos conscientes [...]” (Braudel, 1978, p. 44), o marco temporal enfatizado na próxima seção é de 1147-1148, quando Eugênio III autorizou Hildegarda a continuar escrevendo, até a sua morte em 1179. Não obstante, foram necessários acontecimentos anteriores para explicar o recorte temporal proposto. O objetivo foi demonstrar como Hildegarda esteve ligada às questões de seu tempo em diferentes âmbitos: religioso, político e educacional e como esses acontecimentos influenciaram em sua obra.

Não desconsidere os acontecimentos que antecederam o marco temporal escolhido, principalmente, a partir de um processo de longa duração, em que “[...] cada ‘atualidade’ reúne movimentos de origem, de ritmo diferentes: o tempo de hoje data, ao mesmo tempo, de ontem, de anteontem, de outrora [...]” (Braudel, 1978, p. 54), ou seja, não seria possível explicar os acontecimentos analisando-os isoladamente, sem recorrer aos eventos que os antecederam. Entretanto, antes dessa data, Hildegarda era apenas uma criança e jovem doente, enclausurada em um mosteiro, aprendendo as primeiras lições com uma mulher – cerca de seis anos mais velha que ela – um período com poucas informações e produções (Atherton, 2001).

## **2. 2 Hildegarda de Bingen: uma intelectual e historiadora no século XII?**

O século XII não foi apenas o século de Hildegarda. Foi o do surgimento dos intelectuais (Le Goff, 2014) e a época dos historiadores dos/nos mosteiros (Duby, 1989). Nesta seção, são esses dois ofícios que ajudaram a situar Hildegarda e são enfatizados aqui. Para Lanzieri Júnior (2014, p. 239), o renascimento do século XII<sup>65</sup>

---

artefatos produzidos para esta tese foram inspiradas nas iluminuras do *Scivias*, que possivelmente foram supervisionadas pela própria Hildegarda de Bingen, diferentemente das contidas no *Libro de las obras divinas*, em que o manuscrito de Lucca data do século XIII (Singer, 1928). Mais informações sobre o processo criativo, consulte o Anexo 5, itens 5 e 6 desta tese. Para ver mais trabalhos do artista, acesse: <https://rogerdouradoart.myportfolio.com/>.

<sup>65</sup> O renascimento do século XII foi detalhado na seção 2.2.2.

possibilitou o “[...] surgimento de um tipo singular de homem dedicado à transmissão profissional do saber: o intelectual”. Mariateresa Brocchieri (1989, p. 125) definiu o intelectual como aquele que “[...] trabalha com a palavra e com a mente”, relacionado à “[...] virtude, [ao] conhecimento e [ao] prazer”, ligado à própria realidade social. Na Idade Média, as palavras erudito, douto, filósofo, letrados, confundiam-se com os próprios clérigos e poderiam ser utilizadas como sinônimos para intelectual (Brocchieri, 1989).

O conceito que Le Goff (2014, p. 10; 23) apresentou para intelectuais, como “[...] servidores da Igreja e do Estado [...] mestres das escolas [...]”, intrinsecamente ligados à cidade, analisado estritamente, não poderia ser aplicado à Hildegarda, posto que não foi, estritamente, uma *magistra*, tampouco deu aulas nas escolas ligadas às grandes catedrais ou nas incipientes universidades. Lanzieri Júnior (2014) questionou esse conceito do historiador francês, ao defender que o ensino nos mosteiros também formava intelectuais e produzia conhecimentos novos, sem que houvesse qualquer tipo de pagamento para isso.

Ao definir o intelectual no século XII também como “[...] um profissional, com seus materiais básicos, os antigos, com suas técnicas, a principal das quais é a imitação dos antigos [...]”, por meio da “[...] união ativa da razão e da fé [...]” (Le Goff, 2014, p. 36; 79), o autor francês possibilitou que pudéssemos categorizar Hildegarda como uma intelectual no século XII, o que confirma a tese defendida por Lanzieri Júnior (2014). Na divisão proposta por Brocchieri (1989), Hildegarda se encaixaria como uma intelectual sem o glamor do intelectual cidadão, já que era uma pessoa instruída, cujo objetivo não era o ensinar nas escolas e sim usar o intelecto para assuntos da vida prática, visando a organização e conservação da sociedade, em que os interesses coletivos estariam acima dos individuais.

O reconhecimento de Hildegarda como intelectual por seus contemporâneos foi demonstrado nas saudações das cartas que recebeu, sob o ponto de vista de um dom recebido diretamente de Deus, como as diferentes passagens sugerem: “[...] um dom inédito em nosso tempo [...]” (Hildegarda de Bingen, *Carta n° 169*, v. II, tradução própria<sup>66</sup>) e “[...] porque, senhora, você fez de si própria uma serva de Cristo, Ele a exaltou além de você mesma” (Hildegarda de Bingen, *Carta n° 40*, v. I,

---

<sup>66</sup> “For God has regarded you and has marvellously endowed you with a divine gift – a gift unheard of in our time – and, in accordance with God’s bidding, you employ that gift not for yourself alone, but for the benefit of many others”.

tradução própria<sup>67</sup>). Na carta em que os clérigos de Colônia pediram o sermão que Hildegarda havia proferido na Catedral da cidade, é possível observar a admiração que a abadessa despertava, inclusive entre os clérigos

[...] Hildegarda de São Rupert, que na pureza de seu coração contempla Deus, na vida presente e vida futura, face a face [cf. I Cor. 13.12]” e “[...] quando por inspiração divina você nos revelou as palavras de vida [...] o Espírito escolheu seu coração como morada agradável, é compreensível que nos aproximemos de você com admiração como se estivéssemos no templo vivo de Deus [...] (Dean Philip *apud* Hildegarda de Bingen, *Carta n° 15*, v. I, tradução própria<sup>68</sup>).

E qual a justificativa para considerar a monja beneditina uma historiadora? Bloch (2001, p. 31) defendeu que o cristianismo é uma religião histórica, baseada em acontecimentos históricos, mesclando a vida terrena com os acontecimentos bíblicos, em que o foco sempre foi a história da salvação, ou melhor, “[...] o grande drama do Pecado e da Redenção” e esses dois eventos são o foco das obras *Scivias* e *Libro de las obras divinas*, de Hildegarda de Bingen. O tempo para os homens da Igreja era marcado pela temporalidade do sagrado – visto como tema histórico – quase uma mistura mística, unindo o tempo dos homens ao tempo de Deus (Rust, 2006; Rust; Castanho, 2017).

Duby (1989) afirmou que os religiosos, principalmente os monges, encerrados nos mosteiros, tornaram-se os grandes historiadores dos anos mil (980-1040), uma vez que entendiam a importância de manter a memória dos tempos históricos, a fim de manifestar a glória de Deus, por meio dos homens escolhidos. Para Duby (1989, p. 15, tradução própria<sup>69</sup>), “[...] o cristianismo torna sacra a história, transforma-a em teofania. Nos mosteiros [...] a prática da história se integrava com naturalidade aos exercícios religiosos”. Rust e Castanho (2017) questionaram por que a produção intelectual e/ou teológica produzidas pelos homens da Igreja deveriam ser desprezadas como conhecimento histórico se são o testemunho de seu tempo e permitiram que o saber chegasse até à atualidade? Essa reflexão me levou a

<sup>67</sup> “Because, lady, you have made yourself the handmaiden of Christ, He has exalted you beyond yourself”.

<sup>68</sup> “Hildegard of St. Rupert in Bingen, who, in the purity of her heart, gazes upon God in the present life, and in the life to come, face to face [cf. I Cor 13.12] [...] when, through divine inspiration, you revealed the words of life to us [...] the Spirit has chosen a dwelling pleasing to Himself in your heart, understandably we come to you in admiration as if to the living temple of God [...]”.

<sup>69</sup> “Porque el cristianismo sacraliza la historia, la transforma en teofanía. En los monasterios [...] la práctica de la historia se integraba con toda naturalidad en los ejercicios religiosos”.

categorizar Hildegarda como uma historiadora de seu tempo, não uma historiadora de ofício.

Um exemplo importante sobre os medievais como historiadores está nas cartas de Guibert de Gembloux para Hildegarda, em que pede que sejam enviadas as missivas trocadas entre eles (doze cartas ao todo, nove escritas por Guibert e três por Hildegarda). O objetivo de Guibert era

[...] reunir em um único volume ambas as cartas, as que foram enviadas por nós e as que recebemos dela, para proporcionar que nossos olhos e ouvidos tenham uma lembrança agradável dela e preservá-las não apenas para o meu consolo, mas como um meio de despertar as maravilhas divinas pelos Seus dons em mim, para aqueles que por acaso chegarem a lê-las (Guibert of Gembloux *apud* Hildegarda de Bingen, *Cartas n.º 108a; 109 v. II*, tradução própria<sup>70</sup>).

Considerando Hildegarda de Bingen como intelectual e a historiadora e os conceitos discutidos até aqui, as próximas seções tratam do século XII, ou melhor, o recorte temporal proposto (1147/8-1179), a partir da ótica da Sibila do Reno, por meio de três eixos de análise: contextos religioso, político e educacional.

## 2.2.1 Contextos religioso e político do século XII

Em um primeiro momento, acostumada a pensar nos acontecimentos de maneira isolada, sem perceber o movimento da história, havia separado os contextos religiosos e políticos. No entanto, como pensar o contexto religioso do século XII sem o relacionar ao contexto político? Como imaginar o século XII – porque é isso que fazemos quando resolvemos ‘historiar’ (Duby, 1998; Le Goff, 2013) – sem a disputa entre Papado e Império<sup>71</sup>, entre o poder espiritual e o poder temporal? Foram dois projetos universais para a cristandade, o primeiro representado pela Igreja como forma de unidade entre os povos e o segundo representado pelo Império, como forma de organizar os povos (Barros, 2006).

<sup>70</sup> “For I would like to combine into one volume both our letters to her and hers to us, so as to provide for our eyes and ears a pleasing remembrance of her” e “[...] to preserve them not only for my consolation but also as a means of exciting divine wonder fro His gifts to me in those who will by chance deign to read them”.

<sup>71</sup> A partir deste ponto, Império e Sacro Império Romano-Germânico foram utilizados como equivalentes.

Apesar da delimitação temporal proposta (1147/8-1179) para explicar o tempo de Hildegarda de Bingen, foi preciso buscar alguns antecedentes no século XI para entender a relação entre Papado e Império, isto é, entre o contexto religioso e o político.

À delimitação temporal, acrescentei à delimitação geográfica-política. O recorte espacial para trabalhar os contextos religioso e político é o do Sacro Império Romano-Germânico, especificamente, a região conhecida como Renânia, na atual Alemanha – próxima às margens do Rio Reno e onde estavam localizados os mosteiros de Hildegarda (Mapa 2). A região foi descrita como

[...] próxima ao coração do poder imperial, um ponto de energia econômica e eclesiástica. Desde a Antiguidade, a paisagem verde, fértil e com montes e colinas atraiu novos colonos – Celtas, Romanos e Francos – atraídos também pelo clima moderado e terreno levemente acidentado e arborizado (Maddocks, 2013, p. 10, tradução própria<sup>72</sup>).

O Sacro Império Romano-Germânico abrangia as regiões das atuais Alemanha, Itália e França (Gália: Lotaríngia e Borgogna). Não se constituía sob a autoridade de um rei e sim de principados, cada qual com a sua respectiva autoridade, como senhores feudais (Barbara Rilinger-Stollberg, 2020). Entretanto, o feudalismo<sup>73</sup> na região imperial assume outros contornos: em vez de estar apoiado nos senhores feudais, por meio da vassalagem de seus subordinados, com poder descentralizado e fracionado, estava apoiado na figura do Imperador (Duby, 1998).

Para Rilinger-Stollberg (2020), o Imperador seria como cabeça do Império e os entes que o compunham como membros do corpo. Todos estavam subordinados à autoridade do Imperador, porém, ele jamais poderia arbitrar sem o consenso, não poderia ser um monarca absoluto “[...] não estava acima das leis” (Rilinger-Stollberg, 2020, p. 105). Os membros do Império eram os mais diversos possíveis, desde principados, cidades livres ou independentes, abadias e mosteiros até cavalheiros nobres. No caso dos membros que eram subordinados aos príncipes, senhores feudais ou dioceses/mosteiros, a relação com o Império era mediada por esses membros superiores hierarquicamente e próximos ao Imperador (Rilinger-Stollberg,

---

<sup>72</sup> “This region of Germany was close to the heart of imperial power, a fulcrum of economic and ecclesiastical energy. Since antiquity, the green, fertile, rolling landscape had attracted new settlers - Celts, Romans and Franks - drawn by the moderate climate and gentle, wooded terrain”.

<sup>73</sup> O feudalismo como sistema político e econômico é apresentado mais detalhadamente na seção 3 desta tese.

2020).

Acompanhe a evolução do Sacro Império Romano-Germânico pelos mapas abaixo. O Mapa 3 é do Império durante o século XII e o Mapa 4 na era de Frederico I ou Barba Ruiva (1122-1190), com quem Hildegarda mais conviveu e manteve relacionamento (Hijarrubia, 2013). Bloch (2009, p. 469). Nomeou Frederico Barba Ruiva como “[...] monarca muito poderoso [...]”, defendendo que “[...] a ideia imperial, alimentada por uma cultura rica e mais consciente [...]” alcançou o auge durante o seu reinado. O Mapa 5 apresenta o Sacro Império Romano-Germânico até o final da dinastia Hohenstaufen, da qual Frederico foi o segundo representante, após a morte de Conrado III (1138-1152), que apesar dos pedidos de Eugênio III, “[...] morreu como rei, não como imperador [...]” (Herber e Neuhaus, 2005, p. 99, tradução própria<sup>74</sup>).

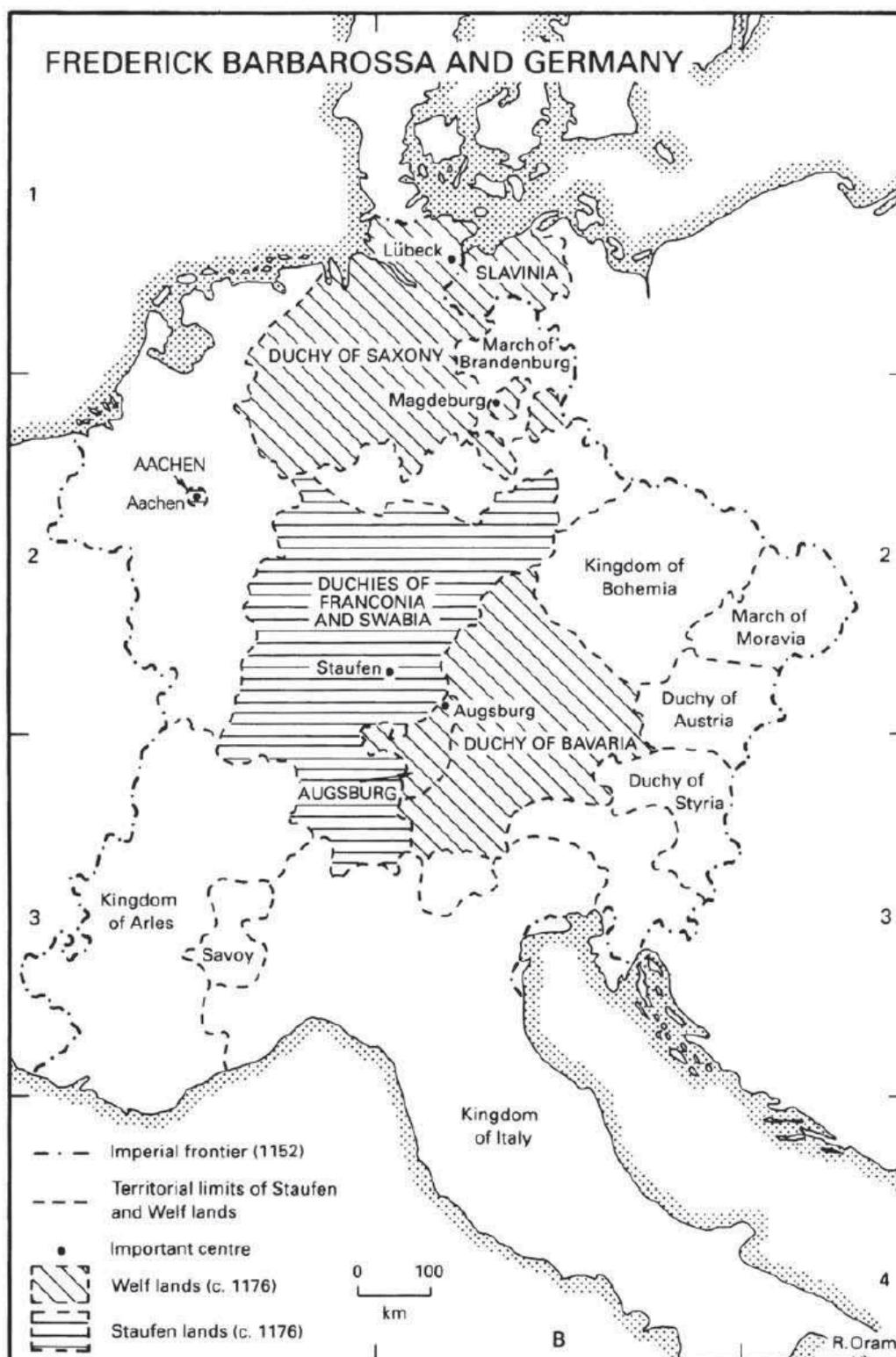
---

<sup>74</sup> “Als Konrad III. am 15. Februar 1152 in Bamberg starb, verschied er als König, nicht als Kaiser, denn er war nicht nach Rom gezogen, obwohl Papst Eugen III (1145-1153) ihn dazu aufgefordert hatte”.

**Mapa 3 – Sacro Império Romano-Germânico no século XII**

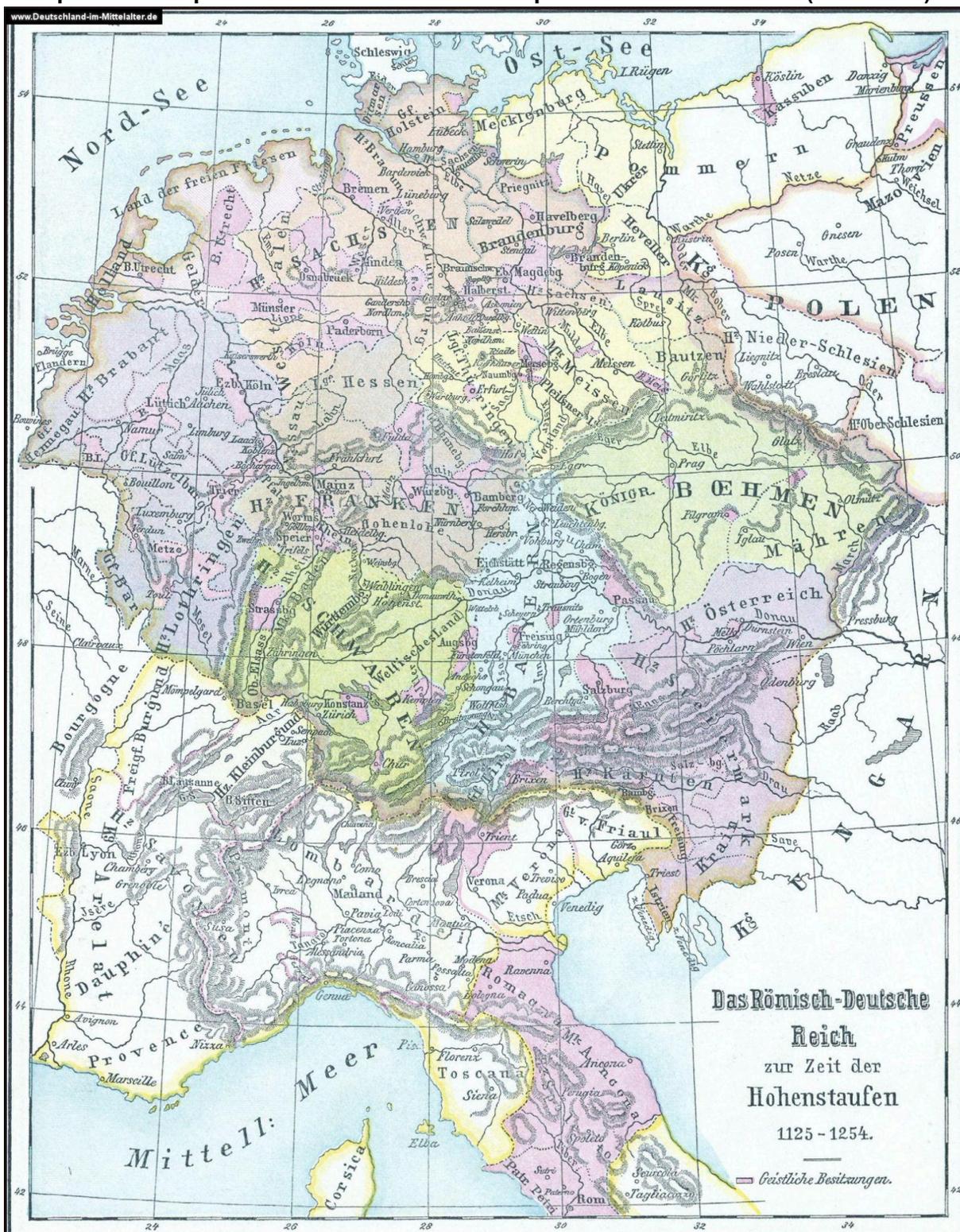
Fonte: Herbers e Neuhaus (2005).

Mapa 4 – Sacro Império Romano-Germânico sob Frederico Barba Ruiva



Fonte: Mackay e Ditchburn (2002, p. 73).

Mapa 5 – “O Império Romano-Germânico na época dos Hohenstaufen (1125-1254)”



Fonte: Edmaps – The world on the map<sup>75</sup>.

Nota: a legenda refere-se aos territórios espirituais, isto é, da Igreja Católica (tradução própria).

Para compreender a relação entre Papado e Império no período de Hildegarda, é preciso regressar até à Reforma Papal, ou Reforma Gregoriana, datada da segunda metade do século XI. A reforma teve três principais objetivos: diminuição do poder temporal (Império), garantia da independência da Igreja para nomear os bispos e combate à simonia<sup>76</sup> (Le Goff, 2013). Ficou conhecida como Reforma Gregoriana, devido à publicação dos *Dictatus Papae*, pelo Papa Gregório VII (1020-1085). O *Dictatus Papae* foi um conjunto de vinte e sete artigos que ratificaram o poder absoluto e universal da Igreja na nomeação, destituição dos bispos (principal ponto de divergência com o Império) e a superioridade sob o poder temporal, que deveria ser submisso ao poder espiritual, personificado na figura do papa, como líder universal da cristandade (*Dictatus Papae*, §3º). Rust e Silva (2009) observaram que foram mais de duzentos anos de processos históricos e tensionamentos entre os poderes espirituais e temporais, entre a Igreja – representada pelo Papa – e o Império – representado pelo Imperador até chegar à reforma, cujo nome apropriado seria Reforma Papal, porque houve vários pontífices envolvidos.

O ápice do conflito foram as excomunhões concomitantes e recíprocas de Henrique IV (1050-1106) pelo Papa Gregório VII (1020-1085) e do próprio Gregório VII por Henrique IV, em 1076. As excomunhões ocorreram após a publicação dos *Dictatus Papae*, em 1075, por Gregório VII, o que deu início ao que ficou conhecido como Querela das Investiduras, período em que houve Papas e Antipapas, os últimos nomeados pelo Imperador. Mesmo após Henrique IV ter se submetido à Igreja, em Canossa (atual Itália) e a excomunhão papal ter sido retirada, o conflito somente terminou no século XII, com a Concordata de Worms, em 1122, em que o Papa Calixto II e o Imperador Henrique V definiram dois poderes que seriam delegados aos bispos, o poder temporal – concedido pelo Imperador – e o poder espiritual concedido pelo Papa. Na prática, o acordo

[...] permitiu que Henrique V influenciasse a eleição dos prelados alemães, mas não italianos. Contudo, a vitória foi mais da Igreja do que do rei: os prelados alemães continuaram a se desenvolver como magnatas feudais independentes em paralelo à importante nobreza secular (Mary Fulbrook, 2016, p. 33).

---

<sup>76</sup> Era a prática de comprar e/ou vender cargos religiosos. O nome foi inspirado em Simon Magus que tentou comprar de Pedro, a graça do Espírito Santo, conforme descrito em Atos dos Apóstolos 8, 18-24 (Baird; Ehrman, 1994; Bíblia Sagrada).

Os ecos do conflito foram sentidos durante todo o século XII. Entre 1140-1141 foi publicado o Decreto de Graciano – nome homônimo do monge que o compilou – considerado como “[...] documento de Direito Canônico” (Claudia Roesler, 2004, p. 9). O direito canônico era entendido como “o ensino de doutrinas religiosas que têm força de lei, extraída das normas, regras e atos normativos da Igreja” (Cassia Maciel, 2009). Teve forte vinculação à doutrina cristã, cujo objetivo foi reunir o conteúdo do direito canônico produzido até o século XII e o costume consuetudinário – as práticas, as normas que já estavam escritas, mas não eram suficientemente claras – harmonizando-os (Aurora Madaleno, 2013; Dronke, 1992; Roesler, 2004). O Decreto de Graciano teve tamanha importância que se tornou “[...] fonte de estudo e comentários dos professores e alunos da Universidade de Bolonha” (Maciel, 2009).

Guizot (1992), no texto *O Estado e a sociedade religiosa no século V*, ao abordar os diferentes momentos da Igreja desde o Cristianismo primitivo, apresentou-nos uma tese importante de que a Igreja utilizou a estrutura do Império Romano a seu favor para crescer, desde o início do Cristianismo. No momento de crise, como a Querela das Investiduras, novamente a Igreja usou o arcabouço romano, a partir da retomada do Direito, por meio do Decreto de Graciano (Maciel, 2009). O Decreto, como ferramenta jurídica, foi utilizado para corroborar o poder espiritual perante o poder temporal (Roesler, 2004). Justamente em 1141, ano da publicação do Decreto, Hildegarda recebeu a ordem para escrever o *Scivias* e iniciou a escrita de suas músicas, já investida da autoridade de abadessa.

A Igreja não se preocupou somente em conservar o poder por meio do direito. O século XII foi também o século das Cruzadas, convocadas por Urbano II (1042-1099), em 1095, como movimento bélico-religioso, cujo objetivo foi reconquistar Jerusalém, o que ocorreu em 1099, quando Hildegarda tinha apenas um ano de idade<sup>77</sup>. Quando Hildegarda escreveu a Bernardo de Claraval, em 1146, o monge cisterciense fazia a sua ‘própria cruzada’ ao pregar a favor da II Cruzada, com a autorização do Papa Eugênio III, diante dos reis da França, Inglaterra e do Império (Baird; Eherman, 1994; Atherton, 2001). Hildegarda fez referência à II Cruzada em dois momentos em sua carta à Bernardo: 1º) exortando-o em sua saudação “Filho de Deus, reúna os homens [cf. Lucas 5,10] dentro do exército de Cristo para lutar sob a bandeira da cruz contra a selvageria pagã”; 2º) em sua

---

<sup>77</sup> As Cruzadas estenderam-se por trezentos anos (Maddocks, 2013).

despedida, encorajando-o a ser “ [...] forte em seu espírito e um poderoso guerreiro de Deus” (Hildegarda de Bingen, *Carta n° 1*, v. I, tradução própria<sup>78</sup>). Analisando essa missiva, foi possível entender como Hildegarda enxergou, nas cruzadas, uma luta santa contra os pagãos (mulçumanos), com o intuito de defender e fortalecer a fé cristã. Van de Poll (2009) afirmou que o pensamento de Hildegarda foi prontamente aceito por estar de acordo com as principais questões cristãs da época, o que poderia ser uma explicação para que seus escritos fossem aprovados durante o Sínodo de Trier, que ocorreu em meio à II Cruzada.

Em relação ao Império e à II Cruzada, ainda que Conrado III tenha enviado menos efetivo para lutar ao lado dos cavaleiros franceses e ingleses, isso não impediu que enfrentasse revoltas internas dentro do Império (Herber; Neuhaus, 2005). Quando retornou do fracasso da II Cruzada, Conrado III combateu as revoltas internas dentro do Império e com o auxílio de seu sobrinho, Frederico Barba Ruiva, mediou a paz. Conrado teve dois filhos, um que morreu em 1150 e outro menor de idade, quando “[...] decidiu em seu leito de morte designar seu sobrinho Frederico, que foi então eleito rei por unanimidade” (Herber; Neuhaus, 2005, p. 100, tradução própria<sup>79</sup>). Frederico Barba Ruiva era igualmente membro da dinastia dos Stauffer e dos Welfen (Guelfos), que disputavam territórios dentro do Império. Já em seu primeiro ano de reinado, promulgou uma lei para manter a paz e distribuiu ducados, inclusive para o filho de Conrado III, Friedrich von Rothenburg (1152-1167) e para os Welfen, com o intuito de manter o apoio dos principados e a unificação do Império (Herber; Neuhaus, 2005).

Não foi apenas a Igreja que soube retomar o direito romano para defender seus interesses<sup>80</sup>. Durante a época de Frederico Barba Ruiva, o termo sacro (suposta santidade) foi incorporado ao Império, recorrendo às “[...] antigas tradições romanas e romanas-cristãs [...]”, a partir da teoria dos dois poderes – o espiritual e o temporal (Herber; Neuhaus 2005, p. 100, tradução própria<sup>81</sup>). Para os autores, é

<sup>78</sup> “Son of God, gather men [cf. Luke 5.10] into Christ's army to fight under the banner of the cross against pagan savagery. [...] Farewell, be strong in your spirit, and be a mighty warrior for God”.

<sup>79</sup> “So entschloß sich Konrad auf dem Totenbett, seinen Neffen Friedrich zu designieren, der dann einhellig zum König gewählt wurde”.

<sup>80</sup> A Universidade de Bolonha recebeu proteção imperial justamente pelo estudo das ciências jurídicas, com a retomada do direito romano, como por exemplo, o Decreto Graciano e objetivo era utilizar o conhecimento produzido pela universidade a fim de justificar a superioridade do poder temporal sob o espiritual (Maciel, 2009).

<sup>81</sup> “[...] auf antik-römische und römisch-christliche Traditionen [...]. Insgesamt deuten diese Bezeichnungen, die vielfältige Bezüge - auch zu den noch zu skizzierenden Kultakten in Köln und

possível perceber o movimento do Império em que a “[...] ‘a sacralidade’ do governante foi substituída pela ‘santidade’ do império [...]”, representando a autoridade de Deus na terra.

O adjetivo sacro incorporado ao nome do Império fazia alusão às lutas contra o Papado e o objetivo foi demonstrar que “[...] o poder imperial não derivava do Papado, mas sim era confiado ao Imperador pelo próprio Deus. O poder imperial e o poder papal tinham o mesmo valor e os mesmos direitos [...] relacionados, imediatamente, a Deus” (Mainka, 2019, p. 165). Frederico Barba Ruiva foi eleito a partir da premissa romana de que o seu poder foi concedido diretamente por Deus, não pelo Papa (Araújo, 2005), uma vez que “no século XII ainda não havia poder terrestre que não tivesse raízes no sobrenatural” (Duby, 1994, p. 253).

Ao enfatizar a sacralidade do Império existiria o propósito de demonstrar a superioridade do Imperador diante de outros monarcas (Rollinger-Stollberg, 2020). Frederico Barba Ruiva foi um líder

[...] idealista carismático, realista persuasivo e pelo menos no início de seu reinado, disposto a negociar. As suas três grandes aspirações foram: subjugar o papado ao poder imperial, restabelecer o Sacro Império Romano em sua antiga glória e acabar com as revoltas civis que dividiram seu país [Império] durante setenta e cinco anos (Maddocks, 2013, p. 123, tradução própria<sup>82</sup>).

Em 1155, foi coroado Imperador pelo Papa Adriano IV (1100-1159) após ter defendido militarmente os territórios papais na Lombardia, atual Itália. Hildegarda e Frederico I mantiveram uma relação conturbada, principalmente devido à postura de enfrentamento que o Imperador manteve com a Igreja, representada pelo poder papal. No início, foi uma relação mais cordial, inclusive com uma visita de Hildegarda ao Palácio Imperial de Ingelheim, uma das sedes do poder imperial, em que ela previu alguns acontecimentos que se tornaram realidade. Nas palavras do Imperador: “nós informamos a você, **santa senhora**, que agora temos em mão aquelas coisas que você nos previu quando nós a convidamos a nossa presença enquanto estávamos na corte em Ingelheim” (Frederick I *apud* Hildegarda de

---

Aachen (1164 und 1165) - aufweisen, darauf, wie nach dem Investiturstreit die Sakralität der Herrschers durch die »Heiligkeit« des Reichs verdrängt wurde”.

<sup>82</sup> “Frederick was a charismatic idealist, a persuasive realist and, at least at the start of his reign, a willing negotiator. His high ambitions were threefold: to subjugate the papacy to imperial power, to re-establish the Holy Roman Empire in its ancient glory and to end the civil unrest which had split his country asunder for nearly seventy-five years”.

Bingen, *Carta n° 314*, v. III, tradução própria<sup>83</sup>, grifo próprio). É possível perceber o respeito que o Imperador nutria por Hildegarda, nos vocativos que usou para se referir a ela, como “santa senhora”, “amada senhora” e “senhora de Bingen”, isto é, líder do próprio mosteiro, ainda mais se considerarmos a carta enviada por Hildegarda, logo após Frederico I assumir o trono do Império como rei:

Ó, rei, é imperativo que você tenha visão em todas as suas atitudes. Em uma visão mística eu vejo você como garotinho ou um louco vivendo diante dos ‘Olhos Vivos’ [Deus]. No entanto, você ainda tem tempo para governar os assuntos do mundo. Cuidado, portanto, para que o Rei todo-poderoso não se rebaixe por causa de sua cegueira, que não vê corretamente como conduzir um governo adequado. Cuide para que suas atitudes não o façam perder a graça de Deus (Hildegarda de Bingen, *Carta n° 313*, v. III, tradução própria<sup>84</sup>).

Frederico I não seguiu os conselhos da abadessa e, em 1159, deu início a uma nova Querela das Investiduras, que ficou conhecida como Cisma entre Império e Papado ou Cisma Papal, em que disputou a autoridade de nomear os bispos com o Papa Alexandre III (1105-1181), nomeando três antipapas em dezoito anos (Dronke, 1988). Hildegarda documentou esse período nos prólogos de duas das principais obras visionárias, conforme Quadro 3:

---

<sup>83</sup> “We inform you, holy lady, that we now have in hand those things you predicted to us when we invited you to our presence while we were holding court in Ingelheim”.

<sup>84</sup> “O king, it is imperative for you to have foresight in all your affairs. For in a mystic vision I see you like a little boy or some madman living before Living Eyes.” Yet you still have time for ruling over worldly matters. Be-ware, therefore, that the almighty King does not lay you low because of the blindness of your eyes, which fail to see correctly how to hold the rod of proper governance in your hand. See to it that you do not act in such a way that you lose the grace of God.”

**Quadro 3 – Prólogo das Obras de Hildegarda de Bingen**

<i>Libro de los merecimientos de la vida (LMV)</i>	<i>Libro de las obras divinas (LDO)</i>
Isto aconteceu comigo, uma simples mortal, no nono ano após a verdadeira aparição que me manifestara revelações autênticas que sofri por dez anos [...] Assim, o ano em que completei sessenta e um anos, que é 1158 da Encarnação do Senhor, reinando Frederico como <b>Imperador de Romanos, por infelicidade para a Sede Apostólica</b> (Hildegarda de Bingen, <i>LMV, Prólogo</i> , tradução própria <sup>85</sup> , grifo próprio).	Assim, no ano de 1163 da Encarnação do Senhor, sob o reinado do Imperador Frederico, <b>não reduzida ainda a opressão exercida sobre a Sede Apostólica Romana</b> , uma voz do céu se dirigiu a mim (Hildegarda de Bingen, <i>LOD, Prólogo</i> , tradução própria <sup>86</sup> , grifo próprio).

Fonte: elaboração própria (2023).

Nota: elaborada a partir da comunicação *Ecos do milenarismo na obra de Hildegarda de Bingen*, apresentada na XIX Jornada de Estudos Antigos e Medievais, em 2020.

Nos dois prólogos notam-se a importância e a preocupação de Hildegarda em datar historicamente suas obras, além de sua postura política em defesa da Igreja ao tratar Frederico Barba Ruiva como opressor, “Imperador dos Romanos” (não dos cristãos) e “infelicidade para a Sede Apostólica”. Além de entender a importância histórica, datar as obras era uma forma de se diferenciar das místicas, como sua contemporânea e conterrânea Elisabeth de Shönau (1129-1154), que recebia as visões em êxtase ou em sonhos. Hildegarda recebia as visões acordada, ouvindo com os ouvidos exteriores e vendo com os olhos exteriores, nunca em estado de êxtase (Hildegarda de Bingen, *Carta n° 103r*; Fig. 1). Ao datar as obras, Hildegarda definiu quando teve as suas visões conforme o tempo dos homens, não apenas no plano espiritual, o que garantiria credibilidade as suas visões e evitaria questionamentos sobre a veracidade delas (Newman, 2017; Pernoud, 2020; Van de Poll, 2009).

O cisma entre o Papado e o Império se arrastaria por quase duas décadas, com a nomeação de três antipapas, por Frederico Barba Ruiva, dividindo os bispados entre os apoiadores do Império e os da Igreja, o que Hildegarda chamou de “[...] cisma dos cismas”, ou “[...] cisma negro” (Hildegarda de Bingen, *Carta 169*, v. II; *LMV*, p. I, c. 16, tradução própria<sup>87</sup>). É preciso observar que este cisma foi mais

<sup>85</sup> “Esto me pasó a mí, una simple mortal, el noveno año después que la aparición verdadera me manifestara revelaciones auténticas por las que padecí durante diez años. [...] Así pues, el año en que cumplí los sesenta y uno, que es el 1158 de la Encarnación del Señor, reinando Federico como Emperador de Romanos, por desgracia para la Sede Apostólica”.

<sup>86</sup> “Así pues, en el año 1163 de la Encarnación del Señor, bajo el reinado del emperador Federico, no reducida todavía la opresión ejercida sobre la sede apostólica romana, una voz del cielo se dirigió a mí”.

<sup>87</sup> “And I saw that the twenty-four elders, who sit around the throne [cf. Apoc 4.4ff], moved the glass sea, which is before the throne [cf. Apoc 4.6], and they said: Let us move the vain foundations of mockery laid down by those who seek to substitute their injustice for justice; and let us move the

que uma discordância sobre o direito de proclamar o líder da Igreja, mas uma disputa política de poder e, conseqüentemente, uma disputa militar, em que “[...] a dura realidade física do conflito deve ser enfatizada: houve tempos cruéis, sangrentos e cheios de massacres” (Baird; Ehrman, 1994, p. 11, tradução própria<sup>88</sup>). Os anos de conflito “[...] foram muito mais sombrios e sangrentos que uma mera disputa administrativa entre cardeais sobre quem deveria ser o papa” (Maddocks, 2013, p. 219, tradução própria<sup>89</sup>).

Portanto, “[...] os mosteiros que apoiavam o Papa sofriam a opressão das tropas imperiais” (Atherton, 2001, p. 246, tradução própria<sup>90</sup>). No caso das dioceses, os bispos eram destituídos pelo Imperador, como aconteceu com Heinrich de Mainz, um dos grandes apoiadores de Hildegarda, pelo qual ela intercedeu em carta enviada ao Papa Eugênio III (Hildegarda de Bingen, *Carta n° 5*, v. I). Hildegarda também enviou cartas àqueles perseguidos pelo Império, como Conrado, que se tornou bispo de Mainz em 1162, exortando-o a se manter fiel à Igreja e resistir ao Império (Hildegarda de Bingen, *Carta n° 21*, v. I).

Ainda que defendesse a autoridade papal, Hildegarda não desprezou a proteção imperial (Anexo 4), concedida por Frederico I, em 1163, quando esteve em Mainz para audiências públicas (Atherton, 2001; Santos-Paz, 2020). A proteção imperial aconteceu depois da escrita do *Libro de los merecimientos de la vida* e no ano do início da escrita do *Libro de las obras divinas*, isto é, após críticas abertas ao Imperador, sem contar as que foram enviadas nas cartas e, mesmo assim, a proteção imperial nunca foi retirada do mosteiro de Hildegarda (Baird; Ehrman, 1994). A proteção imperial ao Mosteiro de Rupertsberg era essencial para salvaguardar física e financeiramente, as freiras e o próprio mosteiro, pois evitava a violência e o saque das tropas imperiais (Atherton, 2001). Já no final de sua vida, Hildegarda pôde ver o desfecho do conflito com a reconciliação entre Frederico Barba Ruiva e o Papa Alexandre III, mediado pelo Arcebispo Christian de Mainz, em 1177.

---

sparks of burning injustice kindled by those who say that they govern the people, but do not really govern them; and let us move the weeds of various squalid morals and the gilt cords of illusions and the schisms of schisms”.

<sup>88</sup> “And unless it be thought that these were mere ideological struggles, the harsh, physical reality of the conflict must be stressed: there were cruel, bloody, slaughter-filled times”.

<sup>89</sup> “Events of the next eighteen years, the period which history has named the ‘Papal Schism’, were far darker and bloodier than a mere administrative tiff between cardinals over who should be pope might indicate”.

<sup>90</sup> “a period when the monasteries supporting the pope suffered oppression from imperial troops”.

Juntando-se à independência financeira dada pela proteção da Arquidiocese de Mainz, que desobrigou Hildegarda de prestar contas ao Mosteiro de Disibodenberg, no decreto imperial é conferido o título de Abadessa à Hildegarda, único documento contemporâneo que a denominou dessa forma, bem como a salvaguarda de todos os bens do Mosteiro de Rupertsberg, mesmo após a morte dela. Muitas estudiosas, como Silvas (1998) e Meconi (2018), por exemplo, não a consideram como abadessa devido à definição dos mosteiros duplos, em que Hildegarda estaria subordinada ao abade de Disibodenberg. No entanto, como já demonstrado, o Mosteiro de Rupertsberg estava sob proteção direta da Arquidiocese de Mainz (*Doc. 231, MUB 2, pp. 416-18 apud Silvas, 1998*), usufruindo de independência religiosa, financeira e administrativa e Hildegarda respondia diretamente ao Arcebispo, enquanto o abade de Disibodenberg deveria oferecer suporte por meio da concessão de padres e confessores, mas não interviria nas eleições da líder religiosa ou em outras questões do mosteiro. Com base nessa evidência histórica, pela independência e importância que teve como líder religiosa, defendo o título de abadessa à ‘senhora de Bingen’, como Frederico Barba Ruiva a chamou em missiva já citada.

Do mesmo modo que não foi possível separar o contexto político do religioso, tampouco foi possível separar o educacional do religioso. Na próxima seção são abordadas as heresias do século XII, os principais intelectuais e figuras públicas contemporâneos de Hildegarda de Bingen, bem como a disputa entre o novo conhecimento e o antigo.

### **2.2.2 Contextos religioso e educacional do século XII**

Entendendo a História como processo de longa duração, Le Goff (2014) afirmou que houve diversos renascimentos culturais na sociedade europeia e não apenas aquele compreendido entre os séculos XIV e XVII. Para o autor, o século XII pode ser considerado um desses períodos de renascimento cultural, religioso e político, o que Bloch (2009) já havia descrito na obra *A sociedade feudal*. O século XII é associado às “[...] ideias de progresso e renovação [...]”, a partir da ênfase na dupla ser humano e natureza, como uma cosmovisão de mundo, em que houve “[...]”

uma nova teologia especulativa coexistente com um programa tradicional [teologia] fundamentado na exegese bíblica” (Dronke, 1992, p. 21-22, tradução própria<sup>91</sup>).

Há pelo menos três possíveis motivos para o renascimento na sociedade do século XII: a) o surgimento das primeiras comunas (cidades)<sup>92</sup>; b) o surgimento das primeiras universidades europeias<sup>93</sup>, intimamente ligadas às cidades; c) o contato mais próximo com a sociedade do Oriente, devido às Cruzadas. O surgimento das cidades modificou substancialmente a relação entre homens e natureza, uma vez que necessitou da ampliação e do domínio de novos territórios, em que o trabalho foi dividido entre os ambientes rural, citadino e entre as próprias cidades (Raquel Rolnik, 1994; Oliveira, 2019). As cidades foram organizadas a partir dos pequenos ofícios, compostos por artesãos que se especializaram nas mais diferentes profissões, tornando a cidade o próprio mercado, o que as caracterizou como dimensões pública e coletiva da vida das pessoas (Rolnik, 1994). O surgimento dos pequenos ofícios provocou uma modificação da própria maneira de existir dos homens, em que “[...] havia um espaço cultural comum a toda a cristandade e não mais representado pela repartição geográfica e política da Alta Idade Média” (Le Goff, 2014, p. 18).

As universidades no Ocidente surgiram na Europa na Idade Média, primeiramente como corporações em torno de um mestre, que orientava seus alunos (Ullmann, 2000; Nardi, 1996; Oliveira, 2009). Não havia necessidade de serem regulamentadas pela Igreja ou pelos reis (Nardi, 1996). Essa situação se alterou quando as universidades começaram a se expandir, juntamente com as cidades. As cidades que possuíam universidade, tinham prestígio e, conseqüentemente, aumentavam a riqueza dos habitantes, do comércio e dos professores, em que os

---

<sup>91</sup> “[...] for the persistent tendency to associate the twelfth century with ideas of progress and renewal [...]. It is clear that a new, speculative theology comes to coexist with the traditional programme, grounded in biblical exegesis”.

<sup>92</sup> Sobre as cidades na Idade Média, há duas definições consagradas: uma apresentada por Pirenne (2009), de que as cidades medievais eram ainda as cidades romanas, que se mantiveram após a queda do Império Romano, constituíram-se como sedes episcopais e foram reestruturadas a partir das feiras e do comércio. Le Goff (1992) apresenta que as cidades foram o resultado das confluências das feiras comerciais, em que os pontos comerciais e a organização das corporações de ofício converteram-se em espaço citadino medieval. Nenhuma das duas definições poderia ser nomeada como surgimento ou ressurgimento das cidades. Quanto à expressão comuna, foi comum no século XIX, como espaços criados pelos camponeses que se tornaram artesãos, lutando contra os senhores feudais para conseguir a liberdade de comercializar e de circular, em fins do século XII, início do século XII. Somente nesse caso, seria possível nomear como ressurgimento ou renascimento das cidades.

<sup>93</sup> Não havia nenhuma universidade na região de Hildegarda. As primeiras universidades na região surgiram apenas no século XIV. A universidade mais próxima aos mosteiros de Hildegarda seria a de Paris (Rüegg, 1996).

últimos, por meio das corporações (gérmen das universidades) tornaram-se reconhecidos e disputados entre diferentes reinos (Ullmann, 2000). A primeira universidade a ser instituída foi a de Bologna pelo Imperador Frederico Barba Ruiva por meio da *Authentica Habita/Constituto Habita*, a Lei Orgânica das Universidades, entre 1155-1158, em que reconheceu os direitos, tanto aos mestres, quanto aos estudantes (Oliveira, 2017; Nardi, 1996).

A sociedade medieval reconhecia o papel social da universidade como fonte não apenas de conhecimento, mas como vetor de desenvolvimento social e a formação da própria classe dirigente, ou seja, as universidades sempre estiveram ligadas ao próprio poder, seja o temporal, seja o espiritual (Oliveira, 2017). Apesar de alguns governantes temerem a formação de um poder paralelo, havia uma disputa entre as cidades, de modo a fazer com que as universidades estivessem (e permanecessem) em seus territórios, o que incluía, o juramento de fidelidade de reitores ou outros mestres – o que era repudiado pelos estudantes, os quais prezavam por acompanharem seus mestres, mesmo que isso significasse mudar de cidade – e a disputa entre o poder da Igreja e o poder dos imperadores ou reis (Nardi, 1996; Ullman, 2000). A partir dessas disputas, foram criadas muitas universidades, ora sob a ‘pena Papal’ ora sob a ‘pena dos reis’, em que esses últimos almejavam “[...] funcionários com melhor formação e mais cultos e, especialmente, porque desejavam possuir e controlar um centro de educação que rivalizasse com os centros intelectuais mais antigos e famosos” (Nardi, 1996, p. 94). Esses centros foram fundados pela Igreja ou estavam sob a tutela dela, como os mosteiros ou as escolas catedrálcias, por exemplo.

É preciso ponderar que as escolas monásticas – ligadas diretamente aos mosteiros e/ou abadias, a um ambiente mais rural – e as escolas catedrálcias ou episcopais, ligadas às catedrais, à formação do clero secular, de leigos e ao ambiente citadino, dividiram espaços com as universidades, ou deram origem a elas (Ullmann, 2000). Lanzieri Júnior (2014) destacou que houve a produção de novos conhecimentos dentro dos mosteiros, bem como nas escolas catedrálcias e que opô-las, como a historiografia do século XX fez, não seria o modo mais adequado de as interpretar, principalmente as escolas monásticas. Um exemplo sobre a importância dessas instituições encontra-se no surgimento da Universidade de Paris, que aconteceu de forma

[...] natural e espontânea, das escolas monásticas de São Vítor e Santa Genoveva, e das escolas episcopais [catedralícias] de São Germano e Notre-Dame, conhecidos como centros de teologia. Três instituições – São Vítor, Santa Genoveva e Notre-Dame – podem ser consideradas como o tríplice berço da Universidade parisiense (Ullmann, 2000, p. 147).

O terceiro possível motivo que teria impulsionado o renascimento cultural no século XII foi o contato, mesmo que por meio da violência das Cruzadas, com o Oriente, com a redescoberta dos escritos clássicos da Antiguidade (Fraboschi, 2012). Em termos culturais, as Cruzadas exerceram um forte papel, ao permitirem o contato com a cultura árabe, tanto nas artes, como na filosofia e no comércio, o que foi primordial para o desenvolvimento das cidades, dos próprios mosteiros, para que os últimos se tornassem centros e difusores da cultura (Fraboschi, 2012; Reinhardt, 2007). De acordo com Atherton (2001, p. XVII, tradução própria<sup>94</sup>), “[...] novos conhecimentos científicos e médicos do mundo árabe chegaram até à Europa por meio da experiência das Cruzadas”, além da influência das traduções árabes das obras de Aristóteles<sup>95</sup> e outros pensadores gregos clássicos (Singer, 1928).

Considerando essas condições, não foi fortuita a presença de tantos intelectuais que dividissem espaço com Hildegarda, no século XII, conforme Fig. 3. Foram intelectuais ligados às escolas monásticas, catedralícias e às universidades, como Hugo de São Vítor (1096-1141) e seu discípulo, Ricardo de São Vítor (1110-1173), Gilberto de La Porrée (1076-1142), Pedro Abelardo (1079-1142), Guilherme de Conches (1090-1154), João de Salisbury (1120-1180), Bernardo Silvestre (1085-1160); aos mosteiros, como Heloísa (1090-1164), Bernardo de Claraval (1090-1153) e Elizabeth de Shönau (1129-1164). Dentre todos, destaca-se, ainda, o filósofo e professor da Universidade de Paris, Pedro Lombardo (1110-1160), responsável pela escrita das *Sententiae libri quatuor*, comumente conhecidas como glosas – comentários explicativos dos textos bíblicos – escrita entre 1142-1157, difundida durante os séculos XII e XIII (Reinhardt, 2007). Embora o recorte temporal proposto tenha sido a partir da autorização papal para continuar escrevendo

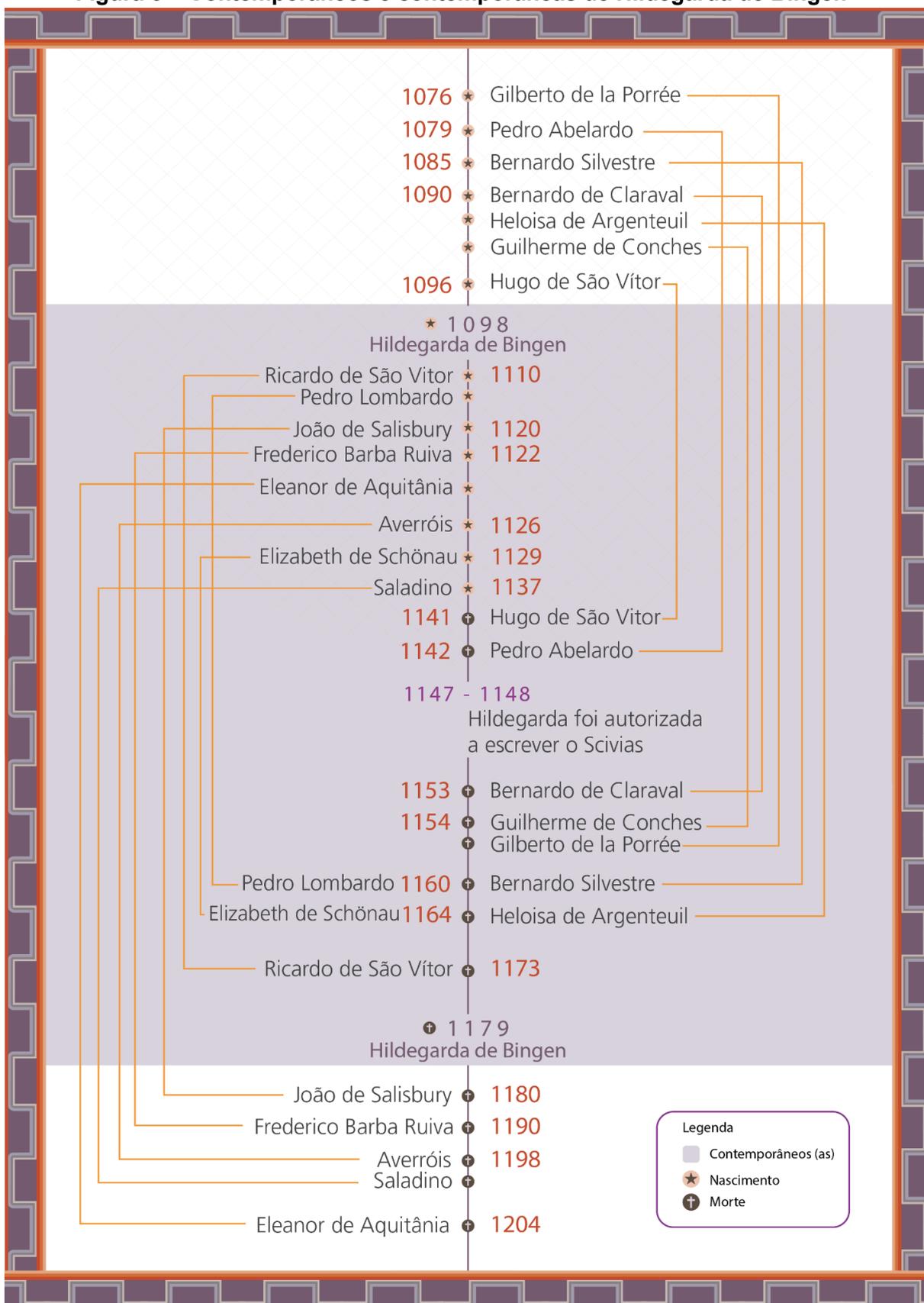
<sup>94</sup> “New scientific and medical knowledge from the Arab world also made its way into Europe through the experiences of the Crusades”.

<sup>95</sup> “The great translator from the Arabic, Gerard of Cremona (1114 to 1187), was her [Hildegarda] contemporary, and his labor at Toledo made available for Latin reader a vast number of scientific works which had previously circulated only among Arabic-speaking peoples. Several of these works, notably Messahalāh’s *De Orbe*, and the Aristotelian *De Caelo et Mundo*, and parts of the *Meteorologica*, which contain material on the form of the Universe and on the nature of the elements, evidently reached the Rhineland in time to be used by Hildegard” (Singer, 1928, p. 80).

(1147-1148), a escrita do *Scivias* foi iniciada em 1141, o que justifica a presença de Gilberto de La Porrée e Hugo de São Vítor como contemporâneos à Hildegarda.

Frederico Barba Ruiva e Saladino (1137-1198) foram contemplados na Fig. 3 pela liderança militar e política que desempenharam no século XII, durante os conflitos dentro da Europa e as Cruzadas, respectivamente. Averróis (1126-1198) foi contemplado por ser um intelectual árabe, que se dedicou ao estudo das obras de Aristóteles e que, no século XIII, tornou-se uma referência constante nas obras de Tomás de Aquino (1225-1274) e dos pensadores contemporâneos a ele (Dronke, 1988). Eleanor de Aquitânia também dividiu espaço no cenário do século XII, devido à influência política e à intelectual que desempenhou ao lado de seus esposos, os reis Luiz VII (1120-1180) da França e Henrique II (1133-1189) da Inglaterra; e de seus filhos, os reis Ricardo I (1157-1199), o Coração de Leão, e João I (1166-1216), o Sem-Terra, ambos da Inglaterra. Pernoud (1984) analisou a importância da corte de Aquitânia, tanto na região quanto na Inglaterra, principalmente na área literária, da valorização do amor cortês, baseado na mesma vassalagem entre senhores feudais (cavaleiros) e servos, em que os primeiros são representados pelas mulheres e os segundos pelos homens.

**Figura 3 – Contemporâneos e contemporâneas de Hildegarda de Bingen**



Fonte: elaboração própria (2023).

Nota: arte elaborada por Roger Dourado (2023).

Foram essas pessoas, ou melhor, com as ideias delas que Hildegarda dialogou em suas cartas, ao defender a Igreja das heresias, tanto aquelas advindas de movimentos heréticos da sociedade quanto daquelas que provinham das incipientes universidades ou escolas catedralícias. As heresias se constituíram e constituem como uma fonte importante para analisar as relações da Igreja, como instituição reguladora da sociedade do século XII, mas também para compreender as disputas de poder dentro do meio eclesiástico (monges vs seculares, aqueles que não estavam ligados a nenhuma ordem religiosa), entre o poder espiritual vs temporal, no contexto feudal (Ana Paula Magalhães, 1998).

Para esta tese, foram utilizados dois conceitos para heresias, um complementar ao outro: a) o oficial da Igreja Católica; b) como conhecimento novo, em contraposição ao conhecimento antigo que a Igreja representava. No *Código de Direito Canônico* (L. III, Cân. 751, 1983, p. 138), heresia é

[...] a negação pertinaz, depois de recebido o batismo, de alguma verdade que se deve crer com fé divina e católica, ou ainda a dúvida pertinaz acerca da mesma; apostasia, o repúdio total da fé cristã; cisma, a recusa da sujeição ao Sumo Pontífice ou da comunhão com os membros da Igreja que lhe estão sujeitos.

O conceito de heresia somente poderia ser considerado em oposição à ortodoxia – doutrina ou verdades da fé – porém não seria qualquer ortodoxia, somente a cristã e católica, definida e defendida pela Igreja (Magalhães, 1998). Os hereges apresentavam-se como “[...] alternativas dentro da doutrina e reivindicam para si mesmos o verdadeiro bastião condutor da fé” (Magalhães, 1998, p. 221). A heresia constituiu-se como contraposição aos conhecimentos tradicionais produzidos pela fé católica.

Falbel (1976, p. 13) defendeu que “[...] os séculos XII e XIII poderiam ser chamados de séculos heréticos [...]”, do ponto de vista da Igreja Ocidental, uma vez que a acompanhou desde o início do cristianismo primitivo e foi denominada como “[...] uma doutrina contrária aos princípios da fé oficialmente declarada [...]” e se intensificou nesses séculos. O que caracterizou as heresias do século XII foi

[...] seu cunho popular assentado sobre uma nova visão ética da instituição eclesiástica e do cristianismo como religião vigente na sociedade ocidental [...] e alertar a sociedade cristã de que os seus

representantes desvirtuavam a verdadeira imagem da religião fundada por Cristo (Falbel, 1976, p. 13; 14).

O surgimento das cidades e, conseqüentemente, as novas relações estabelecidas pelo comércio de bens, agregadas à mobilidade tanto de pessoas como de mercadorias, podem ser elencados como vetores para a proliferação das heresias durante o século XII (Magalhães, 1998). Ao que pode ser acrescentado

[...] como fator decisivo e importante no desenvolvimento das heresias o impulso cultural e espiritual motivado pelo chamado Renascimento do século XII. Até o século XII foram traduzidos ao latim partes da Lógica de Aristóteles e grande parte do Timeu de Platão, a Matéria Médica de Dioscórides, o Physiologus, os tratados de Galeno e Hipócrates e partes do Liber Regalis de Ali ibn Abbas. Nos séculos XII e XIII é que foram traduzidos para o latim grande parte dos textos árabes, gregos e hebraicos. Praticamente a partir daí é que Aristóteles passou a ser conhecido no Ocidente. Até então, predominava o platonismo na interpretação agostiniana Fabel (1976, p. 19).

A forma de combate às heresias era a excomunhão, em síntese, quem definia o que seria considerado heresia e qual seria a pena para se reconciliar ou ser perdoado por esse pecado era a Igreja (Falbel, 1976; Magalhães, 1998). A partir do Concílio de Verona (1148), a sociedade civil, representada por seus soberanos, deveria combater as heresias em nome da fé e da própria manutenção da sociedade, sob pena de excomunhão, isto é, de não ser mais considerado como parte da cristandade (Falbel, 1976).

Newman (2017, p. 42) considerou que “[...] Hildegarda era zelosa da ortodoxia [...]”, suas visões respondiam aos anseios de sua época (Van de Poll, 2009; Cirlot, 2003) e havia interesse em transformá-la em uma “[...] figura icônica de determinados movimentos e ideologias” (Santos-Paz, 2020, p. 92, tradução própria<sup>96</sup>). Para isso, precisou assegurar que as suas obras não fossem consideradas heréticas, que o pensamento defendido estivesse em consonância com a doutrina da Igreja e que não fosse julgada “[...] mal, por causa de suas visões” (Maria Cristina Martins; Edla Eggert, 2022). A consonância com a doutrina da Igreja

---

<sup>96</sup> “En la formación de la reputación de Hildegarde como profetisa del futuro, vinculada a todo tipo de conflictos políticos, sociales y religiosos que se produjeron al final de la Edad Media, e incluso después, influyeron diversos factores, como la existencia de una auténtica dimensión profética en su producción, la coincidencia de temas y motivos de sus escritos con la tradición profética bajomedieval o el interés por convertirla en una figura icónica de determinados movimientos e ideologías”.

foi nítida na primeira carta escrita por Guibert de Gembloux para a abadessa:

[...] quem prova quão doce e sadia é sua **doutrina católica**, sem imediatamente clamar por você: ‘Os seus lábios são como lábios de mel, sob sua língua há leite e mel’ [Cant. 4, 11]; ‘as suas plantas são um paraíso de romãs com os frutos do pomar’ [Cant. 4, 13]? Verdadeiramente, santa mãe, segundo a promessa do Senhor, rios de água viva fluem para nós do seu ventre [cf. João 7,38] e para a alegria da cidade de Deus (a Igreja), você se tornou ‘**a fonte dos jardins**’ na Igreja, ‘a fonte de águas vivas, que correm com correnteza do Líbano’ [Cant. 4,15] (Guibert of Gembloux *apud* Hildegarda de Bingen, *Carta n° 102*, v. II, tradução própria<sup>97</sup>, grifo próprio).

Em uma linguagem poética, Guibert apresentou Hildegarda como uma defensora da doutrina católica, uma fonte da verdadeira doutrina, por meio das visões que recebia diretamente de Deus. Antes de conquistar essa relevância, Hildegarda em sua primeira carta, escrita a Bernardo de Claraval, ao descrever como não havia contado a ninguém sobre as visões que recebia – exceto o monge Volmar – sinalizou sua preocupação com as heresias: “[...] eu não ousei contar essas coisas para ninguém, porque há tantas heresias no exterior, como tenho ouvido” (Hildegarda de Bingen, *Carta n° 1*, v. I, tradução própria<sup>98</sup>). Ao Papa Eugênio III, Hildegarda escreveu pedindo que lesse seus escritos com benevolência (cf. nota 51), defendendo-se das “[...] muitas pessoas sábias nas coisas mundanas, em sua própria instabilidade, menosprezaram meus escritos, criticando-me, uma pobre criatura formada da costela, ignorante das questões filosóficas” (Hildegarda de Bingen, *Carta n° 2*, v. I, tradução própria<sup>99</sup>).

Hildegarda se referiu, possivelmente, aos filósofos Pedro Abelardo e Gilberto de La Porrée, ao tratar das questões filosóficas, na carta ao Papa Eugênio III (Baird; Ehrman, 1994). Em 1148, data da carta, Pedro Abelardo, Guilherme de Conches e Gilberto de La Porrée já haviam sido condenados por heresia – com destaque para a

---

<sup>97</sup> “Or who tastes how sweet and sound your Catholic doctrine is, without immediately crying out about you: "Thy lips are as a dropping honeycomb, honey and milk are under thy tongue" [Cant 4.11]; "thy plants are a paradise of pomegranates with the fruits of the orchard" [Cant 4.13]?”

Truly, holy mother, rivers of living water flow to us from your belly [cf. John 7.38], according to the promise of the Lord, and for the joy of the city of God (which is the Church) you have become "the fountain of gardens" in the Church, "the well of living waters, which run with a strong stream from Libanus" [Cant 4.15]?”.

<sup>98</sup> “I have not dared to tell these things to anyone, since there are so many heresies abroad in the land, as I have heard”.

<sup>99</sup> “[...] In their instability, many people, those wise in worldly things, disparage these writings of mine, criticizing me, a poor creature formed from a rib, ignorant of philosophical matters”.

participação de Bernardo de Claraval na condenação deles – e precisaram se retratar diante da Igreja por suas teses (Dronke, 1988; Baird; Ehrman, 1994). Dronke (1992) denominou esses autores como os inovadores do século XII, devido ao teor das obras escritas por eles, como a reinterpretação dos escritos antigos (*Timeu* de Platão e *Tratado sobre a Trindade* de Boécio<sup>100</sup>, por exemplo), a dedicação aos estudos da gramática, dialética, lógica, a relação entre a Filosofia e a Teologia para explicar racionalmente a própria fé. Dronke (1992, p. 5, tradução própria<sup>101</sup>) afirmou que a escolha por esses autores como inovadores justificou-se pela “[...] originalidade filosófica embutida neles [...]”, diferentemente dos autores considerados místicos como Ricardo de São Vítor, Bernardo de Claraval, a própria Hildegarda de Bingen<sup>102</sup> ou sua conterrânea Elizabeth de Shönaeu.

Um dos inovadores com quem Hildegarda dialogou, indiretamente, foi Gilberto de La Porrée, professor na Escola de Chartres, *alma mater* dos grandes estudiosos do século XII, na Universidade de Paris e bispo em Poitiers (França), considerado um dos principais comentadores das obras de Boécio (480-524), como o *Tratado da Trindade* (Rebello, 2022). La Porrée defendeu que a teologia somente seria soberana nas questões da fé, como se observa neste trecho: “nas demais disciplinas, nas quais se acomodam regulamente a generalização e a necessidade, a razão não segue a fé, sim a fé a razão” (*Comentário del segundo libro de Boecio sobre La Trinidad*, §7°).

Em seu comentário sobre a *Trindade*, Gilberto de La Porrée defendeu que não poderiam ser predicadas as mesmas características às três pessoas da Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo), logo, não poderiam compartilhar da unidade entre si, que era a tese defendida por Boécio. A paternidade não poderia ser característica do Filho e do Espírito Santo, apenas do Pai, o que diferia da explicação dada por Boécio, em que paternidade seria apenas do Pai, mas se

---

<sup>100</sup> O Tratado sobre a Trindade, de Boécio, encontra-se disponível em: [https://www.veritatis.com.br/tratado-sobre-a-trindade/#google\\_vignette](https://www.veritatis.com.br/tratado-sobre-a-trindade/#google_vignette), traduzido por Luiz Jean Lauand. Nesta tese, utilizamos como fonte apenas o comentário de La Porrée sobre o tratado.

<sup>101</sup> “[...] the writings of six thinkers are outlined in greater detail, with special emphasis on the elements of philosophical originality embedded in them”.

<sup>102</sup> Newman (2017) não considera que Hildegarda tenha sido uma mística – o que também corroboro – no sentido estrito do termo ( Georgina Rabassó, 2013) e sim uma escritora que se utilizou da crença mística, isto é, de um relacionamento mais profundo com Deus, para apresentar ao mundo as profecias recebidas do Deus Vivo e se tornar voz Dele. No entanto, não possuía as características das místicas tradicionais, como por exemplo, o estado de transe para receber as visões, a prática de rigoroso ascetismo e a subjetividade de noiva de Cristo – que no caso de Hildegarda ou são as virgens que se dedicam a servir à Igreja ou a própria Igreja.

relacionaria com as outras características por meio da filiação e da conexão, mantendo a unidade entre as três pessoas da Trindade.

Para exemplificar como Hildegarda combateu a tese de Gilberto de La Porrée sobre a natureza da Trindade<sup>103</sup>, foram utilizadas as cartas trocadas com Odo de Soissons e Guibert de Gembloux. Odo de Soissons, professor de Teologia na Universidade de Paris, em 1148 – um ano após a leitura e aprovação do *Scivias*, no Sínodo de Trier – consultou-a sobre a Trindade: “[...] nós, ainda que nos encontramos longe de você, temos a confiança de pedir algo: muitos sustentam que paternidade e divindade não são Deus” (Odo de Soissons *apud* Hildegarda de Bingen, *Carta n° 40*, v. I, tradução própria<sup>104</sup>). Já a carta de Guibert de Gembloux, escrita em 1176, foi a compilação de trinta e cinco questões dos monges cistercienses da Abadia de Villers (atual Bélgica), em que foi reconhecida a autoridade teológica de Hildegarda e a fama que teve durante a sua vida. A pergunta vinte e seis da carta foi sobre a questão da Trindade:

[...] no Evangelho, o Senhor diz sobre si mesmo: ‘De Deus Eu procedi e vim’ [João 8,42], e o Espírito Santo, ‘O espírito que procede do Pai’ [João 15,26]. Qual é a diferença entre a origem do Filho e a origem do Espírito Santo? Ele é chamado de Filho, o que não pode, nem deve ser dito do Espírito Santo. Assim, qual a diferença entre a geração do Filho e a origem do Espírito Santo, já que ambos procedem do Pai? (Guibert of Gembloux *apud* Hildegarda de Bingen, *Carta n° 105*, v. II, tradução própria<sup>105</sup>).

Ambas as cartas foram escritas por teólogos que já possuíam certa fama em Paris (Baird; Ehrman, 1994). A carta de Odo foi uma referência direta a La Porrée, escrita em 1148, após o Concílio de Reims, posto que o último foi condenado por heresia, enquanto o primeiro teve a sua tese aprovada. A pergunta dos monges de

---

<sup>103</sup> A cláusula *Filioque*, como ficou conhecida a disputa intelectual e dogmática entre os cristãos do Oriente (gregos) e do Ocidente (latinos) sobre a proveniência do Espírito Santo, terceira pessoa da Trindade. Para os gregos, provinha apenas do Pai, primeira pessoa da Trindade. Já para os latinos, provinha tanto do Pai quanto do Filho, segunda pessoa da Trindade. No Concílio de Bari/Itália, realizado em 1098 (ano que Hildegarda nasceu), Anselmo de Bec (1033-1109) defendeu, a pedido do Papa, a doutrina de que o Espírito Santo provinha tanto do Pai quanto do Filho perante os gregos e em 1099 publicou a obra *De processione spirictus sancti* com o sermão que proferiu na ocasião (Reinhardt, 2007).

<sup>104</sup> “Despite the fact that we live far away, we have the utmost confidence in you, and, therefore, we would like for you to resolve a certain problem for us. Many contend that God is not both paternity and divinity. Would you please explain to us in a letter what you perceive in the heavens about this matter”.

<sup>105</sup> “In the Gospel, the Lord says of Himself, ‘From God I proceeded, and came’ [John 8.42], and of the Holy Spirit, ‘The spirit, who proceedeth from the Father’ [John 15.26]. What is the difference between the ‘procession’ of the Son and the ‘procession’ of the Holy Spirit. For He is called the Son, wich cannot, and ought not, to be said of the Holy Spirit. What is the difference, then, between the begetting of the Son and the ‘procession’ of the Holy Spirit, since both of them come from the Father?”

Villers também dialogou com a tese de La Porrée. Na pergunta, parte do argumento desenvolvido pelo bispo de Poitiers em que não é possível predicar as mesmas características às três pessoas da Trindade. É importante observar que em quase trinta anos que separam as duas cartas, a pergunta sobre a Trindade, ou melhor, a constituição do dogma da Trindade, não estava consolidado pela Igreja. Aliás, considerando que o comentário de La Porrée é sobre Boécio, é possível afirmar que o dogma sobre a Trindade esteve em discussão desde o século V.

Não teria sido Hildegarda quem respondeu a Odo e sim o próprio Deus. Hildegarda descreveu que olhou para a Luz Viva e

[...] e aprendeu, vendo na verdadeira Luz – certamente não pela minha própria cognição – que Deus é de fato tanto paternidade quanto divindade, pois o homem não tem capacidade para falar sobre Deus da mesma forma que falaria de sua própria humanidade ou da característica que define um trabalho feito pelas mãos humanas (Hildegarda de Bingen, *Carta n° 40r*, v. I, tradução própria<sup>106</sup>).

Neste excerto, Hildegarda retomou o próprio pensamento de Boécio ao explicar que há alguns mistérios da fé que são inexplicáveis aos seres humanos, posto que são totalmente divinos. Conforme a abadessa, “[...] Deus é uno e indivisível, sem começo nem fim, não pode ser dividido por uma palavra como o homem, pois Deus é totalidade, por essa razão, nada pode ser adicionado ou subtraído D’ele” (Hildegarda de Bingen, *Carta n° 40r*, v. I, tradução própria<sup>107</sup>). Hildegarda contestou a tese de La Porrée, definindo-a como a negação do próprio Deus, ou seja, uma heresia e apresentou o argumento da necessidade de nomear a Deus, por meio da própria razão, o que justificaria a Trindade, com diferentes pessoas e funções, mas que possuiria a mesma substância divina.

A resposta às trinta e cinco perguntas dos monges de Villers foram reunidas na obra *Las soluciones de Hildegarda de Bingen a las 38 cuestiones enviadas por Guibert de Gembloux*<sup>108</sup>. Na *Carta n° 109r*, escrita em 1177, Hildegarda informou que

<sup>106</sup> “I looked and I learned, seeing in the true Light – certainly not through my own cogitation – that God is indeed both paternity and divinity, for man does not have the capacity to speak of God in the same way that he would speak of the humanness of a human being or the defining characteristic of a work made by human hands”.

<sup>107</sup> “The Living Light, therefore, says in the secret word of wisdom: God is complete and whole, and has no beginning in time, and so He cannot be divided by a word as man can, for God is nothing other than entirety, and for, this reason nothing can be added to or subtracted from Him”.

<sup>108</sup> A edição utilizada é de 2013, sob responsabilidade de Carlos Larrainzar, para a rede Hildegardiana. São 38 questões e não 35, porque foram reunidas as questões que Guibert já havia

havia conseguido responder a apenas catorze das trinta e cinco questões, mas essas respostas não foram reunidas no epistolário da abadessa (Baird; Ehrman, 1998). Nessa carta, Hildegarda deu voz à segunda pessoa da Trindade, o próprio Jesus, para que se apresentasse como Filho de Deus e Aquele concebido por uma mulher. Desse modo, foi concebido pelo Espírito Santo – o que o tornava divino (santo) – e, carnalmente, por Maria, o que garantia a sua humanidade. Sobre o Espírito Santo, o Filho afirmou que “[...] desde a eternidade existe como vida ígnea, como elevação suprema na igualdade da vida e, por Quem existem todas as formas que pelo Filho foram criadas, movendo-se invisivelmente” (Hildegarda de Bingen, *Las soluciones [...]*, q. 23, solução., §1º, tradução própria<sup>109</sup>). Ao apresentar o Filho, Hildegarda também enfatizou a sua concepção de ser humano como alma e corpo, de naturezas distintas, mas intrinsecamente unidos, constituindo-se na totalidade indivisível.

Não obstante, ter combatido as heresias advindas dos conhecimentos novos, como o de La Porrée, Hildegarda defendeu a Igreja, veementemente, da heresia dos cátaros, proferindo um de seus discursos mais famosos, na Catedral de Colônia, entre 1161-1163 – ano em que vários heréticos cátaros foram queimados em Colônia (Hildegarda de Bingen, *Carta n° 15r*, v. I). Os cátaros ou albigenses foram o movimento herético com maior repercussão e representatividade no século XII, inclusive surpreendendo o Papa Eugênio III, quando esteve em visita à Colônia antes do Sínodo de Trier, entre 1147-1148 (Falbel, 1976; Baird; Ehrman, 1994). O nome cátaros vem de *cathari* (puros) e albigenses, provenientes da cidade de Albi, no sul da França, onde havia uma grande influência herética (Falbel, 1976). Além da região da atual França, os heréticos estavam presentes na região do Sacro Império Romano-Germânico (atuais Alemanha Ocidental e Norte da Itália), em Flandres e “foi entre os cavaleiros pobres, mercadores e artesãos que a heresia se tornou mais popular no século XII” (Falbel, 1976, p. 38).

A doutrina cátara era dualista e defendeu a existência de dois deuses, um responsável pelo bem e o divino, das coisas celestes, enquanto, o outro seria o deus do mal, das coisas terrenas e materiais (Falbel, 1976). Eram praticantes de um

---

enviado em sua primeira carta, a *Carta n° 102*. O download da edição pode ser realizado em: [http://www.hildegardiana.es/5pdf/soluciones\\_38\\_cuestiones.pdf](http://www.hildegardiana.es/5pdf/soluciones_38_cuestiones.pdf).

<sup>109</sup> “Este Espíritu Santo que enciende, en efecto, y que desde la eternidad existe como vida ardiente, como elevación suprema en igualdad de vida, y por Quien existen todas las formas que por el Hijo han sido conformadas, se mueve invisiblemente”.

ascetismo rígido, com jejuns e penitências prolongadas; contrários ao matrimônio; defensores do celibato; dos votos de pobreza; do abandono completo das coisas mundanas; não acreditavam na transubstanciação da Eucaristia (quando o pão se torna corpo e o vinho se torna sangue de Jesus na liturgia católica); não acreditavam que Jesus foi o redentor e escolhido e sim um anjo que indicou o “[...] caminho da salvação [...]” (Falbel, 1976, p. 42).

Na *Carta n° 15r*, em resposta aos clérigos de Colônia, Hildegarda os advertiu por deixarem os cátaros espalharem-se pela cidade, acusando-os de negligenciar seus votos perante à Igreja, devido às “[...] riquezas, avareza e outras atividades vãs, vocês não ensinam apropriadamente seus subordinados nem permitem que eles busquem as instruções que vocês poderiam dar” (Hildegarda de Bingen, *Carta n° 15r*, v. I, tradução própria<sup>110</sup>). Destaque para a função de ensinar outorgada àqueles que eram líderes da Igreja, que necessitavam guiar o povo para a salvação, por meio do ensino das doutrinas verdadeiras, contra as falsas.

O pedido de uma comunidade de irmãos à Hildegarda, evidenciava a fama da abadessa e a credibilidade de sua palavra: “[...] nós temos ouvido de pessoas verdadeiras que você escreveu contra a heresia dos cátaros, da forma como você aprendeu por meio dos segredos de Deus [...]” (Hildegarda de Bingen, *Carta n° 169*, v. II, tradução própria<sup>111</sup>). Hildegarda os advertiu para que extirpassem a heresia dos cátaros de seu meio “[...] pois vocês não podem ser chamados de mestres, sacerdotes, reis, líderes e príncipes do povo diante de Deus, enquanto permitirem que essas pessoas vivam entre vocês [...]”, sob pena de maldições sobre a cidade (Hildegarda de Bingen, *Carta n° 169r*, v. II, tradução própria<sup>112</sup>). Novamente, destaque para o papel que deveriam desempenhar como mestres, ensinando a doutrina católica e não permitindo que as heresias se proliferassem, o que já havia sido defendido por Hildegarda, anos antes, no *Scivias*, sem se referir diretamente aos cátaros.

---

<sup>110</sup> “And because of the radium brought on by your riches, avarice, and other vain pursuits, you do not properly teach your subordinates, nor indeed do you even allow them to seek instruction from you”.

<sup>111</sup> “We have heard from truthful persons that you have written against the heresy of the Cathars, just as you learned to do through a vision of the secrets of God”.

<sup>112</sup> “And do this immediately, lest you be cursed by God and peace flee from you. For you cannot be called teachers, and priests, kings, leaders, and princes of the people before God while you allow these people to live among you, for your cities and villas will be destroyed, and your estates will be plundered while these wicked people remain among you”.

[...] Vós, que estais no topo do governo e ainda permaneceis em humilde sujeição, expulsai este mau do meio de vós, pois ele despreza o temor de mim e se opõe a mim, o Criado do céu e da terra. Expulsai-o do meio de vós com tal força que ele jamais possa fixar uma raiz em vossa consciência ou pôr o pé em vossa companhia, para que os doces unguentos de vossas boas obras não se tornem sem valor (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. II, v. 5, c. 52).

Hildegarda cumpriu a disposição do Concílio de Verona ao incitar que todos deveriam combater as heresias, não apenas a Igreja. Para a abadessa, os cátaros foram “[...] seduzidos pelo demônio, servindo como os emissários dele e virão com rostos pálidos e vestidos de santidade. Serão aliados dos grandes príncipes seculares” (Hildegarda de Bingen, *Carta n° 15r*, v. I, tradução própria<sup>113</sup>). É preciso ressaltar a ironia que utilizou ao tratar da santidade dos cátaros, ao associá-los a emissários do demônio, aos saduceus e aos judeus, inimigos da fé católica, desvirtuando a origem pura do nome deles (Hildegarda de Bingen, *Carta n° 15r*, v. I; *Carta n° 169r*, v. II; *Carta n° 387*, v. III). Hildegarda enfatizou o caráter herético dos cátaros, ao defini-los como

[...] as pessoas que negam o primeiro princípio de Deus, que é que Ele criou todas as coisas e ordenou que existissem e se multiplicassem. Essas são as pessoas que negam que o Verbo se tornaria homem, o que já estava previsto desde tempos antigos (Hildegarda de Bingen, *Carta n° 169r*, v. II, tradução própria<sup>114</sup>).

Em relação ao tratamento das mulheres, que possuíam mais autonomia na liturgia e foram acolhidas nas comunidades cátaras (Duby, 1994), Hildegarda alertou que também foram seduzidas. Do ponto de vista da abadessa, os cátaros eram incapazes de amá-las como esposas ou respeitá-las no desempenho das funções religiosas. Le Goff (2014, p. 64) ressaltou que no século XII houve “[...] verdadeiramente uma forte corrente anti matrimonial [...] o casamento é objeto de descrédito”. Um exemplo do descrédito do casamento é a relação entre Pedro Abelardo e Heloísa de Argenteuil, em que, principalmente, a última acreditava que era incompatível a concomitância entre a Filosofia e o matrimônio, porque a segunda

<sup>113</sup> “But the people who will do this, themselves seduced by the devil and serving as this emissaries, will come with wan faces and, clothing themselves in sanctity. Will ally themselves with great secular princes”.

<sup>114</sup> “These are the people who deny first principles, that is, that God created all things, and commanded them to was and multiply. These are the people who deny the sovereign principle, that is, that it was clear even before the ancient days that the Word of God was bound to become man”.

função não deixaria que a primeira se desenvolvesse em todo seu potencial (Le Goff, 2014). Hildegarda foi na direção oposta ao defender o matrimônio para os laicos, como uma possibilidade de manter a diferenciação entre os que se dedicavam somente à Igreja e aqueles que manteriam a sociedade secular (Hildegarda de Bingen, *Scivias*).

Ao atuar como uma defensora da fé, Hildegarda também foi uma das intelectuais que ajudou assegurar os dogmas da Igreja, uma ortodoxia de longa duração e tradição, o que é explícito em suas obras que, em última instância, tiveram como objetivo ensinar (Cirlot, 2001). Na próxima seção, as obras da abadessa são descritas, bem como os acontecimentos que as influenciaram, conforme Fig. 2.

### **2.3 Três décadas de escrita: *Scivias*, *El Libro de los merecimientos de la vida* e *o Libro de las obras divinas***

Observe na Fig. 2 que Hildegarda já havia proferido os votos como reclusa em Disibodenberg, mas não havia se tornado abadessa, enquanto a Querela das Investiduras perdurava no século XII. A sua formação inicial na Igreja teve como cenário a disputa entre os poderes espiritual e temporal, o que a influenciou em todas as suas obras teológicas, ao garantir a supremacia do poder espiritual em detrimento do temporal. Apesar de haver questionamentos sobre a autoria das obras de Hildegarda, os estudos de Gussem (2021) e Kesmont, Deploige e Sara Moens (2013) comprovaram, a partir de uma análise de estilo de escrita, com auxílio de um *software*, a autoria de Hildegarda tanto nas cartas quanto nos textos autobiográficos constantes na *Vita*, provando que os secretários que a ajudaram na transcrição das visões que teve, não interferiram no conteúdo, apenas nas correções gramaticais para o latim. O que não se pode desconsiderar era o respeito que os secretários tinham por Hildegarda, devido a sua autoridade profética e pelas ‘ameaças’ sobre a revisão de suas obras, como descritas no *LDO*:

[...] que nenhum homem seja tão audacioso que adicione algo às palavras desta escritura, aumentando-a, ou suprimindo,

diminuindo-a, para que não seja apagado do Livro da Vida e de toda boa-aventurança abaixo do sol [...]. Porém, aquele que ouse pensar de outra maneira, peca contra o Espírito Santo. Por isso, nem aqui nem no mundo futuro será perdoado (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. III, v. 5, c. XXXVIII, §6º, tradução própria<sup>115</sup>).

Como o contexto de produção do *Scivias* foi explorado nas seções 2.1 e 2.2.1, nesta seção a obra foi descrita no que tange a sua estrutura. O *Scivias*, sua primeira obra teológica, foi endereçada às freiras e aos monges do Mosteiro de Disibodenberg, de modo a ensiná-los qual deveria ser o papel a ser desempenhado por eles (Newman, 2017; Fraboschi, 2012). Na época da escrita do *Scivias*, Hildegarda já era abadessa da parte feminina do mosteiro, o que justificaria seu interesse em ensinar àquelas que estavam sob a sua tutela. Em seu último grande livro, o *LDO*, já mais para o final de sua vida, Hildegarda, por meio da voz do próprio Deus, descreveu como se sentiu durante a escrita do *Scivias*: “[...] o som é como o pensamento, a palavra é como a ação. Desta sombra nasceu o livro *Scivias*, apresentado por um corpo de mulher, que já foi a sombra da robustez e da saúde, porque essas forças não estavam presentes nela” (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. III, v. 3, c. III, tradução própria<sup>116</sup>).

*Scivias* é a abreviação de *Scito vias Domini*, em português: Conhece os caminhos do Senhor. A obra é composta por três grandes livros: *Livro I – O Criador e a Criação*, *Livro II – O Redentor e a redenção* e *Livro III – As virtudes e a história da salvação*. Ao todo, *Scivias* possui vinte e seis visões, distribuídas irregularmente entre os livros, em que o Livro III possui a mesma quantidade de visões – ao todo treze – que os Livros I e II juntos. Além disso, acompanham a obra trinta e cinco iluminuras, produzidas por volta de 1165, no escritório de Rupertsberg sob supervisão de Hildegarda (Newman, 2017; Abtei St. Hildegard, 2016).

*El libro de los merecimientos de la vida*, junto com *Scivias* e o *Libro de las obras divinas*, também foi escrito sob inspiração divina (cf. Quadro 3), quando Hildegarda já era uma senhora de sessenta e um anos. O livro apresentou o embate

<sup>115</sup> “Por ello, que ningún hombre sea tan audaz que añada algo a las palabras de esta escritura, aumentándola, o suprima, disminuyéndola, para que no sea borrado del Libro de Vida y de toda bienaventuranza bajo el sol; a no ser que suceda a causa de la transcripción de las letras o de los dichos que han sido proferidos con sencillez por inspiración del Espíritu Santo. Pero aquel que ose pensar de otra manera, peca contra el Espíritu Santo. Por ello, ni aquí ni en el mundo futuro esto le será perdonado”.

<sup>116</sup> “El sonido que es como el pensamiento, la palabra es como la obra. De esta sombra nació el libro *Scivias* presentado por un cuerpo de mujer, que fue como la sombra de la robustez y la salud, porque estas fuerzas no estuvieron presentes en ella”.

entre os vícios e as virtudes, em que trinta e cinco vícios, bem como trinta e cinco virtudes, foram descritos pormenorizadamente (ver Anexo 5, item 1). No caso das virtudes, algumas já haviam sido descritas no *Scivias* e no drama litúrgico *Ordo Virtutum*<sup>117</sup> (Fraboschi, 2011). *El libro de los merecimientos de la vida* é uma obra dialógica, ou seja, é por meio do diálogo entre vícios e virtudes que os conhecemos. Diferentemente do *Scivias* e do *Libro de las obras Divinas*, há apenas uma visão no início do livro, do Filho do Homem (Jesus, segunda pessoa da Trindade), que é recapitulada ao começo de cada parte do livro – ao todo são seis partes – olhando para uma direção diferente, dependendo do objetivo de cada parte, em que as imagens apresentadas são relacionadas ora às virtudes, ora aos vícios. Nessa obra, não há nenhuma iluminura para ilustrar essa visão. Ao refletir sobre o *LMV*, assim como sobre o *Scivias*, ao final de sua vida, Hildegarda, por meio da voz de Deus, descreveu como adoeceu ao escrever sobre os vícios e virtudes:

[...] ela mesma contempla sua obra, que fez de acordo com ordem da água viva, quando revelou por meio da inculta mulher que foi escolhida, algumas das virtudes naturais das coisas e o que está escrito no *Libro de los merecimientos de la vida* e outros profundos mistérios que aquela mulher viu em visões verdadeiras, pelas quais acabou adoecendo” (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. III, v. 3, c. III, §6°, tradução própria<sup>118</sup>).

O livro foi escrito em período de grande atividade literária e de viagens da abadessa. Havia oito anos que Hildegarda e suas freiras estavam estabelecidas no Mosteiro de Rupertsberg. Foi escrito durante o cisma entre Papado e Império; no meio da disputa com o Mosteiro de Disibodenberg sobre os bens que pertenciam a ela e as freiras que a acompanharam a Rupertsberg; e após a proteção imperial de Frederico Barba Ruiva ao Mosteiro de Rupertsberg (Fig. 2; Anexo 4). Enquanto escrevia o *LMV*, Hildegarda terminou de escrever as obras *Physica*<sup>119</sup> e *Causae et curae* – suas obras médicas e de tratado natural (Pernoud, 2020 ).

<sup>117</sup> O *Ordo Virtutum* não foi utilizado como fonte nesta tese, por já constar como parte do *Scivias* (L. III, v. 13). Em 2020, Débora Duarte Costa publicou uma tradução do drama para a língua portuguesa, na Revista *Nunt Antiquus*, a partir da tradução crítica de Pudentiana Barth OSB, M. Immaculata Ritscher OSB e Joseph Schmidt-Görg. A tradução está disponível em [https://periodicos.ufmg.br/index.php/nuntius\\_antiquus/article/view/25954](https://periodicos.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/25954).

<sup>118</sup> “Y ella misma contempla su obra, que dispuso según el recto orden a la sombra del agua viva, cuando reveló por medio de la inculta mujer que he nombrado, algunas de las virtudes naturales de las cosas y lo que está escrito en el Libro de los Méritos de la Vida y otros profundos misterios que aquella mujer vio en visiones verdaderas, por lo cual a menudo ha enfermado”.

<sup>119</sup> A obra está em fase de tradução para o português pela professora Maria Cristina da Silva Martins, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A autora já divulgou alguns excertos das traduções nas revistas *Cadernos de Tradução* (2019) e *Rónai* (2020).

Fraboschi (2011) definiu que dois fatos de cunho pessoal são importantes para entender o *LMV*. O primeiro fato se refere à partida de Richardis von Stade<sup>120</sup> (1124-1152), a freira que ajudou Volmar a compilar e corrigir o *Scivias*, preferida de Hildegarda. Richardis foi eleita abadessa de Bassum, após articulação de seu irmão Hartwig, bispo de Bremen. Bassum era um mosteiro consolidado e mais famoso que Rupertsberg na época (Maddocks, 2013). Richardis não era reclusa do Mosteiro de Bassum, mas conseguiu ser eleita abadessa por outras reclusas que nem a conheciam, ao que Hildegarda acusou Hartwig de cometer simonia, justificando sua oposição à nomeação de sua ‘filha preferida’:

[...] eu não me oponho a nenhuma seleção que Deus tenha feito, nem nunca faria tal coisa. Portanto, em nome Daquele que deu a vida por nós e de sua santa Mãe, peço a você, sacerdote de Melquisedec [cf. Sal 104,4; Heb. 5,6; 6,20], que me devolva minha filha querida. Caso você faça isso, Deus o abençoará como Isaac abençoou seu filho Jacó [cf. Gn 27, 27-29] e como anjo abençoou a Abraão pela obediência que teve (Hildegarda de Bingen, *Carta n° 12*, v. I, tradução própria<sup>121</sup>).

Seguindo a *Regra de São Bento* (c. 27, §5°), “[...] o Abade deve, pois, empregar extraordinária solícitude e deve empenhar-se com toda sagacidade e indústria, para que não perca alguma das ovelhas a si confiadas [...]”, Hildegarda escreveu diversas cartas, incluindo Henrich, arcebispo de Mainz e o Papa Eugênio III, para que ambos intercedessem e não permitissem a partida de Richardis, o que foi em vão. Ela perdeu sua ovelha preferida. O segundo fato refere-se às contestações das freiras de Rupertsberg sobre a sua autoridade, inconformadas com as dificuldades da implantação de um mosteiro novo, comparado ao conforto de Disibodenberg.

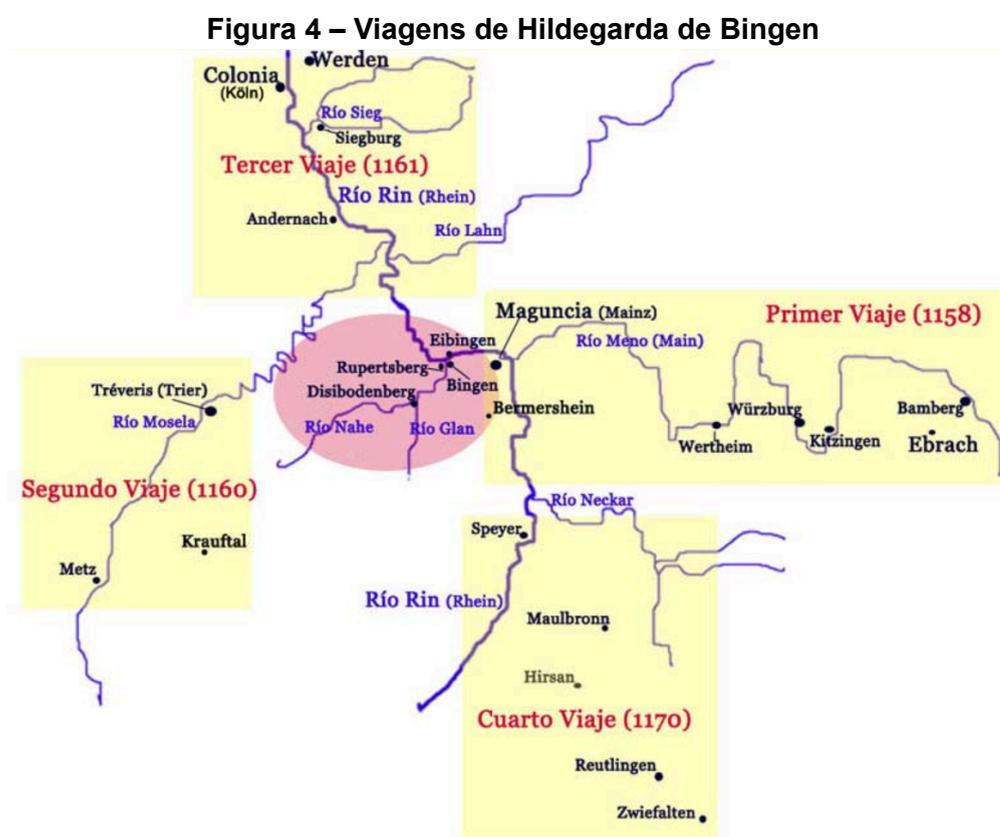
De todos os fatos citados, o que me surpreendeu, como leitora e pesquisadora contemporânea, foram as três viagens que realizou nesse mesmo período para pregação (ver Fig. 4). Afinal, estamos falando de uma senhora de 61 anos com uma saúde frágil, em uma ambiente hostil e que viveu “[...] durante

<sup>120</sup> Richardis von Stade era prima distante de Jutta von Sponheim – *magistra* de Hildegarda – ambas pertencentes à aristocracia renana da época (Silvas, 1998).

<sup>121</sup> “I do not oppose any selection God has made, nor Would I ever do so. Therefore, in the name of Him who gave his life for you and in the name of his holy Mother, I beseech you, you who hold the episcopal office in the order of Melchisedech [cf. Ps 104.4; Heb 5.6, 6.20], to send my dearest daughter back to me. If you do so, God will give you the blessing which Isaac gave to his son Jacob [cf. Gen 27. 27-29] and which He gave through his angel to Abraham for his obedience [cf. Gen 22. 15-18]”.

tempos difíceis: o fanatismo das cruzadas aumentava, o Grande Cisma da Igreja também ocorria naquele tempo e os conflitos entre governantes e o Papa, junto com movimentos heréticos, enfraqueceram seriamente a autoridade da Igreja” (Eling; Sakalauskaitė-Juodeikienė, 2021, p. 8, tradução própria<sup>122</sup>).

As viagens eram realizadas pelos rios da região ou pelas estradas (a cavalo). As cidades mais distantes em que pregou foram Bamberg, Zwiefalten, localizadas a 275 km e 298 km, respectivamente, na atual Alemanha, e Metz a 234 km, na França (Google Maps, 2023).



Fonte: Hildegardiana (2023)<sup>123</sup>.

No prólogo do livro, como em outras obras, Hildegarda atribuiu a escrita à inspiração do próprio Deus. Novamente ela se desqualificou e descreveu como resistiu a escrever, mas que a prostração por não revelar o que Deus ordenava, quase a matou, devido ao estado enfermo que esteve. Hildegarda escreveu sobre as obras anteriores, como *Scivias* (conf. Quadro 3), destacando o papel das visões que

<sup>122</sup> “Hildegard lived during difficult times: the fanaticism of the crusades was increasing, the Great Schism of the Church also occurred at that time, and conflicts between secular rulers and the pope, together with heretical movements, seriously weakened the authority of the Church”.

<sup>123</sup> Para mais informações, acesse: <http://www.hildegardiana.es/1vida.html>.

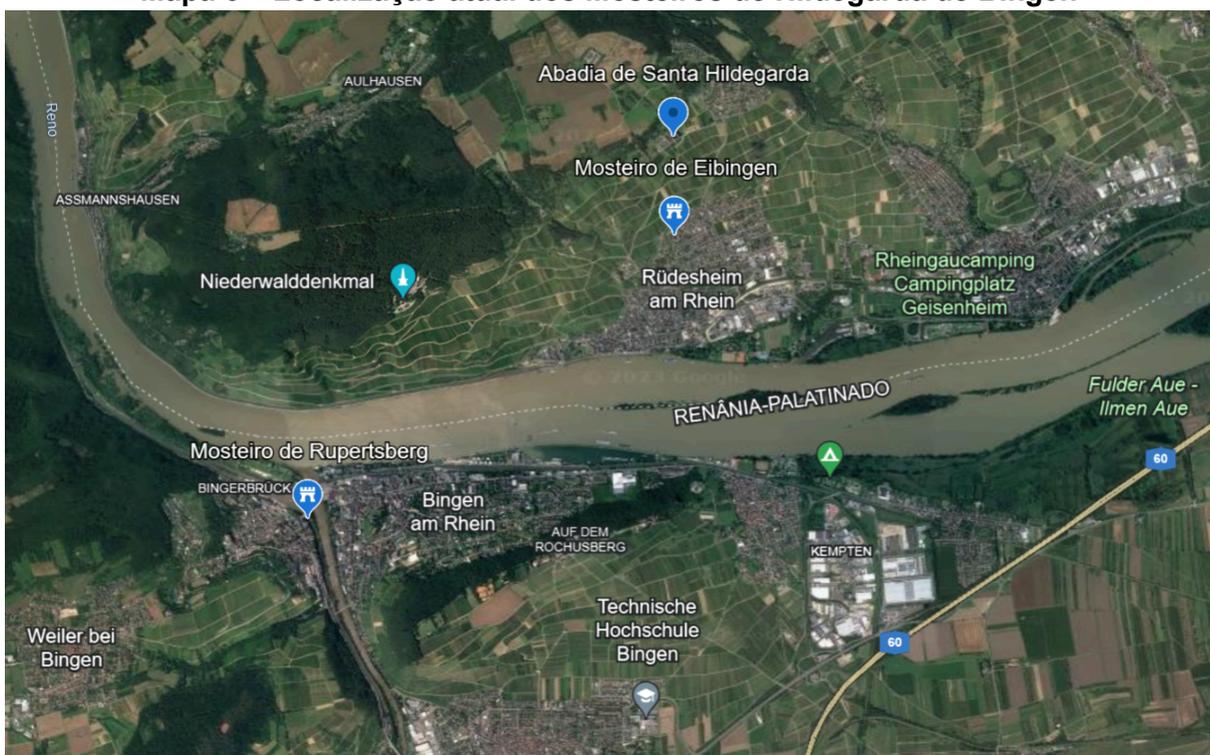
tivera

[...] passou isso a mim desde o primeiro ano, desde que a aparição que se manifestou para me explicar as qualidades e a natureza das diversas coisas criadas, as respostas e conselhos para muitas pessoas [cartas], tanto de status superior como inferior, a sinfonia harmônica das revelações celestiais [*Symphonia*], os escritos de língua desconhecida [*Língua Ignota*] e algumas outras explicações (Hildegarda de Bingen, *LMV, Prólogo*, §1º, tradução própria).

Fraboschi (2011) definiu que o *LMV* foi a obra mais prática de Hildegarda, complementar ao *Scivias*. Na obra, a abadessa explicava como seria possível ser perdoado dos vícios e alcançar a salvação eterna. Hildegarda, principalmente, nessa obra, teve fé no ser humano, posto que se houvesse arrependimento de coração e penitência, o Espírito Santo levaria suas preces a Deus. Demonstrou como seria a condenação e purificação após a morte, mas também durante a vida, pelas penitências – oportunidade de arrependimento – em consonância ao pecado e à possibilidade física e emocional de se penitenciar. Na verdade, o título faz jus à obra, pois cada um receberia conforme suas ações. É uma obra de esperança, de reconstrução de uma nova sociedade, sem vícios. A obra funcionou como um manual de salvação individual para quem a lesse.

O *Libro de las obras divinas* foi a última grande obra de Hildegarda. A escrita foi iniciada tão logo foi concluído o *LMV*, em 1163. Durante a escrita da obra, Hildegarda fez a sua última viagem de pregação e fundou seu segundo mosteiro em Eibingen (atual Rudesheim am Rhein), na outra margem do Rio Reno (Mapa 5), o qual ela visitava duas vezes por semana, atravessando o Reno de barco.

**Mapa 6 – Localização atual dos Mosteiros de Hildegarda de Bingen**



Fonte: Google Earth (2023)

**Figura 5 – Vista da localização atual de onde ficava o Mosteiro de Rupertsberg, na confluência dos rios Nahe e Reno (Bingen, Alemanha)**



Fonte: Britannica Academic (2023)<sup>124</sup>.

<sup>124</sup> A imagem foi acessada pelos recursos *online* disponibilizados na Universidade de Lisboa, durante viagem de estudos, em 20 set. 2023, por meio do auxílio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEM. Está disponível no seguinte link: <https://academic.eb.com/levels/collegiate/assembly/view/123402>.

Durante a escrita do *LDO*, escreveu, também, as obras menores: *Vita S. Disibodi*, *Vita S. Ruperti*, *Explanation Symboli S. Athanasii*, *Expositiones Evangeliorum* e perdeu seu grande amigo, confessor e secretário, Volmar. Após a morte de Volmar, entrou em conflito com Disibodenberg para conseguir outro secretário, apelando ao Papa Alexandre III, que ordenou que o abade de Disibodenberg atendesse ao pedido da abadessa (Hildegarda de Bingen, *Carta n° 10*). Para a finalização da obra, Hildegarda contou com a ajuda de Ludwig, abade de St. Eucharius<sup>125</sup> (1168-1173) e de Echternach<sup>126</sup> (desde 1973), pois Volmar, já havia falecido (Baird; Ehrman, 1998; Fig. 2). Ludwig e Hildegarda se tornaram grandes amigos e a abadessa confiava no trabalho do abade para revisar o *LDO*, o que pode ser visto no pedido constante na *Carta n° 215r*

[...] Pai gentil, eu dou graças a Deus e a você, porque vocês se dignaram a simpatizar comigo, uma pobre forma de mulher, em minha doença e dor. Agora, como uma órfã, trabalho sozinha na obra de Deus, porque meu ajudante foi tirado de mim, como Deus quis. O livro que estava escrevendo com a ajuda dele, pela graça do Espírito Santo, de acordo com a visão verdadeira [Deus] ainda não foi terminado. Tão logo seja concluído, oferecê-lo-ei a você para correção (Hildegarda de Bingen, *Carta n° 215r*, v. II, tradução própria<sup>127</sup>).

Na *Carta n° 217*, em que envia o manuscrito<sup>128</sup> para correção, Hildegarda fez uma promessa a Ludwig, apoiada em sua autoridade profética: “[...] agora, porque o Juiz Todo-Poderoso levou meu ajudante, submeto-lhe meu livro, e peço, humildemente, que o preserve com cuidado e o corrija diligentemente. **Então, seu nome será inscrito no livro da vida [...]**” (Hildegarda de Bingen, *Carta n° 217*, v. II,

<sup>125</sup> Atualmente, conhecida como St. Matthias' Abbey, em Trier, na França.

<sup>126</sup> A Abadia de Echternach está localizada em Luxemburgo. Mais informações são encontradas neste link: <https://basilika.lu/en/contact/>.

<sup>127</sup> “Gentle father, I give thanks to God, and to you, because you deigned to sympathize with me, a poor little form of a woman, in my infirmity and pai. Now, like an orphan I toil alone to do God's work, because my helper has been taken away from me, as it pleased God. The book that I wrote with his help through the grace of the Holy Spirit according to a true vision is not yet finished. As soon as it is completely written, I will offer to you for correction”

<sup>128</sup> Este manuscrito encontra-se na Universiteit Gent, na Bélgica, conforme catálogo de manuscritos disponibilizado por João Carlos Santos-Paz, em seu perfil na Academia: [https://www.academia.edu/31906903/Cat%C3%A1logo\\_de\\_manuscritos\\_de\\_Hildegarde\\_de\\_Bingen\\_A\\_Catalogue\\_of\\_the\\_Manuscripts\\_of\\_Hildegard\\_of\\_Bingen?email\\_work\\_card=view-paper](https://www.academia.edu/31906903/Cat%C3%A1logo_de_manuscritos_de_Hildegarde_de_Bingen_A_Catalogue_of_the_Manuscripts_of_Hildegard_of_Bingen?email_work_card=view-paper). O manuscrito mais famoso é o que se encontra na Biblioteca Estatal de Lucca, do século XIII, na Itália e pode ser acessado por este link: [https://www.internetculturale.it/jmms/iccuviewer/iccu.jsp?id=oai%3Awww.internetculturale.sbn.it%2Fteca%3A20%3ANT0000%3ALU0022\\_ms.1942&mode=all&teca=MagTeca+-+ICCU](https://www.internetculturale.it/jmms/iccuviewer/iccu.jsp?id=oai%3Awww.internetculturale.sbn.it%2Fteca%3A20%3ANT0000%3ALU0022_ms.1942&mode=all&teca=MagTeca+-+ICCU).

tradução própria<sup>129</sup>, grifo próprio). A voz que fez a promessa foi a de Hildegarda, como uma amiga de Ludwig e como Sibila do Reno. Era comum a prática de intercâmbio de manuscritos entre os mosteiros, como maneira de “[...] enriquecer os tesouros das bibliotecas [...]” e, graças a essa prática, salvaguardar as obras clássicas até nossos dias ( Ullmann 2000, p. 37).

No prólogo, Hildegarda apresentou-se a si e o conteúdo do livro “[...] começa o livro de uma simples mortal sobre as coisas divinas” (Hildegarda de Bingen, *LDO, Prólogo*, tradução própria<sup>130</sup>). As visões desse livro, começaram quando ela tinha sessenta e cinco anos e foram necessários sete anos para que começasse a escrevê-lo. O livro foi dividido em três partes, em que cada parte contou com quatro, uma e cinco visões, respectivamente. Cada uma das visões descritas foi acompanhada por uma iluminura. Hildegarda chamou a este livro como

[...] o livro das obras divinas, que é a escrita da Palavra de Deus, por aquela que viu a luz em toda criatura e que insuflou a vida a todas as coisas segundo a vontade do Pai eterno, como Ele havia ordenado de antemão, promulgou maravilhosamente essa escrita não como alguma doutrina da ciência humana, sem por meio de uma forma de mulher sensível e incauta, tal como Ele quis (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. III, v. 5, c. XXXVIII, §5°, tradução própria<sup>131</sup>).

O *LDO* foi a obra mais teológica de Hildegarda, em que ela pode revistar alguns conceitos de outras obras, com um olhar mais benéfico para os filósofos que as obras anteriores (Fraboschi, 2012; Gussem; Wouters, 2019). É a mais teológica por estar mais centrada na interpretação da Bíblia e na história da salvação do ser humano. A obra apresentou uma importante reflexão sobre a natureza, sobre os astros – inclusive que a Terra é redonda – não como um ovo, que apareceu no *Scivias*, mas como uma esfera. Discutiu a influência do sol e da lua nos humores das pessoas, bem como o vento e o ar – detalhando a anatomia humana e o funcionamento de alguns órgãos do corpo sob a regência desses astros. É possível identificar referência às seis idades da Terra, tal como Agostinho de Hipona propôs

<sup>129</sup> “Now, because the almighty Judge has taken my helper from me, I submit my writing to you, humbly asking you to preserve it carefully and correct it diligently. Then, your name will be inscribed in the book of life”.

<sup>130</sup> “Comienza el libro de una simple mortal sobre las obras divinas”.

<sup>131</sup> “El libro de la vida, que es la escritura de la Palabra de Dios, por la que vio la luz toda criatura y que insufló la vida de todas las cosas según la voluntad del Padre eterno, como Él lo había ordenado de antemano, promulgó maravillosamente esta escritura no con alguna doctrina de la ciencia humana, sino a través de una forma de mujer sencilla e indocta, tal como le plugo Él”.

(*Cidade de Deus*, v. II, l. IX-XV). Hildegarda também defendeu a inseparável relação entre corpo e alma, atribuindo destaque à razão e ao intelecto humano, que permitem ao ser humano ter discernimento entre o bem e o mal a partir da ciência.

Gussen e Wouters (2019) salientaram a evolução da primeira obra para a terceira obra, mesmo que tenham sido escritas como sequência uma das outras. Para os autores, nos últimos textos que Hildegarda nos deixou, houve a utilização de um vocabulário mais específico de termos, inclusive filosóficos. A hipótese dos autores é que isso ocorreu devido à experiência de Hildegarda e pelo conhecimento que adquiriu ao longo dos anos. Acrescento que, como intelectual, Hildegarda esteve ligada às questões de seu tempo, o que pôde ser comprovado pelas cartas, nas quais a abadessa conseguia responder os questionamentos e dialogar com os professores das Universidades ou clérigos de grandes mosteiros da época, como Odo de Soissons e Guibert de Gembloux.

As três obras possuem a mesma estrutura: 1º) visões; 2º) detalhamento das visões; 3º) explicação do significado da visão, a partir da interpretação da Bíblia e da doutrina da Igreja. Como a questão da Trindade marcou o pensamento de Hildegarda, como combatente das heresias, o que não espantaria que a forma de organização de seus escritos fosse de maneira trina. Fraboschi (2011) salientou que cada uma das obras poderia ser atribuída a uma das pessoas da Trindade. O destaque do *Scivias* seria o Pai, do *LMV* o Filho e do *LDO* o Espírito Santo. O *LMV* fugiu à regra trina, possui seis partes, além de ser diferente do *Scivias* e *LDO* em relação aos conteúdos, posto que os últimos trabalham com os mesmos temas: criação, redenção e salvação, funcionando como uma história da salvação humana. O que tinham em comum? As três obras tiveram por objetivo ensinar o caminho para a salvação às pessoas, por meio de um projeto de formação humana, baseado na prática das virtudes e na manutenção da ordem social vigente no século XII.

### 3 A ORDEM SOCIAL NO PROJETO DE FORMAÇÃO HUMANA DE HILDEGARDA DE BINGEN

Nesta seção, o objetivo é contextualizar o feudalismo<sup>132</sup> como sistema político e econômico, com características diferentes dependendo da região em que se desenvolveu, com foco na região do rio Reno, na Germânia. Para tanto, há um breve resumo do feudalismo, baseado no regime da vassalagem e a conceitualização das três ordens no feudalismo. Considerando as três ordens do feudalismo, apresento a importância das virtudes na sociedade medieval do século XII e como as virtudes Humildade e Obediência operaram para a manutenção de uma sociedade harmônica, conforme o pensamento hildegardiano, constituindo-se como base para o projeto de formação da abadesa de Rupertsberg.

#### 3.1 O feudalismo

O poder político do ano mil estava concentrado na Germânia (França – Normandia – e Alemanha), por meio da retomada do Sacro Império Romano-Germânico (Duby, 1998). Na região às margens do rio Reno, no lado germânico, o poder político estava menos fracionado que em outras regiões da Europa (Duby, 1998; Bloch, 2009). Bloch em *A sociedade feudal*, realizou um estudo abrangente das origens do feudalismo na Europa, a partir da França. O autor apresentou outras formas possíveis desenvolvidas na Inglaterra e na Alemanha, como contraponto ao modelo francês. Não houve apenas um tipo orgânico, unificado de feudalismo e sim vários, adaptáveis às regiões onde se desenvolveram (Bloch, 2009).

A palavra feudalismo, nascida na França, popularizou-se durante a Revolução Francesa, em 1789<sup>133</sup>. Antes disso, não era comum a sua utilização. Foi consagrada

---

<sup>132</sup> Como não sou uma 'historiadora de ofício', o objetivo desta seção não foi o de realizar uma ampla discussão sobre o que foi o feudalismo e a sua relevância histórica para a constituição da sociedade europeia – tema amplamente discutido por Ganshof (1976), Guerreau (1980), Pirenne (2009) e Bloch (2009). O que pretendi foi discuti-lo tendo em vista a inserção de Hildegarda de Bingen em seu contexto histórico e geográfico.

<sup>133</sup> Alexis Tocqueville (1805-1859) já havia analisado algumas características comuns ao feudalismo na Europa, bem como suas discrepâncias, na obra *O Antigo Regime e a Revolução*. O objetivo do

por Boulainvilliers (1655-1722) e Montesquieu (1689-1755), ao defenderem os princípios iluministas da revolução em contraposição à sociedade medieval (Bloch, 2009). No início do feudalismo, feudo se referia à doação de terra, um salário, funcionando como pagamento do senhor feudal aos seus vassallos. Como esse modelo de feudo era o mais comum, consagrou-se o uso de feudalismo para se referir a um sistema social, ou melhor, “estrutura social” (Bloch, 2009, p. 14). A vassalagem estava baseada em dois fatores: 1º na necessidade de se proteger; 2º na existência de alguém disposto a prover proteção, resumindo-se em

[...] ser ‘o homem’ de outro homem: no vocabulário feudal, não existia aliança de palavras mais difundida do que esta, nem mais rica de sentido. Comum aos falares românicos e germânicos, servia para exprimir a dependência pessoal, em si [...] a subordinação de indivíduo a indivíduo (Bloch, 2009, p. 168).

Ao procurarem proteção nos feudos, os vassallos estavam em busca dos meios de sobreviver, em troca de seu trabalho no campo ou onde o senhor necessitasse, inclusive, defendendo militarmente o próprio feudo (Bloch, 2009). A partir da vassalagem, tanto dos cavaleiros quanto dos homens livres, o senhor feudal mantinha seu domínio e deveria prover comida e paz, em troca da proteção (cavaleiros) e da produção de alimentos (trabalhadores). A sociedade estava organizada em torno do castelo do senhor feudal (Duby, 1998; Guizot, 1838). Guizot (1838), em *Histoire de la civilisation en France, depuis de la chute de l'Empire Romain*, descreveu como era a vida nesse período:

[...] freqüentemente no seu castelo, o possuidor do feudo nele viveu com sua mulher e filhos, quase seus únicos iguais, sua única companhia íntima e permanente. Sem dúvida, ele saía muito freqüentemente, para levar fora a vida brutal e aventureira que acabei de descrever; mas era obrigado a retornar. Era nele que se encerrava nos tempos de perigo (Guizot, 1838, p. 138, tradução de Oliveira (2000)<sup>134</sup>).

---

autor foi entender porque na França, em que o feudalismo já possuía uma forma mais leve de vassalagem, diferentemente da Alemanha, por exemplo, foi tão combatido pela Revolução Francesa, considerado como o antigo regime.

<sup>134</sup> As traduções da obra de Guizot *Histoire de la civilisation en France, depuis de la chute de l'Empire Romain* foram gentilmente cedidas por Terezinha Oliveira e encontram-se, acompanhadas dos trechos originais, nos Anais do II Ciclo de Estudos Medievais: Saber e Poder na Idade Média, realizado entre 17 a 19 de agosto de 2000, na Universidade Estadual de Maringá.

Como sistema político, o feudalismo organizava o poder de forma fragmentada, descentralizada e localizada, entre os senhores e os vassalos (Bloch, 2009). Considerando as grandes distâncias, dificuldades de locomoção e comunicação, um “poder localizado” seria mais eficaz (Bloch, 2009, p. 85), o que não impediu a circulação dos medievais, muito menos as trocas entre os diferentes feudos (Guizot, 1838). Ao político, juntava-se um poder espiritual, baseado, em princípio, em uma suposta unidade, o que na prática não era real, devido à instabilidade dos dogmas, às heresias e às diferentes crenças populares e místicas sobre os ditos eventos sobrenaturais (Bloch, 2009). A situação foi alterada a partir da Reforma Papal, que promoveu maior organicidade, unidade ao cristianismo, conseqüentemente, tornando a Igreja em uma instituição feudal (Bloch, 2009). O feudalismo pode ser considerado sistema econômico por se basear na troca de terras, onde cultivar os alimentos, em troca de receber proteção, entregando-se como pagamento, era natural para os vassalos. O senhor feudal não só exercia a sua influência, mas também enriquecia às custas da proteção que dava aos seus vassalos (Bloch, 2009).

Bloch (2009) defendeu a existência de duas idades feudais, em que a primeira estaria situada entre os séculos X e XII, seria mais estática, e a segunda entre os séculos XII-XIII, mais dinâmica. Na segunda idade feudal, as distâncias tornaram-se menores e mais acessíveis, permitindo uma troca maior entre os feudos. Houve o aumento demográfico e as terras começaram a ser cultivadas, o que permitiu o surgimento dos artesãos nas incipientes cidades. Na metade do século XI, em meio a essas disputas, a população total das terras germânicas eram, provavelmente, entre cinco ou seis milhões de pessoas<sup>135</sup>, em que

[...] a maioria morava em aldeias pequenas, vilarejos ou fazendas isoladas cercadas por pequenos roçados em meio a vastas florestas. Cabanas primitivas constituíam a maior parte das habitações, em que somente palácios reais, castelos, igrejas e mosteiros eram construídos para durar. A expectativa média de vida era de pouco mais de 30 anos: maior nas classes mais altas, menor nas mais baixas (Fulbrook, 2016, p. 28).

Estima-se que a população do século XII, tenha crescido para sete ou oito milhões, apresentando um desenvolvimento do comércio, organização dos artesãos

---

<sup>135</sup> Fulbrook (2016) arredondou as estimativas demográficas para os tempos atuais.

em corporações de ofício e crescimento das cidades, em que as “[...] cidades no Sul eram predominantemente de artesãos; as do Norte, de mercadores e comerciantes” (Fulbrook, 2016, p. 34). Na Germânia dos anos mil, o poder estava com o imperador, apoiado na Igreja, seja pelas dioceses ou mosteiros, responsáveis por ajudar a manter a sua aura divina e prezar por seu poder temporal (Duby, 1998). De acordo com o autor, “[...] na Germânia não é o senhor feudal, é o imperador, ainda que assume a missão de paz, que afasta a turbulência dos bispados e dos mosteiros ou que, de tempos em tempos, vem render homenagem ao Cristo, seu único Senhor” (Duby, 1998, p. 7).

E como eram esses senhores feudais? Em geral, quando pensava sobre isso, imaginava que apenas os homens desempenhavam esse papel, contudo “[...] a feudalidade medieval [admitiu] grandes damas ao lado de grandes senhores” (Le Goff, 2013, p. 147) e

[...] esta situação elevada e quase soberana, no próprio seio da vida doméstica, freqüentemente deu às mulheres da época feudal dignidade, coragem, virtudes, um brilho que absolutamente não tinham desenvolvido alhures, e isto contribuiu poderosamente, sem dúvida nenhuma, para seu desenvolvimento moral e progresso geral da sua condição. Isto não é tudo (Guizot, 1838, p. 130, tradução de Oliveira (2000)<sup>136</sup>).

Pernoud (1984) defendeu que durante o feudalismo houve um entendimento da complementaridade entre homens e mulheres. Soma-se a isso, a importância das abadessas como administradoras dos mosteiros em uma luta constante por independência de seus pares masculinos, como foi o caso de Hildegarda (Maddocks, 2013). Durante toda a escrita do *Libro de los merecimientos de la vida*, já em Rupertsberg, Hildegarda teve que enfrentar a oposição de seu antigo mosteiro para alcançar sua independência administrativa e financeira, a qual foi alcançada com o apoio de um importante aliado, Herman de Stahleck (1090-1156) – Conde Palatino da região do Reno<sup>137</sup>, esposo de Gertrudes, tia de Frederico Barba Ruiva –

<sup>136</sup> Os textos originais se encontram nos Anais do II Ciclo de Estudos Medievais: Saber e Poder na Idade Média, realizado entre 17 a 19 de agosto de 2000, na Universidade Estadual de Maringá.

<sup>137</sup> Herman de Stahleck foi conde palatino entre 1142-1156, na região do Reno. “O conde palatino era o representante jurídico, governador e “administrador de castelos e terras sob o domínio direto do soberano [...]. Na Alta Idade Média, não havia ‘capitais’ e o soberano viajava entre seus vários castelos e propriedades espalhados pelo reino e dependia delas para sustentar suas despesas, sua corte e seus exércitos próprios (além dos que podia convocar por meio dos vassallos). Cada um desses castelos e seu território era chamado um ‘palatinado’. Além de aconselhar o soberano e

e do arcebispo Arnold de Mainz (Schmandt; Kroker, 2014; Maddocks, 2013; Anexo 1).

Além de ter conseguido recuperar os dotes que seus familiares entregaram ao Mosteiro de Disibodenberg, quando suas 'irmãs' e ela ingressaram na vida religiosa, Hildegarda recebeu para o Mosteiro de Rupertsberg doações de terras de seus próprios irmãos, Hugo e Drutwin, e de Herman de Stahleck, tornando-se um poderoso mosteiro (por que não um feudo?), em apenas oito anos de estabelecimento. A descrição de bens que o mosteiro possuía em 1158 nos fornece evidências de sua grandeza:

[...] uma casa em Bergen  
 um vinhedo em Budesheim  
 parte (meia) casa em Bermersheim  
 cinco casas (mais meia) em Bermersheim  
 quatro casas em Wietersheim  
 uma casa em Harwesheim  
 um sexto de título em Roxheim e vinte servos  
 vinhedos perto de Bingen (equivalentes a 20 marcos)  
 três casas em Bermersheim (equivalentes a 15 marcos)  
 cinco casas em Appenheim (Maddocks, 2013, p. 129, tradução própria<sup>138</sup>).

Ressalto que se observadas as distâncias das cidades citadas, a influência do Mosteiro de Rupertsberg estendia-se pela região próxima ao Reno, bem como no interior, como Appenheim, Berger e a cidade natal de Hildegarda, Bermersheim, também às margens do Reno. Outro ponto de destaque era o pedágio que era cobrado pelo mosteiro para que as pessoas cruzassem seus domínios, inclusive pela rota fluvial do rio Reno (Maddocks, 2013; Atherton, 2001).

Na Germânia, o feudalismo era mais rígido e inflexível que em outras regiões do que viria a ser a Europa, em que havia “[...] sociedade aristocrática mais ‘dominada por castas’ do que a Inglaterra e a França” (Fulbrook, 2016, p. 29-30).

---

comandar suas tropas, eram os homens mais importantes para fazer valer o poder do soberano frente aos duques e marqueses, dos quais não podia depender nem confiar totalmente” (Costa, 2014).

<sup>138</sup> “A vineyard in Budesheim  
 A half-share of a house in Bermersheim  
 Five houses and a half-share in Bermersheim  
 Four houses in Wietersheim  
 A house in Harwesheim  
 A sixth part of a tithe in Roxheim and twenty servants  
 Vineyards next to Bingen (for the sum of 20 marks)  
 Three houses in Bermersheim (for 15 marks)  
 Five houses in Appenheim”.

Entre os séculos XI-XII, a Igreja e o Império ainda disputavam o poder – como foi demonstrado nas seções anteriores – o que levou a uma instabilidade não apenas nas relações entre eles, mas dentro do próprio Império, em que os soberanos e príncipes germânicos não eram capazes de controlar a seus subordinados (Fulbrook, 2016). Ao mesmo tempo em que o Império disputava o poderio político e, conseqüentemente, o econômico com a Igreja, dentro do próprio território, havia disputas entre as famílias aristocráticas entre si e contra o Imperador, o que Frederico Barba Ruiva tentou amenizar, já em seu primeiro ano como rei (Fulbrook, 2016; Herber; Neuhaus, 2005). A manutenção do Império e da própria Igreja não foi uma tarefa fácil, todavia, contou com o desenvolvimento da teoria das três ordens – analisadas por Duby (1994) e Le Goff (2013). Duby (1994) as nomeou como o ‘imaginário do feudalismo’ – parte do título de sua obra – e ao associá-las aos sistemas político, econômico e religioso é possível compreender como o feudalismo foi uma estrutura social complexa e diversa.

### 3.1.1 As três ordens e a ordem na sociedade do século XII

A teoria das três ordens sociais esteve presente no ideário medieval, desde finais do século IX até o século XII e consistiu em estabelecer uma hierarquia na sociedade, em que havia os responsáveis por rezar e dirigir o plano espiritual, os *oratores*; aqueles que deveriam lutar, defender o território e governar o plano temporal, os *bellatores*; por fim, os que iriam trabalhar a terra, produzindo as condições para que os outros dois grupos pudessem governar, cada qual o seu plano, os chamados *laboratores* (Duby, 1994; Le Goff, 2013). As três ordens representariam três valores, o religioso, o militar e o econômico (Le Goff, 2013).

Duby (1994) investigou em sua obra *As três ordens ou o imaginário do feudalismo* a origem dessas ordens, como foram fundamentais para a manutenção do feudalismo e como se tornaram o ideário da própria sociedade. O autor trabalhou com a análise da trifuncionalidade social, desde meados do século XI (1025-1030), por meio da análise dos textos de Gerardo e Adalberão, bispos franceses. A tese defendida por Duby (1994) é que houve vestígios sobre as três ordens antes da defesa por esses dois bispos, o que leva o autor a crer que eles foram influenciados

por diversas fontes para formular a ideologia trifuncional e “[...] esta representação mental resistiu a todas as pressões da história. É uma estrutura” (Duby, 1994, p. 12). Uma estrutura que se consolidou na sociedade do século XII que “[...] estava em conexão com novas estruturas sociais e políticas” (Le Goff, 2013, p. 126).

Além de separar as pessoas em segmentos (ordens) hierárquicos entre si, é preciso atribuir-lhes funções, o que foi a base da sociedade trifuncional, tese defendida por Duby (1994). No caso das funções, nem todas eram nobres, embora necessárias (indispensáveis para a sociedade funcionar bem), como o lutar (matar para proteger-se e proteger o Rei) e o trabalhar. Não convinha a quem manuseava a hóstia estar com as mãos sujas de sangue ou terra, o que ficava a cargo dos *bellatores*, que poderiam recrutar os *laboratores*, para as duas tarefas (Duby, 1994). O objetivo da sociedade tripartida era “[...] exprimir harmonia, interdependência, solidariedade entre as classes, entre as ordens” (Le Goff, 2013, p. 132). Os seres humanos estariam divididos natural e harmoniosamente entre si, cada qual em sua ordem, sem questionarem como vieram a pertencer a determinada ordem e não a outra, porque

[...] a desigualdade reina no universo: uns mandam, os outros devem obedecer. Por consequência, duas condições separam os homens, determinadas pelo nascimento, pela ‘natureza’: uns nascem ‘livres’ e outros não; uns nascem ‘nobres’ e outros servos. Permanecem nesta posição natural enquanto vivem na parte do universo maculada pelo pecado [a Terra]. Na medida em que conformam a sua existência com as exigências da ordo, em que respeitem a lei divina que lhes permite viverem como vivem os anjos, conseguindo assim escapar à impureza, os servidores (os servos) de Deus libertam-se daquilo que instaura a diferença de condições (Duby, 1994, p. 67-68).

A ordem terrestre imitaria a ordem celeste, baseada, por exemplo, na própria hierarquia estabelecida entre os anjos (Duby, 1989, 1994). A sociedade trifuncional, imaginada como a Trindade terrestre, caracterizada “[...] no espírito dos bispos do ano mil, se construiu como sonho de uma sociedade una e trina com a divindade que a criou e julgará, no seio da qual a troca de serviços mútuos que leva à unanimidade a diversidade das acções humanas” (Duby, 1994, p. 12). Duby (1994) destacou o papel dos bispos como autoridades que geriam o clero, representantes de Deus na Terra, eram mais próximos da população do que o Papa, por exemplo. Os bispos, em sua maioria nobres, constituíram-se como verdadeiros senhores

feudais, com direito aos domínios da diocese e inclusive vassallos (tanto religiosos quanto civis), em que esses também juravam fidelidade a eles.

Tanto os bispos quanto os monarcas eram sagrados, nos anos mil. Aos bispos caberia o papel de intérpretes das escrituras e, conseqüentemente, dos acontecimentos à luz da palavra sagrada. Como dominavam a arte da retórica, encontravam-se em posição privilegiada em relação ao poder temporal. Entretanto, Le Goff (2013) ampliou o papel do monarca, em que se mesclavam em sua pessoa todas essas funções, unificando as três ordens em si próprio, de modo a assegurar a tranquilidade da sociedade, como

[...] Rei dos *oratores*, o monarca participa de certa maneira da natureza e dos privilégios eclesiásticos e religiosos e, por outro lado, mantém com a ordem clerical relações ambivalentes de **protetor** e **protegido da Igreja**, relações que o clérigo carolíngio aperfeiçoou no século IX (Le Goff, 2013, p. 129, grifo próprio).

Um exemplo desta relação de ‘protetor e protegido da Igreja’ foi a estabelecida entre os papas, Eugênio III e Adriano IV (1110-1159), com Frederico Barba Ruiva, que ainda não era imperador. Para se protegerem dos ataques vindos da Lombardia recorreram aos *bellatores* do Império, comandados por Frederico Barba Ruiva, em troca da concessão do título de imperador, almejado pelo soberano germânico, o que ocorreu em 1155, pelas mãos de Adriano IV (Baird; Ehrman, 1994; Maddocks, 2013).

A sociedade dividida e organizada por ordens foi reproduzida dentro dos próprios mosteiros, pela prática de uma vida regrada e disciplinada. Nos mosteiros beneditinos, a regulação era a *A Regra de São Bento*, a qual definiu-se no próprio subtítulo como regra “[...] porque dirige os costumes dos que a ela obedecem [...]”, para “[...] definir as regras de uma vida comunitária estável e solidamente estruturada” (Le Goff, 2013, p. 30). Constituída por setenta e três preceitos, regulou a vida cristã, alcançando seu auge no século XI (Le Goff, 2013). A *Regra* prescreveu que não se fizesse distinção dos monges entre si, a não ser quando algum se destacasse por realizar com perfeição alguma atividade delegada ou boa obra, pois “[...] somente num ponto somos por ele [Deus] distinguidos, isto é, se formos melhores do que os outros nas boas obras e humildes [...] que uma só disciplina seja proposta a todos, conforme o merecimento de cada um” (São Bento, c. 2, §21-22).

Todavia, quando estabeleceu que cada um recebesse conforme o próprio merecimento, acabou por estabelecer uma distinção entre os monges, ou melhor, um ordenamento em que cada um receberia conforme a própria necessidade, segundo o mérito adquirido. Era uma regra hierarquizada, com a figura do abade análoga ao do pai e de Cristo, que deveria organizar a família (mosteiro) e ser obedecido, mesmo que não fosse um exemplo. O abade deveria guiar-se por uma dupla doutrina, ensinando por meio de palavras aos que eram capazes de entender e pelo exemplo aos que não eram, uma função

[...] difícil e árdua recebeu: reger as almas e servir aos temperamentos de muitos; a este com carinho, àquele, porém, com repreensões, a outro com persuasões segundo a maneira de ser ou a inteligência de cada um, de tal modo se conforme e se adapte a todos (São Bento, c. 2, §31-32).

A regra também estabeleceu a hierarquia entre os monges a partir da idade e do tempo de votos professados em que os decanos poderiam ajudar ao abade, desde que fossem “[...] irmãos de bom testemunho e de vida monástica santa [...] e não sejam escolhidos pela ordem na comunidade, mas segundo o mérito da vida e a doutrina da sabedoria” (São Bento, c. 21, §1º; 4º). O abade também poderia convidar um ou mais monges para estar com ele à hora das refeições, desde que não se descurasse deixar ao menos um monge mais velho para cuidar dos demais, a fim de manter a ordem. Conservar a ordem era uma questão muito importante nos mosteiros beneditinos e era estabelecida pelo próprio abade, cabendo aos monges obedecê-la “[...] sem delongas” (São Bento, c. 5, §15).

Hildegarda definiu São Bento como o segundo Moisés que, por meio da regra, deu ao povo um direcionamento de como viver e teria tornado a ordem um caminho suave,

[...] que então apareceu a maravilhosa ordem, que se elevou ao nível de meu Filho na beleza de seu exemplo; efetivamente, assim como meu Filho veio ao mundo separado das pessoas comuns, igualmente esse exército vive no mundo separado do resto do povo (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. II, v. 5, c. 14).

[...] separado e bem-intencionado que eu abri [Deus] através de meu servo Bento, ao lado de quem eu passei em fogo ardente, ensinando-o a honrar a Encarnação de meu Filho na vestimenta de sua forma de vida, e a imitar sua Paixão na abnegação de sua vontade (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. II, v. 5, c. 20, §1º).

Para Hildegarda (*Scivias*), São Bento estabeleceu uma ordem separada do mundo, atribuindo-lhe o equilíbrio, uma vez que “[...] antes dele, era uma forma de vida excessivamente dura. E ele reuniu, por ela, grande número para sua ordem, como meu Filho, mediante a doçura de sua fragrância, reuniu para si mesmo o povo cristão” (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. II, v. 5, c. 20, §1º). Também no *LDO*, Hildegarda demonstrou como obedecer às regras e como pô-las em prática era fundamental para que a sociedade se mantivesse em harmonia. A Obediência esteve presente na *Regra de São Bento* desde o prólogo, perpassando diversos capítulos, com um exclusivo para si, o capítulo cinco. Não se referia apenas a obedecer ao abade e sim aos irmãos entre si, pois os levariam ao próprio Deus e era o “[...] primeiro grau da humildade” (São Bento, c. 5, §1º). Por fim, a *Regra de São Bento* poderia ser seguida por

[...] quem quer que sejas, que te apressas para a pátria celeste, realiza com o auxílio de Cristo esta mínima Regra de iniciação aqui escrita e, então, por fim, chegarás, com a proteção de Deus, aos maiores cumes da doutrina e das virtudes de que falamos acima (São Bento, c. 73, §8-9º).

Nesse excerto, São Bento definiu a importância de qualquer pessoa seguir a regra, de modo a alcançar a doutrina e as virtudes. Na próxima seção, apresento o conceito de virtudes em voga no século XII, a importância das virtudes no pensamento de Hildegarda e como estiveram presentes em sua obra.

### **3. 2 As virtudes no pensamento hildegardiano**

As virtudes estão relacionadas ao convívio em sociedade e deveriam regular o comportamento dos seres humanos entre si e a sua relação com a natureza. As virtudes cardeais (Justiça, Tolerância, Prudência e Força) e virtudes teológicas (Fé, Esperança e Caridade) “[...] constituíram a base de construção da vida em comum” durante todo o medievo (Oliveira, 2015, p. 732). Tornaram-se indispensáveis para regular a ação da pessoa (Ana Paula Viana; Oliveira, 2019; Maria Leonor Xavier, 2001) e à própria formação, orientada para o “[...] bem comum e à retidão” (Oliveira;

Viana, 2019, p. 399). Por meio da prática das virtudes, há a preocupação com a própria educação, já que foram “[...] importantes princípios educativos porque [visaram] o bem comum, a preocupação com a vida em uma sociedade melhor, mais harmônica, civilizada” (Oliveira; Viana 2019, p. 404<sup>139</sup>).

Para os monges, as virtudes se constituíram como a verdadeira forma de se alcançar o conhecimento, pois seria impossível adquiri-lo sem a prática delas (Nogueira; Vasconcelos, 2022)<sup>140</sup>. Contudo, caso não fossem praticadas, tornar-se-iam nulas e inoperantes. Ao definir o pensamento dos mosteiros, Duby (1989, p. 44, tradução própria<sup>141</sup>) descreveu que “[...] todo monge pensa que não se conhece pela inteligência e sim pelo amor e pela prática das virtudes [...]”, o que era consoante ao que a própria *Regra de São Bento* pregava, posto que o verdadeiro conhecimento só poderia ser alcançado pela graça de Deus e, conseqüentemente, a própria salvação (Van de Poll, 2009). Portanto, “[...] as virtudes divinas exprimem-se na acção humana, não tanto porque Deus opera no homem quanto porque o homem opera em Deus” (Xavier, 2001, p. 12).

À medida em que aproximavam os seres humanos de Deus, as virtudes também os humanizavam, pois eram “[...] forças de Deus”, como os próprios anjos (Fraboschi, 2018, p. 105, tradução própria<sup>142</sup>; Cirlot, 2012). Operavam a partir de uma sinergia com o divino, como intercessoras entre o humano e o divino (Newman, 1997; Flisfisch, 2003; Alisa Tigchelaar, 2012; Meconi, 2018). Rabassó (2012) apresentou uma analogia interessante ao discutir as virtudes na obra hildegardiana, em que são para a alma o mesmo que os sentidos para o corpo, ou seja, nossa alma não teria função de existir senão por meio da prática das virtudes. Por exemplo, a virtude Caridade seria a alma e a Humildade seria o corpo (Hildegarda de Bingen, *Scivias*).

Hildegarda avançou no conhecimento das virtudes para além do que era previsto por beneditinos e cistercienses, em que as virtudes não estariam ligadas apenas à salvação, atuando como “[...] forças morais de dimensão cósmica, mediadora de uma ‘renovatio’ na alma” (Rabassó, 2012, p. 21, tradução própria<sup>143</sup>).

---

<sup>139</sup> As autoras discutiram as virtudes na obra de Hugo de São Vítor, no século XII.

<sup>140</sup> Uma analogia pedagógica, válida para os dias atuais, seria compreender as virtudes como a teoria que embasa a prática, guiando o agir.

<sup>141</sup> “Todo monje piensa que no se conoce por la inteligencia sino por el amor y por la práctica de las virtudes”.

<sup>142</sup> “[...] las fuerzas de Dios o virtudes”.

<sup>143</sup> “[...] fuerza morales de dimensión cósmica, mediadoras de una ‘renovatio’ en el alma”.

Desse modo, “[...] na teologia hildegardiana das virtudes, ressaltam dois aspectos: a ordenação hierárquica, por um lado, e a manifestação histórica, por outro” (Xavier, 2001, p. 12). O objetivo de Hildegarda, seria assim, defender a vida cristã, pautada nas virtudes (Oliveira, 2019). Ao tratar das virtudes, Hildegarda estava tratando da própria Igreja, da estrutura social de seu tempo e preparando as pessoas para a “[...] vida em comum a que ela acredita e defende: a cristã” (Oliveira, 2019, p. 1353). Nesse sentido,

[...] é igualmente verdade que a abadessa de Bingen, nos seus escritos, manifesta abundantemente a sua preocupação crítica com a situação interna da Igreja, censurando todos aqueles que nela, por negligência ou inação, falhavam na sua missão. Neles terá, pois, encontrado forte motivação, a teologia moral de Hildegarda, que elabora o papel das virtudes e promove o valor da acção (Xavier, 2001, p. 1).

Rabassó (2012) e Newman (2017) apresentaram que o discurso sobre as virtudes de Hildegarda foi direcionado para as freiras que estavam sob sua responsabilidade, isto é, para a vida monástica em si, principalmente, por meio do *Scivias*. Sobre este ponto, ressalto o que está na *Carta apostólica* que proclamou Hildegarda doutora da Igreja Católica: “[...] um dos ápices do magistério de Hildegarda é a exortação urgente a uma vida virtuosa que ela dirige a quem se compromete num estado de consagração” (Bento XVI, *Carta apostólica*, 6, §5º). Hildegarda precisava construir exemplos para que as freiras de Rupertsberg e Eibingen desenvolvessem o “[...] sentido de responsabilidade pelos outros e a necessidade de encontrar e dispor de modelos de vida” (Xavier, 2001, p. 2). A abadessa destacou que os monges “seriam protetores do povo” (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. II, v. 5, c. XX) e na interpretação proposta por Fraboschi (2011), os abades seriam como os mestres, que tinham por função educar os que estavam sob sua responsabilidade, o que também já estava previsto na *Regra de São Bento*.

Xavier (2001) denominou como teologia das virtudes o pensamento que Hildegarda desenvolveu em suas principais obras, em que a teologia se tornava mais importante que a filosofia. As ações deveriam ser guiadas pelas virtudes, isto é, o que embasava a ação no campo prático seriam as próprias virtudes (provenientes do campo contemplativo), tornando-se a base filosófica do agir humano no pensamento da abadessa de Bingen (Xavier, 2001).

As virtudes teologias (espirituais) eram mais importantes que as morais para Hildegarda (Fraboschi, 2018), o que justificaria o foco da própria Hildegarda nelas e a escolha para esta tese das virtudes: Obediência e Humildade, as únicas que possuem capítulos específicos na *Regra de São Bento* (c. 5 e 7), justamente, por serem primordiais para que a vida monástica e coletiva obtivessem êxito. Newman (2017, p. 47) apresentou as virtudes hildegardianas como uma “[...] teologia da vida moral [...]”, que em conjunto com a história da salvação descrita no *Scivias* tornaram a obra única no século XII, cujo objetivo era edificar na prática das virtudes, nas boas obras e, conseqüentemente, na vitória espiritual sob o vícios da sociedade de seu tempo.

São as virtudes que estabelecem os vínculos entre as três obras de Hildegarda, fonte desta tese: *Scivias*, *LMV* e *LDO* (Fraboschi, 2011; Rabassó, 2012). No *Scivias*, o livro três é dedicado às virtudes e à prática delas (v. II, III, IV, VII, VIII entre outras). No *LMV*, há uma *disputatio* entre trinta e cinco vícios, todos provenientes do Diabo, e trinta e cinco virtudes, provenientes de Deus (Hildegarda de Bingen, *LMV*; Rabassó, 2012) em que as primeiras são harmônicas entre si (Meconi, 2018), com destaque a elas na Parte VI, capítulos 18-23. No *LDO*, as virtudes mesclaram-se à fisiologia humana (Rabassó, 2012), em um entendimento do ser humano como matéria, simbolizada pelo corpo, e espírito, pela alma (Oliveira, 2019). Rabassó (2012) apresentou um pequeno resumo das virtudes nas três obras de Hildegarda:

[...] nos livros *Scivias*, *Liber vitae meritorum* e *Ordo Virtutum*, Hildegarda sustentou que as virtudes são capazes de produzir uma ‘renovatio’ na alma sempre que o ser humano deixou-se orientar por elas. Então, esta obra está de acordo a um ‘intelligere’ mais divino que faz presente algo divino no mundo. No *Liber divinatorum operum*, a influência que a força das virtudes têm no ser humano é mais ampla. Mediante a analogia entre macrocosmos e microcosmo por um lado, e a analogia entre os ventos e as virtudes por outro, a autora expôs um enfoque que complementa o anterior: a influência das virtudes na fisiologia humana. Uma concepção medieval, a hildegardiana, com ares de modernidade (Rabassó, 2012, p. 27, tradução própria<sup>144</sup>).

<sup>144</sup> “[...] en los libros *Scivias*, *Liber vitae meritorum* y *Ordo Virtutum*, Hildegarda sostiene que las virtudes son capaces de producir una ‘renovatio’ en el alma siempre que el ser humano se deje orientar por ellas. Entonces, éste obra de acuerdo a un ‘intelligere’ más divino y hace presente algo divino en el mundo. En el *Liber divinatorum operum*, en cambio, la influencia que la fuerza de las virtudes tiene en el ser humano es más amplia. Mediante la analogía entre el macrocosmos y el microcosmos por un lado, y la analogía entre los vientos y las virtudes por el otro, la autora expone un

A analogia proposta nesta tese é a da existência de uma Árvore das Virtudes (Figura 6), como descrita no texto introdutório de Azucena Fraboschi em *El libro de los merecimientos de la vida*<sup>145</sup>. A autora dividiu as cinco partes do livro que tratam das virtudes em oposição aos vícios<sup>146</sup>, de acordo com as partes de uma árvore: raízes, tronco, seiva, frutos/flores e o perfume deles(as), atribuindo a cada uma dessas partes um conjunto de virtudes<sup>147</sup>, como é possível visualizar na Figura 6. As virtudes citadas na Figura 6 estão presentes ou foram repetidas nas obras *Scivias*, *Ordo Virtutum* e *LDO*. As quatro primeiras partes das virtudes, ilustradas nas raízes, no tronco, na seiva, nos frutos/flores, já foram descritas no *Scivias*, o que justificaria o menor tempo dedicado a elas, em contraposição aos vícios, no *LMV*.

O primeiro grupo de virtudes, simbolizadas pelas raízes, são amor celestial, disciplina, paciência, modéstia, anseio de Deus, divina vitória e misericórdia. O segundo grupo são paz, felicidade, discernimento, salvação das almas, sobriedade, ânimo, piedade, verdade e estão contidas no tronco da árvore. Na seiva, que simboliza o terceiro grupo, estão fé, caridade, castidade, temor a Deus, humildade, obediência e esperança, isto é, as virtudes teológicas (fé, esperança e caridade) e as fundacionais (obediência e humildade)<sup>148</sup>, que são o sustento para todas as outras partes da árvore, mesmo invisíveis aos olhos humanos, são elas que dão vida à árvore. Os frutos representam as virtudes justiça, fortaleza, santidade, desejo celestial, compaixão, concórdia, constância e desprezo ao mundo, constituindo-se como o quarto conjunto de virtudes. Por fim, as flores, ou melhor, o perfume delas e dos próprios frutos, representam as virtudes do culto a Deus, harmonia com o próximo, tranquilidade, respeito e alegria celestial. Destaco que cada grupo possui uma função específica na árvore, com o fim de que sejam produzidos bons frutos, ou seja, os três primeiros grupos de virtudes são primordiais e vitais para que os dois últimos grupos possam aparecer.

---

enfoque que complementa el anterior: la influencia de las virtudes en la fisiología humana. Una concepción medieval, la hildegardiana, con aires de modernidad”.

<sup>145</sup> Neste livro, há a representação de uma Árvore dos Vícios, que estampa a capa da edição que utilizo nesta tese. O objetivo ao confeccionar uma Árvore das Virtudes (Fig. 6) foi complementar o que Azucena Fraboschi (2011) já havia feito na tradução do *LMV*, ao ilustrar os vícios, uma vez que essa é a única obra da trilogia hildegardiana que não foi acompanhada por iluminuras.

<sup>146</sup> O livro é composto por seis partes, mas a sexta parte não apresentou nenhuma virtude. A sexta parte tratou do Juízo Final, focada na perdição ou salvação eterna.

<sup>147</sup> Para mais informações sobre a construção da Árvore das Virtudes (Fig. 6) e do texto que a inspirou, acesse o Anexo 5 desta tese, itens 1 e 2.

<sup>148</sup> As virtudes fundacionais são obediência, humildade e discrição, pois além de serem virtudes, propriamente ditas, constituem-se como características de outras virtudes, tornando-se fundamentos delas (Newman, 2017).

Figura 6 – Árvore das Virtudes de Hildegarda de Bingen



Fonte: elaboração própria (2023).

Nota 1: elaborada a partir da *Introducción al Libro de los merecimientos de la vida*, de Azucena Fraboschi (2011).

Nota 2: arte elaborada por Roger Dourado (2023)<sup>149</sup>.

<sup>149</sup> Trabalho produzido com as ferramentas Blue Willow (Inteligência Artificial) e Photoshop. Prompt de comando para a I.A.: *the tree of virtue, oil paint, medieval art, first renaissance*. Referências usadas

As virtudes foram descritas pela abadessa como formas humanas femininas, vestidas magnificamente; estrelas que brilhavam com esplendor, pois eram iluminadas por Deus; como belos ornamentos e adornos que uniriam o ser humano ao divino, embelezando-o (Hildegarda de Bingen, *Scivias*; *LMV*; *LDO*). As virtudes brilhariam na humanidade da mesma forma que brilhariam no próprio Deus, posto que foram feitas a sua imagem e semelhança (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, *LDO*). Somente por meio das virtudes o ser humano conseguiria adorar e conhecer verdadeiramente a Deus, pois provinham de Deus e foram enviadas por Ele, com o objetivo de auxiliar em sua própria glorificação (Hildegarda de Bingen, *LMV*). Seriam santas e o seu perfume – como aparece na *Árvore das Virtudes* – agradaria a Deus, trazendo alegrias aos seres humanos, de modo a torná-los perfeitos.

Todas as virtudes seriam encontradas no Filho – revelador e Senhor delas – compartilhadas com o Pai e inspiradas pelo Espírito Santo, o que as tornavam unas e diferentes ao mesmo tempo, ratificando a própria Trindade (Hildegarda de Bingen, *Scivias*; *LMV*; *LDO*). Apesar dos pecados, após a vinda do Filho, Deus iluminou a todos os seres humanos com virtudes ainda mais fortes para que não se desviassem de praticar o bem e alcançassem a salvação (Hildegarda de Bingen, *Scivias*).

Em um movimento dialético, aperfeiçoariam a humanidade e seriam por ela aperfeiçoadas, agindo como instrumentos para a melhoria da própria humanidade: “com efeito, a humanidade é aperfeiçoada por virtudes, que são os feitos das pessoas que agem em Deus” (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. III, v. 3, §1°). Ao mesmo tempo que o ser humano evoluiria espiritualmente (vida contemplativa) pela prática das virtudes, elas o tornariam melhor também nos assuntos do mundo, isto é, na vida ativa. Por meio das virtudes não faltariam meios aos homens para cumprirem os desígnios de Deus em suas próprias ações, já que eram os próprios instrumentos para isso (Hildegarda de Bingen, *LDO*).

Outra analogia que Hildegarda utilizou para demonstrar como as virtudes sustentaram toda a criação e estiveram presentes desde o início dos tempos foi compará-las à medula em nosso corpo, que nos sustenta. Todavia, as virtudes não sustentariam apenas a humanidade e sim o mundo criado por Deus (Hildegarda de

---

para criação: a) *Árvore das virtudes* (Anexo 5); b) iluminuras *Scivias* ( L. I, v. I; L. I, v. III; L. II, v. VII), reproduzidas, também, no Anexo 5. Explicação do processo criativo fornecida gentilmente pelo artista Roger Dourado (2023), responsável pelas artes constantes nesta tese.

Bingen, *LMV*). Como forças de Deus, graças a elas que os apóstolos e primeiros cristãos se mantiveram firmes na fé católica, resistindo aos martírios do poder temporal (Hildegarda de Bingen, *Scivias*). Hildegarda as comparou, também, aos quatro elementos, que em sua concepção de ser humano integral (corpo e alma), estão

[...] da mesma forma que no homem se encontram os elementos, assim também no fiel se encontram as virtudes. Da mesma forma que os quatro elementos estão no homem, também na alma boa se encontram as virtudes de Deus e os fazem voltar ao bem” (Hildegarda de Bingen, *LMV*, p. VI, c. 19, tradução própria<sup>150</sup>).

Saliento que não são em todos os seres humanos, mas somente nos fiéis, nas almas boas que as virtudes seriam semelhantes aos quatro elementos, presentes nos seres humanos e o resultado de as possuir seria praticar, novamente, o bem. Nos capítulos que seguem do *LMV*, Hildegarda continuou com a comparação das virtudes aos quatro elementos, em que inflamariam a alma dos homens como o fogo; provocariam suspiros pelas coisas celestiais como o ar; hidratariam a alma como a água e produziriam bons frutos como a terra (Hildegarda de Bingen, *LMV*, p. VI, c. XIX-XXIII). No *LDO*, trabalhou com o conceito de virtudes como alimento para a alma.

Em seu último grande livro, ocuparam um papel de destaque, citadas mais que no *Scivias* e no próprio *LMV*<sup>151</sup>, cujo foco foi justamente a luta das virtudes contra os vícios. A palavra-chave para entender as virtudes no *LDO* é sustentação, pois eram força vital, conforto, consolo e vigor para que os seres humanos agissem contra o mal. É por meio de sua prática que a humanidade conseguiria distinguir entre as coisas importantes e as supérfluas, entre o bem e o mal, como combater os vícios e submeter os desejos do corpo (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, *LDO*). Só é possível dominar os desejos mundanos pela prática das virtudes (Hildegarda de Bingen, *LDO*). São elas que protegeriam os seres humanos e os direcionariam para longe do pecado, tornando-se semelhantes a uma milícia celeste, afastando-os da Terra, ajudando-os a se submeterem a Deus, aliviando seus desejos carnis para

<sup>150</sup> “XIX. LO MISMO QUE EN EL HOMBRE SE ENCUENTRAN LOS ELEMENTOS, ASÍ TAMBIÉN EN EL FIEL SE ENCUENTRAN LAS VIRTUDES. Lo mismo que los cuatro elementos están en el hombre, también en el alma buena se encuentran las virtudes de Dios, y lo hacen volver al bien”.

<sup>151</sup> Considerando os estudos introdutórios e notas, no *Scivias* foram encontradas 243 entradas para ‘virtudes’; no *LMV* 98 e no *LDO* 246.

alcançarem a perfeição e, por fim, encaminhando-os para a alegria eterna (Hildegarda de Bingen, *LDO*).

Entretanto, somente possuir as virtudes não seria o suficiente para contemplar a Deus. Era preciso uni-las às boas práticas<sup>152</sup>. A humanidade só contemplaria a Deus se unisse as virtudes d'Ele recebidas às boas práticas (Hildegarda de Bingen, *LMV*). No pensamento hildegardiano não é possível desvincular a prática das virtudes das boas obras, que são doces, de modo que o ser humano não produziria apenas boas e sim, santas obras, quando se tornasse virtuoso (Hildegarda de Bingen, *LDO*). Hildegarda utilizou a metáfora das muralhas, em que as virtudes protegeriam o ser humano enquanto estivesse em busca de praticar boas obras, seguindo as regras de Deus, de tal modo que o único resultado seria o bem.

Hildegarda acrescentou ainda mais um elemento essencial à prática das virtudes, que considero o seu princípio formativo: são governadas pela capacidade intelectual do ser humano, representada pela alma no pensamento hildegardiano. Seriam infrutíferas se não estivessem interiorizadas no ser humano, não se constituíssem como parte orgânica e una. As virtudes eram infundidas e iluminadas por Deus, mas era a alma que as governaria, isto é, o ser humano teria a liberdade de escolher ou não praticá-las (Hildegarda de Bingen, *LDO*). Newman (2017) salientou que essa conceitualização das virtudes, ao mesmo tempo que ligada a uma tradição mais antiga, aproximava-se do dinamismo proposto pelos vitorinos e cistercienses, em que a alma poderia ter mais facetas, que apenas a oposição ao corpo.

Hildegarda defendeu que era preciso discernimento – que se encontra no tronco da *Árvore das Virtudes* (Fig. 6) – para que se fizesse o uso correto das virtudes, com o auxílio do Espírito Santo. O discernimento controlaria as virtudes, na verdade, sustentaria-as para que o ser humano praticasse boas obras. As virtudes são submissas ao discernimento assim como o firmamento ao céu, estariam ligadas à razão, possuiriam o mesmo objetivo, resumindo-se, novamente, em seu princípio formativo para o ser humano:

---

<sup>152</sup> “Assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé, sem a prática é morta” (Bíblia Sagrada, *Tiago 2, 26*).

[...] tanto o começo quanto o fim dos mistérios mencionado, suas ações e sentidos, têm um único objetivo, que é educar ao homem em uma só maneira de agir, ainda que pareçam haver várias. Tudo o que a ciência de Deus indica como conveniente para a salvação da alma o conduz a isso, e com suas forças empurram o homem a se unir ao Criador em corpo e alma (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. I, v. 2, c. XXIX, §2º, tradução própria<sup>153</sup>).

Cada virtude era dotada de uma especificidade própria, embora proviessem da mesma fonte – Deus – e delas mesmas, o que significa que algumas virtudes se constituíam como características de outras, como as que estão no tronco, raízes e seivas da Árvore das Virtudes (Fig. 6). Eram complementares e todas “essas cabeças, significam que todas as virtudes estão na ciência de Deus e voltam-se para ela, assistindo ao homem tanto nas necessidades espirituais quanto nas corporais” (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. I, v. II, c. XVII, tradução própria<sup>154</sup>).

As virtudes Obediência e Humildade, escolhidas para a análise nesta tese, qualificavam outras virtudes (Jimenez; Oliveira, 2019) e eram consideradas como virtudes fundacionais (Newman, 2017). Na representação da Árvore das Virtudes (Fig. 6), estão presentes na seiva, tornando-se alimento para as demais virtudes, ou na concepção hildegardiana, alimento para a alma, pois “[...] todos os frutos da árvore crescem graças à seiva” (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. I, v. IV, c. XCVIII, tradução própria<sup>155</sup>). Na próxima seção, analiso como as virtudes da Obediência e da Humildade estavam vinculadas para manter a ordem social na sociedade do século XII.

---

<sup>153</sup> “tanto el principio como el final de los misterios mencionados, sus acciones y sus sentidos, tienen un único objetivo, que es educar al hombre en una sola manera de obrar, aunque parezca que haya varias maneras. Todo lo que la ciencia de Dios indica como conveniente para la salvación del alma le conduce a la salvación, y con sus fuerzas empujan al hombre a unirse fielmente al Creador en cuerpo y alma”

<sup>154</sup> “estas cabezas, significan que todas estas virtudes están en la ciencia de Dios, y tienden hacia esta ciencia, asistiendo al hombre tanto en las necesidades espirituales como en las corporales”.

<sup>155</sup> “como todos los frutos del árbol crecen gracias a la savia”.

### 3.2.1 Obediência e Humildade para a manutenção da ordem social no século XII

Para Hildegarda, manter a ordem<sup>156</sup> na sociedade era uma questão importante e, afirmo até, de sobrevivência, principalmente devido ao contexto em que viveu, marcado pelas disputas entre o Império e o Papado, disputas dentro do próprio território germânico, o que gerava instabilidade na sociedade, riscos para a própria Igreja e para a abadessa, pertencente à aristocracia da época. A ordem como contraposição à desordem evitaria a barbárie, que o ser humano se desviasse ou se perdesse de seu caminho e foi instituída por Jesus em relação aos diversos e diferentes tipos de poderes, porque

[...] havia excesso e autoglorificação porque ninguém honrava ninguém, e todo mundo estava fazendo o que queria; e isso teria continuado, se Deus, em sua infinita sabedoria, não tivesse posto um fim a isso. Portanto, ele fez distinções entre uma pessoa e outra. Ele fez as inferiores sujeitas às superiores no serviço da obediência, e fez os superiores ajudarem e servirem os inferiores com inteligência e devoção; tal como foi concedido a Jacó por seu pai, inspirado pelo Espírito Santo, para ser o senhor de seus irmãos (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. III, v. 5, c. 15).

Com a mesma autoridade de pregar e profetizar de Hildegarda, a do próprio Deus, a defesa que fez da ordem, também o foi. Basta lembrar das heresias que combateu e das críticas realizadas aos membros da própria Igreja (Hildegarda de Bingen, *Cartas n° 15r, 169r*). Tanto no *Scivias* quanto no *LDO* foram dirigidas aos clero e aos monges, porque os primeiros não assumiram suas funções correspondentes e eram fracos, perante o poder temporal, enquanto os segundos tornaram as regras religiosas letra morta, ou seja, havia a ordem escrita, mas não era posta em prática e

---

<sup>156</sup> Na obra da abadessa, a palavra ordem poderia se referir ao ordenamento (sequência), às leis de Deus e da Igreja (autoridade e mandamentos) e como sinônimo para as regras religiosas (Hildegarda de Bingen, *Scivias*; *LMV*; *LDO*). Para agregar mais resultados, acrescentei as palavras 'hierarquia' e 'superiores' para encontrar possíveis entradas que remetesse à ordem, conforme listado no Apêndice 1 desta tese.

[...] a inquietude se instalava em todas as ordens da Igreja, que caminhava carente de apoio porque as suas regras haviam caído. Quando as nuvens ofuscam o sol, as criaturas não tem mais alegria nem tranquilidade, tornando-se povos carentes de rei. As regras das ordens religiosas estão ofuscadas, porque sem as obras, sobra apenas o nome, não há mais alegrias nela, porque não há fé sem obras (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. III, v. 5, c. XI, §3º, tradução própria<sup>157</sup>).

Hildegarda somente foi chamada por Deus, porque os religiosos, em específico do sexo masculino, estavam corrompidos, ‘afeminados’, eram cada vez mais fracos, consumidos pelos pecados, principalmente, depois do dilúvio descrito em Gênesis (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, *LDO*). A Igreja somente cresceria se os seus escolhidos, instituídos pelo poder do Espírito Santo, praticassem as virtudes (Hildegarda de Bingen, *Scivias*). Foi Deus quem ordenou (hierarquizou) o mundo desde o princípio, no momento em que criou o ser humano e as demais criaturas, tornando as últimas inferiores e submissas ao primeiro. Assim como entre os anjos havia hierarquia, dentro da Igreja também deveria haver, para que houvesse ordem e fosse possível alcançar a harmonia celestial (Hildegarda de Bingen, *Scivias*; *LMV*). No *Scivias*, há um capítulo dedicado exclusivamente às ordens dentro da Igreja, intitulado *As três ordens na Igreja*, em que Hildegarda comparou a necessidade de ordem terrena à necessidade da ordem celeste:

[...] portanto, tende paz, e caridade, e humildade entre vós, como as almas dos justos têm com os anjos, e os anjos com os arcanjos. Na verdade, as almas dos justos não invejam o ministério dos anjos, e os anjos não ficam zangados com a glória dos arcanjos. Por que isso? Arcanjos apontam as coisas mais excelsas nos maiores tempos de necessidade, e os anjos anunciam coisas inferiores no curso normal dos acontecimentos, enquanto as pessoas fiéis humildemente obedecem. Por conseguinte, que cada um realize seu serviço fielmente (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. II, v. 5, c. 36).

---

<sup>157</sup> [...] la inquietud se instala en todos los órdenes de la Iglesia, que camina como carente de apoyo porque todas sus reglas han decaído. Cuando las nubes ofuscan el sol las criaturas ya no tienen alegría ni tranquilidad como pueblos carentes de rey. Las reglas de las órdenes eclesiásticas están oscurecidas, porque sin las obras solo queda de ellas el nombre, y así en ellas ya no hay alegría, como no hay fe sin obras

Ainda que Duby (1994) tenha defendido não ser possível atribuir o ideário das três ordens do feudalismo à região da Germânia, fez uma exceção à Hildegarda e aos mosteiros cistercienses, os quais também foram defensores de que os “[...] homens que não são do mesmo sangue não devem misturar-se” (Duby, 1994, p. 224). Defendo que as obras da abadessa foram influenciadas pela questão da ordem e da hierarquia entre as pessoas, entre as instituições e dentro delas, baseadas na crença de que foram instituídas pelo próprio Deus, estiveram presentes em todas as relações sociais, seja no plano temporal ou espiritual, tendo em vista que

[...] os poderes de ministérios são inspirados por Deus para o **benefício humano**, justamente ordenados por ele **por necessidade**, pois, de outra sorte, o povo de Deus seria como rebanhos sem pastor e seguiria qualquer caminho tortuoso da **desordem**. Por conseguinte, aquele que se opõe a eles por orgulho e se recusa a obedecer a eles em adequada humildade, opõe-se não a pessoas, mas a mim, o Criador, que disponho todas as coisas de maneira justa (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. III, v. 9, c. 22, §4°, grifos próprios).

Na primeira metade dos anos mil, os mosteiros se tornaram o novo poder religioso e se monarquizaram, inclusive repetindo a ordem trifuncional. São a classe da admiração, da contemplação, não da ação, é como se o mundo deles não fosse esse sensível, mas sim, ligado ao Celestial. O clero das dioceses e igrejas paroquiais eram encarado por eles, como meros auxiliares burocráticos, ministradores de alguns sacramentos; a nobreza precisava prover o sustento, e enviar jovens para os monastérios; os trabalhadores deveriam fornecer a comida e o suprimento; e os cavaleiros protegeriam os monastérios (Duby, 1994). De acordo com Bynum (1984), o século XII foi marcado por uma disputa interna dentro da própria Igreja, entre o clero secular (canônico, com regras próprias dentro de suas abadias, dioceses e igrejas paroquiais) e os regulares (monges e suas respectivas regras, com destaque para as beneditinas e cistercienses). De quem seria a prerrogativa de pregar e de curar ou de cuidar da alma? Qual vida seria a mais agradável a Deus, a contemplativa ou a ativa? Divergiam em conceitos fundamentais, como a responsabilidade pela salvação e a virtude como atos sociais ou individuais.

Hildegarda se posicionou ao lado de sua classe, a dos monges, tendo em vista que a vida contemplativa, sem as preocupações paroquiais seria mais útil e

frutífera, além de santa para Deus (Hildegarda de Bingen, *Scivias*). No *Scivias* (L. II, v. 5), Hildegarda se dedicou ao que chamou das “Três ordens na Igreja”, que seriam os monges, clérigos seculares e os leigos, dentre os quais, os monges seriam superiores aos demais, comparados aos arcanjos, na hierarquia celeste. Os monges eram vistos como protetores do povo, aqueles que tornavam a Igreja famosa por meio de seu comportamento austero e exemplar, pastores e cinturão da Igreja, edifício elevado do divino, povo amado e forte, fragrância vivente, obedientes no cumprimento das ordens superiores, demonstrando seu amor por Deus ao se afastarem do mundo e viverem de maneira isolada, em perfeita harmonia com o divino, adquirida por meio da vida contemplativa.

Para a abadessa poderia haver ascensão de uma classe a outra, porém o contrário não era permitido, pois seria contra a ordem natural estabelecida por Deus para a Igreja: “[...] estes clérigos podem-se juntar-se aos que fizeram votos como monges; mas não é adequado que monges professos passem para a ordem dos clérigos, ou que clérigos voltem apressadamente à laicidade” (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. II, v. 5, c. 35, §2º). Todavia, os leigos não poderiam ascender a nenhuma das outras duas ordens.

A abadessa defendeu que a ordem era natural (Hildegarda de Bingen, *LMV*). Deus teria criado criaturas superiores e criaturas inferiores, em que as primeiras dominariam as segundas, pois

com efeito, todas as coisas estão na ordem de Deus e correspondem-se umas as outras. As estrelas brilham com a luz da lua e a luz brilha com o fogo do Sol. Todas as criaturas estão subordinadas as outras superiores a elas e nada passa da medida (Hildegarda de Bingen, *LMV*, p. II, XIV, tradução própria<sup>158</sup>).

Novamente, Hildegarda utilizou a imagem do muro para se referir à separação entre as pessoas superiores e as inferiores, em que a hierarquia predominou desde os tempos de Abraão e Moisés até ao surgimento do próprio Cristianismo, como doutrina e religião, a ‘fé católica’. A ordem, como uma tradição, um mandamento de Deus, foi ensinada desde o Antigo Testamento até o Novo Testamento, como a única realidade possível para a sociedade cristã

---

<sup>158</sup> “En efecto, todas las cosas que están en el orden de Dios se corresponden la una a la otra. Las estrellas brillan con la luz de la luna y la luna luce del fuego del sol. Todas las criaturas están subordinadas a otras más grandes que ellas y nada sobrepasa su medida”.

[...] por determinação da Providência, estas distinções humanas existem para sempre [...] Assim, tais distinções existiam e existem e sempre existirão entre pessoas de vida interior e exterior, pessoas espirituais e pessoas seculares, e pessoas superiores e pessoas inferiores. Eles estão unidos a esses cantos em cada extremidade, como uma abóbada. De fato, as pessoas estão unidas na honra e no ensino do Antigo Testamento, no começo, e do Novo Testamento, no fim. E é como uma abóbada porque, pela obra da Providência, elas estão bem e dignamente conformadas à estrutura da Jerusalém celeste (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. III, v. 6, c. 21).

Como se pôde observar nessa passagem, para Hildegarda não importava apenas defender a ordem dentro da Igreja, entre monges, eclesiástico e leigos, mas fora também, entre aqueles que governariam ou obedeceriam no plano temporal. Existiria, assim, três ordens de pessoas, os governantes, as pessoas livres – possivelmente da aristocracia – e as pessoas comuns, que estavam subordinadas as duas primeiras. Nesse caso, em específico, Hildegarda estava se referindo à divisão de pessoas no campo temporal. Em uma representação trina da teoria hildegardiana, a base seria composta pelas pessoas comuns, as quais obedeceriam aos governantes e, possivelmente, às pessoas livres, pois trabalhariam para elas. Entretanto, quando acrescentada à pirâmide, os religiosos, eles estariam no topo, sustentados tanto pelos governantes quanto pelas pessoas comuns. A monja beneditina defendeu a superioridade do poder espiritual sobre o temporal. Na teoria tripartite de Hildegarda, o poder espiritual seria sustentado tanto pelos *laboratores* quanto pelos *bellatores*, em que

[...] um ofício espiritual é superior, um que governa pessoas é inferior. E do lado de fora deste muro, veem-se dois muros menores, o que quer dizer que nos assuntos exteriores, há um estabelecimento intermitente de pessoas superiores e inferiores estabelecidas pela autoridade de Deus, como dois muros. O exterior são as pessoas de nascimento nobre, que, por minha determinação, têm a autoridade do poder secular; **o do meio são as pessoas inferiores, que vivem sob o poder de pessoas quer espirituais, quer seculares, e assim, estão entre os arcos do muro interior, que é o governo espiritual, e o muro exterior, que, conforme dito, é o poder secular.** E assim, há dois muros fora da circunferência do muro interior arqueado; de fato, as pessoas seculares, nos interesses terrenos, têm mais qualidades exteriores do que interiores. E, no entanto, elas fazem parte de minha ordem estabelecida (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. III, v. 6, c. 12, grifo próprio).

No pensamento hildegardiano, dentro de cada poder, havia uma hierarquia em que o nascimento determinaria se a pessoa seria inferior ou superior, se possuiria autoridade de governar ou de ser governada. No caso específico das pessoas inferiores, estavam submissas tanto aos governantes espirituais quanto aos temporais e, caso tivessem ambição em ascender socialmente, seriam castigadas:

[...] pois eu [Deus] desejo que o orgulho não seja outra coisa senão algo jogado por terra e confundido. Assim, se uma serva se exalta acima de sua senhora, ela será desprezada quanto mais os outros a veem, pois ela tentou tornar-se o que não deveria ter desejado (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. II, v. 5, c. 31, §4°).

No *Scivias* houve uma preocupação maior com a questão da ordem, o que pode ser justificado por ter sido endereçado aos membros dos mosteiros de Hildegarda e, também, após a aprovação papal, tornou-se requisitado por outras comunidades (Hildegarda de Bingen, *Cartas n° 40; 102*). Na concepção da abadessa, manter a hierarquia era primordial para que o mosteiro prosperasse e, no âmbito da Igreja, também. Já no *LMV* – escrito durante período de grande contestação da autoridade de Hildegarda no recém criado Mosteiro de Rupertsberg – a desordem era combatida por meio das virtudes e punida pela prática das penitências.

A manutenção da ordem garantiria a unicidade, a organicidade da sociedade, composta por pessoas diferentes, assim como a Trindade. Nesse modelo “[...] cada ordem deve evitar a diversidade, a excentricidade e a novidade na forma de vida” (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. II, v. 10, c. 27). O respeito às ordens era o respeito à própria tradição do Cristianismo, ao conhecimento da teologia dos padres<sup>159</sup> da Igreja, de modo a mantê-lo uno, pois

---

<sup>159</sup> Os padres da Igreja foram intelectuais e religiosos ligados à Igreja Católica que durante os primeiros cinco séculos definiram as bases do Cristianismo, por meio do que foi chamado de Filosofia Cristã, conhecida também como Patrística, em que princípios pagãos (filosofia grega) foram ressignificados e incorporados à fé cristã. Os principais padres da Igreja foram Ambrósio de Milão (340-397), que defendeu a supremacia da Igreja ante ao decadente Império Romano; São Jerônimo (345-420), responsável pela *Vulgata*, tradução da Bíblia para o latim; e Agostinho de Hipona (354-430), conciliador entre a doutrina cristã com a herança platônica (Russel, 2013). Todos os três foram proclamados como Doutores da Igreja Católica.

não é apropriado que eu [Deus] devesse ser invocado por aqueles que, com uma mania de diversidade, sempre anseiam por um novo propósito, e por aqueles que, não conhecendo suas próprias mentes, abandonam o caminho batido e o chão bem arado dos primitivos Padres, que foram inspirados pelo Espírito Santo. **Muitos destes, na grandeza de seu orgulho, esquecem-se das determinações estabelecidas que a Igreja recebeu dos primeiros Padres**, e fazem cismas em suas várias instituições (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. II, v. 5, c. 27, grifos próprios).

Além de seguir o conhecimento dos padres da Igreja, era preciso possuir algumas virtudes, ligadas estritamente ao comportamento humano: a Humildade e a Obediência. Era preciso saber se portar humildemente, ainda mais se fosse de uma classe inferior (ou uma mulher?) e saber obedecer aos superiores na sociedade defendida por Hildegarda. Embora as duas virtudes mais importantes para Hildegarda fossem a Caridade e a Humildade (Xavier, 2001), presentes na natureza da própria Trindade – em conjunto com a paz – (Hildegarda de Bingen, *LDO*), defendendo que a Obediência exerceu um papel fundamental para a formação humana no projeto hildegardiano.

A Obediência seria um doce preceito, olhos de Deus – que vigiou a própria criação – a flor da santidade, raiz das obras de Deus – intrincada n'Ele como a alma está no corpo – vontade de Deus, mandamento de Deus, existiria da mesma forma que o Sol, a Lua, as Estrelas, como um manancial de águas limpas, proveio de Deus e cresceu n'Ele (Hildegarda de Bingen, *Scivias*; *LMV*). Foi comparada a um dos sete dons do Espírito Santo, na visão que tratou da coluna da humanidade, pois ajudaria a assegurar a unidade da fé cristã. Em relação a sua aparência, era uma forma feminina, com cabelos brancos, vestida de seda e usava

[...] uma **corrente branco-neve** ao redor do pescoço, pois, quando as pessoas se esquecem da força do pescoço de suas próprias vontades e se unem ao Cordeiro inocente, meu Filho, ela torna suas mentes puras pela sujeição à fiel obediência. E suas mãos e pés estão acorrentados juntos com **grilhões brancos**. Na verdade, ela está ligada pela pureza da verdadeira fé na obra de Cristo e no caminho da verdade. E ela **não age nem caminha como deseja**, mas como Deus, o Regente, lhe ordena, conforme ela demonstra em suas palavras já citadas (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. III, v. 8, c. 21, grifos próprios).

Não há como negar ser uma descrição bonita, todavia, nessa apresentação, a Obediência como virtude estritamente presa, quer seja pela corrente no pescoço (ensinamentos de Cristo), quer seja pelos grilhões brancos (fé em Cristo). A sua função de ser era realizar a vontade de Deus, sujeitando os homens à fiel Obediência da verdadeira fé, seguindo o caminho da verdade. O prêmio da Obediência seria se tornar crente na fé e, no caso daqueles que obedeciam a seus superiores sem nenhuma supervisão, o pagamento a ser recebido é a entrada na “[...] cidade dos escolhidos, porque se sujeitam a seus superiores unicamente por amor à recompensa eterna”, tornando-se “muito louváveis” (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. II, v. 5, c. 4; 23).

Nas obras de Hildegarda, todas as criaturas se submeteram(submetem) a Deus. No *Scivias*, Hildegarda apresentou a visão do edifício da salvação, o qual era habitado pelas virtudes que enfeitavam a cidade de Deus, acrescentando, no *LDO*, que

[...] o lar dos filhos de Deus tem uma bela e elegante torre construída. Sua estrutura perfeita significava a obediência a Abraão, que para nós, na sua fidelidade, representava o Filho de Deus em seus infinitos milagres. A lei feita por Moisés exigia uma obediência incondicional sem a qual o homem não poderia viver de modo algum, como uma casa sem colunas estruturantes ou um homem sem coração que a governasse. A obediência é de fato como um fogo e a lei é seu resplendor (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. III, v. 5, §2º, tradução própria<sup>160</sup>).

A Obediência era considerada uma das virtudes sólidas, ao lado da Caridade e da Humildade, o que significava não ser divisível, ser fortíssima – no caso específico da primeira – e se constituir como característica de outras virtudes. Como todas as virtudes foram infundidas no ser humano, somente por meio da Obediência seria possível acessar o potencial de cada uma delas (Hildegarda de Bingen, *LDO*). Ser submisso a outra pessoa era demonstrar o amor a Deus, já que fora Ele quem instituiu ‘os que mandam e os que obedecem’ (Hildegarda de Bingen, *Scivias*). Obedecer com Humildade seria fundamental para que a aprendizagem se

---

<sup>160</sup> “[...] el hogar de los hijos de Dios, tiene una bella torre construida con elegancia. Su estructura perfecta significa la obediencia de Abraham, que para nosotros, en su suma fidelidad, representa al Hijo de Dios y sus infinitas manifestaciones milagrosas. La ley hecha por Moisés pedía una obediencia incondicional sin la cual el hombre en ningún modo podía vivir, como una casa sin columnas maestras o un hombre sin corazón que lo gobierne. La obediencia en efecto es como un fuego, y la ley es su resplendor”.

concretizasse, para se tornar um aprendiz

[...] e assim Deus fez com que o homem sacrificasse sua própria vontade submetendo-se a outros homens por amor de Deus, como os animais são cativos dos homens, que os nutrem e os adestram como querem. De maneira semelhante, os homens se agrupam submetendo-se a seus mestres com humildade, unidos pelo jugo da obediência como animais de trabalho até se assumindo como vis répteis, para que sua vontade seja pisoteada e substituída pela vontade de seus mestres como os répteis são pisoteados por sua natureza vil (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. II, v. 1, c. 45, §1°-2°, tradução própria<sup>161</sup>).

A Obediência, na *Regra de São Bento*, também funcionava como um princípio educativo, em que tanto a alma quanto o corpo deveriam obedecer aos preceitos da Regra. Era uma forma de reverência, uma vez que somente aqueles que tivessem fé seriam capazes de obedecer (Hildegarda de Bingen, *LMV*). Em conjunto com o arrependimento e a penitência, combatiam os vícios, restaurando a graça de Deus para os seres humanos (Hildegarda de Bingen, *LMV*). Quando vivia de forma virtuosa, o ser humano demonstrava a sua Obediência à ordem e às leis divinas, pois essa virtude acompanhava Deus desde o início da criação. Somente poderia ser ensinada por alguém superior, como uma mãe que ensina a seus filhos, um senhor a seu servo ou um mestre responsável por ensinar a seus alunos (Hildegarda de Bingen, *Scivias*; *LMV*). Seria o “primeiro grau da humildade” (São Bento, c. 5, §1°).

A Humildade foi definida pela abadessa como a “Rainha, Líder e a Mãe das Virtudes”, origem da Castidade, radiante, dulcíssimo bem, dulcíssima mediadora, verdadeira cura, orvalho do céu para regar a Terra, morada da Jerusalém Celeste, colina que defenderia os vales das chuvas, montes e colinas responsáveis por defender a Terra das intempéries climáticas, muralha para a defesa do ser humano e da criação, enraizada na fonte da vida, acompanhada pela Paz (Hildegarda de Bingen, *Scivias*; *LMV*; *LDO*). Apresentou-se como

---

<sup>161</sup> “[...] y así Dios hace que el hombre sacrifique su propia voluntad sometiéndose a otros hombres por amor de Dios, igual que los animales están cautivos de los hombres, que los nutren y los adiestran como quieren. De modo parecido, los hombres se agrupan sometiéndose a sus maestros en humildad, unidos al yugo de la obediencia como animales de trabajo y hasta asumiendo la vileza de los reptiles, para que su voluntad sea pisada y reemplazada por la voluntad de los maestros como los reptiles son pisados por su naturaleza vil”.

[...] coluna de nuvem [...]. Eu habitei no alto dos céus com o Criador, com Ele desci à Terra e habito em todos seus confins [...] eu ilumino todas as trevas. Por isso, nenhuma tempestade pode me derrubar, pois estou com Deus na plenitude de sua bondade (Hildegarda de Bingen, *LMV*, p. III, c. 4, tradução própria<sup>162</sup>)

[...] Eu, a humildade, rainha das virtudes, digo: vinde a mim, vós, virtudes todas, e eu vos fortalecerei, de modo que possais buscar a moeda perdida e dar-lhe a coroa da bem-aventurada perseverança (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. III, v. 13, c. 9, §17).

Assim como a Obediência teve sua aparência descrita na visão que tratou da coluna da humanidade, comparada aos setes dons do Espírito Santo, possuía aparência feminina, cabelos brancos, vestida de seda e usava

[...] uma coroa de ouro, com três forquilhas mais elevadas, porque **ultrapassa** e docemente **precede** as outras virtudes, e assim, está coroada com a coroa de ouro da preciosa e resplandecente Encarnação do Salvador. Pois ele adornou a cabeça dela com esse mistério quando se encarnou. **A coroa é triangular, pois a Trindade está na Unidade, e a Unidade está na Trindade; o Filho, com o Pai e o Espírito Santo, é um Único Verdadeiro Deus**, excedendo todas as coisas na altura da divindade [...]. De fato, a humanidade do Salvador manifesta-se na alta e profunda bondade de suas obras; o **Filho de Deus** forjou-as no verdor do florescimento das virtudes em seus ensinamentos, e na vermelhidão de seu sangue, quando sofreu a morte na cruz para salvar a humanidade, e na brancura de sua ressurreição e ascensão [...] **E em seu peito, ela traz um espelho brilhante, no qual aparece, com maravilhoso brilho, a imagem do Filho de Deus encarnado**. Isso quer dizer que, na humildade, que está de pé no coração do sagrado templo, em abençoado e brilhante conhecimento, grata e humildemente, mas esplêndida e permanentemente, **ali irradia o Unigênito de Deus, em todas as obras que ele realizou no corpo no qual se mostrou ao mundo** (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. III, v. 8, c. 18, §1°-°2, grifos próprios).

---

<sup>162</sup> “[...] Yo soy columna de nube; Y por qué debería soportar que alguien me dijera horrorosos insultos, cuando el Creador ha descendido del cielo para llevar al hombre a sí? Yo he habitado en lo alto de los cielos con el Creador, con Él he descendido sobre la tierra y habito en todos los confines de la tierra. Por lo tanto, no puedo pronunciar engañosamente palabras caducas, como, si por ejemplo, dijera 'soy este y aquel' no siendo él. Si lo afirmara, no sería sol para iluminar las tinieblas, pues en efecto, junto a Dios yo ilumino todas las tinieblas. Por lo cual ninguna tempestad podrá derribarme: ya que estoy con Dios en la plenitud de su bondad”.

Destaco duas características importantes para compreender a Humildade. A primeira, seria a sua posição de superioridade em relação as demais virtudes, porque as ‘ultrapassa’ e as ‘precede’, em uma posição hierárquica de comando, mantendo a ordem, inclusive entre as virtudes. Ao lado da Caridade, iluminaria mais que as outras virtudes, ao passo que essas deveriam cooperar com as duas, a fim de guiar a humanidade nas boas obras e, por conseguinte, no caminho da salvação. A segunda característica é que à humanidade foi permitido partilhar do divino por meio da Humildade na figura do Filho, na unidade da Trindade, em que Jesus venceu o mal, não pela força do Pai e sim pela prática da Humildade, que o acompanhou desde o princípio. No pensamento hildegardiano, o ser humano partilha da divindade e da humanidade de Jesus ao mesmo tempo, em que a “[...] santa Humildade [...] aparece tanto na Mãe quanto no Filho” (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. III, v. 1, c. 18, §1º), em que a divindade de Jesus procederia do Pai e a sua humanidade de Maria (Hildegarda de Bingen, *LMV*). Desse modo, ambos se constituíram como exemplo de Humildade para serem seguidos por outras pessoas.

O próprio princípio formativo que o Filho utilizava com seus discípulos baseava-se na Humildade, como o ritual de lavar os pés na quinta-feira antes dos rituais da Páscoa. Jesus era um exemplo de humildade, cujo objetivo era ensinar, principalmente, os discípulos mais fracos (Hildegarda de Bingen, *Scivias*). Jesus educou os discípulos e mártires admoestando-os a desprezar os prazeres mundanos, a

[...] contemplar a vida celestial, e não recusarem ser humildes e pobres em espírito, mas habitar em humildade, a fim de preparar para si mesmos um **tesouro no céu**. E aqueles mártires e virgens, e outros que rejeitaram a si mesmos, que deveras desprezaram as coisas transitórias e trabalharam na humildade, meditando com sublime zelo sobre os sábios preceitos de Deus, ascenderam, naquela autonegação, **ao amor das coisas celestiais** (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. III, v. 9, c. 17, §3º, grifos próprios).

O prêmio pela prática da Humildade seria igual ao dado pela prática da Obediência – aquela realizada sem a necessidade de supervisão de um superior – isto é: a glória celeste, um ‘tesouro no céu’, ‘amor das coisas celestiais’ e o que considero mais importante “[...] a glória do esclarecimento celestial [que] conduz aqueles que perseveram no caminho da Justiça para as alegrias da Visão Eterna” (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. I, v. 1, §4º). O que seria este ‘esclarecimento celestial’ que não o próprio conhecimento? A Humildade seria o cerne para o processo formativo dos cristãos, defendido por Hildegarda

[...] assim, os mais nobres impulsos dos corações dos fiéis eleitos são selados por esta figura, que estabelece seu tribunal nelas, e governa e dirige todas as ações delas. Na verdade, ela é **o sólido fundamento de todas as boas ações humanas** (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. III, v. 8, c. 18, §2º).

Como já analisado, as virtudes sem serem praticadas seriam nulas e a Humildade seria a responsável por entrelaçar e consolidar as boas obras, da mesma forma que as veias e os nervos o fazem no corpo humano, que impede a sua dissolução e garante a sua organicidade (Hildegarda de Bingen, *LDO*). Caso o ser humano se descuidasse da prática das virtudes, só poderia voltar a compartilhar do divino, com a prática da penitência, o que requeria arrependimento, uma humilde Obediência perante os seus superiores (Hildegarda de Bingen, *LMV*). A Humildade permitiria ao ser humano se autogovernar nos assuntos espirituais e temporais, como um freio, baseado no seguinte princípio “que ninguém se apodere de uma montanha que não pode mover, mas que habite no vale da humildade” (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. III, v. 13, c. 16, §11).

Nesta primeira parte de análise do projeto de formação defendido por Hildegarda, destaco alguns pontos importantes:

1. aos *laboratores* e *oratores* caberia apenas obedecer ao poder espiritual, que era superior a eles;
2. o respeito à hierarquia dentro das instituições, por meio da prática da Obediência era fundamental para a manutenção da ordem social no século XII;
3. os monges eram superiores aos clérigos seculares;
4. não havia outra forma de aprender que não fosse por meio da prática da Humildade;

5. só poderia ensinar aquele que fosse superior;
6. o projeto formativo proposto pela abadessa não era para todos, pois era voltado àqueles que nasceram superiores pela própria vontade divina;
7. as virtudes Obediência e Humildade operaram para que se mantivesse a ordem social estabelecida no século XII.

É possível afirmar que o ideário das três ordens do feudalismo esteve presente na elaboração do pensamento hildegardiano, de modo que a manutenção da ordem estabelecida e que cada uma delas desempenhasse seu respectivo papel eram fundamentais para que a Jerusalém Terrestre se efetivasse tal qual a Jerusalém Celeste, extremamente hierarquizada de Hildegarda. Na próxima seção, analisei os papéis dos homens e das mulheres na obra de Hildegarda de Bingen e como as virtudes se materializaram neles.

#### 4 OS HOMENS E AS MULHERES NO PROJETO DE FORMAÇÃO HUMANA DE HILDEGARDA DE BINGEN

A partir dos estudos promovidos pela História Social, a historiografia passou a se interessar pelas histórias dos comuns, dos quais podemos destacar, as mulheres, como personagens históricas e relevantes para a construção da sociedade. Estudar as mulheres não exclui o estudo dos homens, o que difere agora é onde a luz será posta. É estudar a condição humana e o lugar que as mulheres ocuparam desde sempre na sociedade ocidental. No clássico *História das Mulheres do Ocidente (v.2)*, sobre a Idade Média, organizado por Christiane Klapisch-Zuber, sob supervisão de Duby e Michelle Perrot, a organizadora destacou as mulheres de exceção, uma forma de menosprezar as outras mulheres que a História não deu importância ou voz. É uma forma que a História Social combateu à medida que deu voz não apenas às grandes figuras históricas e sim a todos e todas que fizeram a história.

O objetivo desta seção não é traçar uma História das Mulheres, mas analisar o papel que desempenharam no século XII, bem como a relação com os papéis definidos para os homens no mesmo período e, conseqüentemente, na obra de Hildegarda, uma vez que é preciso analisar a “[...] inserção das mulheres na sociedade em que viveram, ou seja, no conjunto das relações sociais e no tempo histórico [...]” (Klapisch-Zuber, 1990, p. 11) que é a base da própria História Social, conforme apresentado na Introdução desta tese. Como destaca Klapisch-Zuber (1990, p. 11), ao analisarmos a relação entre homens e mulheres, compreendemos que ela é “[...] criação e efeito ao mesmo tempo que motor [...]” das relações sociais no tempo histórico. Dronke (1988) sublinhou que o mundo do século XII foi um mundo masculino, o que justifica que seja dada maior ênfase na situação das mulheres no século XII, haja vista que seriam o ‘elemento destoante’ da sociedade, mas não exclui a apresentação da relação estabelecida com os homens. Tendo em vista esses pressupostos, os papéis que Hildegarda atribui aos homens e às mulheres são apresentados como parte de seu projeto de formação.

#### 4.1 O século XII: uma nova espiritualidade dentro dos mosteiros

Uma das facetas do renascimento do século XII foi sobre uma nova forma de ver as mulheres e a relação com os homens, a partir do princípio de complementaridade entre os sexos (Pernoud, 1984), que se complementam justamente pelas diferenças que possuem e a crença de que as mulheres como seres frágeis, poderiam servir como vozes de Deus (Duby, 1995; Bynum, 1984). A essa nova forma de enxergar às mulheres se aliou uma nova espiritualidade, nascida, principalmente nos mosteiros, como grandes focos de difusão de saberes (ver seção 2). A autora Bynum (1984) atribuiu aos cistercienses uma nova maneira de viver a espiritualidade, baseada no misticismo, isto é, em uma conexão mais profunda, subjetiva e individualizada com Deus.

Para os cistercienses, as relações interpessoais demonstraram a importância do viver em comunidade, mais que o desenvolvimento individual. O convívio em comunidade ajudaria no desenvolvimento pessoal, por meio das relações estabelecidas com os irmãos de fé. Os cistercienses foram caracterizados pelo amor intenso em servir ao próximo, sempre se colocando como aprendiz, jamais como mestre (Bynum, 1984). O silêncio era uma forma de se conectar com Deus muito valorizada pelos cistercienses e pelos próprios beneditinos, em que haveria a “[...] união da alma como Deus” (Newman, 2017, p. 36), por meio do ascetismo rigoroso e da própria vida contemplativa, o que caracterizou o misticismo do século XII. A partir de 1136, quando Hildegarda se tornou abadessa de Disibodenberg, houve uma mudança significativa em relação ao tempo em que Jutta comandou o mosteiro: a moderação no ascetismo e a vida em comunidade, baseada nas virtudes, o que tornou Disibodenberg, verdadeiramente, um mosteiro duplo e não apenas um anexo para mulheres reclusas, como na época de Jutta (Silvas, 1998).

Em relação à subjetividade, Hildegarda somente a apresentava, caso contribuísse para se caracterizar como indigna de receber as suas visões, mas não havia a união com Deus – de corpo e alma, como para os cistercienses – posto que ela era a voz de Deus, quando utilizava a primeira pessoa em suas visões e nas explicações delas, mas não era unida a Ele, de corpo e alma o que somente era possível nas três pessoas da Trindade. Na Fig. 1, é possível ver Hildegarda recebendo suas visões, em pleno estado de consciência, em que as visões são

interpretadas com o auxílio de seu intelecto (as chamadas 'entram' por sua cabeça), de uma maneira racional, diferentemente da interpretação subjetiva do misticismo do século XII. Para Fraboschi (2011), não havia o tom intimista, extremamente subjetivo das místicas do século XIII, tampouco a subjetividade era um fator determinante na obra de Hildegarda.

Entretanto, Cirlot e Garí (2022) consideram Hildegarda como mística<sup>163</sup> pela forma como a abadessa utilizava sua experiência visionária para falar de seu dom profético, em que acabou respondendo a “[...] uma intensa crise religiosa em que não se buscava o conhecimento teológico e sim o conhecimento por experiência com Deus” (Cirlot; Garí, 2022, p. 38, tradução própria<sup>164</sup>). Tratou-se do descobrimento de um modelo a ser seguido, da criação da própria noção de indivíduo, não como entendemos hoje, mas de uma interioridade, uma nova subjetividade em se autodescobrir como imagem e semelhança de Deus, por meio da união mística com Ele (Bynum, 1984). E essa subjetividade era marcada pela maneira como a mulher passou a ser vista pelos cistercienses: a) como a figura do abade, de maneira a se diferenciar das outras ordens; b) como a própria espiritualidade, caracterizada por uma maneira mais feminina (frágil) de se expressar; c) como figura da mãe, no caso de Maria, manifestação do amor incondicional, pois significaria sacrifício e doação (Bynum, 1984). Ao assumirem aspectos femininos, os homens, no caso os religiosos, permitiram que as mulheres se apresentassem como “instrumentos de Deus” (Claudia Opitz, 1990, p. 426), ao que Duby (1995) nomeou como feminização do cristianismo, o que foi possível graças a essa nova visão sobre a subjetividade das pessoas e pela própria redescoberta da figura de Maria, como exemplo de mulher a ser seguida, não apenas por outras mulheres, mas pelos homens também.

A partir da nova mentalidade que emergia em fins do século XI e início do século, a Igreja passou a se preocupar com as mulheres reclusas, a fim de regulamentar a vida monástica feminina. Os mosteiros femininos precisavam da tutela masculina, foram poucos os que se destacaram como o de Hildegarda, ainda que duplo (Thomasset, 1990). Em geral, no século XII, a maioria dos mosteiros

---

<sup>163</sup> Newman (1997) defendeu que ao classificar Hildegarda como mística são apagadas a importância política e a teológica de seus escritos. Já Oliveira (2014) e Flores (2018), estudiosos da obra de Hildegarda, que a classificaram como mística em seus estudos de doutoramento, defendem que ela foi fonte de inspiração para as místicas dos séculos seguintes, conforme Quadro 1 desta tese.

<sup>164</sup> “Visionarias y místicas respondieron a una intensa crisis religiosa en la que se buscaba no ya el conocimiento teológico, sino el conocimiento experiencial de Dios”.

exigiam dotes para a admissão de novas freiras, o que possibilitava que apenas as filhas de nobres pudessem entrar e serem educadas (Duby, 1995; Reinhardt, 2007). Enquanto os homens poderiam ser educados nas escolas catedralísticas, frequentar as universidades, ou os pobres, ingressar em uma ordem religiosa para serem educados nos mosteiros, somente as mulheres nobres, poderiam ter uma educação em casa como Jutta, Richardis ou Gerberga († 984) que educou Rosvita de Gandersheim. Os mosteiros se constituíram como o lugar de conhecimento para as mulheres, pelo alto nível das bibliotecas que possuíam e pelas próprias abadessas, que, em geral, eram mulheres cultas (tanto nos saberes clássicos como nos teológicos), ensinadas nos próprios mosteiros ou em suas casas (Reinhardt, 2007).

Alguns mosteiros se tornaram importantes polos de poder, por terem sido formados e financiados pelos nobres locais, como foi o caso de Regensburg, dentro do Sacro Império Germânico-Romano, entre os séculos XI e XII, que graças ao seu *status* e poderio econômico, teve em sua abadessa, uma governante da cidade também, pois era uma das princesas que compunham o Império. As famílias nobres ajudavam a fundar mosteiros, como o pai de Jutta von Sponheim (Maddocks, 2013), a fim de enviarem as filhas, que não poderiam receber um dote adequado para o matrimônio ou que eram deficientes, o que garantia estabilidade, educação e proteção para essas mulheres, assim como para viúvas, órfãs ou esposas – abandonadas por seus esposos (Thomasset, 1990; Lerner, 1993). Ainda conforme o autor

[...] construir um mosteiro e dotá-lo é um processo complexo e dispendioso que exige circunstâncias favoráveis e uma concertação das vontades: poder político, nobres que, em troca, enviarão para aí as suas filhas, eclesiásticos – papa, bispos, monges – todos se devem unir para concederem terras, direitos, privilégios e bênçãos (Tomasset, 1990, p. 319).

Uma vez instituídos, os mosteiros se constituíram como sociedades bem fechadas, livres de juramentos mundanos, com estabilidade, mesmo com a troca de governos (Duby, 1994). Entretanto, sofriam a interferência direta da Igreja, caso da nomeação de Richardis como abadessa de Bassum, devido à influência e poder político e religioso de sua família, por meio de seu irmão Hartwig, arcebispo de Bremen. A procura pelos mosteiros aumentou durante todo o século XII e também foi incentivada por algumas ordens religiosas, como Císter, ou pela própria Igreja

(Bynum, 1984; Lerner, 1993; Cirlot; Garí, 2022). Para a Igreja, a vantagem era dupla – financeira e política – pois aumentavam as posses, as rendas, o controle sobre determinadas regiões e sobre as próprias mulheres. Nos mosteiros duplos, houve espaço para a liderança da parte feminina, por meio das abadessas, normalmente, advindas das famílias aristocráticas e com certa cultura adquirida no próprio mosteiro ou em suas casas (Lerner, 1993; seção 2).

Há que se destacar que nos mosteiros femininos ou duplos houve a confecção e reprodução de diversos manuscritos, em que muitas mulheres foram tradutoras de obras clássicas ou teológicas, o que demonstrava o nível intelectual alto dos *scriptorium* medievais, coordenados por essas mulheres, como foi o caso de Rupertsberg, de Hildegarda de Bingen (Danielle Régnier-Bohler, 1990). Meconi (2018) defendeu que a abadessa escreveu, também, para prover a própria biblioteca de seus mosteiros, o que justificaria a quantidade e variedade de escritos em diferentes áreas de saber. Tal hipótese é uma premissa da preocupação de Hildegarda com a educação das freiras sob sua responsabilidade, em que escrevia com o intuito de ensiná-las nas bases teológicas da fé cristã e nos conhecimentos médicos e naturais, para que pudessem ajudar as pessoas doentes, por exemplo.

## 4.2 O Homem nas obras de Hildegarda de Bingen

Assim como foi feito para as categorias ordem ou hierarquia e as virtudes Obediência e Humildade, foram pesquisadas todas as entradas para homem/hombre, homens/hombres nas obras de Hildegarda, incluindo os estudos introdutórios, prefácios e introduções, conforme Tabela 1:

**Tabela 1 – Citações ao(aos) homem(s) nas obras de Hildegarda de Bingen**

Categorias	<i>Scivias</i>	<i>LMV</i>	<i>LDO</i>
Homem/hombre	197	830	1748
Homens/hombres	45	601	400

Fonte: elaboração própria (2024).

Em relação ao aumento significativo para as referências masculinas<sup>165</sup>, comparando-as às femininas (Tabela 2), há algumas possíveis explicações: a) diversas referências nas visões de Hildegarda, principalmente no *LMV*, em que há apenas uma visão de um homem a qual é explicada durante as cinco primeiras partes do livro; b) comparações do homem com Deus, como imagem e semelhança Dele; c) Jesus como Filho do Homem; d) Diabo como homem da perdição ou homem do pecado; e) Adão como primeiro homem; f) vocativos como ‘Ó, homem!’; g) diversas citações bíblicas; h) homens como sinônimo de humanidade ou seres humanos.

O homem era o espelho perfeito de Deus: “[...] porque Deus criou ao homem do barro da terra, nele completou todas as suas obras e o contemplou como quem olha a um espelho” (Hildegarda de Bingen, *LMV*, p. I, c. 16, tradução própria<sup>166</sup>). O homem foi criado para substituir o anjo caído, Lúcifer, que se tornou o Diabo. Toda glória e realizações que seriam dadas a Lúcifer foram transferidas para o homem (Hildegarda de Bingen, *LDO*). Ao criar o homem, Deus enganou o próprio Diabo que não imaginava que o ser que o substituiu seria divino e humano, isto é, espírito e matéria, pois o homem é “[...] alma e corpo em um ser único” (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. III, v 5, c. XIV, §4º, tradução própria<sup>167</sup>). A totalidade do homem o diferenciava dos anjos, que eram apenas espíritos, sem a corporeidade (matéria) e acrescentava-se, ainda, à Trindade no próprio homem, por ser corpo, alma e razão (Hildegarda de Bingen, *LDO*). Diferente dos anjos, porque eles não poderiam praticar boas obras, uma vez que eram apenas seres espirituais, sem a materialidade da carne. Assim, o homem conseguiria tanto louvar a Deus, como os anjos, como agradá-lo por meio das boas obras praticadas.

Tanto os homens quanto os anjos eram seres racionais, justamente porque Deus era racional (Hildegarda de Bingen, *LMV*; *LDO*). Como ser racional, o homem, orientado pelo intelecto e é orientado pelo “[...] sopro da inteligência, formado da terra” (Hildegarda de Bingen, *LMV*, p. IV, c. 20, §4º, tradução própria<sup>168</sup>). Possui

<sup>165</sup> Na nota da cotradutora do *Scivias*, versão inglesa, há uma explicação interessante para a utilização dos termos ‘homem’ e ‘homens’, em que seria sinônimo de ‘pessoa’, ‘humanidade’, ‘ser humano’, referindo-se aos homens e mulheres como um todo. Já ao utilizar apenas ‘homens’, em geral, era para se referir ao sexo masculino em contraposição às ‘mulheres’, no plural (Jane Bishop, 1990).

<sup>166</sup> “Porque Dios formó al hombre del barro de la tierra, en él completó todas sus obras y miro en él como quien mira en un espejo”.

<sup>167</sup> “He aquí la ilusión del diablo, que fue un ángel y quiso ser Dios. Dios en cierto modo le burló cuando creó del barro de la tierra al hombre, que es alma y cuerpo en un ser único”.

<sup>168</sup> “está animado de racionalidad y del sopro de la inteligencia, está formado de la tierra”.

dentro de si, a ciência do bem (divina) e a do mal (terrena). Todos os homens foram dotados com elas, para que livremente, por meio do uso da racionalidade escolham servir a Deus, o que o próprio Deus, manifesta: “[...] Eu que criei o sol, a lua e todas as outras criaturas, fiz o homem racional para me conhecer, e ao me conhecer me querer e não Me combater com incredulidade” (Hildegarda de Bingen, *LMV*, p. 5, c. 65, tradução própria<sup>169</sup>). Destaco dois pontos importantes: 1º) o homem não conheceria a Deus apenas pela fé, mas, também, pelo uso da razão, de maneira livre e espontânea; 2º) a ciência do bem (celestial) era superior à ciência mal (terrena).

Apesar de possuir a ciência do mal, o homem hildegardiano era bom em sua natureza<sup>170</sup> e estava inclinado a obedecer a Deus (Hildegarda de Bingen, *Scivias*). Contudo, assim como a mulher, foi tentado pelo Diabo para que desobedecesse a Deus e se desviasse do caminho da salvação. Destaco que desobedecer, também é uma escolha do homem, tendo em vista que também possui em si, a ciência do bem, que o orienta para as boas escolhas: “[...] com efeito, a natureza do homem é boa, mas o homem dirige a sua natureza contrária quando permite que sua carne se renda a qualquer lugar que goste” (Hildegarda de Bingen, *LMV*, p. 2, c. 78, tradução própria<sup>171</sup>).

O homem era o centro de todas as coisas criadas por Deus (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, *LMV*, *LDO*; Fig. 7) e foi criado para governar toda a natureza, também obra de Deus, uma vez que “[...] em sua eternidade, Deus previu todas as criaturas, Ele as criou em plenitude do amor para que o homem, em sua companhia, não carecesse nem de consolo nem de ajuda e as atrelou ao homem como a chama ao fogo” (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. I, v. 1, c. XIII, tradução própria<sup>172</sup>). A partir da ideia de estar atrelado a toda criação, estudiosos definem o homem hildegardiano como microcosmo em relação ao universo, que seria o macrocosmo (Atherton, 2001;

---

<sup>169</sup> “Yo que he creado el sol, la luna y todas las otras criaturas, hice al hombre racional para que me conociera, y conociéndome me quisiera y no combatiera contra Mí con incredulidad”.

<sup>170</sup> Quando me deparei com essa afirmação da bondade do homem, desde o início, logo me lembrei do pensamento de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), expoente do Iluminismo francês, quando defendeu que o “homem é bom, mas a sociedade o corrompe”. No caso hildegardiano, não seria a sociedade, propriamente dita, mas o Diabo, o qual inveja o amor de Deus pela humanidade e deseja atrair o homem para o mal.

<sup>171</sup> “En efecto, la naturaleza del hombre es buena, pero el hombre la dirige a su naturaleza contraria cuando permite a su carne ir sin rienda a cualquier sitio que guste”.

<sup>172</sup> “En su eternidad, Dios previó todas las criaturas, El las creó en la plenitud del amor para que el hombre, en su compañía, no careciera ni de consuelo ni de ayuda, y las ató al hombre como la llama está ligada al fuego”.

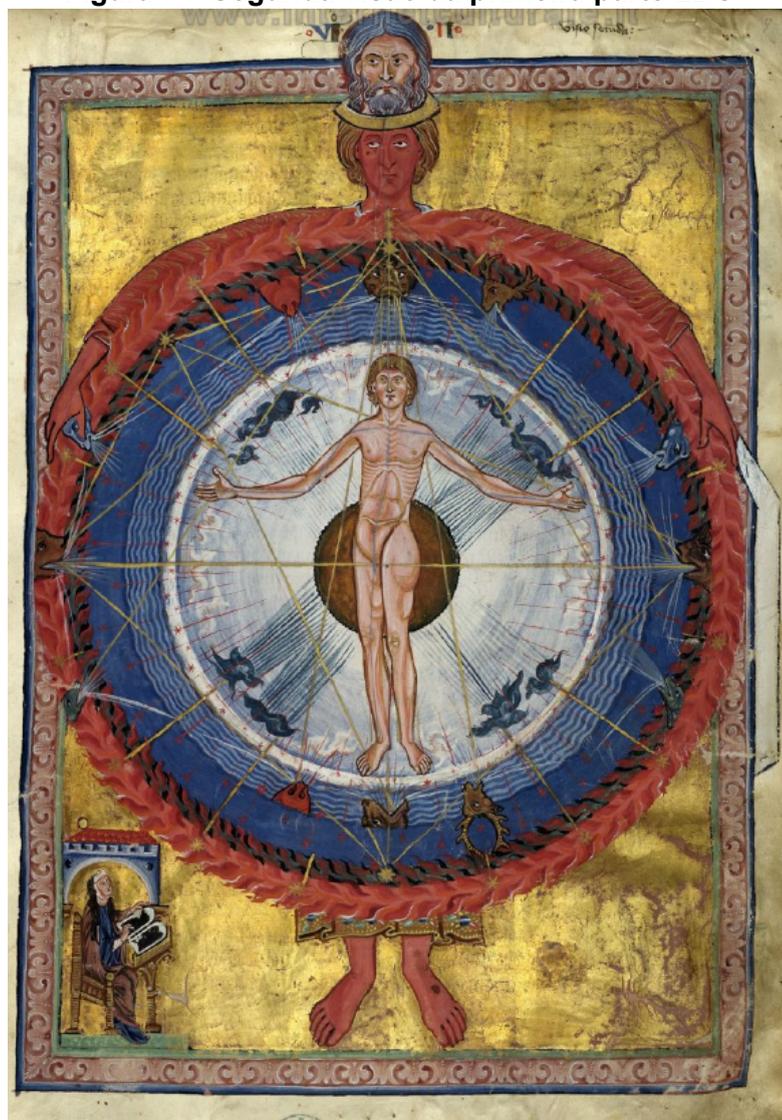
Eling; Sakalauskaitė-Juodeikienė, 2021; Nogueira; Vasconcelos, 2022, Meconi, 2018; Dronke 1988). O homem possuiria dentro de si toda a criação, o que Hildegarda descreve no *Libro das obras divinas*

[...] do barro da terra Ele formou o homem, com a forma prevista antes do início dos tempos. Tal como o coração do homem contém em si a racionalidade e põe em ordem as palavras antes de as pronunciar. Assim, quando Deus criou todas as coisas, produziu-as no Verbo, porque o Verbo é o Filho, escondido no Pai, como o coração está escondido no homem. E Deus fez o homem formando-o à sua imagem e semelhança, porque quis revesti-lo da santa divindade. Por isso, depositou no homem o sinal de todas as criaturas, na mesma medida em que todas as criaturas provêm do Verbo divino. Por isso, na cabeça do homem, encerrada numa esfera e estabelecida no cume, está o cérebro. **Sobre este cérebro repousa uma escada com degraus para subir, isto é, olhos para ver, ouvidos para ouvir, narinas para cheirar e boca para falar, e por meio deles, nomeia todas as criaturas.** Deus formou o homem e o vivificou com um sopro vivo, que é a alma, coagulou-o em carne e sangue e tornou-o firme com a estrutura de ossos, tal como a terra é consolidada por pedras, pois tal como a terra não pode existir sem pedras, também o homem não pode existir sem ossos. Relativamente ao firmamento, ao sol, à lua, às estrelas, Deus não os colocou em lugares fora dos quais não pudessem cumprir o seu curso, pois essas constelações não poderiam ser consolidadas se as suas situações não tivessem sido definidas. Todas as situações, portanto, respondem a medidas pré-estabelecidas, de modo que o círculo da roda do firmamento é capaz de se mover circularmente com movimento exato. **E tudo isso se estabelece na forma corpórea do homem**, embora não na mesma ordem e com a mesma perfeição com que se move a roda do firmamento (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. I, v. 4, c. XIV, §2º-4º, tradução própria<sup>173</sup>, grifos próprios).

<sup>173</sup> “Del barro de la tierra formó al hombre, con la forma prevista antes del comienzo de los tiempos. Del mismo modo que el corazón del hombre contiene en sí la racionalidad y pone en orden las palabras que posteriormente emite. Así, Dios cuando creó todas las cosas las produjo en el Verbo, ya que el Verbo es el Hijo, escondido en el Padre como el corazón está escondido dentro del hombre. Y Dios hizo al ser humano formándolo a su misma imagen y semejanza, porque quiso recubrirlo de una forma que revistiera la santa divinidad. Por esto depositó en el hombre la señal de todas las criaturas, en la misma medida en que toda criatura proceden de la Palabra divina. Por esto, en la cabeza del hombre, encerrado en una esfera y establecido en la cumbre, está el cerebro. Sobre este cerebro se apoya una escalera provista de peldaños para subir para arriba, es decir de ojos para ver, oídos para oír, narices para oler y boca para hablar, y a través de ellos el hombre ve, conoce, discierne, distingue y nombra a todas las criaturas. Dios ha formado al hombre y lo ha vivificado con un aliento viviente, que es el alma, lo coaguló en la carne y en la sangre, y lo ha hecho firme con la estructura de los huesos, tal y como la tierra es consolidada por las piedras, ya que, como la tierra no puede existir sin piedras, así tampoco el hombre sin huesos. Con respecto al firmamento, el sol, la luna, las estrellas, Dios no los ha colocado en lugares fuera de los cuales no puedan cumplir su curso, por cuanto estas constelaciones no podrían consolidarse si sus situaciones no hubieran sido definidas. Todas las situaciones, pues, responden a medidas preestablecidas, para que el círculo de la rueda del firmamento sea capaz de moverse circularmente con movimiento exacto. Y todo eso está establecido en la forma corpórea del hombre, aunque no en el mismo orden y con la misma perfección con que estas cosas existen en los espacios celestes. Todos estos puntos también conciernen al alma” (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. I, v. 4, c. XIV, §2º, §3º, §4º).

A descrição citada complementa a visão 2 da primeira parte do *LDO* (Fig. 7), em que o homem é o centro do mundo, que está contido pelo primeiro círculo (vermelho) que é Jesus, sob o comando de Deus Pai (cabeça com cabelos grisalhos). A explicação para essa visão é de que o homem, embora menor em estatura, por meio de sua razão, domina todas as criaturas, sendo-lhe superior. A racionalidade deveria ser utilizada pelo homem para aperfeiçoar a obra da criação de Deus, tornando-as perfeitas, por isso, seus braços abertos para as alcançar, bem como seus pés e a cabeça, que tocam todas as partes do segundo círculo (azul), que representa a própria criação de Deus.

**Figura 7 – Segunda visão da primeira parte LDO**



Fonte: Hildegarda de Bingen, *Manuscrito de Lucca* ( p. 28).

Todas as criaturas e a natureza estavam submissas ao homem e o protegiam “[...] porque o homem está tão reforçado e defendido pela força dos elementos e pela ajuda de toda as outras criaturas, que não pode ser nunca privado de seu estado por causa de nenhuma agressão” (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. I, v. 2, c. XLII, §1º, tradução própria<sup>174</sup>). No entanto, caso ele as utilizasse para o mal, ou, cometesse pecado, seria punido por meio delas

[...] todas as criaturas que Deus fez, tanto no mundo superior quanto no inferior, associou-as ao homem para que lhes fossem úteis. Se o homem as utilizar para ações perversas, o juízo de Deus as tornará instrumentos de vingança. As criaturas estão destinadas a ajudar o homem nas necessidades do corpo, o que também inclui o sentido de ajudar a salvação da alma (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. I, v. 3, c. II, §1º, tradução própria<sup>175</sup>).

O homem diferia das outras criaturas e era superior a elas pelo uso da razão (Hildegarda de Bingen, *LMV*). Como as possuía dentro de si, invisivelmente, tinha a capacidade de realizar as melhores escolhas e, conseqüentemente, as melhores obras, favorecendo a si e às criaturas, que destituídas de razão se submetiam ao homem. Os sentidos do homem, em conjunto com a razão, permitiam que ele conhecesse “[...] todas as criaturas, compreendesse-as por meio do ouvido, distinguísse-as por meio do olfato, fosse por elas nutrido por meio dos gostos [paladar] e se imponha a elas, seu poder por meio do tato” (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. I, v. 4, c. XCVII, §1º, tradução própria<sup>176</sup>).

---

<sup>174</sup> “De este modo, como se ha dicho, la figura humana está envuelta y circundada por estos signos, porque el hombre está tan reforzado y defendido por la fuerza de los elementos y por la ayuda de todas las otras criaturas, que no puede ser nunca privado de su estado a causa de ninguna agresión contraria, mientras que la potencia divina lo custodie”.

<sup>175</sup> “Todas las criaturas que Dios ha hecho, tanto en el mundo superior como en el inferior, las ha asociado al hombre para que le fueran útiles. Si el hombre las utiliza para acciones perversas, el juicio de Dios las hará instrumentos de venganza. Las criaturas están destinadas a ayudar al hombre en las necesidades del cuerpo, lo que incluye también el sentido de ayudar a la salvación del alma”.

<sup>176</sup> “Así Dios ha reforzado al hombre con las energías de todas las criaturas, y lo ha revestido como de una perfecta armadura, para que conozca por la vista a las criaturas, las comprenda a través del oído, las distinga a través del olfato, sea de ellas nutridas a través del gusto y les imponga su poder a través del tacto”.

### 4.3 A Mulher nas obras de Hildegarda de Bingen

Assim como foi feito para as categorias ordem ou hierarquia, homem ou homens e as virtudes Obediência e Humildade, foram pesquisadas todas as entradas para mulher/mujer, mulheres/mujeres nas obras de Hildegarda, incluindo os estudos introdutórios, prefácios e introduções, conforme a Tabela 2

**Tabela 2 – Citações à(às) mulher(es) nas obras de Hildegarda de Bingen**

Categorias	<i>Scivias</i>	<i>LMV</i>	<i>LDO</i>
Mulher/mujer	229	32	73
Mulheres/mujeres	84	19	6
Mulherzinha*	1	-	-

Fonte: elaboração própria (2024).

Nota: "Mulherzinha" foi utilizada apenas uma única vez e para se referir à própria Hildegarda. Nas outras obras, aparece pobre mulher.

A primeira grande figura que apareceu nas obras de Hildegarda é a de Eva, personagem bíblica, parceira de Adão, em que foram simbolizadas todas as mulheres (Hildegarda de Bingen, *Scivias*; *LMV*; *LDO*). Eva era a mãe de todos os seres humanos, carregava em si, a humanidade, pois fora feita diretamente da 'carne de Adão', não tendo sido terra (barro) primeiro. Nasceu de um Adão perfeito, divino e sem pecado, que era a imagem e semelhança de Deus, o que a permitia carregar em si, tanto o divino quanto o humano ao mesmo tempo (Hildegarda de Bingen, *LDO*). Foi dada ao homem por Deus porque

[...] faltava a ele [homem] uma ajuda que se parecesse com ele. Por isso, Deus lhe deu esta ajuda, espelho de seu corpo, que é a mulher, na qual está contida, invisivelmente, toda o gênero humano que deve ser gerado na energia da força de Deus, assim como o primeiro homem foi feito da mesma energia (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. I, v. 4, c. C, tradução própria<sup>177</sup>).

<sup>177</sup> "Pero al hombre le faltaba una ayuda que fuera parecida a él. Por eso Dios le dio esta ayuda, espejo de su cuerpo, que es la mujer, en la cual estuvo contenido, invisiblemente, todo el género humano que debía generarse en la energía de la fuerza de Dios, así como el primer hombre fue hecho en la misma energía de su fuerza".

Nas três obras, Hildegarda fez referência à mulher carregar em si todos os possíveis filhos ou filhas, isto é, a garantia de sobrevivência da própria humanidade, o que é curioso, pois já é confirmado cientificamente que o feto feminino recebe todos os seus óvulos, ainda folículos, durante o primeiro trimestre, a partir do quarto mês de gestação da mãe e os desenvolve durante a vida, “[...] o que fornece à mulher potencial reprodutivo para toda a vida” (Angela Baerwald; Adams; Pierson, 2012, tradução própria<sup>178</sup>).

**Quadro 4 – Eva como a mãe da humanidade**

<i>Scivias</i>	<i>LMV</i>	LDO
Por conseguinte, em uma região de luminosidade, ele soprou sobre uma nuvem branca que brotara de uma <b>maravilhosa forma humana e continha dentro de si muitas e muitas estrelas</b> , porque, naquele lugar de deleites, Eva – cuja alma era inocente, porque havia sido tirada do inocente Adão, <b>trazendo em seu corpo toda a multidão da raça humana</b> , brilhando com a predestinação de Deus (L. I, v. 2, c. 10, grifos próprios).	Vi logo outros espíritos na multidão que mencionei antes e gritavam assim contra o exército de Deus: ‘Que poder tem contra nós? Nenhum’. E com grande furor olhavam as mulheres, dizendo: <b>‘Essas estão disponíveis para a propagação da vida no mundo, como a terra está para que a encham de sementes’</b> (p. I, c. 96, §2º, tradução própria <sup>179</sup> , grifos próprios).	Quando Deus criou ao homem, revestiu-o com um vestido celestial que resplandecia em glória. <b>No entanto, Satanás viu a mulher e reconheceu nela a mãe em cujo seio se alojaria um mundo possível</b> (p. I, v. 1, c. XIV, tradução própria <sup>180</sup> , grifos próprios).

Fonte: elaboração própria (2024).

Era pelo dom de gerar a vida que a mulher foi a escolhida, pelo Diabo, para corromper a humanidade toda. A mulher foi descrita como a portadora de milhares de estrelas – uma imagem bíblica utilizada por Deus ao se referir a Abraão que seria o pai de multidões (Bíblia Sagrada, Ge. 26, 4) – o que demonstrava a importância que Hildegarda deu à mulher em suas obras. Não é Abraão, o patriarca de Israel, o

<sup>178</sup> “Follicles containing oocytes arrested in dictyate stage meiosis I constitute the ovarian follicular reserve, which provides a woman with reproductive potential for her entire lifetime”.

<sup>179</sup> “Vi luego otros espíritus en la muchedumbre que mencioné antes que gritaban así contra el ejército de Dios: ‘¿Que poder tenéis contra nosotros? Ninguno’. Y con gran furor miraron a las mujeres, diciendo: “Éstas están disponibles para la propagación de la vida en el mundo, como la tierra está dispuesta a que la echen semillas”.

<sup>180</sup> “Cuándo Dios creó al hombre, lo revistió de un vestido celestial que resplandecía con gran gloria. Pero Satanás vio a la mujer y reconoció en ella a la madre en cuyo seno se alojaría un gran mundo posible”.

pai de multidões e sim, a mulher que contém em si toda a descendência da humanidade.

De acordo com Hildegarda, não foi Eva quem pecou, mas o Diabo quem a fez pecar, por ter inveja de sua fecundidade, por não ter compreendido os planos de Deus, que ao criá-la a partir da carne, deu novo *status* à humanidade, tornando-a terrena, além de divina, como Adão (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, *LMV*, *LDO*). O próprio Adão, primeiro homem, não pecou por causa de Eva, mas por também ter sido enganado pelo Diabo (Hildegarda de Bingen, *Scivias*). Novamente aqui, Hildegarda inverteu um dos padrões dos pais da Igreja, ao não culpabilizar a mulher pela queda da humanidade. Um dos exemplos que Hildegarda citou foi a tentação sexual para os homens, que seria fruto do plano diabólico, de acabar com a humanidade, pois se o homem se envolvesse com outros homens ou até mesmo outros animais, não fecundaria a mulher e não geraria frutos nela (Hildegarda de Bingen, *LMV*).

Nesse ponto, noto uma das contradições mais importantes de Hildegarda em relação às mulheres, ao mesmo tempo que eram bênção (Eva foi a mãe da humanidade e Maria, a mãe de Jesus), eram maldição, fonte de pecados para os homens, principalmente, pela sexualidade e por os induzirem a pecar (foi por amor à Eva e influenciado pelo Diabo, que Adão pecou). Todavia, para a abadessa, a mulher não possuía maior desejo sexual que o homem, pelo contrário, era mais fria que ele, diferentemente do pensamento medieval, novamente dos padres da Igreja, que a consideravam mais suscetível à luxúria ou concupiscência. Como bênção deveria ser derrotada pelo Diabo e como maldição deveria ser utilizada para fazer o homem pecar. Essa visão mais pessimista da mulher, ou melhor, dúbia, esteve mais presente em *El libro de los méritos de la vida*, em que Hildegarda atribuiu características femininas aos vícios e às virtudes. Uma das possíveis explicações para isso poderia ser a heresia cátara que atribuía mais valor às mulheres, as disputas sobre sua autoridade com as freiras sob sua direção durante a mudança para Rupertsberg, a partida de Richardis para assumir como abadessa do Mosteiro de Bassum, que foram os fatores predominantes durante a escrita dessa obra, conforme apontado no item 2.3 desta tese.

A mulher seria mais fácil de seduzir, devido a sua fragilidade, por outro lado, seria mais sábia e inteligente que o homem, com o intuito de o convencer: “[...] a mulher sobrepuja mui rapidamente o homem, se ele não a odeia e aceita facilmente

suas palavras” (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. I, v. 2, c. 10). A mulher carregaria em si, a Sabedoria que é a segunda figura, como Hildegarda a descreveu. A Sabedoria era um atributo de Deus, mas foi descrita como uma mulher, cujo papel é revestir os homens na ciência do bem e do mal, mas não os subjugar. A mulher seria mais sábia, mas deveria obedecer ao homem, principalmente, o marido, que era a sua força e a sustentava, da mesma forma que todo ser humano deveria obedecer a Deus. Ao mesmo tempo que a mulher poderia seduzir o homem para o mal, poderia ser a sabedoria a guiá-lo para o caminho da salvação, pois possuía a sabedoria divina e a sabedoria humana dentro de si.

Dentro da nova perspectiva de espiritualidade do século XII, a próxima figura é a mãe, que poderia se referir à Igreja, como “mãe dos fiéis” (*Scivias*, L. II, v. 3), à Sinagoga, à Maria, mãe de Jesus, ou ainda, à Humildade, como mãe de todas as virtudes. A Igreja ainda foi descrita como a noiva de Cristo, assim como todas as virgens que se dedicavam à vida espiritual e abriam mão do matrimônio para servirem a Deus. Entretanto, a figura da mãe, como doadora de amor e salvação, foi destinada à Maria, mas sem se esquecer de Eva, Hildegarda defendeu que por uma mulher entrou a perdição no mundo (Eva), mas por outra mulher, entrou a salvação (Maria) e a primeira carregava o título de ‘mãe da humanidade’ e a segunda, o de ‘mãe do Salvador’. A conclusão da obra divina perfeita ocorreu por meio de Jesus, verdadeiramente homem, pois nasceu de uma mulher, que lhe deu a humanidade, e verdadeiramente Deus, já que não foi fruto do sexo entre homem e mulher, mas da vontade de Deus (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, *LMV*, *LDO*), o que Hildegarda resumiu da seguinte maneira “[...] a mulher, que foi a primeira que deu ocasião para o mal, mas graças a ela, que mais tarde, o mesmo mal foi reparado” (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. I, v. 4, §2º, tradução própria<sup>181</sup>).

---

<sup>181</sup> “la mujer, que fue la primera que dio ocasión al mal pero gracias a la que, más tarde, los mismos males han sido reparados”.

#### 4.4 A complementaridade entre homens e mulheres nas obras de Hildegarda de Bingen

Ao apresentar a raça humana “[...] gerada por homens e mulheres, como Deus fez humanidade fez a humanidade da lama da terra” (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. I, v. 3, §2º), a abadessa delimitou os papéis complementares entre homens e mulheres, os quais foram criados, proporcionalmente, um para o outro, como todas as criaturas da natureza:

[...] criou ao homem dotando-o de maior força e a mulher de energia mais delicada e ordenou seus elementos segundo uma medida equilibrada em largura e altura, tal como dispôs retamente também a altura, a profundidade e a largura das outras criaturas, para que nenhuma delas fosse desproporcional em relação as outras (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. II, v. I, c. XLIII §4º, tradução própria<sup>182</sup>).

De fato, o que se percebe nas obras de Hildegarda é uma preocupação em demarcar a complementaridade entre os sexos, em que um fora criado em função do outro, não apenas a mulher em função do homem,

[...] o homem, criado à imagem de Deus e sentado como um senhor sob o trono da terra, dominador de todas as criaturas que foram feitas para ele, é a plenitude da obra divina na qual Deus se satisfaz. Cada um dos sexos foi feito para a ajuda e o consolo do outro, o homem tem a forma da divindade de Cristo e a mulher, sua humanidade (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. I, v. 4, c. C, tradução própria<sup>183</sup>).

A abadessa utilizou diversas imagens para demonstrar a complementaridade entre os sexos: a) divindade do homem em relação à humanidade da mulher (*LDO*); b) homem como o semeador e a mulher como a semente (*Scivias*); c) vento e o ar, como homem e mulher, respectivamente (*Scivias*); d) fortaleza e fraqueza, em que a

<sup>182</sup> “Creó al hombre dotando al varón de mayor fuerza y la mujer de energía más delicada, y ordenó sus elementos según una medida equilibrada en longitud y anchura, tal como dispuso rectamente también la altura, la profundidad y el ancho de las otras criaturas, para que ninguna de ellas fuera desproporcionada con respecto a las otras”.

<sup>183</sup> “Él hombre, creado a imagen de Dios y sentado como un señor sobre el trono de la tierra, dominador de todas las criaturas que han sido hechas por él, es la plenitud de la obra divina en la cual Dios se complace. Cada uno de los dos sexos ha sido hecho para que viniera en ayuda y fuera consuelo del otro, el hombre tiene la forma de la divinidad de Cristo y la mujer, de su humanidad”.

primeira é uma das qualificadoras que definem o homem e a segunda define a mulher (*Scivias, LMV, LDO*); e) corpo representando o homem, alma a mulher e juntos “[...] quando coincidem na retidão, alcançam os prêmios celestiais em felicidade comum aos dois” (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. I, v. 4, c. II, tradução própria<sup>184</sup>). A relação corpo e alma foi descrita como complementar, em que a alma governava o corpo. No caso da alma, propriedade angelical dada por Deus, atuava de forma invisível sobre o corpo e era sua “[...] força vital, já que o corpo cresce e progride graças a ela, igual à terra que produz frutos graças à humildade” (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. I, v. 4, c. XXI, §1º, tradução própria<sup>185</sup>). O corpo, por sua vez, é quem executaria, de forma visível, as obras que a alma determinou. O homem, como corpo, era guiado pela mulher, como alma, pois é a sabedoria dela que governaria a força dele. f) Como membros do corpo humano. Essa última imagem é uma das mais interessantes, pois Hildegarda recorreu à metáfora da amputação de um membro do corpo humano, para demonstrar a ligação entre homens e mulheres: “[...] com efeito, não pode ser que uma pessoa possa permanecer inteiramente bem se um pé permanece em seu corpo e o outro lhe é amputado” (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. II, v. 5, c. 24).

A mulher era por excelência o par perfeito do homem, em plena harmonia, principalmente, pela união matrimonial (Hildegarda de Bingen, *Scivias, LMV, LDO*). Esposa e esposo eram unidos em amor verdadeiro, dedicando-se reciprocamente, desde que Eva foi tirada da costela de Adão. Nesse sentido, o ato sexual, na idade correta, com o intuito de gerar filhos, não seria pecaminoso e poderia garantir o prazer aos dois, igualmente. Ao homem e à mulher caberia, por obrigação, gerar descendência e não apenas procurar o prazer pelo prazer, “[...] dado que tanto o homem quanto a mulher não poderiam existir sem terem sido concebidos em tal união” (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. I, v. 1, c. 11, §3º). Hildegarda ainda complementou da seguinte maneira: “[...] são dois em uma só carne” (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. I, v. 4, c. LIV, §2º, tradução própria<sup>186</sup>), que carregam em si, as ‘sementes da vida’ (espermatozóides e óvulos), responsáveis pela continuidade da vida humana na Terra (Hildegarda de Bingen, *Scivias*). Até no pecar se

<sup>184</sup> “En efecto, cuando el alma y el cuerpo coinciden ambos en la rectitud, consiguen los premios celestes en común felicidad”.

<sup>185</sup> “El alma también es la fuerza vital de la carne, ya que el cuerpo del hombre crece y progresa gracias a ella, igual que la tierra produce frutos gracias a la humedad.”

<sup>186</sup> “[...] son dos en una sola carne”.

complementam, pois “[...] a chama da luxúria se acende no umbigo da mulher, mas encontra pleno cumprimento nos ombros do homem” (Hildegarda de Bingen, *LMV*, p. III, c. 83, §2º, tradução própria<sup>187</sup>).

A mulher seria fecundada pela força do homem, uma vez que não possuiria a virilidade, somente a fragilidade e debilidade a acompanhavam. Quando se referiu à sexualidade, Hildegarda delimitou os papéis de homens e mulheres, em que um não poderia desempenhar a função do outro, como, por exemplo, no vício da homossexualidade<sup>188</sup>, todavia, o castigo seria aplicado de maneira igual a ambos os sexos (Hildegarda de Bingen, *LMV*). Ainda em relação aos papéis, a abadessa recriminou as vestimentas masculinas para mulheres e vice-versa, a não ser que fosse por uma questão de sobrevivência e definiu que isso era necessário para “[...] que **seus papéis possam permanecer distintos**: o homem revelando força viril e a mulher, fragilidade feminina; de fato, isso foi assim ordenado por mim [Deus] quando a raça humana começou” (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. II, v. 6, c. 77, grifos próprios).

À mulher caberia ser submissa ao homem, da mesma forma que o homem deveria ser obediente a Deus, o que a impediria de ser uma sacerdotisa, na ordem defendida por Hildegarda, diferentemente, das mulheres cátaras. Devido a sua fragilidade, o objetivo que Deus deu a ela seria o de gerar e nutrir os filhos, não de desempenhar funções eclesiásticas,

[...] portanto, tal como a terra não pode arar a si mesma, uma mulher não deve ser sacerdotisa e fazer o trabalho de consagração do corpo e do sangue de meu Filho, embora ela possa cantar o louvor de seu Criador, como a terra pode receber chuva para irrigar seus frutos (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. II, v. 6, c. 76).

Essa restrição torna-se interessante sob dois aspectos: Hildegarda permitia que a mulher participasse das cerimônias religiosas, estando em período menstrual, reinterpretando as leis judaicas, descritas no livro bíblico de Levítico. Aliás, defendia que a mulher deveria ser cuidada no período menstrual, com benevolência, por serem dias difíceis (Hildegarda de Bingen, *Scivias*). O segundo aspecto é a contradição da própria Hildegarda, como sibila autorizada a pregar fora dos

<sup>187</sup> “En efecto la llama del fuego de la lujuria se enciende en el ombligo de la mujer, pero encuentra pleno cumplimiento en los lomos del hombre”.

<sup>188</sup> Hildegarda considerava a homossexualidade como um vício e um pecado contra a ordem natural que Deus havia criado.

mosteiros, mas contrária ao protagonismo feminino como sacerdotisas. À primeira vista, são visões totalmente contraditórias entre si, porém, a abadessa defendeu que as mulheres, quando faziam os votos para serem freiras, tornavam-se noivas de Jesus, garantindo-lhes participar da divindade dele: “[...] uma virgem prometida em casamento a meu Filho recebê-lo-á como Noivo, pois ela trancou seu corpo para qualquer marido físico; e em seu Noivo, ela tem o sacerdócio e todos os ministérios de meu altar, e, com ele, possui todas as riquezas do altar” (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. II, v. 6, c. 76). Interiormente, essa mulher seria uma sacerdotisa.

Em relação à fé, não existiria distinção entre homens e mulheres “[...] porque a todos os homens de um e de outro sexo que o acolheram [a Jesus], crendo que ele é Deus e homem (porque primeiro se entende Deus pela fé e o acolhe logo depois do anúncio de se ter feito homem)” (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. I, v. 4, c. CV, §28, tradução própria<sup>189</sup>). Observe que Hildegarda usou ‘homem’ para se referir à humanidade como um todo, não como uma distinção de gênero.

As virtudes foram dadas igualmente aos homens e às mulheres, sujeitas a Deus, eram invencíveis, pois provinham Dele, não da união do homem com a mulher, ou de qualquer um dos dois separadamente (Hildegarda de Bingen, *Scivias*; *LMV*). Eram as virtudes que sustentavam os homens e as mulheres, o que as tornou uma dádiva de Deus dada para restaurar os homens após o pecado de Adão e Eva (Hildegarda de Bingen, *LDO*). As virtudes direcionavam o homem e a mulher para a prática das boas obras, com o intuito de garantir a salvação eterna. Quando Deus resolveu dar as virtudes à humanidade, foi porque ela lhe era cara e amada, como obra perfeita de sua criação (Hildegarda de Bingen, *LMV*).

Entretanto, as virtudes não poderiam operar sozinhas. Era preciso que os homens e as mulheres as escolhessem para praticar as boas obras, pois elas respeitam a vontade e o desejo masculino e feminino, deixando-os livres para pecar, uma vez que têm a esperança de que ao usar a capacidade racional, eles escolham as boas obras e evitem o pecado (Hildegarda de Bingen, *LDO*). Na conservação da prática das virtudes em detrimento dos vícios e pecados, homens e mulheres se tornariam santos e mais próximos de Deus, logo, da salvação. No que tange à sexualidade e ao desejo sexual, as virtudes operavam da mesma maneira nos

---

<sup>189</sup> “A cuánto lo acogieron, les dio el poder de convertirse en hijos de Dios” (Jn 1,12), porque a todos los hombres de uno y otro sexo que lo acogieron, creyendo que él es Dios y hombre, (porque primero a Dios se le entiende con la fe y se acoge luego el anuncio de que Dios se ha hecho hombre), su potencia les dio fuertemente el poder de hacerse por su voluntad, hijos del Padre en el reino celeste”.

homens e nas mulheres. Uma das diferenças sobre as virtudes era que mesmo aquelas características de Deus foram descritas como formas femininas, diferentemente dos vícios que possuem as duas formas, mas eram descendentes das mulheres.

Quando os homens e as mulheres escolhiam o pecado, abandonavam a “[...] força vital das virtudes para se acercam da aridez da negligência, o que os privará da seiva e da fecundidade das obras boas, desfalecendo e as forças de sua alma secarão” (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. I, v. 2, c. XVII, §6, tradução própria<sup>190</sup>). Note que as virtudes são como seivas, assim como proposto pela Fig. 6, e graças a elas, homens e mulheres são ‘alimentados’ na prática das obras boas. Quando não as escolhiam, a alma tornava-se árida e infrutífera, já que as virtudes eram sua força vital.

As virtudes estavam a serviço dos homens e das mulheres e estavam presentes igualmente neles, mas nem todas eram manifestadas da mesma maneira, ainda que o objetivo delas fosse o mesmo: a salvação eterna da humanidade. Nesse sentido,

[...] cada classe de virtudes apresenta em si e em seu interior suas distinções, porque uma virtude demonstra certos poderes, e outra outros, e assim também são distintas suas operações nos homens, e isso se estende a todas as virtudes. As obras boas seguem uma vontade boa. Igualmente algumas virtudes se inclinam à ciência de Deus e como existem nela, conduzem o homem a todas as formas de justiça ao mesmo tempo que o conduzem com retidão para as coisas celestes. Sem dúvida, todas as virtudes têm por objetivo conseguir a salvação do homem, ainda que nem todas apareçam em igual medida em um só homem (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. I, v. 2, c. XXIV, §1°, tradução própria<sup>191</sup>).

Observe que a prática das virtudes conduziria à justiça, logo, a uma sociedade mais harmoniosa. Operam de forma complementar, em uma relação similar a dos homens e das mulheres. Somente pela prática das virtudes, que nascia

<sup>190</sup> “Si en cambio el hombre abandona la fuerza vital de estas virtudes por acercarse a la aridez de la negligencia, quedará privado de la savia y de la fecundidad de las obras buenas, desfallecerá y las fuerzas de su alma se secarán”.

<sup>191</sup> “Cada clase de virtudes presenta por sí y en su propio interior sus distinciones, porque una virtud muestra ciertos poderes, y otra otros, y así también son distintas sus operaciones en los hombres, y esto hay que entenderlo referido a todas las virtudes. Las obras buenas siguen a una voluntad buena. Igualmente, algunas virtudes se inclinan a la ciencia de Dios, y puesto que existen en la ciencia de Dios, conducen al hombre a todas las formas de la justicia al mismo tiempo que le hacen encaminarse con rectitud hacia las cosas celestes. Sin duda, todas las virtudes se apresuran a conseguir la salvación del hombre, aunque no todas aparezcan con igual medida en un solo hombre”.

nos homens justos e mulheres justas, era possível praticar as boas obras, as quais também se manifestam neles (Hildegarda de Bingen, *LMV*), pois, “[...] o desejo do homem de fé, adere-se às virtudes e aos conselhos, unindo-se a elas e por essa razão, o homem se sustenta com o sopro das virtudes na destruição do mal, pois de outro modo não poderia se voltar ao bem” (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. I, v. 3, c. VI, §1º, tradução própria<sup>192</sup>). As virtudes também estavam presentes no homem como microcosmo da mesma forma “[...] que os quatro elementos estão no homem, também na alma se encontram as virtudes de Deus, que os fazem voltar ao bem” (Hildegarda de Bingen, *LMV*, p. 6, c. 19; *LDO*, p. I, v. 4, c. XIV, §2º, 3º, 4º, tradução própria<sup>193</sup>).

Nesta seção, destacaram-se alguns pontos importantes para a compreensão dos papéis dos homens e mulheres no pensamento hildegardiano:

1. homens e mulheres eram complementares um ao outro, mas possuem distintos papéis na criação;
2. homens e mulheres possuíam em si toda a criação e são responsáveis pela harmonia na natureza;
3. a mulher era inferior ao homem, devendo-lhe obediência, mas por meio da sabedoria dela, podia subjugar-lo;
4. a capacidade intelectual e de escolha era comum aos dois sexos;
5. a prática das virtudes era a única forma para praticar boas obras;
6. a prática das virtudes conduziria a uma sociedade mais justa.

Na próxima seção, coração desta tese, discuto o projeto educativo de Hildegarda de Bingen, a partir das considerações das seções 3 e 4 desta tese, acrescentando o conceito de *paidéia*, como forma de contextualizar a educação medieval da época de Hildegarda de Bingen.

---

<sup>192</sup> “Significa que el deseo del hombre de fe, se adhiere a las virtudes y a los consuelos y se une a ellas, y por esta razón el hombre se sustenta con el sopro de las virtudes en la destrucción del mal, pues de otro modo no podría volverse al bien”.

<sup>193</sup> “Lo mismo que los cuatro elementos están en el hombre, también en el alma buena se encuentran las virtudes de Dios, y lo hacen volver al bien”.

## 5 PROJETO DE FORMAÇÃO HUMANA DE HILDEGARDA DE BINGEN

Antes de apresentar o projeto de formação humana de Hildegarda de Bingen para a sociedade do século XII, preciso apresentar qual conceito de formação me orientou na construção desta tese, que foi a ideia da *paideia* cristã. Werner Jaeger (1888-1961) ao analisar a sociedade grega da Antiguidade, principalmente, o papel dos gregos na História da Educação, apresentou o conceito de *paideia*. A *paideia* se constituía como um projeto formativo, ou melhor, de educação para a sociedade grega, baseada na cultura helênica, na tradição dos filósofos e artistas gregos, cujo objetivo era um processo de construção consciente para emancipar os homens e torná-los livres.

No entanto, não foi um processo natural, que aconteceu concomitantemente à vida dos grandes filósofos. Foi preciso um certo grau de desenvolvimento social e econômico, livre de guerras, para que a *paideia* fosse desenvolvida pelos gregos, o que a tornou um processo de desenvolvimento histórico aliado ao desenvolvimento espiritual (das mentalidades). De acordo com Jaeger (1995, p. 3) “[...] todo povo que atinge um certo grau de desenvolvimento sente-se naturalmente inclinado à prática da educação. Ela é o princípio por meio do qual a comunidade humana conserva e transmite sua peculiaridade física e espiritual”. Era e ainda é preciso haver as condições materiais para se realizar o processo educativo. Dialeticamente, para que a sociedade se desenvolvesse era preciso o desenvolvimento intelectual, por meio da educação.

A educação deveria ser pensada dentro da sociedade, não à parte dela, uma vez que era um processo individual, ao mesmo tempo coletiva, por ser pautada na transmissão de valores válidos ou que já foram transformados, a partir da própria sociedade, pertencendo a toda comunidade. Esses valores poderiam ser definidos como cultura, pautados na tradição de serem passados de geração em geração. Para os gregos, o pensamento dos filósofos e artistas da Antiguidade pautavam a própria sociedade, o que foi primordial para o projeto formativo deles, espalhado pelo Ocidente, por meio do helenismo. O projeto de formação grego era pautado no conceito de homem político, ligado ao Estado e a sua comunidade, a serviço dela, mas que não apagava seu protagonismo como ser individual.

Ao analisar como os cristãos obtiveram vitória sobre as religiões pagãs nos primeiros séculos (I-III) do cristianismo, Gibbon (1734-1794) já antecipava a importância da preservação da tradição e da cultura para o desenvolvimento social da sociedade, de um modelo de *paideia* cristã. A pergunta norteadora da obra *Os cristãos e a queda de Roma* foi “[...] por que meios obteve a fé cristã vitória tão notável sobre as religiões estabelecidas no mundo?” (Gibbon, 2012, p. 5). A resposta para essa pergunta envolve cinco aspectos: 1) zelo e perseverança dos cristãos em unir a religião nascente às doutrinas antigas e pagãs; 2) doutrina baseada na crença de uma vida futura; 3) poderes miraculosos da Igreja; 4) pura e austera moralidade no comportamento; 5) unidade e disciplina dos cristãos (Gibbon, 2012). Os primeiros cristãos se aproveitaram da liberdade de culto que possuíam até o século I, para propagar a sua fé, sobretudo, pelos aspectos um, dois, três e quatro, construindo as bases da doutrina cristã para a sociedade romana, inicialmente.

Houve uma perseverança em unir a tradição helênica e romana, inclusive ritos pagãos, aos novos ideais da religião cristã, ressignificando a própria filosofia, por exemplo. Em relação ao item um, afastar-se da fé antiga mosaico-judaica não foi tão simples. Havia o zelo em pregar a existência de um único Deus e a crença na exclusividade de povo eleito, que não eram mais os judeus, exclusivamente, mas todo aquele que aceitasse a Jesus. As idolatrias eram toleradas, mas veementemente, censuradas.

O item dois conseguiu provar, por meio da fé, a imortalidade da alma, a partir da revelação divina, o que a Filosofia não conseguia provar pelos meios racionais. Aliada à crença de que no juízo final, somente os que abraçassem a fé cristã seriam salvos, a imortalidade da alma foi primordial para o sucesso do cristianismo, em conjunto com os poderes miraculosos da Igreja (item 3), em que alguns eram agraciados e escolhidos para receberem a bênção divina de um milagre. O item quatro, o mais prático dos listados até agora, apresentou a reforma que os cristãos introduziram na vida social romana, que os diferenciava de outros povos, principalmente, por acreditarem na possibilidade de arrependimento e absolvição dos pecados e no desejo de defender a moralidade dentro da sociedade em que viviam. Os primeiros cristãos cultivavam e praticavam as virtudes, por meio de uma vida austera. Não participavam da defesa militar do Estado, isto é, da vida ativa do

Império Romano, pois era incompatível com a sua fé e dedicavam-se à vida contemplativa, que ao cristianizar, também educavam nos preceitos do cristianismo.

Os cristãos tornaram-se um Estado dentro do próprio Império Romano, por meio de sua unidade de crença e disciplina em seu comportamento (itens um e quatro). Para tanto, precisaram administrar a Igreja nascente dentro do Império Romano. Um dos processos utilizados foi a hierarquização da Igreja, com os diversos cargos eclesiásticos, presbíteros, bispos, arcebispos... Foi a hierarquização da Igreja que garantiu a unidade dos primeiros cristãos, o sentir-se parte de um todo único e indivisível, baseada em um sistema de recompensas e punições, em que “[...] a equilibrada mistura de benevolência e rigor, a judiciosa aplicação de castigos e recompensas, segundo as máximas da prudência política e da justiça, constituíam a força humana da Igreja” (Gibbon, 2012, p. 35).

Os primeiros séculos do cristianismo foram marcados pela construção dessa filosofia cristã, de uma doutrina para cristianizar/instruir todo o Império Romano e, com a queda dele em 476, a sociedade ocidental. A filosofia cristã, do último período do Império Romano, ficou conhecida como Patrística (ver nota 159), em que “[...] os pensadores cristãos procuraram acomodar a metafísica dos gregos na estrutura do novo credo” (Russel, 2013, p. 194). Um desses pensadores, conhecidos também como Pais da Igreja ou Padres da Igreja, foi Agostinho de Hipona, responsável por estruturar a base teológica da Igreja, unindo a teologia à metafísica grega. Russel (2013, p. 201) classificou as preocupações de Agostinho de Hipona como “teológicas. Mesmo quando se ocupa de questões filosóficas, o seu objetivo era, em primeiro lugar, reconciliar o ensinamento da Bíblia com a herança filosófica da escola platônica”. Ele foi o grande influenciador do cristianismo até o final do século XII.

Na obra *A doutrina cristã*, Agostinho de Hipona apresentou determinadas características para se tornar um cristão, não apenas pela fé. Era preciso ter zelo e cultivar as virtudes, estar conforme a verdade e ter conhecimento ao falar. O objetivo da obra foi preparar o orador cristão para ler/entender a Bíblia, para que a pudesse expor de maneira clara e objetiva, por meio de uma retórica eloquente. A pergunta norteadora da obra, poderia ser resumida em como ensinar as doutrinas de forma que todos pudessem aprendê-las? A resposta a tal pergunta só poderia ser fornecida pela Igreja Católica, por meio de um método para ler e compreender a Bíblia.

No prólogo da obra, Agostinho de Hipona destacou como aprendemos com a ajuda de outros homens, inspirados por Deus e que já estavam no caminho da fé há mais tempo. Essa era a justificativa para escrever *A doutrina cristã*, a fim de contribuir para a compreensão da Bíblia e preparar o orador cristão. Novamente, é possível observar a importância da tradição e da cultura, para que a *paideia* cristã pudesse se concretizar. Agostinho de Hipona apresentou certos fundamentos para que a Bíblia pudesse ser interpretada da melhor maneira possível e consoante a doutrina cristã da Igreja Católica, em que a arte do bem falar, da retórica, da organização lógica do pensamento seriam fundamentais para a compreensão da Bíblia, mas nunca substituiriam o conhecimento das escrituras (Agostinho de Hipona, *A doutrina cristã*, L. I, II e III).

No pensamento agostiniano, o homem tinha papel central, pois Deus está nele (Agostinho de Hipona, *Confissões*), entretanto, precisaria ser municiado de algumas ferramentas para conseguir ensinar a doutrina cristã, o que, conseqüentemente, torná-lo-ia um bom orador, garantindo-lhe autoridade para ensinar. Agostinho destacou que seria preciso educar o homem desde cedo, principalmente os jovens que não estivessem envolvidos com outras atividades, que possuíam tempo livre para os estudos, para a vida contemplativa. Por que ensiná-los desde cedo? Embora seja a imagem e semelhança de Deus, por meio do pecado original, o homem se tornou mal e precisava ser educado desde a infância nos preceitos e virtudes para se tornar um bom cristão e viver em sociedade (Agostinho de Hipona, *Confissões*). E quando houvesse algum texto difícil de compreender nas sagradas escrituras? Seria preciso interpretá-lo por meio das virtudes e da prática delas, dadas ao homem como auxiliadoras (Agostinho de Hipona, *A doutrina cristã*).

Segundo Agostinho de Hipona “[...] ninguém faz bem o que faz contra a vontade, mesmo que seja bom o que faz” (*Confissões*, L. I), o que o conduziu a apresentar a necessidade de instruir os jovens na arte da retórica, para convencerem por meio de argumentos lógicos, utilizando-se de recursos discursivos (figuras de linguagem), culturais (grandes pensadores e a própria Bíblia) e corporais (tom de voz, gestos), sobretudo, do conhecimento verdadeiro adquirido por meio do estudo e da meditação nas escrituras, tendo em vista ser mais agradável falar com sabedoria, com um discurso verdadeiro, pautado no conhecimento das escrituras, que utilizar a eloquência para propagar conhecimento falso. Para Agostinho de Hipona o ensino deveria possuir um objetivo claro, o que foi criticado por ele no

ensino da aritmética, em que se repetia o 1+1, mecanicamente (Agostinho de Hipona, *Confissões*). Era preciso haver amor tanto no ensinar quanto no aprender para que houvesse o aprendizado, pois aprender contra a vontade não era uma opção viável: “[...] procure ser mais amado que temido, pensando sempre que deve dar conta a Deus a respeito de vocês” (*Regra de Santo Agostinho*, q. 8, c. 46). E foi a partir dessa *paideia* cristã, que analisei a obra de Hildegarda em busca do projeto de formação humana para a sociedade do século XII.

Destaco que o período de maior escrita e organização do pensamento de Hildegarda, seja por meio dos livros, seja por meio das viagens de pregação, foi quando alcançou as condições materiais, o mesmo que Jaeger (1995) definiu ser necessário para que a *paideia* grega acontecesse. Observe na Fig. 2, o término da escrita do *Scivias* aconteceu, concomitantemente, quando fundou o Mosteiro de Rupertsberg, assim como a escrita de diversas obras: *Causae et curae*, *Physica*, *LMV*. Os escritos de Hildegarda se consolidaram quando houve a estabilidade financeira e administrativa do Mosteiro de Rupertsberg em relação a Disibodenberg, concedida pela Diocese de Mainz (Anexo 1) e a proteção física concedida por Frederico Barba Ruiva (Anexo 4). Portanto, para escrever a sua *paideia*, Hildegarda precisou antes de tudo, de condições materiais (financeira, administrativa e física), de autonomia e de autoridade, que já havia conseguido ao receber a autorização papal para continuar escrevendo e ao se tornar Sibila do Reno. Assim como Jaeger (1995), para ser possível entender o projeto de educação de Hildegarda, é preciso entender qual o conceito de homem defendido pela abadessa.

O homem, ou melhor, o ser humano hildegardiano é bom, guiado pela racionalidade, atributo divino, e ajudado pelas virtudes, presentes de Deus para ele, após o pecado original. Apesar de ser constituído por “corpo, alma e razão”, somente a última era capaz de governar o ser humano, sendo superior às demais partes (Hildegarda de Bingen, *LDO*). É interessante notar que no *Scivias* (L. I, v. 4, c. 18), Hildegarda defendeu que o homem seria composto por três veredas: “alma, corpo e sentido”, já no *Libro de las obras divinas*, houve a preponderância do homem racional, o que pode ser justificado por ser a última obra de Hildegarda, de um pensamento mais maduro e por que não, mais ligado à própria filosofia das universidades nascentes. Hildegarda utilizou a metáfora do vento para demonstrar a reciprocidade entre alma e razão

[...] como o vento faz arder o fogo, assim a racionalidade move e ilumina a alma do homem. A racionalidade está na alma como o vento e a luz no fogo. A alma é o sopro introduzido por Deus no homem, inesgotável e racional. E como o fogo sem arder não seria fogo, também a alma sem racionalidade seria incapaz de entender. No entanto, o vento ignora todas as outras criaturas irracionais, pois não é fogo ardente nelas. A racionalidade, em conjunto com o conhecimento, conduz a alma por todas as partes, examina e conhece de mil modos as ações dos homens, pelas quais, quando a alma compreende o bem com essa mesma ciência e se alegra, arde como o sol e revela sua natureza celeste (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. I, v. 4, c. XXVII, §2º, tradução própria<sup>194</sup>).

O intelecto, primeiramente descrito como atributo da alma (*Scivias*) para depois o ser também da razão (*LDO*), governaria todo o corpo, localizado na parte superior (na razão), governaria os sentidos e todos os órgãos da parte inferior do homem, o que se constitui como uma revisão do próprio pensamento de Hildegarda por ela mesma, ao retirar dos sentidos a condição de uma das veredas principais da composição do ser humano (Hildegarda de Bingen, *LDO*). Os cinco sentidos serviriam à alma e à razão, à medida que forneciam dados para a reflexão, logo, a melhor escolha possível a ser realizada pelo intelecto: “[...] com os olhos o homem vê o que depois entende com a ajuda da sabedoria e aprende essas coisas pelo ouvido, o olfato e o paladar. Por outro lado, o que está em seu coração, conhece graças à ciência, mas não vê com os olhos” (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. I, v. 4, c. XXXVII, §1º, tradução própria<sup>195</sup>). Os sentidos ajudariam o homem a entender determinadas situações, mas não eram suficientes para que, de fato, conhecesse-as e as compreendesse em todos os aspectos, o que somente era possível graças ao uso da razão, que acessava às ciências do bem e do mal que todos os seres humanos possuíam dentro de si. Flores (2018) afirmou que corpo e alma possuíam quase que uma ligação biológica na obra de Hildegarda, em que ambos necessitam um do outro para realizarem suas obras.

---

<sup>194</sup> “Como el viento hace arder el fuego, así la racionalidad mueve e ilumina el alma del hombre. La racionalidad está en el alma como el viento y la luz en el fuego. El alma es el soplo introducido por Dios en el hombre, inagotable y racional. Y como el fuego sin arder no sería fuego, también el alma sin racionalidad sería incapaz de entender. Sin embargo, el viento pasa de largo por todas las otras criaturas irracionales, puesto que no es fuego ardiente. La racionalidad, con el conocimiento, conduce al alma por todas partes y examina y conoce de mil modos las acciones del hombre, por lo cual, cuando el alma comprende el bien con esa misma ciencia y se alegra, arde como el sol y revela su naturaleza celeste”.

<sup>195</sup> “Con los ojos el hombre ve lo que después entiende con la ayuda de la sabiduría, y estas cosas las aprende por el oído, el olfato y el gusto. En cambio, lo que está encerrado en su corazón lo conoce gracias a la ciencia, pero no lo ve con los ojos”.

A alma e a razão eram as responsáveis pelas boas obras do ser humano, que se constituíam como imagem e semelhança de Deus (Hildegarda de Bingen, *LMV*), enquanto o corpo, por meio dos vícios, seria responsável pelas más obras (Hildegarda de Bingen, *LDO*). O equilíbrio entre alma e razão garantia que o homem não enlouquecesse, mas também o impedia de alcançar a plenitude da santidade, pois seu corpo carnal não conseguiria ser como os anjos, que são santos, justamente, por serem apenas divinos. Pelo uso da razão que o homem conhece a Deus (Hildegarda de Bingen, *LMV*), todavia, também seria uma escolha que envolvia a vontade, outro atributo da alma constante no *Scivias* (L. I, v. 4, c. 20; 21): “[...] a vontade ativa a obra, a mente a recebe, e a razão a produz [...] é de fato, como o fogo, assando cada ação como em uma fornalha”. Embora possa ser controlada pela razão, pois essa é mais forte que ela, as virtudes respeitavam a vontade do homem, deixando-o livre para escolher entre as boas e a más obras, todavia, acreditarem que ao usar o intelecto, o homem poderia evitar o pecado por escolha livre e deliberada (Hildegarda de Bingen, *LDO*).

Contudo, qualquer ser humano poderia ensinar?<sup>196</sup> Na concepção hildegardiana eram os homens de fé, os monges, definidos como águias da Igreja que poderiam ensinar (Hildegarda de Bingen, *LDO*). Os monges, aqueles que escolheram a vida contemplativa, em vez da ativa, eram superiores ao clérigos regulares, que se dividiam entre as duas, uma vez que precisam cuidar das igrejas paroquiais e não poderiam se dedicar apenas aos estudos, isto é, à vida contemplativa (Hildegarda de Bingen, *Scivias*). Ao comparar os monges à águia, um tipo de pássaro, a abadessa determinou como deveriam ser alimentados espiritualmente e como a razão operaria nesses homens de fé:

[...] pelos pássaros [Deus] ensinou que com a razão o homem pode voar por todas as partes, do mesmo modo que os pássaros se movem no ar. Por isso, os homens consagrados que se separam dos outros homens devem se alimentar de comidas espirituais, pela afinidade que possuem com o gênero dos peixes e dos pássaros que vivem separados dos outros animais pela água e pelo ar (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. II, v. 1, c. XXXVIII, §5°, tradução própria<sup>197</sup>).

<sup>196</sup> Tentei, nesta seção, organizá-la seguindo o padrão de perguntas e respostas das obras de Hildegarda, em que a abadessa explicava de forma didática os dogmas da fé católica, por exemplo.

<sup>197</sup> “Por los pájaros enseñó que con la razón el hombre puede volar por todas partes, del mismo modo que los pájaros se mueven en el aire. Por esto a los hombres consagrados que se segregan de la sociedad de los otros hombres deben tomar comidas espirituales, por la afinidad que ellos tienen con el género de los peces y los pájaros que viven separados por los otros animales en el agua y en el aire”.

Os monges, como imitadores de Cristo, deveriam contribuir para edificar a Igreja, principalmente, por meio do silêncio, como prática educativa e da prática das virtudes. Para os monges, a absorção do conhecimento requer a capacidade de refletir e meditar sobre a palavra de Deus, em silêncio, de forma individual, para conseguir se conectar com Deus, o que diferia da prática dos clérigos, que acreditavam que a prática educativa seria mais produtiva em comunidade e o silêncio seria uma preparação para tal, não uma conexão com o divino (Bynum, 1984). Na *Regra de São Bento*, o capítulo 6 é dedicado ao silêncio, em que “[...] falar e ensinar compete ao mestre; ao discípulo convém calar e ouvir”, aprendendo por meio das palavras, do exemplo dos monges mais velhos e da leitura silenciosa. O silêncio também era dos graus para se alcançar a humildade e a sua quebra, por motivo fútil, poderia ser punida severamente (São Bento, *Regra de São Bento*, c. 7, §56; c. 42). Hildegarda (*Scivias*, L. II, v. 5, c. 28, §3º) também o defendeu na prática das boas obras, como uma característica da humildade “[...] trabalha, pois, no silêncio da humildade, e não te inflas de orgulho”; como uma forma de penitência (*LMV*); como forma utilizada pelas virtudes para influenciar os homens a praticar as boas obras (*LDO*).

Os mestres seriam os abades ou as abadessas, definidos como exemplos, ou ainda, aqueles que estivessem em uma hierarquia superior na Igreja, como arcebispos e bispos, por exemplo. A eles caberia o ensinar e aos demais monges se submeterem (Bynum, 1984). A mulher também poderia ensinar, já que após proferir os votos no mosteiro, tornava-se noiva de Cristo e participaria de todos os seus mistérios revelados, ainda que não pudesse ser uma sacerdotisa. No entanto, a educação de Hildegarda não pregava um rompimento com Roma, na figura do Papa, que era homem, tampouco com as dioceses a sua volta. A abadessa era cuidadosa em seu discurso para não cometer heresia, como os cátaros. Apresentou uma visão mais otimista da mulher, mas garantiu a sua inferioridade perante os homens, a quem deveria obediência. A autonomia e autoridade das mulheres estavam restritas aos mosteiros, na figura da abadessa, a fim de que pudessem ter o seu protagonismo, em um ambiente controlado pela Igreja.

A base da educação cristã defendida por Hildegarda era a *Regra de São Bento*, em que a Humildade e a Obediência têm papel fundamental para o ordenamento da sociedade, bem como a prática das boas obras, pois a fé sem

obras era morta (Hildegarda de Bingen, *LDO*). Essas duas virtudes deveriam estar presentes no abade da comunidade. De acordo com Bynum (1984), os cistercienses, no século XII, comparavam a figura do abade com a da mãe, que deveria ser responsável por nutrir os seus filhos, bem como aproximá-los e conduzi-los para Deus, por meio do caminho da salvação. Por outro lado, na *Regra de São Bento* (c. 2) são definidos como o Pai, imitadores de Cristo que iriam prestar contas diretamente a Deus pela forma como ensinaram e conduziram os monges sob a sua responsabilidade

[...] portanto, quando alguém recebe o nome de Abade, deve presidir a seus discípulos usando de uma dupla doutrina, isto é, apresente as coisas boas e santas, mais pelas ações do que pelas palavras, de modo que aos discípulos capazes de entendê-las proponha os mandamentos do Senhor por meio de palavras, e aos duros de coração e aos mais simples mostre os preceitos divinos pelas próprias ações. Assim, tudo quanto ensinar aos discípulos como sendo nocivo, indique pela sua maneira de agir que não se deve praticar, a fim de que pregando aos outros, não se torne ele próprio réprobo (São Bento, *Regra de São Bento*, c. 2, §11-13).

Essa máxima foi o que regeu *El libro de los merecimientos de la vida*, em que as penitências não poderiam ser maiores ou mais fortes que o corpo ou a alma do penitente suportaria, era preciso uma dosagem que a própria *Regra de São Bento* já apresentava “[...] em sua doutrina deve sempre o Abade observar aquela fórmula do Apóstolo: ‘Repreende, exorta, admoesta’, isto é, temperando as ocasiões umas com as outras, os carinhos com os rigores, mostre a severidade de um mestre e o pio afeto de um pai” (São Bento, *Regra de São Bento*, c. 2, §23-24). O abade ou abadessa deveria ser “[...] douto na lei divina para que saiba e tenha de onde tirar as coisas novas e antigas; deve ser casto, sóbrio, misericordioso” (São Bento, *Regra de São Bento*, c. 64, §2°), eleito por seus méritos, em que sua sabedoria prevalecesse sobre os demais, combatendo os vícios por meio de suas virtudes, castigando-os com prudência, de modo a ser mais amado que temido, tornando-se superior aos demais monges, o que garantiria que pudesse ser o mestre deles.

Hildegarda alertou para que os líderes da Igreja fossem maduros suficientes para chefiá-las e somente aqueles consagrados poderiam presidi-las “[...] que ninguém que seja imaturo e não consagrado receba uma igreja” (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. II, v. 6, c. 74). Dois pontos se destacam aqui no pensamento da

abadessa: o primeiro se refere à imaturidade relacionada à idade, o que ela já alertava sobre o matrimônio e sobre a entrega de crianças aos mosteiros. Na *Regra de São Bento* também havia essa preocupação com aqueles escolhidos para ajudar o abade, que deveriam possuir uma idade madura e mais tempo de consagração que os demais monges. Em relação ao matrimônio, homem e mulher, desde que na idade correta e visando gerar filhos, poderiam alcançar os prazeres sexuais. Sobre a entrega de crianças aos mosteiros, o que aconteceu com ela própria, fez a crítica que a entrega ao mosteiro só poderia acontecer após uma certa idade, isto é, após o amadurecimento da criança, em que ela já tivesse discernimento para decidir. Caso contrário, seria como encarcerar a criança, oprimindo-a a fazer algo que não quer, sem consentir de boa vontade, porque assim como Agostinho de Hipona (Confissões, L. I) defendeu, “[...] ninguém faz bem o que faz contra a vontade”, Hildegarda alertava para o pecado que os pais cometeriam ao entregarem seus filhos sem que eles tivessem discernimento intelectual suficiente para decidir se gostariam ou não de entrar para a vida monástica. De forma semelhante, defendia que quem quisesse ingressar na vida religiosa, para que não se apressasse “em deixar o mundo e aventureiramente entre em minha aliança por vontade própria, até que seja completamente examinado e testado; de fato, eu não quero alguém que se tenha agarrado à túnica de meu Filho e a largue” (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. II, v. 5, c. 38, §2°).

O segundo ponto é sobre não ser consagrado e receber alguma igreja para liderar. O contexto de Hildegarda era ainda marcado pelas disputas entre Papado e Império, ainda que tenham sido resolvidas durante a Concordata de Worms em 1122, havia ecos delas nas igrejas paroquiais e diocesanas, principalmente, com a influência laica na escolha de seus líderes religiosos.

A preocupação da abadessa com as lideranças, logo, com aqueles que poderiam ensinar, acompanhou-a em sua última obra, o *Libro de las obras divinas*, em que os melhores e mais sábios deveriam liderar a Igreja, por meio das virtudes, enquanto os demais, prestariam humilde obediência. Assim, ambos edificariam a Igreja e seriam por ela edificados, em uma relação mútua de dependência

[...] façamo-o [homem] para que a Igreja seja levantada, erguida e possa levá-lo a sua plena edificação. E o homem em seu ser seja adornado pela razão, isto é, a nossa semelhança [Deus], para que edifique a Igreja baseando-se justamente nas obras de Deus e

operando como homem. E à Igreja, inflamada pelo Espírito Santo, seja-lhe dada a lei de meu Filho [Jesus], que nasceu de meu coração. Na Igreja, os homens que têm a ciência sejam colocados como chefes das coisas terrenas e obedeçam ao evangelho dado por Deus e pratiquem as virtudes que o guiam ao bem, devotando seu corpo e sua alma ao serviço de Deus, submetendo-se às regras de Deus e praticando todas as outras virtudes celestes. Mortifiquem seus corpos com a abstinência das coisas carnis. Desse modo, as virtudes humanas serão perfeitas (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. II, v. 1, c. XLIV, §3º, tradução própria<sup>198</sup>).

A figura do mestre, tanto para os religiosos quanto para os leigos, era inspirada em Jesus, em seu exemplo em ensinar seus discípulos (Hildegarda de Bingen, *LMV*). Assim como o abade e os líderes da Igreja, o mestre deveria saber como lidar com aqueles que estão sob seu comando. *El libro de los merecimientos de la vida* dedicou os capítulos 69-74, da parte quinta, ao mestre e como ele deveria ser, independente se fosse religioso ou leigo. Assim como preconizava a *Regra de São Bento*, deveria ser guiado pela sabedoria em aplicar as recompensas ou castigos, analisando qual havia sido a intenção de seus discípulos ao praticarem determinadas ações. Eram os responsáveis por custodiar os leigos nos ensinamentos, não permitindo que alguém inferior pudesse ensinar, o que poderia causar cismas na ordem social (Hildegarda de Bingen, *LDO*). Por meio da inteligência de seus discípulos, deveriam trazê-los de volta às virtudes e às boas práticas:

[...] tal como o pastor justo busca ansiosamente sua ovelha perdida, assim devem os mestres espirituais buscar com grande diligência seus subordinados que se extraviaram pelo vício, e forçá-los, pela inteligência, a voltar para a casa da justiça da qual eles saíram ou desejaram sair, para que a Igreja possa estar cheia de ovelhas, algumas reprovadas amargamente e algumas exortadas delicadamente, a serem trazidas para as pastagens eternas (*Scivias*, L. II, v. 5, c. 50, §2º).

---

<sup>198</sup> “Hagámoslo para que la Iglesia sea levantada, erguida y pueda llevar al hombre a su plena edificación. Y el hombre en su ser sea adornado por la razón, es decir hecho a nuestra imagen. Y de ciencia y sabiduría, es decir hecho a nuestra semejanza, para que edifique la Iglesia basándose justamente en las obras de Dios y operando como hombre. Y a la Iglesia, que está inflamada por el Espíritu Santo, le sea dada la ley en mi Hijo, que ha nacido de mi corazón. En la Iglesia, los hombres que tienen la ciencia sean puestos como jefes de las cosas terrenales y obedezcan al evangelio dado por Dios y practiquen las virtudes que vuelan hacia el bien, y pongan al servicio de Dios su cuerpo y su alma, sometiéndose a las reglas de Dios y practicando todas las otras virtudes celestes. Y mortifiquen su cuerpo con la abstinencia de las cosas carnales. De este modo las virtudes humanas se harán perfectas”.

O local da prática educativa de Hildegarda seriam os mosteiros, como espaços guardiões da cultura e da tradição. Os mosteiros funcionavam como templos do saber, afastados das cidades, favorecendo a vida contemplativa e, conseqüentemente, o aprendizado das escrituras. Tanto os homens quanto as mulheres poderiam ser educados, haja vista que o *Scivias*, por exemplo, fora escrito para as freiras sob a supervisão da própria abadessa, como maneira de as educar na fé e dogmas cristãos. Como já apresentado por Meconi (2018), a extensa produção escrita de Hildegarda, em diferentes áreas do saber, foi para suprir a necessidade de uma boa biblioteca que todo mosteiro beneditino deveria ser, logo, seria para a educação delas. Em suma, ela escrevia para ensinar as freiras de seu mosteiro, em primeiro plano, e, em segundo, aos demais monges. Como é possível observar em seu epistolário, os ensinamentos da abadessa não ficaram restritos ao ambiente monástico, alcançado até mesmo a Universidade de Paris, por meio de Odo de Soisson, por exemplo (Hildegarda de Bingen, *Cartas* n° 40, 40r, v. I).

A prática das virtudes estava relacionada diretamente à prática das boas obras, pois o homem possui discernimento para escolher, de maneira coerente, entre as coisas celestiais ou as terrenas (Hildegarda de Bingen, *LDO*). As virtudes poderiam guiar e orientar o ser humano, contudo, a escolha final caberia a nós. A abadessa apresentou também que as virtudes podem ser praticadas por meio dos ensinamentos dos padres da Igreja, em que a educação tem papel importante ao ajudar o ser humano a fazer as melhores escolhas possíveis:

[...] o homem tem que examinar a fundo o que é o bem e o que é o mal, **seguindo os ensinamentos dos doutores da Igreja e atuar de acordo com sua doutrina**, para que os instrumentos daquelas virtudes nas quais foi iniciado a praticar, estejam com ele como sementes da palavra de Deus e essa semente seja posta na terra, ou seja, no homem. E assim, acontecerá que os desejos divinos que os acolheu com ardor, alcancem nele a perfeição do amor de Deus (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. II, v. 2, c. XXXIV, §4°, tradução própria<sup>199</sup>, grifos próprios).

Nesse excerto, há uma semelhança entre o que Agostinho de Hipona apresentou na *Doutrina Cristã* sobre os autores sacros e os autores da Antiguidade,

---

<sup>199</sup> “El hombre tiene que examinar a fondo qué es el bien y qué es el mal, siguiendo la enseñanza de los doctores de la Iglesia, y actuar en acuerdo con su doctrina, para que los instrumentos de aquellas virtudes que ha iniciado a practicar, estén en él como la semilla de la palabra de Dios, y esta semilla sea puesta en la tierra, es decir en el hombre. Y así ocurrirá que los consejos divinos que ha acogido con ardor, alcancen en él la perfección del amor de Dios”.

a possibilidade de aprender por meio do exemplo e, também, por meio dos textos deixados por tais autores. Ao imitá-los, o orador cristão poderia adquirir a eloquência da retórica. No caso de Hildegarda, as doutrinas dos padres ou doutores da Igreja poderiam ajudar as virtudes para que o ser humano praticasse as boas obras e vivesse uma vida mais justa e harmoniosa. Em outras palavras, é por meio da educação que o ser humano aprenderia a fazer boas escolhas e a praticar as virtudes

[...] quando os homens se submetem às regras de Deus vivem praticando as virtudes, também imitam a Cristo na milícia celeste. Afastam-se das coisas terrenas, ansiando devotamente pela justiça e se elevam à terra prometida. Sobem de virtude em virtude em direção ao bem e observam os tempos adequados para realizar as refeições, segundo a constituição dada pelos mestres (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. II, v. 1, c. XLIV, §7º, tradução própria<sup>200</sup>).

E como deveria ser a educação? Para Hildegarda de Bingen (*LDO*) havia apenas um tipo, aquela que levaria o ser humano à salvação. A abadessa até alertou que podem parecer que são várias, só que para manter a ordem social, somente uma deveria ser aceita, baseada na doutrina cristã, na prática das virtudes e das boas obras, mantendo a ordem social estabelecida, de modo que o ser humano conseguisse se conectar a Deus, tanto na ordem terrena quanto na celestial. A ordem fora instituída pelo próprio Deus, desde a hierarquia celeste até à terrestre (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, *LMV*). A ordem seria ainda uma tradição recebida dos padres da Igreja, de modo a mantê-la una, pertencente à cultura de conhecimento, para que fossem evitados futuros cismas (Hildegarda de Bingen, *Scivias*).

E como deveria ser o aprendiz? Tanto aquele que ensinaria quanto o que deveria aprender seriam pessoas obedientes e humildes. A virtude da Obediência era uma das formas de disciplina no ensinar e no aprender, fora instituída pelo próprio Deus e a sua prática o agradava. Ao se referir ao pecado original, a abadessa defendeu que ele ocorreu pelo vício da desobediência, porém, ressaltou que o primeiro homem amava obedecer, mas foi induzido a praticar o vício pela

---

<sup>200</sup> “Cuando los hombres que se someten a las reglas del Dios viven practicando las virtudes, también imitan a Cristo en la milicia celeste. Se alejan de las cosas terrenales anhelando devotamente la justicia, y se elevan a la tierra prometida. Suben de virtud en virtud en movimiento hacia el bien, y observan los tiempos adecuados para realizar las comidas, según las constituciones dadas por los maestros”.

inveja e artimanhas do Diabo. Homens e mulheres poderiam aprender igualmente, porque ambos eram seres racionais e dotados de virtudes. A mulher era mais sábia que o homem e poderia influenciá-lo para as boas práticas ou para o pecado, caso o homem não possuísse firme vontade.

E se os aprendizes cometessem erros e se afastassem dos ensinamentos de Deus? Para isso, havia um guia prático para expiar os pecados, por meio da prática das penitências, *El libro de los merecimientos de la vida*. Por meio de atitude humilde, os aprendizes deveriam, de joelhos, confessar seus erros diante de seus superiores, reconhecendo a desobediência dos preceitos, em busca do perdão (Hildegarda de Bingen, *LMV*). Aliada à prática das virtudes, a penitência era uma das formas de se reconectar a Deus e uma forma de aprendizagem, para que não cometessem novos erros, funcionando como um lembrete para o ser humano. Nesse sentido,

[...] Deus, de fato, criou ao homem e submeteu as demais criaturas a ele para que trabalhasse com elas, de modo que suas boas obras não sejam destruídas e as más sejam borradas por meio de uma clara penitência. Quando o homem vende um pouco de sua propriedade e adquire uma pérola preciosa, coloca-a em seu seio. Assim, sua penitência sempre resplandecerá na presença de Deus e será uma fonte de confusão para a serpente (Hildegarda de Bingen, *LMV*, p. 5, c. 75, tradução própria<sup>201</sup>).

Era preciso ter moderação para aplicar a penitência e para cumpri-la, respeitando os limites corporais e espirituais de cada um, conforme a *Regra de São Bento* e *El libro de los merecimientos de la vida*. A cada um seria dado conforme o que merece, em uma espécie do que hoje chamamos de meritocracia, independente do sexo. Da mesma forma que as penitências, as recompensas seriam dadas segundo o merecimento de cada um, tanto para homens quanto para mulheres. O objetivo era manter a ordem social, pois cada um receberia conforme a ordem social a qual pertencia, com prevalência para o direito do poder espiritual em relação ao poder temporal, dos religiosos para os leigos, da aristocracia para o povo, o que no

---

<sup>201</sup> “Dios, en efecto, creó al hombre y le sometió las demás criaturas para que trabajara con ellas, de modo que sus buenas obras no fueran destruidas y las malas fueran borradas por medio de una clara penitencia. Cuando el hombre vende un poco de su propiedad y adquire un perla preciosa, la pone en su seno. Así su penitencia siempre resplandecerá en la presencia de Dios y será una fuente de confusión para la serpiente engañosa”.

pensamento da abadessa era a ordem natural das coisas, tendo sido estabelecida pelo próprio Deus

[...] o Pai onipotente distribuiu com justiça todas as coisas, o céu aos habitantes do céu e a terra aos habitantes da terra. Analogamente, distribuiu justamente entre seus filhos homens: os religiosos teriam que possuir todas as coisas que lhes fossem necessárias e os leigos as que lhe convinham, para que nenhuma das duas partes oprima a outra, depredando-la. Deus não ordenou que a túnica e o manto fossem dados a um só de seus filhos, deixando o outro nu, mas que a um fosse dado a capa e a outro o manto. A capa foi dado aos leigos, pela imensidão de seus deveres e porque não param de crescer e se multiplicar por meio de seus filhos. O manto foi concedido aos religiosos, para que não lhes falte comida e vestuário, mas não devem possuir mais que o necessário. Portanto, defendemos que todas as coisas ditas anteriormente possam ser divididas com equidade e onde os religiosos possuam mais capa que manto, essa seja dada aos indigentes, para que não se consumam na miséria (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. III, v. 5, c. XVI, §3º, tradução própria<sup>202</sup>).

Note que aos pobres era lhes oferecido apenas o básico para a subsistência e para que se mantivessem obedientes a seus superiores. A educação hildegardiana não era para eles, somente a prática das virtudes da Obediência e da Humildade, como forma de submissão a seus superiores. O que receberiam em troca de praticarem as virtudes, serem obedientes e humildes seria a promessa da vida eterna, como prêmio para as suas boas obras, em que as moradas celestiais “[...] estão reservadas para o homem em proporção das ações que realizam em virtude da graça divina” (Hildegarda de Bingen, *LMV*, p. 6, c. 38, §1º, tradução própria<sup>203</sup>). A manutenção da sociedade tripartida, como já demonstrei na seção 3 desta tese, seria fundamental para manter uma sociedade hierarquizada, logo, harmoniosa, em

---

<sup>202</sup> “El Padre omnipotente distribuyó con justicia todas las cosas, el cielo a los habitantes del cielo y la tierra a los habitantes de la tierra. Análogamente obró una justa distribución entre los hijos de los hombres: los religiosos tendrían que poseer todas las cosas que les atañen y los laicos lo que les convienen, para que ninguna de las dos partes oprima a la otra depredándola. Dios no ha ordenado que la túnica y el manto fueran dados a uno sólo de sus hijos, dejando el otro desnudo, sino que ha dispuesto que al uno sea dado la capa y al otro el manto. La capa les corresponde a los laicos, por la amplitud de sus deberes y porque no dejan de crecer y multiplicarse en sus hijos. El manto debe ser concedido al pueblo de los religiosos, para que no les falten comida y vestidos, pero no para que posea más de lo que precise. Por tanto nosotros juzgamos y disponemos que todas las antedichas cosas sean divididas con equidad, y dondequiera que los religiosos posean la capa además del manto, la capa les sea quitada para darlo a los indigentes, para que estos no se consuman de miseria”.

<sup>203</sup> “En la patria celestial hay un número extraordinario de moradas de muchas delicias, incalculables por parte del hombre, que están reservadas para el hombre en proporción a las acciones que realizan en virtud de la gracia divina. No pueden ser percibidas ni comprendidas por la fragilidad humana, ya que están por encima del intelecto del hombre”.

que cada um saberia qual seria o papel a desempenhar e receberia as recompensas de acordo com isso, o que também já estava prescrito na *Regra de São Bento*. Ao pregar a Obediência, Hildegarda assegurou um ambiente propício para a aprendizagem sobre os papéis que cada classe deveria desempenhar e que somente pela Humildade seria possível alcançar o verdadeiro conhecimento. O projeto formativo de Hildegarda não era para todos, somente para aqueles que já eram superiores, seja pelo poder espiritual em relação ao temporal, seja dentro do próprio poder espiritual (monges vs clero secular).

A importância atribuída à humildade era uma característica da própria *Regra de São Bento*. Na *Regra*, havia a determinação dos doze graus de humildade que os monges deveriam seguir: 1) lembrar de todos os ensinamentos de Deus, evitando qualquer esquecimento, o que impede de que façam as próprias vontades; 2) não realizar os próprios desejos, muito menos se deleitar neles; 3) obedecer ao Abade; 4) ser paciente nas adversidades; 5) confessar seus pensamentos, inclusive os maus, ao Abade; 6) contentar-se em ser indigno e mau, mesmo realizando boas obras; 7) acreditar ser inferior a todos, inclusive confessar por meio de palavras; 8) fazer somente o que está na Regra e o que os Abades pedirem; 9) ficar em silêncio; 10) evitar as risadas, ainda mais se forem altas; 11) falar mansamente, em um tom de voz agradável, sem elevar a voz ou se esbaldar em risadas; 12) transparecer humildade no corpo em todas as oportunidades, seja na horta ou no oratório (São Bento, *Regra de São Bento*; Jimenez; Oliveira 2021c).

A Humildade seria um importante preceito para alcançar o conhecimento, a base de todas as boas ações dos seres humanos, vinculando-as as outras virtudes, de maneira que não haveria outra forma de aprender que não fosse por meio dela (Hildegarda de Bingen, *Scivias*). Ainda que tratasse da Humildade, a Obediência teve destaque como uma das formas de alcançar a primeira, o que pode ser observado nos itens três, cinco e oito (São Bento, *Regra de São Bento*). No item 7 há novamente a Obediência, porém como forma de demonstrar a submissão dos inferiores aos superiores, caracterizando a necessidade de manter a ordem dentro do próprio mosteiro. A obediência era um ato de amor, necessário para o aprender e para o ensinar. Amor a Deus que instituiu superiores e inferiores, amor ao próximo ao se subjugar humildemente para aprender. Os inferiores não seriam capazes de ensinar, apenas de aprender, por meio da prática da Humildade e da Obediência.

Em conjunto com a manutenção da ordem social, a prática educativa de Hildegarda ainda seria vinculada a uma educação que respeitasse a natureza e os demais seres vivos, a fim de que vivessem harmoniosamente, com o ser humano, o que chamamos hoje de sustentabilidade. Um fator que poderia ter sido decisivo para essa abordagem foi o surgimento das cidades, como já apontado na seção 2, que modificou a relação entre o homem e a natureza, com o domínio de novos territórios, os quais eram transformados, cedendo diante do ambiente citadino.

Como o ser humano possui em si toda a criação (ver seção 4), era preciso um equilíbrio entre ele e a natureza, pois caso um dos dois não estivesse bem, todos sofreriam as consequências. Hildegarda utilizou a metáfora do sol, como iluminador do intelecto, para demonstrar a importância da natureza no próprio homem

[...] mas o mesmo que os sentidos e a inteligência do homem protegem o corpo inteiro, também o sol emite um segundo raio por cima da lua e por seu calor, é ele que a ilumina. Também emite um raio em cima do cérebro do homem e esse raio, fixa-o e depois se espalha em ambos os calcanhares humanos: porque o sol é quem confere energia e equilíbrio ao corpo humano de cima para baixo, sustentando sobre todo o cérebro, para que esse último, pelo poder da inteligência, mantenha a totalidade das forças do homem. Assim, a parte superior o homem, onde se encontram os sentidos, penetra todos os órgãos interiores, o mesmo que o sol que ilumina a terra inteira (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. I, v. 2, c. XXXII, §4º, tradução própria<sup>204</sup>).

Para que o ser humano respeitasse a natureza, era preciso compreendê-la como parte de sua própria constituição, o que somente era possível pela utilização do intelecto, o mesmo que fora iluminado pelo sol. Um termo utilizado por Hildegarda, que fez parte apenas de seu vocabulário, foi *viriditas*, para demarcar a importância de todos os seres vivos. *Viriditas*, traduzido como verdor, força verde, luz verde, frescor, fecundidade, energia vital (Ortiz, 2019; Eling; Sakalauskaitė-Juodeikienė, 2021; Nogueira; Vasconcelos, 2022; Dadosky, 2018)

---

<sup>204</sup> “pero, lo mismo que los sentidos y la inteligencia del hombre protegen el cuerpo entero, también el sol emite un segundo rayo por encima del signo de la luna, y, por su calor, es él quien incendia la luna. También emite un rayo por encima del cerebro del hombre, y este rayo, lo fija, y luego lo despliega hasta ambos talones de la figura humana: porque es el sol el que confiere energía y equilibrio al cuerpo humano de arriba abajo, sustentando sobre todo el cerebro para que este último, por el poder de la inteligencia, mantenga la totalidad de las fuerzas del hombre. Así la parte superior del hombre, donde se encuentran los sentidos, penetra todos los órganos interiores, lo mismo que el sol ilumina la tierra entera”.

estaria presente em todos os seres vivos<sup>205</sup>, como um atributo dado por Deus, ao que poderia ser comparado ao sopro da vida descrito no Gênesis, no momento da criação. Ao consumir determinados alimentos o ser humano poderia ser 'nutrido' pela *viriditas* desses alimentos e ao praticar as virtudes, em conjunto com as boas obras, devolveria *viriditas* para toda a criação (Dadosky, 2018). Era justamente por meio dessa interdependência entre os seres humanos e a natureza que seria possível uma prática educativa integradora entre eles, com respeito ao meio ambiente e ao próprio ser humano, garantindo formas de subsistência e convivência harmônicas para a humanidade e para a natureza.

O que se depreende do projeto formativo de Hildegarda foi a busca pelo equilíbrio entre as pessoas, as instituições e a própria natureza. O equilíbrio entre as pessoas era pautado pela crença de que havia as inferiores e as superiores, em que as primeiras deveriam obedecer humildemente as segundas, porque isso era da vontade de Deus que as criou assim. O equilíbrio entre as instituições foi marcado pela defesa da supremacia do poder espiritual diante do poder temporal, da Igreja, representada pelo Papado, em relação ao Império, representado pelo Imperador. Por fim, o equilíbrio entre o ser humano e a natureza, em que ambos são partes intrínsecas um do outro e, para manter a fluidez da vida, precisavam da conexão entre si, em que houvesse respeito com o meio ambiente, sobretudo.

---

<sup>205</sup> Como uma fã da franquia *Star wars*, quando comecei a estudar o conceito de *viriditas* de Hildegarda de Bingen, foi natural a associação ao conceito da *força*, na franquia espacial. A força estaria em todos os seres vivos, garantindo-lhes a energia vital e somente por meio do equilíbrio na força, a vida poderia prosperar.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como são nossas motivações no presente que nos levam a pesquisar o passado, quando iniciei a pesquisa sobre Hildegarda de Bingen, havia alguns questionamentos que me inquietavam: por que conhecemos tão pouco sobre as mulheres medievais, sobre seu papel de destaque na sociedade? Por que as mulheres são destaque como personagens fictícias na literatura, mas não como teóricas, teólogas, filósofas, educadoras, enfim, como intelectuais? Por que somente após mais de 800 anos é que Hildegarda de Bingen foi proclamada doutora da Igreja Católica? Qual a importância de retomar sua obra no século XXI? E a pergunta mais importante, que guiou esta tese: qual era o projeto de formação humana que Hildegarda de Bingen defendeu para o século XII em suas obras teológicas?

Não tenho resposta para todas essas inquietações, ainda. Contudo, Bloch (2001) ao definir a história como ciência do presente, define que o passado só tem sentido ao ser analisado no presente, sendo sempre uma disputa do último, só pode ser dinâmico, porque o presente é dinâmico, o que me leva a considerar que a forma como encaramos o pensamento de intelectuais femininas no presente, fez-me voltar ao passado para entender como eram vistas, sob um ponto de vista histórico social. Considerar a história em sua longa duração permitiu estabelecer paralelos para entender determinadas questões ou pensamentos predominantes durante o século XII. A longa duração da história permite que se possa compreender os eventos ou pensamentos predominantes para além do momento em que ocorreram, isto é, quais foram suas bases, mesmo que em um passado longínquo

O que apreendi durante a pesquisa para a construção desta tese foi que Hildegarda de Bingen foi uma intelectual completa, pois atuou em diversas áreas do saber, de modo a ser considerada uma *magistra* pelos seus contemporâneos. Uma *magistra* informal para os mestres (clérigos), ao pregar em público e por meio de suas obras teológicas, o que foi possível devido à justificativa de que eles se esqueceram de sua responsabilidade em guiar a humanidade para a salvação, o que Deus atribuiu como responsabilidade dela em alertá-los (Hildegarda de Bingen, *Scivias*; Alexiu, 2018). Uma teóloga fonte de inspiração para o século XII ainda durante a sua vida, que atuou na defesa da fé cristã, ajudando a consolidar os dogmas do catolicismo (Van de Poll, 2009; Souza 2013), o que poderia até se

configurar como uma possível resposta a sua proclamação como doutora da Igreja, em 2012. Seus escritos foram vistos como tratados de fé pelos seus contemporâneos e circularam por diferentes mosteiros, igrejas paroquiais, até mesmo na Universidade de Paris (ver seção 2), em que as cartas foram fundamentais para conhecer Hildegarda de Bingen, como pessoa que viveu durante o século XII, na região da Renânia.

Hildegarda como 'A escolhida' por Deus, a figura que representa o abade (Pai e Mãe) das freiras sob a sua supervisão, como uma autoridade no século XII. Não era dependente de seus secretários homens, ainda que dominasse apenas o latim vulgar, o que a diferenciava de sua contemporânea e conterrânea, Elizabeth de Shönau, que dependia do irmão, para a transcrição de suas visões. Todavia, precisou que sua autoridade fosse conferida por Deus, confirmada pelos homens (Papa) e escrita por seus secretários, todos homens, a fim de validarem seu discurso profético (Gussem, 2021). As virtudes eram femininas, mas Deus continuava como homem, como a figura do pai e não como a figura da mãe, para Hildegarda.

Utilizou-se da Humildade em sua retórica, como voz de Deus, por meio de sua fragilidade como mulher, fora a escolhida por Deus. Isso pode justificar a argumentação constante sobre a fragilidade feminina em contraposição à força masculina, foi uma forma para legitimar seu discurso como mulher. Como beneditina, a monja também acreditava que todo o conhecimento verdadeiro somente poderia ser alcançado pela graça divina, em seu caso, pelas visões que a acompanharam durante toda a sua vida, como revelações divinas. Portanto, sua sabedoria não era sua, mas do próprio Deus, o que lhe garantiu autoridade entre seus contemporâneos.

Hildegarda como reformadora, não como revolucionária<sup>206</sup>. Não queria uma revolução que mudasse a sociedade e sim uma reforma na Igreja, mas não a volta ao cristianismo primitivo. Sempre defendeu seu lugar de fala, como membro da

---

<sup>206</sup> Embora estes termos tenham sido usados durante o século XX, pela corrente marxista, como Rosa Luxemburgo (1871-1919), em seu livro *Reforma ou Revolução?* (Garcia, 1991) são importantes por estabelecer um paralelo de entendimento sobre as mudanças efetivas que cada um dos conceitos podem causar, em que a revolução seria um acontecimento maior e que marcaria gerações, com a mudança de paradigmas. Por outro lado, as reformas promoveriam transformações menores, ainda que mudassem alguns paradigmas, não alterariam a ordem da sociedade e poderiam, ou não, ser o início ou bases dos movimentos revolucionários. É preciso ter cuidado ao usar conceitos que não pertencem ao século XII, como o caso dos citados, para não incorrer em anacronismos. No entanto, Hildegarda já é conhecida como uma reformadora conservadora pela crítica (Alexiu, 2018), ao que propus a diferenciação entre ser uma reformadora ou uma revolucionária.

aristocracia, o que lhe valeu relações de poder tanto com o Império quanto com o Papado, garantindo estabilidade para poder pregar, seja em público ou por meio de suas obras. Aliada ao seu lugar como aristocrata, pertencera a um mosteiro beneditino, ordem conhecida pela erudição de seus monges, e à mudança em relação ao papel da mulher na sociedade, agora vista como complementar ao homem, inspirada em Maria, mãe de Jesus.

Em relação às obras estudadas, tanto o *Scivias*, quanto o *Libro de las obras divinas* tiveram um caráter mais teológico, preocupados em demonstrar a história da salvação da humanidade, com conceitos e dogmas, defesa dos sacramentos, escritos para os religiosos e teólogos. *El libro de los merecimientos de la vida* era mais prático e voltado à leitura de qualquer pessoa que desejasse se salvar, fruto dos anos mais combativos de Hildegarda de Bingen, contra as heresias, contra o Império e a corrupção do clero que cedia ao imperador, contra Disibodenberg, contra as freiras sob a sua supervisão e a favor do Papado. No *LDO*, como Agostinho de Hipona, teve a chance de rever a sua obra, com um olhar mais maduro. O *LDO* foi a obra em que mais apareceu a complementaridade entre os sexos e entre seres humanos e natureza. Preocupado em explicar a relação entre o ser humano e o mundo exterior, explicando o primeiro anatomicamente no segundo e que cada parte corresponderia aos elementos ou coisas do Universo, ou da Terra, de modo a manter a harmonia e a ordem.

A hipótese de pesquisa que guiou esta tese foi a de que o objetivo principal desta monja beneditina era ensinar, em 1º lugar ao clero, 2º lugar à aristocracia e em 3º lugar ao povo. Assim, qual era o projeto de formação humana que Hildegarda de Bingen defendeu para o século XII em suas obras teológicas? Um dos objetivos de Hildegarda ao escrever seria ensinar às freiras sob a sua supervisão, principalmente para os momentos em que não estivesse presente, devido às viagens de pregação ou quando estava em Eibingen ou Rupertsberg. Essa ideia é similar a de Estevam (2020), que, ao analisar o *Physica* de Hildegarda de Bingen, defendeu que Hildegarda ensinava o poder curativo das plantas às freiras, para o tempo em que estivesse fora, seja pregando, ou se dividindo entre os dois mosteiros sob sua autoridade.

O projeto proposto por Hildegarda não era para todas as pessoas. Somente as pessoas superiores, religiosos e leigos, teriam acesso à educação. Destaco os

principais pontos sobre o projeto de educação de Hildegarda de Bingen, nos tópicos seguintes:

1. Educação dos religiosos, principalmente, os monges, para que apascentassem seus discípulos “[...] de acordo com seu plano [de Deus], nutrindo-os por suas palavras, ensinando-lhes as regras da Igreja e protegendo-os energicamente contra os embustes do antigo armador de ciladas” (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. II, v. 5, c. 2, §2°).
2. Educação baseada na hierarquia da própria Igreja, em que uns são aptos a ensinar (aqueles hierarquicamente superiores, como arcebispos, bispos...) e outros aptos para aprender (hierarquia inferior, padres, por exemplo).
3. Educação baseada nas virtudes, principalmente, Obediência e Humildade, de modo a manter a ordem social e uma sociedade harmoniosa.
4. Educação sustentável, em que ser humano e natureza pudessem viver harmoniosamente.
5. Educação baseada na moderação entre castigos e recompensas, diferentemente de Jutta, que praticava um ascetismo intenso e dos próprios cátaros, heresia que combateu.
6. Educação para a edificação da sociedade, de modo a torná-la melhor. O edifício das virtudes (analogia presente no *Scivias* e do *LDO*) demonstrava como as virtudes edificavam o homem. O ensinar é visto como uma forma de edificar o próprio ser humano, de torná-lo melhor e mais próximo da imagem e semelhança de Deus.
7. Educação para as mulheres, desde que não alterasse o *status quo* da sociedade e não poderiam ser sacerdotisas, isto é, líderes de Igreja, pois era exclusividade dos homens.
8. Educação por meio dos exemplos, tantos dos padres da Igreja, quanto das boas lideranças, como os abades e as abadessas.
9. Preservação da vida, por meio da prática das virtudes, que eram escolhidas pelo conhecimento do homem por meio da ciência do bem e do mal.
10. Papel do intelecto como mediador das escolhas, maior que a vontade, que faz a mediação com as virtudes e a prática de boas obras.

Bloch (2001) considerava o cristianismo como uma religião histórica, baseada na tradição pagã, depois nos padres da Igreja, o que também pude observar no projeto de formação de Hildegarda de Bingen, que pregava o respeito às doutrinas já

estabelecidas, que somente as pessoas devidamente preparadas poderiam ensinar, mas que todas pudessem aprender o caminho para a salvação, inclusive o povo. Ao defender a fé católica, Hildegarda pregou contra as falsas doutrinas, posto que a doutrina que ela pregava era a verdadeira, vinda diretamente de Deus, o que contribuiu para o fortalecimento da Igreja e dos próprios dogmas do catolicismo (Alexiu, 2018).

À Igreja caberia fornecer as doutrinas verdadeiras, o entendimento das sagradas escrituras, o preparo dos mestres para ensinar o povo e a manutenção da ordem social, de uma sociedade harmoniosa, instituída pelo próprio Deus, no entendimento de Hildegarda. Desde a instituição da Igreja por Jesus, os apóstolos deveriam evangelizar a todos, sem distinção de etnias, no conhecimento da verdadeira doutrina, aquela ensinada por Jesus. Ao evangelizar, eles ensinavam. Os líderes da Igreja, descendentes e herdeiros dos apóstolos, deveriam continuar com a missão de ensinar a verdadeira doutrina, a que levaria ao caminho da salvação eterna e manteria a ordem social em que

[...] os monges professos, como os arcanjos, renovem sua poderosa assistência sempre que houver uma grande ocasião de necessidade na Igreja, e que aqueles que têm o ministério de clérigos [religiosos seculares], como os anjos, façam seu trabalho na vida cotidiana de sua instituição; e que as pessoas [leigos] que querem alcançar a suprema bem-aventurança, recebam fielmente as palavras deles (Hildegarda de Bingen, *Scivias*, L. II, v. 5, c. 36, §2°).

Hildegarda se posicionou na sociedade, do século XII, como uma educadora, uma formadora a serviço de Deus, como era resumido ao final de cada livro (*Scivias*) ou parte dos livros (*LMV*, *LDO*): “[...] que todo homem tema e ame a Deus, abra seu coração em devoção para essas palavras e saiba que essas coisas foram proferidas para a salvação dos corpos e almas dos homens, não por um homem, sim, por mim, que sou” (Hildegarda de Bingen, *LDO*, p. I, v. 1, c. XVII, 2°, tradução própria<sup>207</sup>).

---

<sup>207</sup> “Por lo tanto, que todo hombre tema e ame a Dios, abra la devoción de su corazón por estas palabras, y sepa que estas cosas han sido proferidas para la salvación de los cuerpos y almas de los hombres, no ciertamente por un hombre, sino por mí, que soy”.

## REFERÊNCIAS

### Fontes

ABTEI St. HILDEGARD. **Geschaut Im Lebendigen licht**: Die miniaturen des Liber Scivias der Hildegard von Bingen. 2. ed. Rüdersheim/Eigingen/Alemanha: Beruner Kunstverlag e Bialystok/Polken: Gesine Beran, 2016.

AGOSTINHO DE HIPONA. **Confissões**. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Editora Paulus, 1997.

AGOSTINHO DE HIPONA. **A Cidade de Deus** (v. II, L. IX a XV). Tradução, prefácio, nota biográfica e transcrições de J. Dias Pereira. 2. ed. Lisboa/PT: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

AGOSTINHO DE HIPONA. **A Doutrina Cristã**. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Editora Paulus, 2002.

AGOSTINHO DE HIPONA. **Regra de Santo Agostinho**. Disponível em: <http://servidimaria.net/sitoosm/po/textos-osm/regragosti.pdf>. Acesso em 15 jul. 2024.

BAIRD, Joseph L; EHRMAN, Radd K. **The letters of Hildegard of Bingen (volume I)**. Baird. New York/USA: Oxford University Press, 1994.

BAIRD, Joseph L; EHRMAN, Radd K. **The letters of Hildegard of Bingen (volume II)**. Baird. New York/USA: Oxford University Press, 1998.

BAIRD, Joseph L; EHRMAN, Radd K. **The letters of Hildegard of Bingen (volume I)**. Baird. New York/USA: Oxford University Press, 2004.

BENTO XVI. **Carta apostólica**: Santa Hildegarda de Bingen, monja professa da Ordem de São Bento, é proclamada Doutora da Igreja universal. Vaticano: A Santa Sé, 2012. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost\\_letters/documents/hf\\_ben-xvi\\_apl\\_20121007\\_ildegarda-bingen.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_letters/documents/hf_ben-xvi_apl_20121007_ildegarda-bingen.html). Acesso em 23 jun. 2020.

BIBLIA DE JERUSALEM. São Paulo: Paulus, 2013.

GILBERTO DE LA PORRÉE. Comentario del segundo libro de Boecio *Sobre la Trinidad* (acerca de la predicación de las tres personas). **Revista Espanhola de Filosofia Medieval**, v. 23, p. 371-386, 2016. Disponível em: <https://philarchive.org/rec/TORGPC>. Acesso em 07 jul. 2023.

GREGÓRIO VII. **Dictatus papae**. Tradução de Gilberto A. Angelozzi. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/306880123/Dictatus-Papae-Texto-Latino-Com-Traduc-ao-Para-o-Portugues>. Acesso em 26 abril 2023.

HILDEGARDA DE BINGEN. **Scivias**: conoce los caminos. Tradução de Antonio Castro Zafra e Mónica Castro. Madri/Espanha: Editorial Trotta S.A., 1999.

HILDEGARDA DE BINGEN. **Scivias (primera parte)**: lectura y comentario al modo de una *lectio medievalis*. Tradução de Azucena Adelina Fraboschi. Buenos Aires/Argentina: Mino y Davila Editores, 2009.

HILDEGARDA DE BINGEN. **El libro de los merecimientos de la vida**. Tradução de Azucena Adelina Fraboschi. Buenos Aires/Argentina: Mino y Dávila Editores, 2011.

HILDEGARDA DE BINGEN. **Libro de las obras divinas**. Tradução de Rafael Renedo Hijarrubia. Madrid/ES: Hildegardiana, 2013. Disponível em: <http://www.hildegardiana.es/32divope.html>. Acesso em 14 maio 2020.

HILDEGARDA DE BINGEN. **Libro de los méritos de la vida**. Tradução de Rafael Renedo Hijarrubia. Madrid/ES: Hildegardiana, 2014. Disponível em: <http://www.hildegardiana.es/33vitameri.html>. Acesso em 14 maio 2020.

HILDEGARDA DE BINGEN. **Scivias (Scito vias Domini)**: Conhece os caminhos do Senhor. Edição kindle. Tradução de Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulus, 2017.

HILDEGARDA DE BINGEN. **Libro de las obras divinas**. Tradução de María Isabel Flisfisch; María Eugenia Góngora; María José Ortúzar. Barcelona/ES: Herder, 2021.

HILDEGARDA DE BINGEN. **Livro das obras divinas: Liber Divinorum Operum**. Edição Kindle. Ordem de São Bento, 2020.

FRABOSCHI, Azucena Adelina; PALUMBO, Cecilia Inés Avenatti; ORTIZ, María Ester. **Cartas de Hildegarda de Bingen**: Epistolário completo (vol. I) Serie Hildegardiana. Buenos Aires/Argentina: Mino y Dávila Editores SL, 2015.

IGREJA CATÓLICA. **Código de Direito Canônico**. 4. ed. Lisboa: Conferência Episcopal Portuguesa; Braga: Editorial Apostolado da Oração, 1983. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici\\_po.pdf](https://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf). Acesso em 02 set. 2023.

LARRAINZAR, Carlos. **Las soluciones de Hildegarda de Bingen a las 38 cuestiones enviadas por Guibert de Gembloux**. Madrid/ES: Hildegardiana, 2009. Disponível em: <http://www.hildegardiana.es/36otrasobras.html#38>. Acesso em 14 maio 2020.

SÃO BENTO. **Regra do glorioso Patriarca São Bento**. Tradução e notas de Dom João Evangelista Enout. Abadia São Geraldo. Edição online somente em português. Disponível em: [http://www.csbrj.org.br/novo/wp-content/uploads/2011/01/Regra\\_do\\_glorioso\\_Patriarca\\_Sao\\_Bento.pdf](http://www.csbrj.org.br/novo/wp-content/uploads/2011/01/Regra_do_glorioso_Patriarca_Sao_Bento.pdf). Acesso em 23 jun. 2020.

## Estudos

ALEXIU, Andra. *Magistra magistrorum*: Hildegard of Bingen as a polemicist against false teaching. *In: Medieval Worlds: comparative e interdisciplinares studies*, Vienna/AUT n. 7, 2018, p. 170-189. Disponível em: <https://medievalworlds.net/0xc1aa5576%20x00390b0a.pdf>. Acesso em 21 jul. 2024.

ARAUJO, Vinicius César Dreger de. Honor Imperii: a estruturação político-militar do Sacro Império no século XII. *Brathair* (Dossiê Sacro Império-Germânico), Maranhão, n. 5, p. 03-29, 2005. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/580>. Acesso em 26 de abril de 2023.

ASSIS, Machado. **Ressurreição**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ATHERTON, Mark. **Hildegard of Bingen**: selected writings. London/UK: Penguin Classics, 2001.

ANDERSON, Wendy Love. The context and reception of Hildegard of Bingen's visions. *In: BAIN, Jennifer. The Cambridge companion to Hildegard of Bingen*. Cambridge/UK: Cambridge University Press, 2021.

BAERWALD, Angela R.; ADAMS, Gregg P.; PIERSON, Roger A. Ovarian antral folliculogenesis during the human menstrual cycle: a review. **Human Reproduction Update**, v. 18, n. 1, p. 73-91, 2012. Disponível em: <https://academic.oup.com/humupd/article/18/1/73/853086?login=false>. Acesso em 30 jun. 2024.

BAIRD, Joseph L. **The personal correspondence of Hildegard of Bingen**: selected letters with an Introduction and Commentary by Joseph I. Baird. New York/USA: Oxford University Press, 2006.

BAIRD, Joseph L. Introduction. *In: BAIRD, Joseph L; EHRMAN, Radd K. The letters of Hildegard of Bingen (volume I)*. Baird. New York/USA: Oxford University Press, 1994.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa/PT: Edições 70, 2011.

BARROS, José D'Assumpção. História social: seus significados e seus caminhos. **LHP - Revista de História da UFOP**. Ouro Preto, n. 15, 2005. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/321024813\\_A\\_Historia\\_Social\\_seus\\_significados\\_e\\_seus\\_caminhos](https://www.researchgate.net/publication/321024813_A_Historia_Social_seus_significados_e_seus_caminhos). Acesso em 31 jan. 2020.

BARROS, José. D' Assumpção. Império e papado na Idade Média: reflexões historiográficas sobre duas realidades em conflito. **Textura**, Canoas/RS, n. 14, p. 47-57, jul./dez. 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/804>. Acesso em 26 de abril de 2023.

BISHOP, Jane. Translator 's note. *In*: HART, Mother Columba; BISHOP, Jane. **Hildegard of Bingen: Scivias**. Connecticut/USA: Abbey of Regina Laudis, 1990.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BLOCH, Marc. **A sociedade feudal**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BOBOC, Andreea. Teaching off literacy grid with Hildegard of Bingen's Physica. **Pedagogy: Critical Approaches to teaching Literature, Language, Composition and Culture**, Durham/USA: Duke University Press, v. 13, n. 2, p. 321-335, 2013.

Disponível em:

<https://read.dukeupress.edu/pedagogy/article-abstract/13/2/321/20381/Teaching-Off-the-Literary-Grid-with-Hildegard-of?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em 26 de abril de 2023.

BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo; RESENDE MARQUES, Christiane de. Reflexiones de una mujer antes de Hildegarda – aspectos del martirio cristiano en la obra de Rosvita von Gandersheim. **Mirabilia: electronic journal of antiquity and middle ages**, Barcelona/ES, n.º 16, pp. 35-51, 2013. Disponível em: <https://raco.cat/index.php/Mirabilia/article/view/275875>. Acesso em 05 set. 2023.

BRAUDEL, Fernand. História e ciências sociais - a longa duração. **Revista de História**. São Paulo, n. 62, v. XXX, p.261-294, abril-junho, 1965. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/123422/119736>. Acesso em 26 de abril de 2023.

BRAUDEL, Fernand. História e tempo presente. *In*: BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

BROCCHIERI, Mariateresa Fumagalli Beonio. O intelectual. *In*: LE GOFF, Jacques. **O homem medieval**. Lisboa/PT: Editorial Presença, 1989.

BYNUM, Caroline Walker. **Jesus as mother: studies in the spirituality of the High Middle Ages**. Berkeley, Los Angeles/USA: University of California Press, 1984.

CIRLOT, Victoria. **Vida y visiones de Hildegard Von Bingen**. Madrid/ES: Ediciones Siruela, 2001.

CIRLOT, Victoria. Hildegard von Bingen y Juan de Patmos: la experiencia visionaria en el siglo XII. **Revista Chilena de Literatura**, Santiago/Chile: Universidad de Chile, n. 63, p. 109-129, 2003. Disponível em: <https://revistaliteratura.uchile.cl/index.php/RCL/article/view/1641>. Acesso em 27 de abril de 2023.

CIRLOT, Victoria. **Hildegard Von Bingen y la tradición visionaria de Occidente**. Barcelona: Herder Editorial, 2012.

CIRLOT, Victoria; GARÍ, Blanca. **La mirada interior: mística femenina en la Edad Media**. 2. ed. Madrid/ES: Siruela, 2022.

COSTA, Antonio Luiz M. C. **Títulos de nobreza e hierarquias**: um guia sobre as graduações sociais na história. São Paulo: Draco, 2014.

CUTRER, Michael. Fisiologia, manifestações clínicas e diagnóstico de enxaqueca em adultos. **UpToDate**. 2023.

DA CONCEIÇÃO FAGUNDES, Maria Dailza; TEIXEIRA DE SOUSA, Cleusa. Escritas de si, memórias e narrativas: o ofício de mercador em fontes autobiográficas (Florença, séculos XIV e XV). **Revista Ágora**, Vitória, v. 34, n. 3, p.1-20, 2023. DOI: 10.47456/e-2023340305. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/40544>. Acesso em: 16 ago. 2023.

DADOSKY, John. The original green campaign: Dr. Hildegard of Bingen's *Viritas* as complement to *Laudato si*. **Toronto Journal of Theology**. Toronto/Canadá: University of Toronto, v. 34, n. 1, 2018, p. 79-95. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/325838011\\_The\\_Original\\_Green\\_Campaign\\_Dr\\_Hildegard\\_of\\_Bingen's\\_Viriditas\\_as\\_Complement\\_to\\_Laudato\\_Si](https://www.researchgate.net/publication/325838011_The_Original_Green_Campaign_Dr_Hildegard_of_Bingen's_Viriditas_as_Complement_to_Laudato_Si). Acesso em 25 de abril de 2023.

DIEL, Paulo Fernando. As escolas dos mosteiros medievais: dinâmica social, didática e pedagogia. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, vol. 21, núm. 3, pp. 405-414, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4496/449656535015/html/>. Acesso em 03 set. 2023.

DRONKE, Peter. **Women writers in the Middle Ages**: from Perpetua to Marguerite Porrete. Cambridge/UK: Cambridge University Press, 1988.

DRONKE, Peter. **A history of twelfth-century western philosophy**. New York/USA: Cambridge University Press, 1992.

DUBY, Georges. **El año mil**. México: Gedisa Mexicana, 1989.

DUBY, Georges. **As três ordens ou o imaginário do feudalismo**. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

DUBY, Georges. **As damas do século XII**: Heloisa, Isolda e outras damas. São Paulo, Cia das Letras, 1995.

DUBY, Georges. **A Europa na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ECHTERNACH, Theodor. Vida. (páginas 35-91). *In*: CIRLOT, V. **Vida y visiones de Hildegard Von Bingen**. Madrid/ES: Ediciones Siruela, 2001.

ELING, Paul; SAKALAUŠKAITĖ-JUODEIKIENĖ, Eglė. Hildegarda of Bingen (c. 1098-1179) on sleep and dreams in her *Causa et curae* and *Physica*: a historical perspective. **Sleep Medicine**, Germany, v. 88, dez. 2021, p. 7-12. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1389945721005013?via%3Dihub>. Acesso em 19 de abril de 2023.

ESTEVAM, Maria Terezinha. **Um estudo sobre o *Physica*, de Hildegarda de Bingen**: as virtudes curativas de algumas plantas. Dissertação (Mestrado em História da Ciência) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2020.

FALBEL, Nachman. **Heresias medievais**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FLISFISCH, María Izabel. Las figuras femeninas en la *Symphonia* de Hildegard de Bingen: Caritas, Sapientia y Ecclesia. **Revista Chilena de Literatura**. Santiago/Chile: Universidad de Chile, n. 62, p. 127-144, 2003. Disponível em: <https://revistaliteratura.uchile.cl/index.php/RCL/article/view/1654>. Acesso em 27 de abril de 2023.

FLORES, Josué Soares. **O conceito de união com Deus na literatura místico-teológica medieval**: uma análise em João Escoto Eriúgena, Hildegarda de Bingen, Mestre Eckhart e Juliana de Norwich. Tese (Doutorado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica, Curitiba, 2018.

FRABOSCHI, Azucena Adelina. Hildegarda de Bingen (una pequeña pluma en las manos de Dios). *In*: HILDEGARDA DE BINGEN. **Scivias**. Tradução de Azucena Adelina Fraboschi. Buenos Aires: Mino y Davila Editores, 2009.

FRABOSCHI, Azucena Adelina. Introducción. *In*: HILDEGARDA DE BINGEN. **El libro de los merecimientos de la vida**. Buenos Aires/Argentina: Mino y Dávila Editores, 2011.

FRABOSCHI, Azucena Adelina. **Santa Hildegarda de Bingen**: doctora da Igreja. Buenos Aires: Mino y Davila Editores, 2012.

FRABOSCHI, Azucena Adelina (org.). **Bajo la mirada de Hildegarda abadesa de Bingen**. Buenos Aires: Mino y Davila Editores, 2018.

FULBROOK, Mary. **História concisa da Alemanha**. 2. ed. São Paulo: Edipro, 2016.

GANSHOF, François Louis. **O que é o feudalismo?** Sintra/PT: Publicações Europa América, 1976.

GARCIA, Marco Aurélio. Reforma e Revolução/Reforma ou Revolução: discussão de um paradigma. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 10, n. 20, mar. 91-ago.91, p. 09-38. Disponível em: [https://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID\\_REVISTA\\_BRASILEIRA=21](https://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID_REVISTA_BRASILEIRA=21). Acesso em 21 jul. 2024.

GIBBON, Edward. **Os cristãos e a queda de Roma**. São Paulo: Penguin; Companhia das Letras, 2012.

GOMES, Angela de Castro. **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GÓNGORA, María Eugenia. Acercamiento a las emociones medievales: dos cartas de Hildegard de Bingen (1098-1179). **Revista Chilena de Literatura**. Santiago/Chile: Universidad de Chile, n. 82, nov. 2012, p. 143-157. Disponível em: [https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0718-22952012000200008](https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-22952012000200008). Acesso em 26 de abril de 2023.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário de mitologia grega e romana**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

GUERREAU, Alain. **O feudalismo: um horizonte teórico**. Lisboa/PT: Edições 70, 1980.

GUIZOT, François. Terceira lição: O Estado da Sociedade religiosa no século V. Tradução de Terezinha Oliveira e Claudinei Magno Magre Mendes. *In: Série Apontamentos*. Maringá: Universidade Estadual de Maringá: EDUEM, 1992.

GUIZOT, François. **Histoire de la civilisation en France, depuis de la chute de l'Empire Romain**. Paris: Didier, 1838, 4vs.

GUSSEM, Jeroen de; WOUTERS, Dinah. Language and thought in Hildegard of Bingen's visionary trilogy: close and distant readings of a thinker's development. **Parergon: Australian & New Zealand Association of Medieval and Early Modern Studies**, v. 36 n. 1, 2019. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/722432>. Acesso em 25 de abril de 2023.

GUSSEM, Jeroen. Larger than life? A stylometric analysis of the multi-authored *Vita* of Hildegard of Bingen. **Interfaces: a Journal of Medieval European Literature**. Milano/Italia: Milano University Press, p. 125-159, 2021. Disponível em: <https://riviste.unimi.it/interfaces/article/view/15784>. Acesso em 24 de abril de 2023.

HERBER, Klaus; NEUHAUS, Helmut. **Das Heilige Römische Reich: Schauplätze einer tausendjährigen Geschichte (843-1806)**. Köln/DE: Böhlau Verlag GmbH & Cie, 2005.

HIJARRUBIA, Rafael Renedo. Presentación; Vida y obras de Sta Hildegarda; Panorámica del contexto histórico. *In: HILDEGARDA DE BINGEN. Libro de las obras divinas*. Tradução de Rafael Renedo Hijarrubia. Madrid/ES: Hildegardiana, 2013. Disponível em: <http://www.hildegardiana.es/32divope.html>. Acesso em 14 maio 2020.

JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

JIMENEZ, Michele de Oliveira. **Ressurreição e Acenos e afagos: um estudo das masculinidades em Félix e João Imaculado**. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2011.

JIMENEZ, Michele de Oliveira; OLIVEIRA, Terezinha. Os ecos do milenarismo na obra de Hildegarda de Bingen. *In: Caderno de Resumos da Jornada de Estudos Antigos e Medievais: Política, Cultura, Religião e Religiosidade – projetos*

educacionais na Antiguidade e no Medievo [14-17 de setembro de 2020, online]. Maringá/PR: Universidade Estadual de Maringá, 2020. p. 3. Disponível em: <https://educlassicos.wixsite.com/xixjeam/resumos>. Acesso em mar. 2023.

JIMENEZ, Michele de Oliveira; OLIVEIRA, Terezinha. Os ecos do milenarismo na obra de Hildegarda de Bingen. *In: Anais da Jornada de Estudos Antigos e Medievais: Política, Cultura, Religião e Religiosidade – projetos educacionais na Antiguidade e no Medievo* [14-17 de setembro de 2020, online]. Maringá/PR: Universidade Estadual de Maringá, 2021a. p. 338-352. Disponível em: <https://educlassicos.wixsite.com/xixjeam/inscri%C3%A7%C3%B5es>. Acesso em mar. 2023. a

JIMENEZ, Michele de Oliveira; OLIVEIRA, Terezinha. A formação humana a partir da trilogia teológica de Hildegarda de Bingen, no século XII. *In: Caderno de Resumos da Jornada de Estudos Antigos e Medievais: Formação Política – Verdade e Opinião na Antiguidade e no Medievo* [30 de agosto a 02 de setembro de 2020, online]. Maringá/PR: Universidade Estadual de Maringá, 2021b. p. 48. Disponível em: <https://educlassicos.wixsite.com/xxjeam/caderno-de-resumos-e-anais>. Acesso em mar. 2023.

JIMENEZ, Michele de Oliveira; OLIVEIRA, Terezinha. Hildegarda de Bingen e o poder feminino no século XII: humildade e obediência como caminho de manutenção da ordem social. *Revista Educação e Linguagens*, v. 10, n. 19, p. 22-40, 2021c. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistaeduclings/article/view/6644>. Acesso em mar. 2023.

JIMENEZ, Michele de Oliveira; OLIVEIRA, Terezinha. Hildegarda von Bingen como intelectual no século XII. *In: Anais do XV Congresso Nacional de Educação – EDUCERE: Inspirações, Espaços e Tempos da Educação* [27-30 de setembro de 2021]. Curitiba/PR: PUC/PR, 2021d. p. 9351-9360. Disponível em: <https://eventum.pucpr.br/educere/outras3>. Acesso em mar. 2023.

JIMENEZ, Michele de Oliveira; BONETTI, Carolina Peixoto Gontijo de Oliveira; OLIVEIRA, Terezinha. Entre o Papado e o Império: a autoridade de Hildegarda de Bingen na defesa dos oradores. *In: Caderno de Resumos da I Jornada Internacional sobre Educação e Ensino em momentos de transformações sociais – passado e presente: Intelectuais, Literatura, Tecnologia e Conhecimento na História da Educação* [26-28 de abril de 2021, online]. Paranavaí/PR: Universidade Estadual do Paraná, 2021. p. 58. Disponível em: <https://sites.google.com/view/ijornadagpemc/resumos>. Acesso em mar. 2023.

JIMENEZ, Michele de Oliveira; OLIVEIRA, Terezinha. Análise da virtude da obediência como forma de manutenção da ordem social no século XII na obra *Scvías*, de Hildegarda de Bingen. *In: Caderno de Resumos da II Jornada Internacional sobre Educação e Ensino em momentos de transformações sociais – passado e presente: a História da Educação face às novas tecnologias* [02-04 de maio de 2022, online]. Paranavaí/PR: Universidade Estadual do Paraná, 2022a. p. 16. Disponível em: <https://sites.google.com/view/ijorpemc/resumos>. Acesso em mar. 2023

JIMENEZ, Michele de Oliveira; OLIVEIRA, Terezinha. A virtude da Humildade na obra *Scivias* de Hildegarda de Bingen e a manutenção da ordem social. *In: Caderno de Resumos da XXI Jornada de Estudos Antigos e Medievais: O que te governa? Conhecimento, Lei e vida em comum* [01-04 de agosto de 2022, online]. Maringá/PR: Universidade Estadual de Maringá, 2022b. p. 77. Disponível em: <https://educlassicos.wixsite.com/xxijeam/caderno-resumos>. Acesso em mar. 2023.

JIMENEZ, Michele de Oliveira; OLIVEIRA, Terezinha. Para além das visões: a intelectual Hildegarda de Bingen. *In: Caderno de Resumos da II Jornada Internacional sobre Educação e Ensino em momentos de transformações sociais – passado e presente: ciência, política, religião e educação* [09-11 de maio de 2023, online]. Paranavaí/PR: Universidade Estadual do Paraná, 2023a. p. 16. Disponível em: <https://sites.google.com/view/iiijorpemc/resumos>. Acesso em jun. 2023.

JIMENEZ, Michele de Oliveira; OLIVEIRA, Terezinha. A questão da Trindade no século XII: Hildegarda de Bingen vs Gilberto de La Porrée. *In: Caderno de Resumos da XXII Jornada de Estudos Antigos e Medievais: Imaginação, Razão, Ação na Antiguidade e no Medievo*. [31 de julho a 03 de agosto de 2023, online]. Maringá/PR: Universidade Estadual de Maringá, 2023b. p. 82. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/10bStiBUuzqvlq18bq3Hltf8NFPXUYHCf/view>. Acesso em ago. 2023.

JIMENEZ, Michele de Oliveira; OLIVEIRA, Terezinha. Uma tese em construção: o projeto de formação humana de Hildegarda de Bingen para o século XII. *In: Caderno de Resumos do XVI Seminário de Pesquisa do PPE: Impactos sociais da pesquisa em educação*. [28 e 29 de agosto de 2023]. Maringá/PR: Universidade Estadual de Maringá, 2023c. p. 57. Disponível em: <https://doity.com.br/seminario-de-pesquisa-do-ppe--2023-impactos-sociais-da-pesquisa-em-educacao/informacoes>. Acesso em 01 set. 2023.

JIMENEZ, Michele de Oliveira; OLIVEIRA, Terezinha. Hildegarda de Bingen e Las 38 cuestiones y soluciones: explicando os dogmas da fé pelas visões de uma mulher. *In: Caderno de Resumos do XV Encontro Internacional da Associação Brasileira de Estudos Medievais & V Seminário Internacional Mundos Ibéricos*. Goiânia/GO: ABREM; UFG; UEG; PUC/GO. [04 a 06 de setembro]. 2023d. p. 191. Disponível em: <https://sites.google.com/view/xveiemvmundosibericos/p%C3%A1gina-inicial>. Acesso em 01 set. 2023.

JIMENEZ, Michele de Oliveira; OLIVEIRA, Terezinha. A erudição ‘oculta’ de Hildegarda de Bingen. *In: 5º Congresso Internacional da Sociedade Portuguesa de Filosofia*. [14-16 de setembro de 2023]. Lisboa/PT: Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora/Universidade de Évora, 2023e. p. 22. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1WnqcBIWWdph7xcSNZFCCCKGXHw3iYeZ/view>. Acesso em 16 de set. 2023.

JIMENEZ, Michele de Oliveira; OLIVEIRA, Terezinha. A tríade de Hildegarda de Bingen: Deus, ser humano e natureza. **Revista Rever: Revista de Estudos da**

Religião, São Paulo: PUC-SP, v. 23, n. 2, 2023f, p. 125-137. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/60622/43565>. Acesso em 17 de abril de 2024.

KLAPISCH-ZUBER, Christiane. **História das mulheres no Ocidente, Vol. 2: A Idade Média**. Porto: Edições Afrontamentos, 1990.

KLAPISCH-ZUBER, Christiane. Introdução. *In*: KLAPISCH-ZUBER, Christiane. **História das mulheres no Ocidente, Vol. 2: A Idade Média**. Porto: Edições Afrontamentos, 1990.

KESMONT, Mike; MOENS, Sara; DEPLOIGE, Jeroen. Collaborative authorship in the twelfth century: a stylometric study of Hildegard of Bingen and Guibert of Gembloux. **Digital Scholarship in the Humanities**, Oxford/UK: Oxford University Press, v. 30, n. 2, p. 199-224, 2013. Disponível em: <https://academic.oup.com/dsh/article-abstract/30/2/199/389065>. Acesso em 26 de abril de 2023.

LACALLE, Ana Valtierra. La Sibila de Cumas: revalorización y cristianización medieval de una iconografía de origen romano. **Revista Digital de Iconografía Medieval**, Madri/ES, vol. XII, n. 22, pp. 39-70, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7939510>. Acesso em 19 jun. 2024.

LAHASS, Rebeca. **Hildegarda von Bingen: a perspectiva teológica de uma mulher no século XII**. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo/RS, 2021.

LANZIERI JÚNIOR, Carlile. Outros anões sobre os ombros de gigantes: o questionamento da ruptura entre locais destinados à formação do saber (séculos XI e XII). **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, vol. 7, n. 1, p. 231-246, jan./jun., 2014. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/territoriosefronteiras/index.php/v03n02/article/view/225>. Acesso em 05 set. 2023.

LE GOFF, Jacques. *Passado/Presente*. *In*: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LE GOFF, Jacques. **O apogeu da cidade medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LE GOFF, Jacques. **Homens e mulheres da Idade Média**. São Paulo: Estação Liberdade, 2013.

LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais na Idade Média**. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

LE GOFF, Jacques. **A história deve ser dividida em pedaços**. São Paulo: Editora da Unesp, 2015.

LERNER, Gerda. **The feminist conscious: from the Middle Ages to Eighteen-seventy** (v. II). New York/USA: Oxford University Press, 1993.

LIPPMANN, Rayana das Graças Amil Asth. **Santa Hildegarda de Bingen: uma doutora para o nosso tempo**. Mestrado (Mestrado em Teologia). 2014. PUC: Porto Alegre.

MACIEL, Cassia Giseli Beraldo Pereira. **As origens medievais do ensino de direito em Bolonha (século XIII)**. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.

MADALENO, Aurora. Breve introdução ao estudo das leis canônicas. **Gaudium Sciendi**, Lisboa/PT, n. 4, p. 69-99, jul. 2013. Disponível em: <https://scucp.ucp.pt/pt-pt/asset/691/file>. Acesso em 31 ago. 2023.

MADDOCKS, Fiona. **Hildegard of Bingen: the Woman of her age**. London/UK: CPI Group, 2013.

MAGALHÃES, Ana Paula Tavares. Heresia medieval: um combate pela fé. **Revista USP**. São Paulo: USP, n. 37, p. 216-221, mar./maio 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28380>. Acesso em 03 set. 2023.

MACKAY Angus; DITCHBURN David. **Atlas of Medieval Europe**. Londres/UK e Nova York/USA: Taylor & Francis e-Library, 2002.

MAINKA, Peter Johann. O Sacro Império Romano-Germânico por volta de 1500 – um irregulare aliquod corpus et monstro símile? **Diálogos**, Maringá, v. 23, n.2, , p. 132-184, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/42499>. Acesso em 05 set. 2023.

MARTINS, Maria Cristina da Silva; EGGERT, Edla. Verbete: Hildegarda de Bingen. **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia**, Campinas, v. 7, n. 3, p. 14-34, 2022. Disponível em: [https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/wp-content/uploads/sites/178/2022/09/Hildegarda-Edla\\_Cristina.pdf](https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/wp-content/uploads/sites/178/2022/09/Hildegarda-Edla_Cristina.pdf). Acesso em 05 set. 2023.

MARTINS, Vanessa Gandra Dutra. Reflexão sobre a escrita epistolar como fonte histórica a partir da contribuição da teoria da literatura. **Língua e Literatura**, Frederico Westphalen, v. 13, n. 20, p. 61-72, 2011. Disponível em: <https://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/152>. Acesso em 03 set. 2023.

MECONI, Honey. **Hildegard of Bingen**. Chicago/USA: University of Illinois Press; Oxfordshire/UK: Marston Book Services, 2018.

MENDES, Claudinei Magno Mendes. A importância da pesquisa de fontes para os estudos históricos. **Acta Scientiarum. Education**, Maringá, v. 33, n. 2, p. 205-209, 2011. Disponível: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/14174/pdf>. Acesso

em 26 set. 2019.

MUNHÓS, Fernando. As cartas também constroem a história: potencialidades em uma conversa vinda do passado. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 64, p. 336-342, ago. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/119557>. Acesso em 26 de abril de 2023.

NARDI, Paolo. Relações com as autoridades. *In*: RÜEGG, Walter (org.). **Para uma história da Universidade na Europa**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1996, p. 75-104.

NASCIMENTO, Carlos Arthur Ribeiro do. **Um mestre no ofício: Tomás de Aquino**. São Paulo: Paulus, 2011.

NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa. Narrar o Sagrado: o desafio hagiográfico. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, Curitiba, n. 20, p. 130-142, 2021. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/587289>. Acesso em 25 ago. 2023.

NEWMAN, Barbara. **Sister of wisdom: St. Hildegard's theology of the feminine**. Los Angeles; Berkeley/USA: University of California Press, 1997.

NEWMAN, Barbara. **Introdução**. *In*: BINGEN, H. **Scivias (Scito vias Domini): Conhece os caminhos do Senhor**. São Paulo: Paulus, 2017.

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho; VASCONCELOS, Ana Rachel G. de. Ciência e fé em Hildegard von Bingen. **Basiliade - Revista de Filosofia**, Curitiba/PR, v. 4, n. 8, p. 57-72, jul/dez. 2022. Disponível em: <https://fasbam.edu.br/pesquisa/periodicos/index.php/basiliade/article/view/411>. Acesso em 24 de abril de 2023.

OLIVEIRA, Karine. R. da. **Escritura conventual: raízes da literatura de autoria feminina na América Hispânica**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

OLIVEIRA, Terezinha. **Guizot e a Idade Média: Civilização e lutas políticas**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 1997.

OLIVEIRA, Terezinha. Memória e História da Educação Medieval: uma análise da *Autentica Habita* e do *Estatuto de Sorbonne*. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, v. 14, n. 3, p. 683-698, nov. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/aval/v14n3/a09v14n3.pdf>. Acesso em 26 dez. 2019.

OLIVEIRA, Terezinha. Um estudo de virtudes sociais segundo Tomás de Aquino. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 29, n. 58, p. 725-743, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/23786>. Acesso em 26 de abril de 2023.

OLIVEIRA, Terezinha. Reflexões sobre a Reforma Sucupira e as Cartas de D. Dinis: é possível um diálogo da universidade na história. **Série-Estudos**, Campo Grande/MS, v. 22, n. 46, p. 137-154, set/dez. 2017. Disponível em: <http://www.serie-estudos.ucdb.br/index.php/serie-estudos/article/view/1096>. Acesso em 26 dez. 2019.

OLIVEIRA, Terezinha. VIANA, Ana Paula Santos. Um estudo sobre o intelecto, livre arbítrio e virtudes no campo da história da educação medieval. **História & Ensino**. Londrina, v. 25, n. 1, p. 391-408, jan.jun/2019. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/33580>. Acesso em 26 de abril de 2023.

OLIVEIRA, Terezinha. Hildegard de Bingen: uma intelectual diante da religião - conhecimento e política. **Revista Diálogo Educativo**. Curitiba, v. 19, n. 63, p. 1335-1357, out./dez. 2019. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1981-416x2019000401335&script=sci\\_abstract](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1981-416x2019000401335&script=sci_abstract). Acesso em 26 de abril de 2023.

OPITZ, Claudia. O cotidiano da mulher no final da Idade Média (1250-1500). In: KLAPISCH-ZUBER, Christiane. **História das mulheres no Ocidente, Vol. 2: A Idade Média**. Porto: Edições Afrontamentos, 1990.

ORTIZ, María Esther. Símbolo y experiencia visionária en el Epistolario de Hildegarda de Bingen. VOLANTE, Susana Beatriz; COSTA, Ricardo da (orgs.). **Mirabilia 28: La estética medieval: Imágen y Filosofía**. Jan-Jun 2019. Disponível em: <https://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/06.28.pdf>. Acesso em 19 abril 2023.

PEINHOPF, Anna Deyse Rafaela. **Mulheres filósofas: um silêncio institucionalizado**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2020.

PENA, Rejane Silva; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. Arquivo particular Júlio de Castilhos: cartas, bilhetes e anotações pessoais como fontes históricas. **Patrimônio e Memória**, São Paulo: Unesp, v. 4, n. 2, p. 55-73, jun. 2009.

PERNOUD, Regine. **A mulher no tempo das catedrais**. Lisboa/PT: Gradiva, 1984.

PERNOUD, Regine. **Santa Hildegarda de Bingen: mística e doutora da Igreja**. Dois Irmãos/RS: Minha Biblioteca Católica, 2020.

PINHEIRO, Mirtes. E. **As herboristas nas literaturas antiga e medieval: Circe, Hildegarda de Bingen e Isolda**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

PINHEIRO, Mirtes. E. **Desvendando Eva: o feminino em Hildegarda de Bingen**. Doutorado (Doutorado em Estudos Literários). 2017. UFMG: Belo Horizonte.

PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de gênero e História Social. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, n. 17, v. 1, p. 159-189, jan/abril 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2009000100009>. Acesso em 31 jan. 2020.

PIRENNE, Henri. **As cidades na Idade Média**: ensaio de história econômica e social. Sintra/PT: Publicações Europa América Ltda, 2009.

RABASSÓ, Georgina. Las virtudes, fuerzas vivas del alma en Hildegarda de Bingen. **Cauriensia**, v. II, p. 21-31, 2012. Disponível em: <https://dehesa.unex.es/handle/10662/2621>. Acesso em 26 de abril de 2023.

RABASSÓ, Georgina. De la experiencia místico-cognoscitiva a la epistemología mística: Hildegarda de Bingen. SALVADOR, José María González (org.). **Mirabilia**: electronic journal of antiquity and middle ages. Barcelona/España: Universidad Autónoma de Barcelona, n. 17, jul/dez 2013. Disponível em: <https://raco.cat/index.php/Mirabilia/article/view/274617>. Acesso em 26 de abril de 2023.

RANFT, Patricia. Ruminations on Hildegard of Bingen (1098-1179) and autism. **Journal of Medical Biography**. United Kingdom, v. 22, n. 1, 2014. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0967772013479283>. Acesso em 25 de abril de 2023.

REELS Arautos do Evangelho de Recife. Recife: Arautos do Evangelho. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CsLvLpoAhB-/>. Acesso em 29 set. 2023.

REBELLO, Hiago Maimone da Silva. O panorama intelectual da Escola de Chartres. **Politeia - História E Sociedade**, Vitória da Conquista, v. 21, n. 1, p. 274-287, 2022. <https://doi.org/10.22481/politeia.v21i1.10854>. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/politeia/article/view/10854>. Acesso em 03 set. 2023.

RÉGNIER-BOHLER, Danielle. Vozes literárias, vozes místicas. *In*: KLAPISCH-ZUBER, Christiane. **História das mulheres no Ocidente, Vol. 2: A Idade Média**. Porto: Edições Afrontamentos, 1990.

REINHARDT, Elizabeth. Por las rutas medievales del saber. Pamplona/ES: EUNSA, Ediciones Universidad de Navarra S.A., 2007.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017.

RILINGER-STOLLBERG, Barbara. **El Sacro Imperio Romano-Germánico**: una historia concisa. Madrid/ES: La Esfera de Los Livros, 2020.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ROESLER, Claudia Rosane. A Estabilização do Direito Canônico e o Decreto de Graciano. **Seqüência**, Florianópolis, v. 49, p. 9-32, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/view/15220>. Acesso em 24 de abril de 2023.

RÜEGG, Walter (Org.). **Para uma história da Universidade na Europa**. Lisboa/PT: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1996.

RUSSEL, Bertrand. **História do pensamento Ocidental: a aventura dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Saraiva de Bolso, 2013.

RUST, Leandro Duarte. A reforma papal nos séculos XI a XII: santos e papas em um combate pelo tempo. *In: 'Usos do passado'* - XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ 2006. Disponível em <http://www.eeh2012.anpuh-rs.org.br/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Leandro%20Duarte%20Rust.pdf>. Acesso em: 10 set. 2020.

RUST, Leandro Duarte; SILVA, Andreia Cristina Lopes Frazão da. A Reforma Gregoriana: trajetórias historiográficas de um conceito. **História da Historiografia**, Ouro Preto/MG, n. 3, p. 135-152, set. 2009. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/62>. Acesso em 26 de abril de 2023.

RUST, Leandro Duarte; CASTANHO, Gabriel. A Igreja como passado: um prólogo historiográfico. **Veredas da História (online)**, Salvador, v. 10, n. 2, p. 9-21, dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rvh/article/view/47923>. Acesso em 26 de abril de 2023.

SANTOS, Letícia David dos. **Da medicina clássica ao mundo medieval**, o uso de ervas para práticas de cura em Plínio, o Velho e Hildegard von Bingen: um estudo comparativo. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro Rio de Janeiro, 2022.

SANTOS-PAZ, José Carlos. ¿Hildegarde de Bingen contra Federico Barbarroja?: sobre la génesis de la profecía pseudoepígrafa *Vidi ab aquilone*. **Reti Medievali Rivista**, Firenze/Italia: n. 21, v. 1, p. 91-125, 2020. Disponível em: <http://www.serena.unina.it/index.php/rm/article/view/6672>. Acesso em 19 abril 2023.

SCHMANDT, Matthias; KROKER, Bettina. **Permanent Exhibition Hildegard of Bingen: her life and work**. Bingen am Rhein/Alemanha: Publishing House Matthias Ess; Historisches Museum am Strom Hildegard von Bingen, 2014.

SILVAS, Anna. **Jutta & Hildegard: the biographical sources**. Pennsylvania/USA: The Pennsylvania State University Press, University Park, 1998.

SILVA, Rejane B. da. **Hildegard Von Bingen e Mechthild Von Magdeburg: visionárias do tempo do fim - uma análise comparativa**. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

SINGER, Charles. The visions of Hildegard of Bingen. From Magic to Science: Essays on the Scientific Twilight, London, 1928. **Yale Journal of Biology and Medicine**, New Haven, v. 78, p. 57-82, 2005. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2259136/pdf/16197730.pdf>. Acesso em 26 de abril de 2023.

SOUZA, Juliane Albani de. **A sexualidade e o controle do corpo no Scivias e no Causae et curae de Hildegarda de Bingen (século XII)**. Dissertação (Mestrado em História Social das Relações Políticas) – Universidade Federal do Espírito Santo, 2013.

TIGCHELAAR, Alisa J. A Redemption Theology in Mystical Convent Drama: “The Already and the Not Yet” in Hildegard of Bingen’s Ordo virtutum and Marcela de San Félix’s Breve festejo. MALLORQUÍ-RUSCALLEDA, Enric (org.). **Mirabilia: Journal of Antiquity, Middle & Modern Ages**, Barcelona/ES, v. 15, p. 86-127, jun/dez 2012. Disponível em: <https://www.revistamirabilia.com/issues/mirabilia-15-2012-2/article/redemption-theology-mystical-convent-drama-already-and-not-yet>. Acesso em 26 de abril de 2023.

THOMASSET, Claude. Da natureza feminina. In: KLAPISCH-ZUBER, Christiane. **História das mulheres no Ocidente, Vol. 2: A Idade Média**. Porto: Edições Afrontamentos, 1990.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. A. Os alunos e os professores nas Universidades Medievais. **A Universidade Medieval**. Porto Alegre: Edipucrs, 2000. p. 191-218.

VAN DE POLL, Maria Carmen Gomes Martiniano de Oliveira. **A espiritualidade de Hildegard Von Bingen: profecia e ortodoxia**. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

VAN DYKE, Christina. “Lewd, feeble, and frail”: Humility Formulae, Medieval Women, and Authority. In: PASNAU, Robert. **Oxford Studies in Medieval Philosophy (volume 10)**. Oxford/UK: Oxford University Press, 2022.

VASCONCELOS, Ana Rachel Godim Cabral. de. **Autoridade profética e autoimagem em Hildegard von Bingen**. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2022.

VISALLI, Angelita Marques; GODOI, Pamela Wanessa. Estudos sobre imagens medievais: o caso das iluminuras. **Diálogos**, v. 20, n. 3, 2016, p. 129-114. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3055/305549840011.pdf>. Acesso em 30 de julho de 2024.

XAVIER, Maria Leonor. Hildegarda de Bingen: as suas visões e as suas razões. In: FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro (org.) **Pensar no feminino**. Lisboa/PT: Edições Colibri, 2001.

# APÊNDICES

## APÊNDICE 1 – Tabulação Dados para aplicação da Análise de Conteúdo de Bardin (2011)

CATEGORIAS DE ANÁLISE	Ordem ou Hierarquia Social	Definição de Virtudes	Obediência	Humildade	Papéis Mulheres	Papéis Homens
<p>Scivias</p> <p>O B R A S I L I A</p>	<p>LIVRO 2, 5 VISÃO, 27 Cada ordem deve evilar a diversidade, a excentricidade e a novidade na forma de vida Mas, como em três Pessoas há um único Deus, assim nestas três ordens há uma única Igreja, fundada por aquele que plantou todas as coisas boas. De fato, o que quer que ele não tenha plantado, não não poderá de aguentar. E assim, aquelas instituições que ele não fundou, cairão em grandes erros. Como? Aquelas instituições que, em alívio orgulho, buscam ascender e não querem sujeitar-se àqueles mais elevadas do que elas, não foram plantadas por Deus. E isso acontece quando uma ordem inferior se esforça para elevar-se acima de uma grande ordem, que foi constituída por minha vontade no antigo conselho dos primeiros Padres; e quando ela tenta, em sua loucura, parecer mais importante, mediante sinais distintivos em suas vestimentas, como se a ordem dos anjos tentasse alçar-se por sobre a ordem dos arcanjos. O que isso significaria? Que eles seriam nada e inúteis, visto que, com ideias vãs, eles tentaram dividir as ordens devidamente constituídas por Deus. Mas isso não deveria ser assim. Destarte, não é apropriado que eu devesses ser invocado por aqueles que, com uma mania de diversidade, sempre anseiam por um novo propósito, e por aqueles que, não conhecendo suas próprias mentes, abandonam o caminho batido e o chão tem arado dos primeiros Padres, que foram inspirados pelo Espírito Santo. Muitos destes, na grandeza de seu orgulho, esquecem-se das determinações estabelecidas que a Igreja recebeu dos primeiros Padres, e fazem cismas em suas várias instituições. E eles desajam, em suas andanças, ser chamados de árvores frutíferas, mas não podem sequer ser chamados de canjicos doces, como é mostrado pelo amado João, que escreve sobre aqueles que murcham na apatia e são cortados:</p>	<p>LIVRO I, 4 VISÃO (PARÁGRAFOS 1 E 2) 4 A respeito da aparência das virtudes e seu significado. E assim, os espíritos do primeiro destes cinco exércitos parecem ter formas humanas que brilham com grande esplendor dos ombros para baixo. Estes são as virtudes, que brotam nos corações dos crentes e, em ardente caridade, constroem nelas uma torre altilmeira, que são suas obras: de modo que, em seu entendimento, eles mostram as ações dos anjos, e em sua força conduzem-nos a um fim bom, com uma grande glória de bem-aventurança. Como? Os eleitos, cujo entendimento interior é claro, lançam fora toda a perversidade do mal, sendo iluminados por essas virtudes na iluminação de minha vontade, e lutam vigorosamente contra as armadilhas do diabo, e estas virtudes mostram incessantemente a mim, seu Criador, estas lutas contra a multidão do diabo. De fato, as pessoas têm dentro de si mesmas lutas de confissão e de negação. Como? Porque este aqui me confessa, e aquele outro me nega. E nesta luta a questão é: há um Deus ou não? E a resposta vem do Espírito Santo, que habita na pessoa: Deus é, e criou-e, e também le redimiu. Contudo, enquanto essa questão e a resposta estiverem em uma pessoa, o poder de Deus não se ausentará dela, pois essa questão e essa resposta trazem consigo a penitência. Mas quando essa questão não está em uma pessoa, tampouco a resposta é do Espírito Santo, visto que tal pessoa afasta de si mesma o dom de Deus e, sem a questão que conduziu à penitência, lança a si mesma na morte. E as virtudes mostram a Deus as batalhas destas guerras, e elas são o selo que mostra a Deus a intenção que o adora ou o nega.</p>	<p>p. 215 Adão aceitou a obediência, mas, mediante o conselho do diabo, não obedeceu: quando isso é feito, o fogo ardente, por meio daquela chama que arde abrasadoramente com um suave sopra, oferece ao humano uma flor branca, que pende daquela chama, tal como o orvalho pendura-se na relva. Efeitivamente, depois que Adão foi criado, o Pai, em sua lúcida serenidade, deu a Adão, através de sua Palavra no Espírito Santo, o doce preceito da obediência, que em vigorosa fertilidade pendia da Palavra; por certo o doce odor da santidade gotejava do Pai no Espírito Santo, através da Palavra, e produzia fruto na maior abundância, tal como o orvalho que, caindo sobre a relva, e faz crescer.</p>	<p>p. 102 Elogio da humildade e da caridade acima de todas as outras virtudes Sem dúvida, a humildade levou o Filho de Deus a nascer da Virgem, em quem foi encontrada a humildade, não ávidos abraços ou beleza da carne, ou riquezas terrenas, ou ornamentos de ouro, ou honras mundanas. Mas o Filho de Deus jaz em uma manjedoura, porque sua mãe era uma jovem pobre. A humildade sempre geme, chora e destrói todas as ofensas, pois essa é sua obra. Assim, quem quer que deseje conquistar o diabo, arme-se com a humildade, dado que Lúcifer foge dela acaloradamente e esconde-se de sua presença como uma serpente em um buraco; pois, em qualquer lugar que ela o encontre, rompe-o como a um fio frágil. E a caridade tomou o Unigênito de Deus, que estava no seio do Pai, no céu, e colocou-o no ventre de uma mãe sobre a terra, pois ele não repele pecadores ou publicanos, mas busca salvar a todos. Portanto, frequentemente ele produz uma fonte de lágrimas oriunda dos olhos dos fiéis, amolecendo a dureza do coração. Não, a humildade e a caridade são mais refulgentes do que as outras virtudes, visto que a humildade e a caridade são como uma alma e um corpo, que possuem poderes mais fortes do que os outros poderes da alma e dos membros corpóreos. Como? A humildade é como a alma e a caridade é como o corpo, e eles não podem ser separados um do outro, mas atam juntos, tal como alma e corpo não podem ser desvinculados, mas agem juntos enquanto uma pessoa viver no corpo. E como os vários membros do corpo estão sujeitos, de acordo com seus poderes, à alma e ao corpo, assim também as outras virtudes cooperam de acordo com sua justiça, com a humildade e com a caridade. E, portanto, o humano, para a glória de Deus e para vossa salvaguarda, buscai a humildade e a caridade; armados com eles, vós não temerás as armadilhas do diabo, mas teres a vida eterna. Por conseguinte, quem quer que tenha conchecimento no Espírito Santo e assas da fe, que este não ignore minha admoestação, mas experimente-a, abraça-a e receba-a na alma.</p>	<p>LIVRO 1, VISÃO 2, 11, PARÁGRAFO 2 Mas o fato de a primeira mulher ser formada do homem significa a união entre esposa e marido. E assim é que deve ser entendido: esta união não deve ser em vão ou feita no esquecimento de Deus, porque aquele que criou a mulher a partir do homem instituiu esta união honorável e virtuosamente, formando carne de carne. Consequentemente, como Adão e Eva eram uma carne, de modo igual agora também homem e mulher se tornam uma carne na união de santo amor para a multiplicação da raça humana. E, portanto, deveria haver amor perfeito nesses dois, tal como havia naqueles primeiros dois. Na verdade, Adão poderia ter culpado sua esposa, porque, pelo conselho dela, ele lhe trouxe a morte; no entanto, ele não a dispensou enquanto viveu neste mundo, porque ele sabia que ela lhe fora dada pelo poder divino. Portanto, por causa do amor perfeito, que o homem não abandone sua esposa, a não ser pela razão que a Igreja lhe permite. [...] Mas se estes dois discordam quanto a se eles deveriam renunciar ao mundo por uma devoção, então que eles, de maneira alguma, se separem um do outro, visto que, tal como o sangue não pode ser separado da carne enquanto o espírito permanecer na vida, de igual modo o marido e a mulher não podem ser separados um do outro, mas devem caminhar juntos em um só querer.</p>	<p>LIVRO 3, VISÃO 5, PARÁGRAFO 1* - CARACTERÍSTICA MASCULINA DE DEUS: 13 O zelo de Deus, julgando equitativamente os atos humanos, é terrível para todas as criaturas. E vê-se sua cabeça, uma cabeça humana descoberta, o que quer dizer que o zelo do Senhor não está sujeito à mortalidade, mas é despido de toda fraqueza, julgando equitativamente as ações humanas. Não está coberta com cabelos, como a cabeça de um homem, nem por um véu, como a cabeça de uma mulher; de fato, ela não experimenta nenhuma ansiedade masculina acerca de ser vencida por alguém superior em força, nem tem nenhuma fraqueza feminina, como a de um espírito tímido, receoso de que não possa vencer seus oponentes.</p>
<p>LMV</p> <p>B I N G E N</p>	<p>PARTE 6, 35 XXXV. EN EL REINO DE LOS CIELOS ESTÁN LAS ALMAS DE SEGLARES, SACERDOTES, RELIGIOSOS, SUBDITOS Y SUPERIORES, MÁRTIRES Y VIRGENES QUE SIRVIERON A DIOS. Aquí en efecto están, como ves, los que en el mundo, abrazaron con el espíritu la vida del cielo aunque por su estado dirigen sus afanes a cubrir las necesidades de la vida carnal. Y a los que apartándose del mundo, con la sumisión a la disciplina de la regla y en la elevación de la vida contemplativa, se dedicaron a las cosas del cielo con el cuerpo y con el espíritu. También están aquí, los que benignamente y humildemente dirigieron a otros con la enseñanza y con el ejemplo, proporcionando a cuantos eran sus súbditos lo necesario para el cuerpo y el espíritu. Y los que despreciando los ídolos y reconociendo a su Creador, proclamando la verdad, no libubieron en affligir y entregar a la muerte sus cuerpos. Y también están los que, por encima de su condición de hombres de carne y sangre, consagraron y conservaron virtuosamente en el temor y en el amor de Dios su virginidad.</p>	<p>PARTE 6, XX. LO MISMO QUE EL FUEGO INFLAMA EL CUERPO DEL HOMBRE, LAS VIRTUDES INFLAMAN SU ALMA. El Espíritu Santo es realmente un fuego inextinguible que nunca puede extinguirse y que concede todos los bienes, enciendo todos los bienes, suscita todos los bienes, enseña todos los bienes, y que con su llama le ha concedido al hombre la facultad de expresarse. Es como el fuego con sus potentes fuerzas, que en su ardor revela su humildad que se somete a todo y se considera inferior a todo. Y este ardor tiene hielo, es decir paciencia, y también posee humildad, es decir, bondad, que muestra a todos. Y la obra de la humildad y su fundamento es la santidad, que se eleva arriba por el aire celeste mientras los espíritus malignos son arrollados y reducidos a nada.</p>	<p>PARTE 3, 10 X. RESPUESTA DE LA OBEEDIENCIA Pero de la nube lompesuosas antedicha, oí una voz que contestó a esta imagen: "Yo, que obedezco a Dios, siento la unión con Él. Pero ¿cuál y de qué naturaleza es esta unión? Cuando Dios creó todo con su Verbo y dijo el "Fiat", se creó el mundo. Yo fui oído y vigilé la ejecución de la orden de Dios. Y así todas las cosas fueron creadas. Cuando el primer ángel cobró vida enseguida se opuso a Dios, y entonces yo afirmé que sus obras no eran vivas, ya que él quiso ser algo que no era. Incluso intenté repimirme y ofendarme, pero no lo logré. En efecto, yo existo como sol, luna, estrella, manantial de las aguas, y soy raíz en todas las obras de Dios, del mismo modo en que el alma está en el cuerpo. Y como la voluntad de un hombre lleva a cabo lo que él desea, así yo soy voluntad de Dios, porque cumplo todo lo que Dios prescribe. Yo estuve con Dios en su antiguo consejo, y Dios ordenó por medio de mí lo que quiso realizar. En las órdenes de su Palabra yo respique como citara, ya que soy mandamiento suyo. Nada toco, nada quiero, nada deseo, si no lo que está en Dios, ya que provengo de Él y crecí por Él, y lo quiero ningún otro Dios. Tú, en cambio, prevenciaré de los mandamientos del Creador, en tu presunción afirmas ser de Dios y no tienes respeto por nadie, sino que haces lo que quieres. ¿Pero dónde está el cielo, dónde está la tierra que has creado? ¿Y dónde está la belleza de los montes y los mares que has formado? Nada de eso has hecho, pero desprecias lo que Dios ha creado. ¿De qué modo? Cuando hablas de lo mismo y cuando dices todas las cosas (necesariamente según lo que te complace, tú no aceptas a Dios, que estubo antes del antiguo origen de los días y estará después del cumplimiento del último día. Por tanto, oh péxima criatura, tú eres como las hojas secas de los árboles y como las escamas de los peces, estás destinada a caer, ya que tu nombre no apunta a ninguna utilidad, sino solo a la muerte".</p>	<p>PARTE 3, IV. RESPUESTA DE LA HUMILDAD Y de la nube lompesuosas anteriormente referida que se extendía del sur al oeste oí una voz que contestó a esta imagen: "Yo soy columna de nube. ¿Y por qué debería soportar que alguien me dijera horrorosos insultos, cuando el Creador ha descendido del cielo y habito en todos los confines de la tierra. Por lo tanto, no puedo pronunciar engañosamente palabras caducas, como, si por ejemplo, dijera "soy este y aquel" no siendo él. Si lo afirmara, no sería sol para iluminar las tinieblas, pues en efecto, junto a Dios yo lumino todas las tinieblas. Por lo cual ninguna tempestad podrá derribarme: ya que estoy con Dios en la plenitud de su bondad".</p>	<p>PARTE 1, 96, PARÁGRAFO 2 Vi luego otros espíritus en la muchedumbre que mencioné antes que gritaban así contra el ejército de Dios: "¿Que poder tenéis contra nosotros? Ninguno". Y con gran furor miraron a las mujeres, diciendo: "Estas están a disposición para la propagación de la vida en el mundo, como la tierra está dispuesta a que la echen semillas. Apresuremos a corromperlas, antes de que engendren quien pueda combatirlas". Estos espíritus malignos difunden entre los hombres cólera, furor y otras cosas perversas y exhortan a los hombres al homicidio."</p>	<p>PARTE 1, 34, 3* : Al hombre le alegra lo que desea, al desear elige según su voluntad, y entonces recibirá auxilio en lo que ha elegido. Si invoca a Dios, Dios le ayudará, pero si elige al diablo, el diablo le saldrá al encuentro con la sugerencia del mal. El hombre también puede desear y elegir saber racionalmente, pero independientemente de lo que él desee o elija, no lo hace por su propio poder, sino con el permiso de Dios que lo creó. Como el hombre puede hacer muchas cosas diferentes, también puede tener muchos deseos y posibilidades de elección para buscar y conseguir muchas cosas. Y lo mismo que el diablo engañó al primer hombre, a menudo vuelve a seducirlo con las mismas sugerencias.</p>
<p>LDO</p>	<p>PARTE 3, 5 VISÃO, XVI, (PARÁGRAFO 6) El principio de todo esto será, tanto para los religiosos como para los laicos, como la primera hora del día, y luego como a la hora tercera, la obra será llevada a cabo, y por fin será acabada como a la hora sexta. Los hombres de todos los órdenes serán examinados como después de la sexta hora y tendrán leyes diferentes de las que tienen ahora, y así será posible que cada orden sea estable en su derecho y los libros vuelvan a la dignidad de la libertad, y los siervos al deber de la servidumbre.</p>	<p>PARTE 1 (SEGUNDA VISÃO), 18 Todos estos soplos, de una sola manera y con igual fuerza de su energía, inducen al hombre a la santidad, porque, a pesar de la diversidad de sus operaciones, tienden sin embargo a una única santidad. En efecto, durante la formación de la recitad las virtudes proceden una de la otra. Todas estas cabezas, significan que todas estas virtudes están en la ciencia de Dios, y tienden hacia esta ciencia, asistiendo al hombre tanto en la necesidad espiritual como en las corporales.</p>	<p>PARTE 3, 5 VISÃO (PARÁGRAFO 2) La ciudad celeste que es el hogar de los hijos de Dios, tiene una bella torre construida con elegancia. Su estructura perfecta significa la obediencia de Abraham, que para nosotros, en su suma fidelidad, representó al Hijo de Dios y sus infinitas manifestaciones milagrosas. La ley hecha por Moisés pedía una obediencia incondicional sin la cual el hombre en ningún modo podía vivir, como una casa sin columnas maestras o un hombre sin corazón que lo gobierna. La obediencia en efecto es como un fuego, y la ley es su resplandor.</p>	<p>PARTE 1, CUARTA VISÃO, 46 El origen de la castidad es la humildad. Estas dos virtudes, unidas y juntas en el hombre, hacen repetir el ciclo de alabanzas y llenan la tierra de ejemplos de virtud y santidad.</p>	<p>PARTE 1, VISÃO 4, LXIV, PARÁGRAFO 2 DIFERENCIAS HOMENS E MULHERES Con esta parte, en el pecho, el hombre manifiesta su potencia, y con esta misma parte la mujer amamanta a los niños que todavía no pueden alimentarse de comida sólida. Así las energías del alma son fuertes, porque por su medio el hombre conoce y percibe a Dios, aunque también está al servicio de los deseos de la carne. [...] El placer de la carne es débil en todo, como lo es la mujer en comparación a la fuerza viril.</p>	<p>PARTE 1, VISÃO 1, X: Al hombre, Dios le otorgó el lugar y la gloria del ángel caído y le encargó completar la gloria de Dios, cosa a la cual el ángel se había negado.</p>

## APÊNDICE 2 – Artigos lidos Portal de Periódicos Capes e Scopus (Organizados por ano)

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho; VASCONCELOS, Ana Rachel G. de. Ciência e fé em Hildegard von Bingen. **Basiliade - Revista de Filosofia**. Curitiba/PR, v. 4, n. 8, p. 57-72, jul/dez. 2022. Disponível em: <https://fasbam.edu.br/pesquisa/periodicos/index.php/basiliade/article/view/411>. Acesso em 24 de abril de 2023.

EZÍDIO, Camila de Souza. Hildegarda de Bingen: redescobrimo uma voz feminina do século XII. **Notandum**, ano XXV, n. 60, set/dez 2022. Maringá: CEMOROC-Feusp/GTSEAM. Acesso em 10 de maio de 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/notandum.vi60.65837>

MARTINS, Maria Cristina da Silva. O *Livro de Plantas* de Hildegarda de Bingen. **Rónai: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios**. Juiz de Fora/MG: Universidade Federal de Juiz de Fora, v.10, n. 1, 2022, p. 26-49. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ronai/article/view/36534>. Acesso em 01 de junho de 2023.

ELING, Paul; SAKALAUŠKAITĖ-JUODEIKIENĖ, Eglė. Hildegarda of Bingen (c. 1098-1179) on sleep and dreams in her *Causa et curae* and *Physica*: a historical perspective. **Sleep Medicine**. v. 88, dez. 2021, p. 7-12. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1389945721005013?via%3Dihub>. Acesso em 19 de abril de 2023.

MARDER, Michael. The ecological literacies of St. Hildegard of Bingen. **Philosophies**. Switzerland: MDPI - Academic Open Access Publishing 2021, 6, 98. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2409-9287/6/4/98>. Acesso em 24 de abril de 2023.

GUSSEM, Jeroen. Larger than life? A stylometric analysis of the multi-authored *Vita* of Hildegard of Bingen. **Interfaces: a Journal of Medieval European Literature**. Milano/Italia: Milano University Press, 2021, pp. 125-159. Disponível em: <https://riviste.unimi.it/interfaces/article/view/15784>. Acesso em 24 de abril de 2023.

URBERG, Michelle. Hildegard of Bingen, by Honey Meconi (review). **Notes: Music Library Association**. Seattle, Washington, v. 77, n. 3, 2021, p. 440-442. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/781447/pdf>. Acesso em 23 de abril de 2023.

PAZ, José C. Santos. ¿Hildegarde de Bingen contra Federico Barbarroja?: sobre la génesis de la profecía pseudoepígrafa *Vidi ab aquilone*. **Reti Medievali Rivista**, Firenze/Italia: Firenze University Press, n. 21, v. 1, 2020. Disponível em: <http://www.serena.unina.it/index.php/rm/article/view/6672>. Acesso em 19 abril 2023.

MARTINS, Maria Cristina da Silva. *Physica*: uma das obras científicas de Hildegarda de Bingen. **Rónai: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios**. Juiz de Fora/MG: Universidade Federal de Juiz de Fora, v.8, n. 1, 2020, p. 3-18. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ronai/article/view/28175>. Acesso em 01 de junho de 2023.

ORTIZ, María Esther. Símbolo y experiencia visionária en el Epistolario de Hildegarda de Bingen. VOLANTE, Susana Beatriz; COSTA, Ricardo da (orgs.). **Mirabilia 28**: La estética medieval: Imágen y Filosofía. Jan-Jun 2019. Disponível em: <https://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/06.28.pdf>. Acesso em 19 abril 2023.

ESCUADERO, María José Ortúzar. La boca y lo dulce. Algunas reflexiones sobre la tropología del gusto en el libro *Scivias* de Hildegarda de Bingen. RODRÍGUES, Gerardo Fabían; SCHWINDT, Gisela Coronado (orgs.). **Mirabilia Journal: Journal of Antiquity, Middle & Modern Ages**, 29, jun-dez 2019. Disponível em: <https://www.revistamirabilia.com/issues/mirabilia-29-2019-2/article/mouth-and-sweetness-some-remarks-taste-metaphors-hildegard>. Acesso 25 de abril de 2023.

GUSSEM, Jeroen de; WOUTERS, Dinah. Language and thought in Hildegard of Bingen's visionary trilogy: close and distant readings of a thinker's development. **Parergon**: Australian & New Zealand Association of Medieval and Early Modern Studies, v. 36 n. 1, 2019. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/722432>. Acesso em 25 de abril de 2023.

MARTINS, Maria Cristina da Silva. Hildegarda de Bingen: Physica e Causa et Curae. **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, número especial, 2019. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/204475/001107920.pdf?sequence=1>. Acesso em 10 de maio de 2023.

OLIVEIRA, T. Hildegard de Bingen: uma intelectual diante da religião - conhecimento e política. **Revista Diálogo Educativo**. Curitiba, v. 19, n. 63, p. 1335-1357, out./dez. 2019. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1981-416x2019000401335&script=sci\\_abstract](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1981-416x2019000401335&script=sci_abstract). Acesso em 25 de abril de 2023.

ALEXIU, Andra. *Magistra magistrorum*: Hildegard of Bingen as a polemicist against false teaching. **Medieval Worlds: comparative e interdisciplinares studies**, Vienna/AUT n. 7, 2018, p. 170-189. Disponível em: <https://medievalworlds.net/0xc1aa5576%20x00390b0a.pdf>. Acesso em 21 jul. 2024.

DADOSKY, John. The original green campaign: Dr. Hildegard of Bingen's *Viritas* as complement to *Laudato si*. **Toronto Journal of Theology**. Toronto/Canadá: University of Toronto, v. 34, n. 1, 2018, p. 79-95. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/325838011\\_The\\_Original\\_Green\\_Campaign\\_Dr\\_Hildegard\\_of\\_Bingen's\\_Viriditas\\_as\\_Complement\\_to\\_Laudato\\_Si](https://www.researchgate.net/publication/325838011_The_Original_Green_Campaign_Dr_Hildegard_of_Bingen's_Viriditas_as_Complement_to_Laudato_Si). Acesso em 25 de abril de 2023.

WEISS, Sonja. Cloud and clothe. Hildegard of Bingen's metaphor of the fall of the human soul. **Acta Neophilologica**. Ljubljana/Slovenia: University of Ljubljana, 49(1-2), 5-18, 2016 Disponível em: <https://journals.uni-lj.si/ActaNeophilologica/article/view/7109>. Acesso em 19 abril de 2023.

KESMONT, Mike; MOENS, Sara; DEPLOIGE, Jeroen. Collaborative authorship in the twelfth century: a stylometric study of Hildegard of Bingen and Guibert of Gembloux. **Digital Scholarship in the Humanities**. Oxford/UK: Oxford University Press, Vol. 30, No. 2, 2015. Disponível em: <https://academic.oup.com/dsh/article-abstract/30/2/199/389065>. Acesso em 26 de abril de 2023.

JOHNSON, Sarah. Interpreting Hildegard von Bingen. **Oxford Journals**. Oxford/UK: Oxford University Press, v. 42, n. 1, 2014, p. 139-141. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26546394>. Acesso em 25 de abril de 2023.

RANFT, Patricia. Ruminations on Hildegard of Bingen (1098-1179) and autism. **Journal of Medical Biography**. United Kingdom: Sage Journals, v. 22, n. 1, 2014. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0967772013479283>. Acesso em 25 de abril de 2023.

NUSSBAUM, Abraham M. When the doctor is a gardener: Victoria Sweet, Hildegard of Bingen, and the genres is Physician-writers. **Literature and Medicine**. Baltimore/USA: Johns Hopkins University Press v. 32, n. 2, 2014, p. 325-347. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/565201>. Acesso em 25 de abril de 2023.

PALUMBO, Cecília Avenatti. La metáfora nupcial desde la mirada sinfónica de Hildegarda de Bingen. **Franciscanum**. Universidad de San Buenaventura: Bogotá/Colombia, v. LVI, jan/junho 2014, p. 197-220. Disponível em: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0120-14682014000100008](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-14682014000100008). Acesso em 25 de abril de 2023.

PINHEIRO, Mirtes Emilio. Hildegarda de Bingen: 'Luz inspirada pela Inspiração Divina'. **Graphos: Revista de Pós-Graduação em Letras**. Paraíba: Editora UFPB, v. 15, n. 1, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/16319>. Acesso em 25 de abril de 2023.

RABASSÓ, Georgina. De la experiencia místico-cognoscitiva a la epistemología mística: Hildegarda de Bingen. SALVADOR, José María González (org.). **Mirabilia: electronic journal of antiquity and middle ages**. Barcelona/España: Universidad Autónoma de Barcelona, n. 17, jul/dez 2013. Disponível em: <https://raco.cat/index.php/Mirabilia/article/view/274617>. Acesso em 26 de abril de 2023.

BOBOC, Andrea. Teaching off literacy grid with Hildegard of Bingen's Physica. **Pedagogy: Critical Approaches to teaching Literature, Language, Composition and Culture**. Durham/USA: Duke University Press, v. 13, n. 2, 2013. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/pedagogy/article-abstract/13/2/321/20381/Teaching-Off-the-Literary-Grid-with-Hildegard-of?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em 26 de abril de 2023.

SMUCKER, Júlia. Woman of substance. U.S. Catholic, fev. 2012. Disponível em: <https://uscatholic.org/articles/202102/hildegard-of-bingen-a-woman-of-substance/>. Acesso em 25 de abril de 2023.

PALUMBO, Cecilia Inês Avenatti. ¿Visionaria o mística? Hildegarda de Bingen en la encrucijada de lenguaje y experiencia del misterio cristiano. **Revista de Teología**. Buenos Aires/Argentina: Pontificia Universidad Católica Argentina, tomo XLIX, n. 108, ago. 2012. Disponible em:  
<https://repositorio.uca.edu.ar/handle/123456789/6947>. Acesso em 26 de abril de 2023.

GÓNGORA, María Eugenia. Acercamiento a las emociones medievales: dos cartas de Hildegard de Bingen (1098-1179). **Revista Chilena de Literatura**. Santiago/Chile: Universidad de Chile, n. 82, nov. 2012, p. 143-157. Disponible em:  
[https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0718-22952012000200008](https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-22952012000200008). Acesso em 26 de abril de 2023.

TIGCHELAAR, Alisa J. A Redemption Theology in Mystical Convent Drama: “The Already and the Not Yet” in Hildegard of Bingen’s Ordo virtutum and Marcela de San Félix’s Breve festejo. I MALLORQUÍ-RUSCALLEDA, Enric (org.). **Mirabilia: Journal of Antiquity, Middle & Modern Ages**. Barcelona/España: Universidad Autónoma de Barcelona, v. 15, jun/dez 2012. Disponible em:  
<https://www.revistamirabilia.com/issues/mirabilia-15-2012-2/article/redemption-theology-mystical-convent-drama-already-and-not-yet>. Acesso em 26 de abril de 2023.

GÓNGORA, María Eugenia. Ver, conocer, imaginar: la visión de la fuente y las tres doncellas en el *Liber Divinorum Operum* de Hildegarda de Bingen. **Revista Chilena de Literatura**. Santiago/Chile: Universidad de Chile, n. 68, 2006, p. 105-121. Disponible em:  
[https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0718-22952006000100004&lng=en&nrm=iso](https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0718-22952006000100004&lng=en&nrm=iso). Acesso em 27 de abril de 2023.

SINGER, Charles. The visions of Hildegard of Bingen. From Magic to Science: Essays on the Scientific Twilight, London, 1928. **Yale Journal of Biology and Medicine**, New Haven, v. 78, p. 57-82, 2005. Disponible em:  
<chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2259136/pdf/16197730.pdf>. Acesso em 26 de abril de 2023.

GÓNGORA, María Eugenia. Hildegard von Bingen: una introducción. **Revista Chilena de Literatura**. Chile: Universidad de Chile, n. 62, 2003. Disponible em:  
<https://revistaliteratura.uchile.cl/index.php/RCL/issue/view/103>. Acesso em 25 abril de 2023.

FLISFISCH, María Izabel. Las figuras femeninas en la *Symphonia* de Hildegard de Bingen: Caritas, Sapientia y Ecclesia. **Revista Chilena de Literatura**. Santiago/Chile: Universidad de Chile, n. 62, 2003. Disponible em:  
<https://revistaliteratura.uchile.cl/index.php/RCL/article/view/1654>. Acesso em 27 de abril de 2023.

BARDELLI, Italo Fuentes; ESCUDERO, María Ortízar. Música e História em Hildegard von Bingen. **Revista Chilena de Literatura**. Santiago/Chile: Universidad de Chile, n. 62, 2003. Disponible em:

<https://revistaliteratura.uchile.cl/index.php/RCL/article/view/1654>. Acesso em 27 de abril de 2023.

CIRLOT, Victoria. Hildegard von Bingen y Juan de Patmos: la experiencia visionaria en el siglo XII. **Revista Chilena de Literatura**. Santiago/Chile: Universidad de Chile, n. 63, 2003. Disponível em:  
<https://revistaliteratura.uchile.cl/index.php/RCL/article/view/1641>. Acesso em 27 de abril de 2023.

GÓNGORA, María Eugenia. La obra lírica de Hildegard de Bingen (1098-1179): una introducción a la *Symphonia armoniae celestium revelationum*. **Revista Chilena de Literatura**. Santiago/Chile: Universidad de Chile, n. 57, 2000. Disponível em:  
<https://rchd.uchile.cl/index.php/RCL/article/download/39076/40720>. Acesso em 27 de abril de 2023.

## ANEXOS

### **ANEXO 1 – Proteção da diocese de Mainz sobre a independência financeira e administrativa ao Mosteiro de Rupertsberg**

SILVAS, Anna. **Jutta & Hildegard**: the biographical sources. Pennsylvania/USA: The Pennsylvania State University Press, University Park, 1998.

#### **Documento n° 231, MUB 2**

##### SECOND CHARTER OF ARNOLD, ARCHBISHOP OF MAINZ

The following is a translation of Document 231, MUB 2, pp. 416-18. The original charter, stamped with Archbishop Arnold's seal, is preserved in the Hauptstaatsarchiv, Koblenz, Urk. Kl. Rupertsberg Nr.2. This document covers much of the ground appropriate to a set of Constitutions for Rupertsberg. Archbishop Arnold confirms the economic independence of the nuns' monastery and of the possessions acquired at its foundation from its mother-house, Disibodenberg, assigns to the Abbot of Disibodenberg responsibility for the priestly ministry there and the prerogative of conducting monastic professions at Rupertsberg, affirms the nuns' right to a free election of a successor to their spiritual mother, takes their monastery under archdiocesan protection and keeps under his supervision the conduct of the office of provost.

*Date*: 22 May 1158.

IN THE NAME OF the holy and undivided Trinity. Arnold, by favour of the divine goodwill, Archbishop of Mainz.

Since, as the Apostle testifies, by the gracious goodwill of the Lord we must work as husbandmen in his field (ef. Mat. 9:38, 21:1-16), the duty of our office requires that we root out whatever weeds there are in the Lord's field, and replace them with the good (cf. Mat. 13:24-29).

Therefore we have thought it right to bring to the notice of all the faithful, both those now living and those in time to come, that we who love tranquillity and concord desire that those who dwell under our rule should serve God with a greater care in the harmony of charity.

Because of this, we, desiring that the brothers of Disibodenberg and the sisters of Rupertsberg located at Bingen have no cause for grievance against each other, have decided that these sisters should have free-hold possession of both the place and their estates in independence of the brothers, and should incur no hindrance from them on any pretext whatever.

For the lady Hildegard came from Disibodenberg to Rupertsberg with certain young women dedicated with her to God, and, by a just exchange of property redeemed that place from several persons with vineyards contributed to her by certain of the faithful. Having entered into common counsel,<sup>14</sup> the aforesaid brothers through the lord Abbot Cuno then gave to them and those after them eight houses in various places, in perpetual exchange for the offerings which the same young women had contributed for themselves to the monastery of Disibodenberg.

Afterward the lord Abbot Helenger<sup>15</sup> confirmed this when, in our presence and in the presence of many others, his brothers having given assent without any dissent, he released the same place as a freehold possession just as we mentioned above. And we generously granted this for the service and need of the same sisters, decreeing that they should have possession of these things and whatever else in whatsoever offerings which have been given or shall be given to them, without any stipulations of the aforesaid Abbot or his successors.

However, that these sisters might not suffer neglect through uncertainty about priests, we judge that, whoever the Abbot of Disibodenberg may be, now and in the future, he should maintain the care of their souls, in that he shall provide priests for them, that is to say monks of worthy reputation, who shall care for them in all things according to their need and petition. Let him not remove them without the sisters' consent,<sup>16</sup> let him willingly concede them the blessing of monastic profession in accordance with the arrangement of blessed Benedict, and in all concerns to which they might call him, let him help them with a good will, as long as the monastic spirit flourishes in both of the above mentioned monasteries, and these requests can be honourably asked of them by the sisters and be granted them by the brothers.

We have also laid it down, that after the death of their spiritual mother, the same sisters should, in a free election according to the Rule of blessed Benedict, choose another for themselves as spiritual mother, who is of benefit and suitable to their common and sound purpose in both internal and external matters. To her they shall all show a fitting obedience in all things, and to her they shall refer all matters that need to be decided upon in the place above mentioned.

Therefore we receive the same place with all that concerns it under the patronage of Saint Martin and under our protection and that of our successors. All the rights which the other monasteries under our rule have in all spiritual concerns, we also grant to this monastery and do not allow any other advocate to be appointed to it by our successors except ourselves and those who succeed us in our office.

Moreover, that this considered deed of ours may remain valid and irreversible before all posterity and all time, we have caused this present page to be sealed with the impression of our seal, and have decided to corroborate it with our authority by the power of God and the authority of blessed Peter and our own, so that whoever attempts to infringe it, let him be subjected to the penalty of everlasting anathema unless he comes to his senses.

The witnesses of this matter are: Hartman, senior provost of the church, Arnold guardian of the cathedral, Sigelous the dean, Willhelm the Cathedral scholar, Hugo the cantor, Baldemar Abbot of St Alban, Godfrey Abbot of St James, Helenger Abbot of St Disibod, Anselm Abbot of St John in Johannisberg, Burchard provost of Jechaburg, Hetzekin provost of St Moritz, Baldwin Abbot of St John, Godfrey provost of Frankfurt, Conrad provost of St Gangolf; canons: Ruding, Dragebod, Gernot, Ortwin; Godfrey count of Sponheim, Conrad count of Kyrburg and his brother Emich of Altenbamberg, Berthold count of Nied, count Gerhard and his brother Rupert of Bernbach; freemen: Gerhard of Kälberau, Marward of Bierstadt, Werner of Wallbach, Dammo of Badenheim; ministers: Helprich<sup>17</sup> the vicar and his brother Herman, Peter, Wicnand, Embrich and his brother Meingott, Arnold, Dudo, Godebald, Reinbod, Dietrich, Fredrick and his brother Embrich, Hartrous, Inkelschal and many others.

These things are given effect in the year of the Lord's incarnation MCLVIII, in the sixth indiction, under Pope Adrian, during the reign of our most glorious Emperor Frederick, the first of that name. Given at Mainz on the eleventh before the Kalends of June [22 May].

*Notes*

<sup>14</sup> *inito communi consilio; inito is improved to initio* in one manuscript, yielding the sense 'in the beginning/originally, but *inito* is without doubt the original reading, being also used by Emperor Frederick in the following document.

<sup>15</sup> Helenger, Abbot of Disibodenberg 1155-1178.

<sup>16</sup> *nec iterum illos sine voluntate earum amoveat.*

<sup>17</sup> Helprich was the Archbishop's vicar for Mainz from 1155-1160 and his brother a mayor during the same years.

## ANEXO 2 – Página Portal de Periódicos Capes

www-periodicos-capes-gov-br.ez350.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscaador.html?q=hildegarda+de+bingen&source=&open\_access%5B%5D=open\_access%3D%3D1&type%5B%5D=type%3D%3DArtigo&publishyear\_min%5B...

Escopo da Busca:

---

Filtros de busca

Título   Tipo de Material

E

+ Adicionar outro campo

Busca Simples

Expandir meus resultados

**Acesso aberto**  16

**Tipo do recurso**  Artigo 16

**Ano de criação**  Até

**Produção nacional**  Não 10  Sim 6

**Acesso aberto**

**Tipo do recurso**

Resultados de 1 - 30 para 16 (0.649 segundos):

---

Artigo

**1 Um estudo sobre o Physica, de Hildegarda de Bingen: as virtudes curativas de algumas plantas**

Maria Terezinha Estevam

A Abadessa da ordem beneditina **Hildegarda de Bingen**, em meados do século XII, compôs a obra Physica, um livro **de** remédios simples no qual discorre sobre receitas curativas utilizando ... Com isso, esperamos contribuir para os estudos sobre **Hildegarda de Bingen** no campo da História da Ciência.

2020 - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO | Circumscribere

Pesquisar  19:50 10/07/2024

Fonte: Portal de Periódicos da Capes (2024).

## ANEXO 3A – Autorização para utilização das cartas de Hildegarda de Bingen pela Oxford University Press



### PARTIES:

1. **Oxford Publishing Limited** (Licensor); and
2. **Michele Jimenez** (Licensee).

Thank you for your recent permission request. Some permission requests for use of material published by the Licensor, such as this one, are now being facilitated by PLSclear.

Set out in this licence cover sheet (the **Licence Cover Sheet**) are the principal commercial terms under which Licensor has agreed to license certain Licensed Material (as defined below) to Licensee. The terms in this Licence Cover Sheet are subject to the attached General Terms and Conditions, which together with this Licence Cover Sheet constitute the licence agreement (the **Licence**) between Licensor and Licensee as regards the Licensed Material. The terms set out in this Licence Cover Sheet take precedence over any conflicting provision in the General Terms and Conditions.

### Licence Terms

Licence Date: 07/11/2023  
PLSclear Ref No: 87890

### The Licensor

Company name: Oxford Publishing Limited  
Address: Rights Department  
Great Clarendon Street  
Oxford  
OX2 6DP  
GB

### The Licensee

Licensee Contact Name: Michele Jimenez  
Licensee Address: Av. Tancredo Neves, 5057, Foz do Iguaçu/Paraná  
85867000  
Brazil

### Licensed Material

title: The Letters of Hildegard of Bingen: The Letters of Hildegard of Bingen Volume I  
ISBN/ISSN: 9780195089370  
publisher: Oxford Publishing Limited

Number of words	13956
Page numbers	27, 28, 29, 30, 32, 33, 36, 37, 45, 46, 48, 49, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 73, 74, 109, 111, 112.
Number of pages	43
Identifier / First few words	Hildegard of Bingen; Letter; 12th;
Are you reusing the full article or chapter?	No
Author of original work	Joseph L. Baird; Radd K. Ehrman
Are you the author of the content that you are requesting to reuse?	No
Additional Information	I intend to reuse these letters in my Ph.D. thesis. I am a researcher in Brazil, and I have been studying Hildegard since 2019. Now, I plan to defend my thesis, and I would like to include these letters as attachments because there are no translation
Will you be changing or editing the text?	No

### For Use In Licensee's Publication(s)

usage type	Book, Journal, Magazine or Academic Paper-Thesis or Dissertation
Will your dissertation be placed in an online repository?	Yes
Author	Michele de Oliveira Jimenez
Estimated publication date	August 2024
Language	Other
Other language	Portuguese
Other relevant information	A publication of the letters attached to my thesis could serve as a basis for future research in Brazil, as there are no available translations in Portuguese.
Title of dissertation/thesis	A training project based on the theological trilogy of Hildegard of Bingen in the 12th century"Um projeto de formação a partir da trilogia teológica de Hildegard de Bingen no século XII"
University or institution	Maringá's State University
Unlimited circulation?	Yes

### Rights Granted

Exclusivity:	Non-Exclusive
Format:	Thesis/Dissertation
Language:	English
Territory:	World
Duration:	Lifetime of Licensee's edition
Maximum Circulation:	Maximum print circulation: 1 copies

**Additional Terms:** If at some future date your thesis is published it will be necessary to re-clear this permission. Please also note that if the material to be used is acknowledged to any other source, you will need to clear permission with the rights holder, and for any electronic version the © line must appear on the same page as the OUP material and the OUP material should not be included under a Creative Commons license, or any other open-access license allowing onward reuse.

## Payment Details

**Fee Payable:** £0.00 [+ VAT if applicable]  
**Payment Terms:** Strictly 30 days from date of Licence

## GENERAL TERMS AND CONDITIONS

### 1. Definitions and Interpretation

1.1 Capitalised words and expressions in these General Terms and Conditions have the meanings given to them in the Licence Cover Sheet.

1.2 In this Licence any references (express or implied) to statutes or provisions are references to those statutes or provisions as amended or re-enacted from time to time. The term **including** will be construed as illustrative, without limiting the sense or scope of the words preceding it. A reference to in **writing** or **written** includes faxes and email. The singular includes the plural and vice versa.

### 2. Grant of Rights

2.1 Subject to payment by Licensee of the Licence Fee in accordance with paragraph 3 below, Licensor grants to Licensee the non-exclusive right to use the Licensed Material as specified in the Licence Cover Sheet.

2.2 The rights licensed to Licensee under this Licence do not include the right to use any third party copyright material incorporated in the Licensed Material. Licensee should check the Licensed Material carefully and seek permission for the use of any such third party copyright material from the relevant copyright owner(s).

2.3 Unless otherwise stated in the Licence Cover Sheet, the Licensed Material may be:

2.3.1 subjected to minor editing, including for the purposes of creating alternative formats to provide access for a beneficiary person (provided that any such editing does not amount to derogatory treatment); and/or

2.3.2 used for incidental promotional use (such as online retail providers' search facilities).

2.4 Save as expressly permitted in this Licence or as otherwise permitted by law, no use or modification of the Licensed Material may be made by Licensee without Licensor's prior written permission.

### 3. Payment

3.1 Licensee must pay to Licensor the Licence Fee by means of either credit card or on receipt of an invoice, as selected by Licensee during the licence application process via the PLSclear service.

3.2 If payment is by invoice, Licensee agrees to pay the Licence Fee in full by no later than the payment date specified in the relevant invoice.

### 4. Copyright Notice and Acknowledgement

4.1 Licensee must ensure that the following notices and acknowledgements are reproduced prominently alongside each reproduction by Licensee of the Licensed Material:

4.1.1 the title and author of the Licensed Material;

4.1.2 the copyright notice included in the Licensed Material; and

4.1.3 the statement "Reproduced with permission of the Licensor through PLSclear."

### 5. Reversion of Rights

5.1 The rights licensed to Licensee under this Licence will terminate immediately and automatically upon the earliest of the following events to occur:

5.1.1 the Licence Fee not being received by Licensor in full by the payment date specified in the relevant invoice;

5.1.2 the Licensed Material not being used by Licensee within 18 months of the Licence Date;

5.1.3 expiry of the Licence Duration; or

5.1.4 the Maximum Circulation being reached.

### 6. Miscellaneous

6.1 By using the Licensed Material, Licensee will be deemed to have accepted all the terms and conditions contained in this Licence.

6.2 This Licence contains the entire understanding and agreement of the parties relating to its subject matter and supersedes in all respects any previous or other existing arrangements, agreements or understandings between the parties whether oral or written in relation to its subject matter.

6.3 Licensee may not assign this Licence or any of its rights or obligations hereunder to any third party without Licensor's prior written consent.

6.4 This Licence is governed by and shall be construed in accordance with the laws of England and Wales and the parties hereby irrevocably submit to the non-exclusive jurisdiction of the Courts of England and Wales as regards any claim, dispute or matter arising under or in relation to this Licence.



### PARTIES:

1. Oxford Publishing Limited (Licensor); and
2. Michele Jimenez (Licensee).

Thank you for your recent permission request. Some permission requests for use of material published by the Licensor, such as this one, are now being facilitated by PLSclear.

Set out in this licence cover sheet (the **Licence Cover Sheet**) are the principal commercial terms under which Licensor has agreed to license certain Licensed Material (as defined below) to Licensee. The terms in this Licence Cover Sheet are subject to the attached General Terms and Conditions, which together with this Licence Cover Sheet constitute the licence agreement (the **Licence**) between Licensor and Licensee as regards the Licensed Material. The terms set out in this Licence Cover Sheet take precedence over any conflicting provision in the General Terms and Conditions.

### Licence Terms

Licence Date: 07/11/2023  
PLSclear Ref No: 87891

### The Licensor

Company name: Oxford Publishing Limited  
Address: Rights Department  
Great Clarendon Street  
Oxford  
OX2 6DP  
GB

### The Licensee

Licensee Contact Name: Michele Jimenez  
Licensee Address: Av. Tancredo Neves, 5057, Foz do Iguaçu/Paraná  
85867000  
Brazil

### Licensed Material

title: The Letters of Hildegard of Bingen: The Letters of Hildegard of Bingen Volume II  
ISBN/ISSN: 9780195120103  
publisher: Oxford Publishing Limited

Number of words: 17874  
Page numbers: 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 46, 47, 48, 122, 123, 124, 125, 190, 191, 196, 197, 198, 199  
Number of pages: 35  
Identifier / First few words: Hildegard of Bingen; Letters; 12th.  
Are you reusing the full article or chapter?: Yes  
Author of original work: Joseph L. Baird; Radd K. Ehrman  
Are you the author of the content that you are requesting to reuse?: No  
Additional Information: I intend to reuse these letters in my Ph.D. thesis. I am a researcher in Brazil, and I have been studying Hildegard since 2019. Now, I plan to defend my thesis, and I would like to include these letters as attachments because there are no translation  
Will you be changing or editing the text?: No

### For Use In Licensee's Publication(s)

usage type: Book, Journal, Magazine or Academic Paper-Thesis or Dissertation  
Will your dissertation be placed in an online repository?: Yes  
Author: Michele de Oliveira Jimenez  
Estimated publication date: August 2024  
Language: Other  
Other language: Portuguese  
Other relevant information: A publication of the letters attached to my thesis could serve as a basis for future research in Brazil, as there are no available translations in Portuguese.  
Title of dissertation/thesis: A training project based on the theological trilogy of Hildegard of Bingen in the 12th century"Um projeto de formação a partir da trilogia teológica de Hildegard de Bingen no século XII"  
University or institution: Maringa's State University  
Unlimited circulation?: Yes

### Rights Granted

Exclusivity: Non-Exclusive  
Format: Thesis/Dissertation  
Language: Portuguese  
Territory: World  
Duration: Lifetime of Licensee's edition  
Maximum Circulation: Maximum print circulation: 1 copies

**Additional Terms:** If at some future date your thesis is published it will be necessary to re-clear this permission. Please also note that if the material to be used is acknowledged to any other source, you will need to clear permission with the rights holder, and for any electronic version the © line must appear on the same page as the OUP material and the OUP material should not be included under a Creative Commons license, or any other open-access license allowing onward reuse.

## Payment Details

**Fee Payable:** £0.00 [+ VAT if applicable]  
**Payment Terms:** Strictly 30 days from date of Licence

## GENERAL TERMS AND CONDITIONS

### 1. Definitions and Interpretation

1.1 Capitalised words and expressions in these General Terms and Conditions have the meanings given to them in the Licence Cover Sheet.

1.2 In this Licence any references (express or implied) to statutes or provisions are references to those statutes or provisions as amended or re-enacted from time to time. The term **including** will be construed as illustrative, without limiting the sense or scope of the words preceding it. A reference to **writing** or **written** includes faxes and email. The singular includes the plural and vice versa.

### 2. Grant of Rights

2.1 Subject to payment by Licensee of the Licence Fee in accordance with paragraph 3 below, Licensor grants to Licensee the non-exclusive right to use the Licensed Material as specified in the Licence Cover Sheet.

2.2 The rights licensed to Licensee under this Licence do not include the right to use any third party copyright material incorporated in the Licensed Material. Licensee should check the Licensed Material carefully and seek permission for the use of any such third party copyright material from the relevant copyright owner(s).

2.3 Unless otherwise stated in the Licence Cover Sheet, the Licensed Material may be:

2.3.1 subjected to minor editing, including for the purposes of creating alternative formats to provide access for a beneficiary person (provided that any such editing does not amount to derogatory treatment); and/or

2.3.2 used for incidental promotional use (such as online retail providers' search facilities).

2.4 Save as expressly permitted in this Licence or as otherwise permitted by law, no use or modification of the Licensed Material may be made by Licensee without Licensor's prior written permission.

### 3. Payment

3.1 Licensee must pay to Licensor the Licence Fee by means of either credit card or on receipt of an invoice, as selected by Licensee during the licence application process via the PLSclear service.

3.2 If payment is by invoice, Licensee agrees to pay the Licence Fee in full by no later than the payment date specified in the relevant invoice.

### 4. Copyright Notice and Acknowledgement

4.1 Licensee must ensure that the following notices and acknowledgements are reproduced prominently alongside each reproduction by Licensee of the Licensed Material:

4.1.1 the title and author of the Licensed Material;

4.1.2 the copyright notice included in the Licensed Material; and

4.1.3 the statement "Reproduced with permission of the Licensor through PLSclear."

### 5. Reversion of Rights

5.1 The rights licensed to Licensee under this Licence will terminate immediately and automatically upon the earliest of the following events to occur:

5.1.1 the Licence Fee not being received by Licensor in full by the payment date specified in the relevant invoice;

5.1.2 the Licensed Material not being used by Licensee within 18 months of the Licence Date;

5.1.3 expiry of the Licence Duration; or

5.1.4 the Maximum Circulation being reached.

### 6. Miscellaneous

6.1 By using the Licensed Material, Licensee will be deemed to have accepted all the terms and conditions contained in this Licence.

6.2 This Licence contains the entire understanding and agreement of the parties relating to its subject matter and supersedes in all respects any previous or other existing arrangements, agreements or understandings between the parties whether oral or written in relation to its subject matter.

6.3 Licensee may not assign this Licence or any of its rights or obligations hereunder to any third party without Licensor's prior written consent.

6.4 This Licence is governed by and shall be construed in accordance with the laws of England and Wales and the parties hereby irrevocably submit to the non-exclusive jurisdiction of the Courts of England and Wales as regards any claim, dispute or matter arising under or in relation to this Licence.



### PARTIES:

1. **Oxford Publishing Limited** (Licensor); and
2. **Michele Jimenez** (Licensee).

Thank you for your recent permission request. Some permission requests for use of material published by the Licensor, such as this one, are now being facilitated by PLSclear.

Set out in this licence cover sheet (the **Licence Cover Sheet**) are the principal commercial terms under which Licensor has agreed to license certain Licensed Material (as defined below) to Licensee. The terms in this Licence Cover Sheet are subject to the attached General Terms and Conditions, which together with this Licence Cover Sheet constitute the licence agreement (the **Licence**) between Licensor and Licensee as regards the Licensed Material. The terms set out in this Licence Cover Sheet take precedence over any conflicting provision in the General Terms and Conditions.

### Licence Terms

Licence Date: 07/11/2023  
PLSclear Ref No: 87892

### The Licensor

Company name: Oxford Publishing Limited  
Address: Rights Department  
Great Clarendon Street  
Oxford  
OX2 6DP  
GB

### The Licensee

Licensee Contact Name: Michele Jimenez  
Licensee Address: Av. Tancredo Neves, 5057, Foz do Iguaçu/Paraná  
85867000  
Brazil

### Licensed Material

title: The Letters of Hildegard of Bingen: The Letters of Hildegard of Bingen Volume III  
ISBN/ISSN: 9780195168372  
publisher: Oxford Publishing Limited

Number of words: 632  
Page numbers: 113, 114, 181  
Number of pages: 3  
Identifier / First few words: Hildegard of Bingen; Letters; 12th.  
Are you reusing the full article or chapter?: Yes  
Author of original work: Joseph L. Baird; Radd K. Ehrman  
Are you the author of the content that you are requesting to reuse?: No  
Additional Information: I intend to reuse these letters in my Ph.D. thesis. I am a researcher in Brazil, and I have been studying Hildegard since 2019. Now, I plan to defend my thesis, and I would like to include these letters as attachments because there are no translation  
Will you be changing or editing the text?: No

### For Use In Licensee's Publication(s)

usage type: Book, Journal, Magazine or Academic Paper-Thesis or Dissertation  
Will your dissertation be placed in an online repository?: Yes  
Author: Michele de Oliveira Jimenez  
Estimated publication date: August 2024  
Language: Other  
Other language: Portuguese  
Other relevant information: A publication of the letters attached to my thesis could serve as a basis for future research in Brazil, as there are no available translations in Portuguese.  
Title of dissertation/thesis: A training project based on the theological trilogy of Hildegard of Bingen in the 12th century "Um projeto de formação a partir da trilogia teológica de Hildegard de Bingen no século XII"  
University or institution: Maringa's State University  
Unlimited circulation?: Yes

### Rights Granted

Exclusivity: Non-Exclusive  
Format: Thesis/Dissertation  
Language: Portuguese  
Territory: World  
Duration: Lifetime of Licensee's edition  
Maximum Circulation: Maximum print circulation: 1 copies

Additional Terms: If at some future date your thesis is published it will be necessary to re-clear this permission. Please also note that if the material to be used is acknowledged to any other source, you will need to clear permission with the rights holder, and for any electronic version the © line must appear on the same page as the OUP material and the OUP material should not be included under a Creative Commons license, or any other open-access license allowing onward reuse.

## Payment Details

Fee Payable: £0.00 [+ VAT if applicable]  
 Payment Terms: Strictly 30 days from date of Licence

## GENERAL TERMS AND CONDITIONS

### 1. Definitions and Interpretation

1.1 Capitalised words and expressions in these General Terms and Conditions have the meanings given to them in the Licence Cover Sheet.

1.2 In this Licence any references (express or implied) to statutes or provisions are references to those statutes or provisions as amended or re-enacted from time to time. The term **including** will be construed as illustrative, without limiting the sense or scope of the words preceding it. A reference to **in writing** or **written** includes faxes and email. The singular includes the plural and vice versa.

### 2. Grant of Rights

2.1 Subject to payment by Licensee of the Licence Fee in accordance with paragraph 3 below, Licensor grants to Licensee the non-exclusive right to use the Licensed Material as specified in the Licence Cover Sheet.

2.2 The rights licensed to Licensee under this Licence do not include the right to use any third party copyright material incorporated in the Licensed Material. Licensee should check the Licensed Material carefully and seek permission for the use of any such third party copyright material from the relevant copyright owner(s).

2.3 Unless otherwise stated in the Licence Cover Sheet, the Licensed Material may be:

2.3.1 subjected to minor editing, including for the purposes of creating alternative formats to provide access for a beneficiary person (provided that any such editing does not amount to derogatory treatment); and/or

2.3.2 used for incidental promotional use (such as online retail providers' search facilities).

2.4 Save as expressly permitted in this Licence or as otherwise permitted by law, no use or modification of the Licensed Material may be made by Licensee without Licensor's prior written permission.

### 3. Payment

3.1 Licensee must pay to Licensor the Licence Fee by means of either credit card or on receipt of an invoice, as selected by Licensee during the licence application process via the PLSclear service.

3.2 If payment is by invoice, Licensee agrees to pay the Licence Fee in full by no later than the payment date specified in the relevant invoice.

### 4. Copyright Notice and Acknowledgement

4.1 Licensee must ensure that the following notices and acknowledgements are reproduced prominently alongside each reproduction by Licensee of the Licensed Material:

4.1.1 the title and author of the Licensed Material;

4.1.2 the copyright notice included in the Licensed Material; and

4.1.3 the statement "Reproduced with permission of the Licensor through PLSclear."

### 5. Reversion of Rights

5.1 The rights licensed to Licensee under this Licence will terminate immediately and automatically upon the earliest of the following events to occur:

5.1.1 the Licence Fee not being received by Licensor in full by the payment date specified in the relevant invoice;

5.1.2 the Licensed Material not being used by Licensee within 18 months of the Licence Date;

5.1.3 expiry of the Licence Duration; or

5.1.4 the Maximum Circulation being reached.

### 6. Miscellaneous

6.1 By using the Licensed Material, Licensee will be deemed to have accepted all the terms and conditions contained in this Licence.

6.2 This Licence contains the entire understanding and agreement of the parties relating to its subject matter and supersedes in all respects any previous or other existing arrangements, agreements or understandings between the parties whether oral or written in relation to its subject matter.

6.3 Licensee may not assign this Licence or any of its rights or obligations hereunder to any third party without Licensor's prior written consent.

6.4 This Licence is governed by and shall be construed in accordance with the laws of England and Wales and the parties hereby irrevocably submit to the non-exclusive jurisdiction of the Courts of England and Wales as regards any claim, dispute or matter arising under or in relation to this Licence.

### ANEXO 3B – Cartas de Hildegarda de Bingen (inglês)

BINGEN, Hildegard of. **The letters of Hildegard of Bingen**: volume I. (Translated by Joseph L. Baird and Radd K. Ehrman). New York/US: Oxford University Press, 1994, p. 123-124.

1<sup>1</sup>

#### Letter 1 - Hildegard to Bernard, Abbot of Clairvaux

*Hildegard was forty-nine years old at the time she wrote this letter to the illustrious Bernard of Clairvaux. At once confident about her gift and hesitant about its implications, she writes to Bernard as her most famous contemporary, seeking support for her work. Here, as throughout her life, she is absolutely assured of her own divine inspiration and illumination by the Holy Spirit, a point that receives special stress here, of course, because of the nature of the request. Nevertheless, the tone of the letter is timid and diffident, a far cry indeed from the thundering tones she will later adopt to condemn the ecclesiastical and secular leaders of her time.*

O<sup>2</sup>, venerable father Bernard, I lay my claim before you, for, highly honored by God, you bring fear to the immoral foolishness of this world and, in your intense real and burning love for the Son of God, gather men [cf. Luke 5.10] into Christ's army to fight under the banner of the cross against pagan savagery<sup>3</sup>. I beseech you in the name of the Living God to give heed to my queries.

Father, I am greatly disturbed by a vision which has appeared to me through divine revelation, a vision seen not with my fleshly eyes but only in my spirit. Wretched, and indeed more than wretched in my womanly condition, I have from earliest childhood<sup>4</sup> seen great marvels which my tongue has no power to express but which the Spirit of God has taught me that I may believe. Steadfast and gentle father, in your kindness respond to me, your unworthy servant, who has never, from her earliest childhood, lived one hour free from anxiety. In your piety and wisdom look in your spirit, as you have been taught by the Holy Spirit, and from your heart bring comfort to your handmaiden.

Through this vision which touches my heart and soul like a burning flame, teaching me profundities of meaning, I have an inward understanding of the Psalter, the Gospels, and other volumes. Nevertheless, I do not receive this knowledge in German. Indeed, I have no formal training at all, for I know how to read only on the most elementary level, certainly with no deep analysis. But please give me your opinion in this matter, because I am untaught and untrained in exterior material, but am only taught inwardly, in my spirit. Hence my halting, unsure speech.

When I hear from your pious wisdom, I will be comforted. For with the single exception of a certain monk<sup>6</sup> in whose exemplary life I have the utmost confidence, I have not dared to tell these things to anyone, since there are so many heresies abroad in the land<sup>7</sup>, as I have heard. I have, in fact, revealed all my secrets to this man and he has given me consolation, for these are great and fearsome matters.

Now, father, for the love of God, I seek consolation from you, that I may be assured. More than two years ago, indeed, I saw you in a vision, like a man looking straight into the sun, bold and unafraid. And I wept, because I myself am so timid and fearful. Good and gentle father, I have been placed in your care so that you might reveal to me through our correspondence whether I should speak these things

openly or keep my silence, because I have great anxiety about this vision with respect to how much I should speak about what I have seen and heard. In the meantime, because I have kept silent about this vision, I have been laid low bedridden in my infirmities, and am unable to raise myself up.

Therefore, I weep with sorrow before you. For in my nature, I am unstable because I am caught in the winepress<sup>8</sup>, that tree rooted in Adam by the devil's deceit which brought about this exile into this wayward world. Yet, now, rising up, I run to you. And I say to you: You are not inconstant, but are always lifting up the tree, a victor in your spiriti, lifting up not only yourself but also the whole world unto salvation. You are indeed the eagle gazing directly at the sun.

And so I beseech your aid, through the serenity of the Father and through His wondrous Word and through the sweet moisture of compunction, the Spirit of truth [cf. John 14.17; 16.13], and through that holy sound, which all creation echoes, and through that same Word which gave birth to the world, and through the sublimity of the Father, who sent the Word with sweet fruitfulness<sup>9</sup> into the womb of the Virgin, from which He soaked up flesh, just as honey is surrounded by the honeycomb.<sup>10</sup> And may that Sound, the power of the Father, fall upon your heart and lift up your spirit so that you may respond expeditiously to these words of mine, taking care, of course, to seek all these things from God – with regard to the person or the mystery itself – while you are passing through the gateway of your soul,<sup>d</sup> so that you may come to know all these things in God. Farewell, be strong in your spirit, and be a mighty warrior for God. Amen.

#### **Notes**

1. Within this first group (Letters 1-45r) is the correspondence with high Church officials: popes, archbishops, bishops, etc. On the classification of the Letters, see Introduction, pp. 17-18.

2. In some MSS this letter opens with "In the spirit of the mysteries of God, O venerable father Bernard."

3. The year is 1147, the time of the Second Crusade, of which St. Bernard was, of course, a leading proponent.

4. In one of the autobiographical sections of the Vita (see the edited version in Dronke, *Women Writers*, p. 231), Hildegard writes of these early visions: "In the third year of my life I saw so bright a light that my very soul trembled, but because I was still an infant, I was unable to say anything. Then in my eighth year I was dedicated to the spiritual life as an offering to God, and until my fifteenth I saw many things, and I spoke of such things in a very simple way, so that those who heard me wondered where all this had come from-and from whom. And I too wondered at myself, because although I saw these things deep in my soul, I still retained outer vision, and I have never heard that said of any other human being. And so I hid that vision I saw within my soul as best I could. Also, I was quite ignorant of many things in the outer world on account of the chronic illness I have suffered from the time of my mother's milk up to the present day; it has weakened my body and worn down my spirits. Worn out by all these things, I once asked my nurse if she saw anything besides external objects. "Nothing," she answered, for she did not see any of those things. Then, seized with great fear, I did not dare to reveal such matters to anyone. Nevertheless, by speaking or writing, I used to make many assertions about future events, and when I was fully in the sway of this vision I would say many things totally unfathomable to those who listened. But when the force of the vision subsided somewhat- in the course of which I had acted far more childishly than suited my years I blushed profusely and frequently wept, and many times I would have gladly

kept quiet, if I could have. Still, because of my fear of other people, I did not dare to tell anyone how I saw.

5. Our rendering of this difficult passage is, we are fully aware, a radical departure from previous readings. In the past, the passage has been interpreted, in the most radical form, to mean that Hildegard did not understand German at all, and, more moderately, that she could speak and understand the language orally but could not read it – neither of which could be true from what we know of her from other sources. In our rendering, the German language is, as it were, merely incidental to the passage. Hildegard's main point in this entire section has been that her learning is of the spirit, wholly inward, and that she herself is ignorant and unlearned (whatever degree of credence we wish to give to this humility formula), and this continues to be her stress here. One might note, for example, that *litteras*, not *Teutonica lingua*, is the antecedent of *quas*. It is *litteras* ("letters", "learning") that she does not know, an acknowledgment that leads quite naturally in the next clause to her remark about reading only on the simplest level, not at all in *abscisione textus*. One might note, too, that in his answer to her Bernard refers to her *interior eruditio*. The muddying *Teutonica*, one suspects, gets into the passage at this point—very awkwardly, to be sure—merely because she is frequently asked, as she is later by Guibert of Gembloux, whether she receives her visions in German or in Latin.

6. This was Wolmar of St. Disibod, who was Hildegard's early teacher, and who remained her confidant, secretary, amanuensis, and friend for many years until his death in 1173. Speaking in the *Scivias*, the Living Light says, "Through my love she searched her soul for one who would run the way of salvation. And she found him and loved him knowing that he was a faithful man, like to herself in those labors that lead to me. She held him fast, and with the highest zeal they worked together on all these things so that my hidden mysteries might be revealed."

7. *schismata sunt in hominibus*. This is not the schism in the Church (which, in any case, did not begin until 1159), as her qualifying *in hominibus, sicut audio dicere homines* makes clear. She probably has reference to the various schismatic sects with which the twelfth century was rife. When Pope Eugenius III came into France in 1147, for example, he was shocked at the large number of heretics there, and, in fact, he commissioned the recipient of this letter, Bernard, to deal with them. See S. Runciman, *The Medieval Manichee: A Study of the Christian Dualist Heresy* (New York: Viking Press, 1961), p. 119.

8. Hildegard's expression here is in *torculari arbore*, an interesting example of her sometimes intricately complex and interwoven imagery. Here the image seems to be a fusion of the tree of the garden of Eden and the winepress (where the grapes of wrath are trod) of Isaiah 63.3, already being used in the twelfth century as a figure of the crucifixion. Cf. the following from the *Scivias* (L.ili. 31.623ff): "A bright light appeared for the assurance and salvation of mankind: the Son of God dressed himself in the poverty of a human body, and shining like a burning star in the midst of shadowy clouds, He was placed on the winepress where wine without the sediment of fermentation was to be pressed out. For the cornerstone itself fell on the winepress, and produced such wine that it gave forth the finest fragrance of sweetness."

9. The word here is *viriditate*, a totally untranslatable term, as one might expect. "Greenness" or "greening" (as it is sometimes rendered), for example, certainly cannot render the immensity of the term for Hildegard. *Viriditas* is of the very essence of life, and larger than life in Hildegard's view of the universe. It might perhaps be best rendered as "life-force," for it, assuredly, has that sense in her

imposing cosmological scheme of things. For further on *viriditas*, see C. Meier, "Die Bedeutung der Farben im Werk Hildegards von Bingen," *Frühmittelalterliche Studien* 6 (1972), pp. 280-90; B. Newman, ed. *Symphonia: A Critical Edition of the Symphonia Armonie Celestium Revelationum* (Ithaca: Cornell University Press, 1988), pp. 38f; Bowie and Davies, *Mystical Writings*, pp. 31ff.

10. The image of the womb of the Virgin as a honeycomb or beehive derives ultimately from the notion of bees giving birth virginally. The idea is given full expression in the following stanza of a poem from the so-called Cambridge Songs preserved in a MS of the eleventh century:

Nulla inter aves similis est api,  
que talem tipum gerit castitatis  
nisi que Christium baiulavit  
alvo inviolata.

BINGEN, Hildegard of. **The letters of Hildegard of Bingen: volume I.** (Translated by Joseph L. Baird and Radd K. Ehrman). New York/US: Oxford University Press, 1994, p. 123-124.

## 2

### Hildegard to Pope Eugenius

*Hildegard writes to Pope Eugenius asking him to look with favor her writing. Eugenius, a Cistercian monk before becoming pope, occupied the papal seat from 1145 to 1153. Events might well have been vastly different for Hildegard if this remarkable man had not been sitting on the papal throne at this particular time. In that same year of 1147, Eugenius had given his approval to Bernard Silvestris's *Comosgraphia*, a work, like Hildegard's, deeply, disturbingly original. As Peter Dronke remarks (*Women Writers*, p. 148), "That both the *Cosmographia* given the blessing of this pope is of special importance in terms of twelfth-century intellectual history. Two writers who showed such daring in their cosmological conceptions and formulations could so easily, had it not been for Pope Eugene, have been persecuted, the works called in question and condemned by council or synod, as happened with Abelard, William of Conches, or Gilbert of Poitiers."*

O gentle father, poor little woman though I am, I have written those things to you which God saw fit to teach me in a true vision, by mystic inspiration.

O radiant father, through your representatives<sup>1</sup> you have come to us, just as God foreordained, and you have seen some of the writings of truthful visions, which I received from the Living Light,<sup>b</sup> and you have listened to the visions in the embraces of your heart. A part of this writing has now been completed.<sup>2</sup> But still that same Light has not left me, but it blazes in my soul, just as it has from my childhood. Therefore, I send this letter to you now, as God has instructed me. And my spirit desires that the Light of Light shine in you and purify your eyes and arouse your spirit to your duty concerning my writings, so that your soul may be crowned, which will be pleasing to God. In their instability, many people, those wise in worldly things, disparage these writings of mine, criticizing me, a poor creature formed from a rib, ignorant of philosophical matters.<sup>c</sup>

Therefore, father of pilgrims, hear Him Who Is: A mighty king sat in this palace, surrounded by great columns girt with golden bands and beautifully adorned with many pearls and precious stones. It pleased this king to touch a small feather<sup>3</sup> so that it flew miraculously, and a powerful wind sustained it so that it would not fall.

Now, He who is the Living Light shining in the heavens and in the abyss and Who lies hidden in the hearts of those who hear Him says again to you: Prepare this writing for the hearing of those who receive me and, make it fruitful<sup>4</sup> with the juice of sweet savor; make it a root of the branches and a leaf flying in the face of the devil, and you will have eternal life. Do not spurn these mysteries of God, because they have a necessity which lies hidden and has not yet been revealed. May the odor [cf. II Cor 2.15] be sweet in you and may you not grow weary on the strait way.

### Notes

1. While at the synod of Trier, the pope learned of Hildegard's visions through Heinrich, archbishop of Mainz, and the sent two papal legates to St. Disibod to obtain a copy of Hildegard's writing. What they returned with was the portion of the *Scivias*

that had been completed at that time, from which the pope himself read before the prelates assembled at Trier. This reading made a deep impression on the audience, and from that followed the pope's letter to Hildegard granting apostolic license to continue with her writing.

2. It is hard to know just how much of the *Scivias* the pope saw at this time (that is, during the synod of Trier), certainly now the whole, we know with some assurance. For, a full ten years in the writing, the work was not completed until 1151.

3. This happy image of herself as prophet/writer sustained like a feather (*penna*) by a powerful wind (the Holy Spirit) is used frequently in the letters. Cf. also *Scivias* I.iv.196ff: "O daughter, flee, for the Mighty Giver, against whom no one can prevail, has given you wings (*pennae*) to fly. Fly quickly, therefore, over all these impediments. And, greatly comforted, I accepted those wings and flew swiftly over all things poisonous and deadly."

4. The word here is *viridem*. See Letter 1, note 9 above.

BINGEN, Hildegard of. **The letters of Hildegard of Bingen: volume I.** (Translated by Joseph L. Baird and Radd K. Ehrman). New York/US: Oxford University Press, 1994, p. 36-37.

## 5

## Hildegard to Pope Eugenius

1153

*Although Hildegard never once names him in the letter and although the letter itself is somewhat less than pellucid, Heinrich, Archbishop of Mainz, is the subject of this letter. Because of political complications with Barbarossa and also, probably, because of his own somewhat less than honorable character, Heinrich was removed from office. From very early on, Heinrich had been ardently supportive of Hildegard. It was he, for example, who brought Hildegard and her early work the Servias to the attention of Pope Eugenius. Both here and in an epistle (Letter 7) to the two papal legates Eugenius sent to investigate the matter, Hildegard demonstrates her appreciation and loyalty to Heinrich.*

He who knows and discerns all creatures, Who rouses them and is watchful over them, the Living Eye sees and says<sup>a</sup>: the valleys are complaining against the mountains,<sup>1</sup> and the mountains are falling into the valleys. What does this mean? Subordinates are no longer disciplined by the fear of God, and madness sends them scaling the heights of the mountains to rail at their superiors. And they are too blind to see the error of their evil ways. But they say, I am useful and therefore I should be preferred' for my usefulness. Thus they disparage everything that prelates do, because they scorn the notion that they are inferior to their prelates. Such subordinates are black clouds; they have not girded their loins; they scatter the seedlings of the field, saying that they are worthless. And they do this because they are full of the poison of envy. Foolish is the indigent man who envies another's fine clothes but does not wash the filth from his own ragged garments.

The mountains, on the other hand, leap over the key to the way of truth,<sup>b</sup> and they do not prepare the way so that they might fly to the mountain of myrrh [cf. Cant 4.6]. Just so, the stars are overshadowed by a dense cloud. The moon holds firm, and yet the stars cry out that it is falling. But the dims sun them all, because, caught up in the whirlwind, they cannot shine forth.

Wherefore, o great shepherd, vicar of Christ, illuminate the mountains and chastise the valleys. Give precepts to the teachers and discipline to the subordinates, give justice anointed with oil to the mountains and the obligation of obedience mixed with a sweet fragrance to the valleys, and make their paths straight so that they might not appear worthless to the Sun of righteousness [cf. Mal 4.2]. Purify your eyes so that nothing escapes your notice. Let your mind be watered by the pure fountain so that you may shine with the Sun and imitate the Lamb.

This poor little woman trembles because she speaks with the sound of words to so great a magistrate. But, gentle father, the Ancient Man and Magnificent Warrior says these things. Therefore, listen: The High Judge commands you to eradicate oppressive and impious tyrants, to cast them from your presence, so they may not stand in your company to your shame. Furthermore, have compassion on both public

and private afflictions, because God does not reject the wounded, nor does he spurn the grief of those who tremble before Him.

Wherefore, o shepherd of the sheep [cf. John 10.2], hear these things concerning the priest who brings weariness to many. The Light says: The mysteries of God know the judgment over every person according to his merits. Yet many people, in their perverse overconfidence, are willing to be subjected to examination, but they have no idea how I make my judgments. In their high estimation of their own worth, they deceive themselves, and are like wolves seizing their prey [cf. Ezech 22.27]. Thus although certain people may deserve to be judged for their sins, it does not please me for them to take judgment into their own hands at their own discretion. By no means! Rather, it is your duty to judge with the maternal charity of the mercy of God (cf. Luke 1.78), Who does not cut off the poor and the needy from Himself, since he wishes mercy rather than sacrifice [cf. Hosea 6.6; Matt 9.13, 12.7]. As it is now, however, the vile seek to wash away their vileness with their own depravity, while they themselves are deaf and polluted lying in the ditch [cf. Matt 15.14, Luke 6.39]. Lift them up; give aid to the weak.

### **Notes**

1. Hildegard frequently uses "mountains" as an image of the higher ecclesiastical offices, and "valleys," of subordinates. Here, atypically, she explains her usage quite openly.

2. The word we translate here as "preferred" is *prelatus*. The other forms of the word which cluster around this one—*prelatos*, *prelatorum*, etc.—we have translated simply as "prelate." Hildegard seems clearly to intend the pun.

BINGEN, Hildegard of. **The letters of Hildegard of Bingen: volume I.** (Translated by Joseph L. Baird and Radd K. Ehrman). New York/US: Oxford University Press, 1994, p. 45-46.

## 10

**Hildegard to Pope Alexander III<sup>1</sup>**

1173

*This letter is one of the frequent complaints Hildegard is forced to voice against her former community of St. Disibod. In 1173 Hildegard's friend and secretary, who had served her faithfully for over thirty years, the monk Volmar, died. Volmar had also served as provost of the convent, and on his death, the troublesome Helengerus, abbot of St. Disibod, refused to replace him. Hence Hildegard's letter here. The pope's intervention brought about the election of Gottfried, who served as provost only a short time, until his death in 1176. Gottfried took advantage of his position, however, to begin a Vita of Hildegard. By the time of Gottfried's death, Hildegard was already in touch with Guibert of Gembloux, who became her secretary in 1177 and served in that capacity until her death.*

O lofty and glorious one, first appointed through the Word of God through whom every creature, rational and non-rational, was made according to its kind, to you has that same Word, by robing Himself in humanity,<sup>2</sup> specially yielded the keys of the kingdom of heaven, that is, the power of binding and loosing [cf. Matt 16.19]. You are also, O most excellent father, the source of all spiritual offices. Some of these sound the trumpet of God's justice in the Church, which shines because it has been clothed with various ornaments [cf. Ps 44.8-10], while others set good examples for other people by imitating the lives of the saints, and if they bring forth good works, they attribute them to God and not to themselves. Rejoicing in those who seek to emulate them, they follow the saints who conquered their flesh and, fighting against the sins of the devil, fortified themselves with the clear victory of heaven's army, and with good will looked upon God, just as the angels do.

And so, O mild father, imitate that kindly father who joyfully received his penitent son at his return and killed the fatted calf for his sake [cf. Luke 15.20ff]; and emulate also that man who washed with wine the wounds of the one beaten by robbers<sup>a</sup> [cf. Luke 10.30ff). By these examples understand the harshness of reproof and the godliness of compassion.<sup>3</sup> And be the Morning Star which precedes the sun, a guide to the Church, which, for far too long, has been lacking in the light of God's justice because of the dense cloud of schism.<sup>4</sup> And with God's zeal seize the penitents and anoint them with the oil of mercy, because God desires mercy more than sacrifice [Hosea 6.6; Matt 9.13, 12.7].

Now O gentlest father, my sisters and I bend our knees before your paternal piety, praying that you deign to regard the poverty of this poor little woman. We are in great distress because the abbot of Mount St. Disibod and his brothers have taken away our privileges and the right of election which we have always had, rights which we have been ever careful to retain. For if they will not grant us reverential and religious men, such as we seek, spiritual religion will be totally destroyed among us. Therefore, my lord, for God's sake, help us, so that we may retain the man we have

elected to that office. Or, if not, let us seek out and receive others, where we can, who will look after us in accordance with the will of God and our own needs.

Now again we ask you, most pious father, not to despise our petition or our messengers, who on the advice of our faithful friend took up our cause. May you grant that which they seek to obtain from you, so that after the end of this life, which is already hastening toward evening, you may come to that inextinguishable light and hear the sweet voice of the Lord saying, "Well done, good and faithful servant, because thou hast been faithful over a few things, I will place thee over many things: enter thou into the joy of thy lord" [Matt 25.21, 23]. Incline the ears of your piety to our supplications, therefore, and be the bright day to us and to them, so that from the kindness of your generosity we may give thanks to the Lord together, and in eternal happiness.

### **Notes**

1. Alexander spent most of his long reign (1159-81) resisting the power of the empire, from the very beginning when his election was disputed by the anti-pope Victor IV, through two succeeding anti-popes, until reconciliation with Frederick I in 1177.

2. *per indumentum humanitatis sue*. This image of Christ's putting on the robe of mankind's flesh at the incarnation is a particular favorite of Hildegard's. She returns to it again and again.

3. At times, Hildegard can sound extremely harsh in her condemnations, but usually (and it is a common theme in her writing), as here, she stresses justice tempered by mercy.

4. The schism began in 1159 with the disputed election of Alexander III and Victor IV. After Victor's death Barbarossa chose another anti-pope, and, after him, another. The schism lasted until 1177 with the reconciliation between Barbarossa and Alexander III

BINGEN, Hildegard of. **The letters of Hildegard of Bingen: volume I.** (Translated by Joseph L. Baird and Radd K. Ehrman). New York/US: Oxford University Press, 1994, p. 48-49.

## 12

**Hildegard to Hartwig,  
Archbishop of Bremen**

1151-52

*This letter is one in a series of efforts by Hildegard to retrieve the nun Richardis, Hartwig's sister. Soon after moving to Mount St. Rupert, Hildegard suffered her greatest loss: Richardis, her beloved disciple, who had assisted her with the Serviar Richardis, apparently out of her own wishes, was elected abbess of Bassum, but Hildegard, at first, refused to grant permission for her move. This letter to Hartwig, asking him to intervene in the matter is actually a late entry in the controversy. Hildegard had already written in complaint to Richardis's mother, as well as a missive of a letter to the archbishop of Mainz (Letter 18r), who had written to Hildegard demanding that she release Richardis to her new post. In a final effort, Hildegard wrote an appeal to Pope Eugenius, the text of which has not come down to us, though the pope's response has (Letter 4).*

You are a man worthy of great as one must be who holds the episcopal office in direct succession from almighty God Himself.<sup>a</sup> Therefore, may your eye see God, your intellect grasp His justice, and your heart burn brightly in the love of God, so that your spirit may not grow weak. Be zealous to build the tower of celestial Jerusalem (cf. Heb 12.22), and may God give you that sweetest mother Mercy as your assistant. Be a bright star shining in the darkness of the night of wicked men, and be a swift hart running to the fountain of living water [cf. John 4.10]. Be alert, for many shepherds are blind and halt nowadays, and they are seizing the lucre of death, choking out God's justice.

O dear man, your soul is dearer to me than your family.<sup>1</sup> Now hear me, cast down as I am, miserably weeping at your feet. My spirit is exceedingly sad, because a certain horrible man has trampled underfoot my desire and will (and not mine alone, but also my sisters' and friends'), and has rashly dragged our beloved daughter Richardis out of our cloister.<sup>2</sup> Since God knows all things, He knows where pastoral care is useful, and so let no person of faith canvass for an office.<sup>b</sup> Thus if anyone, in his madness, willfully seeks to gain ecclesiastic office, he is a rapacious wolf seeking the delights of power more than the will of God. The soul of such a person, therefore, never seeks spiritual office with proper faith.<sup>3</sup> Therein lies simony.

It was, therefore, inappropriate for our abbot, in his blindness and ignorance, to involve this holy soul in this affair and, in the blindness of his spirit, to encourage such great temerity. If our daughter had remained content, God would have fulfilled his glorious purpose for her.

I do not oppose any selection God has made, nor would I ever do so. Therefore, in the name of Him who gave His life for you and in the name of his holy Mother, I beseech you, you who hold the episcopal office in the order of Melchisedech [cf. Ps 109.4; Heb 5.6, 6.20], to send my dearest daughter back to

me.<sup>4</sup> If you do so, God will give you the blessing which Isaac gave to his son Jacob [cf. Gen 27.27-29] and which He gave through his angel to Abraham for his obedience (cf. Gen 22.15-18).

Hear me now, and do not cast off my words, as your mother, your sister, and Count Hermann have all done. I am doing you no harm not consonant with the will of God and the salvation of your sister's soul, but I seek to be consoled through her and her through me. What God has ordained, I do not oppose.<sup>c</sup>

May God grant you the blessing of the dew of heaven [cf. Gen 27.28], and may all the choirs of angels bless you if you listen to me, God's servant, and if you fulfill God's will in this matter.

### **Notes**

1. *amabilis anima tua pre genere tuo*. The remark is not, it seems clear, an invidious one, that is, that he is dearer to her than his family since they have already turned down her request. It is rather an attempt to put the case on the proper footing: that spiritual matters take precedence over familial influence and power, which is her whole argument here. Our thanks to Barbara Newman for her assistance in helping us understand the point being made.

2. Hildegard is speaking of Abbot Kuno of St. Disibod, for whom she has little affection in any case, since, among other things, he had attempted to prevent her move to Mount St. Rupert.

3. Here, as elsewhere, Hildegard, in her grief, comes perilously close to accusing Richardis of simony, though much of the blame is shunted off onto Kuno. Interestingly, Richardis was still with Hildegard when she wrote similar warnings about seeking office against God's will. See *Scivias* III.vi.474ff and III.ix.561ff.

4. Bassum lay in Hartwig's diocese, and thus he would indeed have had the authority to return Richardis.

BINGEN, Hildegard of. **The letters of Hildegard of Bingen**: volume I. (Translated by Joseph L. Baird and Radd K. Ehrman). New York/US: Oxford University Press, 1994, p 53-65.

## 15

### Dean Philip<sup>1</sup> and the Clerics of Cologne to Hildegard

*Philip writes Hildegard to request a copy of the sermon she recently preached at Cologne.*

Philip, unworthy dean, and the entire chapter of the cathedral of Cologne send greetings to that venerable partaker of the portion which Mary chose [cf. Luke 10.42], Hildegard of St. Rupert in Bingen, who, in the purity of her heart, gazes upon God in the present life, and in the life to come, face to face [cf. I Cor 13.12].

Because we esteem your maternal piety, we want to inform you that after your recent visit to us as God's command when, through divine inspiration, you revealed the words of life to us,<sup>2</sup> we were greatly astonished that God works through such a fragile vessel, such a fragile sex, to display the great marvels of His secrets.

But "the spirit breatheth where he will" [John 3.8].<sup>3</sup> For since it is abundantly clear that the Spirit has chosen a dwelling pleasing to Himself in your heart, understandably we come to you in admiration as if to the living temple of God to offer up prayers, and we seek responses of truth from your heart, as if from the very oracle of God.<sup>a</sup> We sincerely beseech you, blessed lady, to commend our desires earnestly to God, since they pertain to the welfare of souls. And if your soul, clinging to God as usual, sees anything concerning us in a true vision, please inform us in a letter. We further request that you commit to writing and send us those things that you said to us earlier in person, since, given over as we are to carnal lusts, we all too readily ignore spiritual matters, neither seeing nor hearing them.

Farewell, beloved lady. May God whom you love with your whole heart be with you.

#### Notes

1. Philippe of Heinsberg will later (1167) become archbishop of Cologne, and exchange letters with Hildegard in that capacity. An able and powerful administrator, he favored Barbarossa during the schism, and served as imperial chancellor. It was apparently Philippe who later as archbishop of Cologne commissioned Guibert of Gembloux to produce his life of Hildegard.
2. On her third preaching tour which took place some time between 1161 and 1163, Hildegard preached at Cologne. Later in this letter, Philip asks for a written copy of the sermon delivered at that time, and Hildegard's response, Letter 15r, apparently fulfills that request.
3. It is interesting to note how frequently this verse is used to justify God's use of a woman. See also Letter 20.

## 15r

**Hildegard to the Shepherds of the Church**

*With this letter, Hildegard fulfills Philip's request for a copy of the sermon preached at Cologne, a scathing public sermon charging the clerics of Cologne with negligence in their cure of souls. As a result of their neglect and of their sinful ways, she charges, people are being seduced away from the True Way by the Cathars (who were known for their chastity and virtue) and it is toward the sect of the Cathars, especially active in Cologne, that she directs her most piercing, mordante criticism. Indeed, the stress throughout on the sanctity of the created world seems directed at the Cathar doctrine of the inherent evil in created things. The appendices furnishing material from the Riesencodex may not be entirely spurious, that is, non-Hildegardian, but as Barbara Newman suggests (Sister, p. 234, note 89), may be material inserted from sermons on a like theme that Hildegard preached on other occasions.*

"The one who was, and is, and is about to come" [Apoc 1.4] speaks to the shepherds of the Church: He Who Was was about to make all creation, so that it had the testimony of testimonies in itself by doing all His works just as He wished. He Who Is made all creation and showed the testimony of testimonies in all His works, so that each created thing appeared. He Who Is About To Come will purge all things, and He will re-create them in a different way, and He will wash away all the blemishes of the times and the seasons, and He will make all things ever new, and after the purgation He will reveal unknown things. From Him the wind blows, saying: lacking no power, I have set the firmament with all its ornaments, with eyes to see, ears to hear, a nose to smell, a mouth to taste. For the sun is like the light of His eyes, the wind like the hearing of His ears, the air like His fragrance, the dew like His taste, exuding viridity like His mouth. The moon marks the times of the seasons, and reveals knowledge to men. And the stars, which seem to be rational, are indeed so, because they are circular, just as rationality embraces many things. I shored up the four corners of the earth with fire, cloud, and water, and in this way I joined together all the boundaries of the world like veins. I formed rocks from fire and water like bones, and I established earth from moisture and viridity like marrow. I stretched out the abyss like feet which hold up the body, around which the exuding waters serve as its foundation. Everything was made in this way so as not to fail. If the clouds did not have fire and water, there would be no firm bond, and if earth did not have moisture and viridity, it would crumble like ashes. And if the other luminaries did not have the light of the sun's fire, they would not shine through the waters, but would be invisible."

These are the materials for the instruction of mankind, which he comprehends by touching, kissing, and embracing, since they serve him: by touching, because a man remains in them; by kissing, because he gains knowledge through them; by embracing, because he exercises his noble power through them. Thus mankind would have no freedom of possibility if they did not exist with him. So, they with mankind, and mankind with them.<sup>1</sup>

O my children, you who feed my flocks as the Lord commanded, why do you not blush, since none of the creatures desert the precepts they received from the Master but, rather, bring them to perfection?<sup>2</sup> I set you like the sun and the other luminaries so that you might bring light to people through the fire of doctrine, shining in good reputation and setting hearts ablaze with zeal.

I did this in the first age of the world. For I chose Abel, I loved Noah,<sup>3</sup> I instilled in Moses the precepts of the law, I established as prophets those who most loved me. Thus Abel prefigured the priesthood; Noah, the papal office; Moses, the regal messenger; and the prophets, the many other offices.<sup>4</sup> Moreover, Able poured forth this brightness like the moon, because he revealed the time of obedience in this burnt offering; and Noah, like the sun, because he brought the edifice of obedience to perfection;<sup>5</sup> and Moses, like strong plantes, because he received the law through obedience. And the prophets, like the four corners which hold up the boundaries of the world, persevered mightily when they rebuked the whole world for its terrible iniquity, and thus made God known.

But your tongues are silent, failing to join in with the mighty voice of the resounding trump of the Lord, for you do not love holy reason, which, like the stars, holds the circuit of its orbit. The trumpet of the Lord is the justice of God, which you should meditate upon zealously in holiness, and through the law and obedience of your office make it known to the people at the proper time with holy discretion, rather than pounding them mercilessly with it.

But you are not doing this on account of the waywardness of your own will. Thus the luminaries are missing from the firmament of God's justice in your utterances, as when the stars do not shine, for you are the night exhaling darkness, and you are like people who do not work, nor even walk in the light because of your indolence. But just as a snake hides in a cave after it has shed its skin, you walk in filth like disgusting beasts.

Oh woe, just as it is written: you ought to be "Mount Sion in which thou hast dwelt" [Ps 73.2]. For, blessed and sealed in the celestial persons, you ought to be the little habitation redolent of myrrh and incense, in which God also dwells. But you are not so. Rather, you are quick in your pursuit of adolescent lust, incapable, like children, of even speaking of your own salvation. You do whatever your flesh demands. Wherefore it is said about you: "Lift up thy hands against their pride unto the end; see what things the enemy hath done wickedly in the sanctuary!" [Ps 73.3]. For the power of God will crush and destroy your necks which have become stiff with iniquity, for they have been puffed up as with the breath of the wind, since you neither know God nor fear men. Indeed, rather than despising iniquity, you have no desire to cast it out of yourselves. You do not see God nor even wish to do so, but you look at your own works and judge them according to your own standards, that is to say, by doing or abandoning at your own pleasure.

Oh, what great evil and enmity this is! That a person is unwilling to live an upright life, either for God's sake or mankind's, but, rather, seeks honor without work and eternal rewards without abstinence. Such a one, in this supposed sanctity, vainly longs to cry out, as the devil does, I am good and holy. But this is not true.

What do you say now? You do not have eyes,<sup>6</sup> since your works do not shine before men with the fire of the Holy Spirit, and you do not meditate on good examples for them. Therefore, the firmament of God's justice in you is lacking in the light of the sun, and the air has lost the edifice of virtues, sweetened by a pleasing fragrance. Whence it is said: "They have eyes and will not see. They have noses and will not smell" [Ps 113.5, 6]. For just as the winds blow and penetrate the whole world, so should you be mighty winds teaching all people, just as it is said: "Their sound has gone forth into all the earth" [Ps 18.5]. You are worn out by seeking after your own transitory reputation in the world, so that, at one moment, you are knights, the next slaves, the next mere jesting minstrels, so that in the perfunctory

performance of your duties you sometimes manage to brush off the flies in the summer.<sup>b</sup>

Through the teaching of the Scriptures, which were composed through the fire of the Holy Spirit, you ought to be the corners of the Church's strength, holding her up like the corners that sustain the boundaries of the earth. But you are laid low and do not hold up the Church, retreating instead to the cave of your own desire. And because of the radium brought on by your riches, avarice, and other vain pursuits, you do not properly teach your subordinates, nor indeed do you even allow them to seek instruction from you. For you say, We can't do everything. But you ought to steep them in the precepts of the law, and thereby restrain them, lest any of them, in this frailty (his marrow, as it were), do whatever he wishes, just as the earth is steeped and restrained by humidity and viridity, lest it turn to ashes. On account of you, however, they are scattered like ashes and always do whatever they wish.<sup>c</sup>

You ought to be a pillar of fire going before them [cf. Ex 13.21] and crying out to them, performing good works before them, saying: "Embrace discipline, lest at any time the Lord be angry, and you perish from the just way" [Ps 2.12]. For the Lord's law consists of discipline through love and fear. Thus both natures – the spiritual and the carnal – must be exercised righteously, lest the Creator threaten those He has created, because they are not walking in His ways.

But you are deceiving yourselves when you say, We have no control over any of them, because if you were to chastise your subordinates properly through the reason which God gave you, they would not dare to resist the truth, but, as far as they could, they would say that your words are true. But because you are not doing this, it is said of you: "They were troubled, and reeled like a drunken man; and all their wisdom was swallowed up" [Ps 106.27]. For you are troubled, since you have no regard for the good in yourselves, and thus do not walk properly. You reel and stumble, since your works do not give you the right answer, and like a drunk man, you do not know what you are doing. This is because you wilfully do whatever you want. Whence all the wisdom which you sought so hard to find in Scripture and in instruction has been swallowed up in the pit of your own will, since you did those things you learned by touching and tasting merely to fulfill your own desires in the fatness of your flesh, just like a child who does not know what he is doing because he is a child.

Therefore it is again said to you: Unlike the feet that hold up the body, you are not presenting a wholesome and stable example of morality before the people, so that you can surround them by the Scriptures, just as the abyss is completely surrounded by oozing waters. But you say, We don't have time now for talking, and there is not even time for us to be heard as there used to be. And I reply, Able did not fail to perform his sacrifice, despite his brother's hatred, but he presented it to his Lord, even though he was killed for it. And Noah sweated profusely, greatly dismayed at the terrible judgment that all creation was to be drowned, for the greatly feared death when he stood above the cloud.<sup>7d</sup> When others saw him, they cried out, What is that fool doing? The winds will surely destroy him. Nevertheless, he fulfilled God's command.<sup>8</sup> Similarly, Moses the lawgiver suffered cruelly at the hands of his brothers and neighbors, but, for all that, he did not abandon the law. Rather, he fulfilled God's commands. Also, in their obedience to God, the prophets were killed by infidels, as if by rabid wolves.

But you are unwilling, in this short and comfortable life, to endure injuries at the hands of the people, and thereby you are laying up infinite torments for yourselves. You ought to be the day, but you are the night. For you will be either the

day or the night. Choose, therefore, where you wish to take your stand. You are not the sun and moon and stars in the firmament of God's law and justice. Rather, you are the darkness, in which you live as if you are already dead.

Whence the devil says to himself about you: Just as I had intended, they busy themselves with feasting and riotous living. But my eyes and ears and belly, and my very veins, are full of their froth, and my breasts, with their vices. For they refuse to labor for their God, and they consider Him nothing. Therefore, I will begin to wage war on them, and, by playing my games with them, I will lead them astray, since I do not find them laboring in the field of their Lord, as He commands them. O you, my disciples and followers, you have been punished publicly far more than they. And because this is so, rise up against them, strip away all their riches and honor, despoil and destroy them. Thus says the devil to himself, and in this way he will fulfill the judgment of God against many people. But I Who Am say to those who hear me: When this time comes, ruin will fall upon you at the hands of certain people, you wicked sinners, and they will pursue you relentlessly, and they will not cover up your works, but will lay them bare, and they will say about you: These are scorpions and their morals and snakes in their works. Moreover, in their zeal toward the Lord, they will curse you, saying "the way of the wicked shall perish" [Ps 1.6]. For they will mock your wicked ways and sneer at you.

But the people who will do this, themselves seduced by the devil and serving as this emissaries, will come with wan faces and, clothing themselves in sanctity. Will ally themselves with great secular princes.<sup>9</sup> And they will say to them about you: Why do you keep them with you and how can you stand to have them near you, when they are polluting the whole earth with their iniquity?<sup>10</sup>

The people who say these things about you will walk about in black robes, with proper tonsure, and will appear to men serene and peaceful in all their ways. Moreover, they do not love avarice, and do not have money, and, in their secret selves, they hold abstinence as so great a virtue that they can scarcely be reproached. The devil, however, is within these men, revealing himself to them in the obscuring lighting, just as he was at the beginning of the world before his fall. And he makes himself, as it were, like the prophets, saying: People foolishly imagine that I appear like rabid and unclean animals or come in the guise of flies, but, in reality, I fly on wings in the flashing thunder and deceive them so fully that they fulfill my will perfectly. In this way, I will make myself like the almighty God in the wonders I perform.

For the devil works through the spirits of the air,<sup>11</sup> who, because of men's wicked deeds, buzz around in the air in countless hordes like the flies and gnats which plague people in the sweltering heat with their sheer numbers. For the devil deceives them in this way because he does not dissuade them from chastity, but indeed permits their desire to be chaste.<sup>12</sup> Therefore, they do not love women, but flee from them. And thus they appear in public as if they were filled with sanctity, and say with mocking words: Before now, all other people who wanted to remain chaste burned themselves up like roast fish. But no pollution of the flesh or lust dares to touch us, because we are saintly and filled with the Holy Spirit.

Wake up!<sup>e</sup> The misguided people of today have no idea what they are doing, no more than those who went before us in times past. For, at that time, others who err in the Catholic faith will fear them and will serve them slavishly, imitating them as much as possible.<sup>13</sup> And when the full gamut of this error has been run, these people will everywhere persecute and exile the teachers and wise men who remain true to the Catholic faith – but not all of them, because some of them are mighty knights for

God's justice. Moreover, they will not be able to affect certain congregations of saints, whose way of life is upright. For this reason, they advise princes and wealthy men to coerce teachers, wise men, and clerics with club and staff so that they may be made "just." And in some cases this will be accomplished, causing others to tremble with fear.<sup>14</sup>

In the beginning of this their seduction into error, they will say to women: it is not permitted for you to be with us, but because you do not have good and upright teachers, obey us and do whatever we say, whatever we command, and then you will be saved. And in this way they draw women to themselves and lead them into their own error. Therefore, they will say in the pride of their puffed-up spirit: We are completely victorious.<sup>15</sup>

But I Who Am say: Thus the iniquity which will purge iniquity will fall upon your heads, just as it is written: "He made darkness his covert, his pavilion round about him: dark waters in the clouds of the air" [Ps 17.12]. And, because of your wicked deeds, which are devoid of light, God will wreak His vengeance upon you, and He will be so hidden in that vengeance that you will have no hope of deliverance. For no one will call out for mercy for you, but everybody will say that you are wicked. The law and doctrine are from heaven, and, if you were an ornament of virtue and a fragrant garden of delights, God should have been living in you through these.

But you are a bad example to others, since no rivulet of good reputation flows from you, so that, with respect to the soul, you have neither food to eat nor clothes to wear, but only unjust deeds without the good of knowledge. Therefore, your honor will perish and the crown will fall from your head. Thus injustice calls forth justice, and it seeks out and searches for every scandal, just as it is written: "For it must needs be that scandals come: but nevertheless woe to that man by whom the scandal cometh" [Matt 18.7]. Thus the wicked deeds of mankind must be purged through tribulation and contrition,<sup>16</sup> and many woes are laid up for those also who, through their irreligious acts, bring misery upon others. These are people of no faith, seduced by the devil, and they will be the scourge to discipline you rigorously, because you do not worship God with pure hearts. And they will not cease to torment you until all your injustice and your iniquities are purged.

These, however, are not those deceivers who will come before the last great day when the devil has flown on high, just as he began to fight against God in the beginning, but these are their precursors. Nevertheless, after their perverse worship of Baal and their other depraved works are made known, princes and other great men will rush upon them, and will kill them like rabid wolves, wherever they can be found. Then the dawn of justice will arise, and your last days will be better than those before, and, on account of your past trials, you will be devout, and you will shine like pure gold, and thus you will remain through long ages.<sup>17</sup>

At that time many people will be amazed that such mighty storms heralded this time of mercy. But those who lived before these times fought mightily against their desires to the great peril of their bodies, but they were unable to extricate themselves. In your times, however, you will be engaged in restless wars on account of your desires and your unsettled morals, and, through them, you will be reduced to nothing.

Whoever wishes to escape these dangers, therefore, let him beware lest with darkened eyes he run into the nets of these woes. But let each, to the best of his ability, escape them through good works and the safe harbor of uncorrupted will, and God will provide him with His aid.

Poor little timorous figure of a woman that I am, I have worn myself out for two whole years so that I might bring this message in person to the magistrates, teachers, and other wise men who hold the higher positions in the Church. But because the Church was divided,<sup>18</sup> I have kept quiet.

### *Appendix I*<sup>19</sup>

And so again I say: God sets the works which He Himself made as an example for those who fall away from Him, since they are not bearing good fruits, just as a father sets good examples before his sons when they turn away from him and act dishonorably. In His benevolence, God gave His teaching to Adam, but Adam failed through the devil's counsel. Thus he lost his heritage in paradise and the brightness which he wore like a shining garment, and he put on a woeful garment in its place, and went out into a land of darkness. Then the devil rejoiced because he had made a fool of man, and he continued to do so until the time of Abel, who loved God with a perfect will, and he showed that will in his good work. But then the devil laid hold of Cain and caused him to kill his brother. God saw these things in his mind as if they were written in a book. But the devil was ignorant of these mysteries, because they were intelligible only to holy divinity. For virginity was adorned in Abel through the performance of his priestly duties and in the blood of his martyrdom, all of which was brought to full consummation in the Son of God.<sup>20</sup> Then, in Noah, God prefigured the foundation of the celestial kingdom through the building of the ark when He brought forth a new world.<sup>21</sup> For at that time the earth produced a new juice, that is, wine, in which there is life and death, and through it the devil persuaded Noah's son to dishonor his father's nakedness [cf. Gen 9.20-25]. As a result, that son, stripped of the blessing of liberty, became a slave. Afterward, through circumcision and true revelation, God disclosed the walls of that foundation in Abraham and his barren wife [cf. Gen 17]. For circumcision was the downfall of the devil and the wound of death. The first woman was also barren of life, but the Church through faith was teeming with life. Through murder and other wicked works, the devil maliciously made some of the generation of Abraham into objects of scorn so that they fell from God's blessing. But the finger of God wrote the law for Moses [cf. Ex 31.18; Deut 9.10], and thereby raised the lofty towers of the aforementioned foundation. As a result, the devil sank to new depths of evil (long premeditated, and now openly revealed) when, in the guise of Baal, he claimed to be God. Thus God punished the children of Israel with many plagues. Then the unicorn came and slept in the lap of the Virgin<sup>22</sup> when the Word of God became flesh [cf. John 1.14] and completed the foundation of the kingdom. For through virginal nature, He completely fulfilled the sacrifice of Abel by the blood of martyrdom. The ancient serpent tried to entrap Him, however, because he didn't know who He was since he did not know the mysteries in the mind of God, and thus he urged the Jewish people not to be persuaded by His miracles but to seize Him when He was sold by His disciple.<sup>23</sup> Wherefore they were sold into various countries and lost their own country. But through his disciples, the Son of God taught the faith to leaders, princes, and kings, and set His Church, like Noah's ark, upon other lofty mountains, and filled it with publicans and sinners, as well as the just. He also began obedience in Abraham, and He Himself, as the incarnate Word, was obedient to His father even unto death [cf. Phil 2.8], and for circumcision He gave baptism in the name of the holy Trinity, commanding His disciples to baptize all believers. And through baptism the serpent was confounded and strangled, and death was wounded and defeated. Then the Church gave birth in a way different from Eve's, since she was sterile of life. Mary's grace was greater

than the harm Eve had done.<sup>f</sup> But the ancient serpent persuaded the Jews and infidels to persecute His saints and kill them. The Son of God, however, achieved the banner of victory in all His works, and just as He gave the law to Moses, He commanded His disciples to teach all people, establish teachers, and adorn the Church in all its orders. And this they did through the inspiration of the Holy Spirit who wrote true doctrine in their hearts. Because the Word of God was made flesh, it pleased God that all the orders of angels, which were known by name, be spiritually represented among spiritual people, such as priests, bishops, and the other spiritual orders of this kind.<sup>24</sup> Then the Church appeared like dawn among spiritual people, and was so refulgent in virtue that it had a defense like a shield and protection like a breastplate for their defense. And so spiritual people were greatly honored by God and men up to the time of a certain tyrant, who began to be a worshipper of Baal, serving idols.<sup>25</sup> When the spiritual people saw this, they at first sighed and trembled. But then later they departed from their original unity, each one following his own desires, and turned away from the covenant which God had promised through the Holy Spirit. Abandoning one divine precept after another, just as the Jews had done, each order wilfully established laws in accordance with its own desires, and turned aside from upright life and sound doctrine.<sup>26</sup> Then, like Adam, they were stripped of the garment of obedience, and began to live according to the flesh. And they did this like a dark land, just as, after his disobedience, Adam was called "the dark one" by God. For just as they had, previously, shone brightly in the Church, they no longer gave off light, but became like the darkness of the whirlwind. In this they were like Adam, who was obscured by a dark cloud through disobedience, and, walking in darkness, no longer gave off light, neither for himself nor for others.<sup>27</sup>

Again, I heard a voice from the Living Light saying: O daughter of Zion, the crown of honor will fall from the heads of your children, and their riches will diminish, because they did not take advantage of the time that I gave them for overseeing and teaching their subordinates. For I gave them breasts to nourish my little ones, and because they failed to perform this task fittingly and at the proper time many of these little ones, like children far from their homes, have died from hunger, because they were not refreshed with correct doctrine. Moreover, these people have a voice, but they do not cry out, and they were given work but they do not labor. Without merit, they wish to have glory; and merit, without work. Whoever wishes to have glory with God must cut off his own will, and whoever desires to have merit with God must work for it. But because you are not doing this, you will be accounted the slaves of slaves, and slaves will be your judges. Your freedom will fall from you, just as my blessing departed from Canaan. These scourges will be the precursors of other, worse ones to come.

### ***Appendix II<sup>28</sup>***

For the devil brought about a flaw in the work which God began in the first man, when he spewed out the poison of his vices upon the spiritual people. But God will preserve in righteousness those people He has chosen, just as He also preserves some people from this latest error,<sup>29</sup> so that they may do away with it. Thus the devil will be confounded in the tail of this error and will hide himself away like a snake in a cave, just as, in this latest error, he will also be brought to confusion. For God foresaw all His works in Adam (whose bones and flesh He made from the mud) when He breathed the breath of life into him. When the spirit goes out of a man, however, his flesh and bones become ashes, but on the last day they will be renewed. God's creation of man from mud prefigured the old law, but the resurrection

of man's flesh and bones from the mud shows the spiritual law, which the Son of God brought forth through Himself. Moreover, he who is raised up from his ashes will be eternal, and, rewarded with sanctity and the true law, he will see the face of his Creator, because, then, he will be truly renewed, just as it is written, "Send forth thy spirit, and they shall be created: and thou shalt renew the face of the earth" [Ps 103.30]. This means: O, God, Creator of all things, you will send forth your Spirit at the last trumpet, and men will rise, immortal, so that from then on they will neither grow, nor wither, nor decay. And so you will renew the face of man, that is to say, his body and spirit will be one in knowledge and perfection. God, Who has neither beginning nor end, will do this. For God has need of nothing, because He is perfect in Himself. When God created man, He placed in him all His miraculous works, and entrusted to him every edifice of the virtues, through which man makes his way to that One Who loves him very much, because He is Love [cf. I John 4.8, 16]. For God is like a head of a household who entrusts his goods to a close friend, so that, in return for his good work, he may receive his reward. Now, O children of God, hear and understand what the Spirit of God says to you so that you will not lose the better part. And the Spirit of God says to you: Look to your city and your district, and cast out those wicked men from your midst, for they are like the Sadducees and worse than Jews. For as long as they are with you, you cannot be safe and free from anxiety. The Church weeps and mourns over their iniquity, which is defiling her children. And so drive them out, lest your city and congregation perish, for long ago the banquet of the royal wedding was prepared in Cologne, and to this day its streets still resound.

### Notes

1. *Sed et homo nullam licentiam possibilitatis haberet, si ista cum eo non essent. Sic ista cum homine, et homo cum illis.* This letter is perhaps Hildegard's fullest, most detailed expression of man the microcosm. In the remainder of the letter, note the intricate ways she uses to re-express the idea of the larger world of the universe reflected in the little world of man.

2. This idea is, of course, not new with Hildegard. It was perhaps given the most notable-certainly, the most influential – expression in twelfth-century thought by Alanus de Insulis in *De Planctu Naturae*. Alanus's vision of a monumental personified Nature, on whose robe was figured all the creatures of the world, with a rip in the garment only in that place where man was represented, is the most famous literary, allegorical representation of this idea.

3. At this point some MSS add "I showed myself to Abraham." And below after Noah's prefiguration, they have "Abraham, the renewal of the offspring."

4. *Vnde etiam Abel sacerdotium prefigurabat, Noe principale magisterium, Moyses regale nuntium et prophete plurima magisteria.* The only one of these four that is absolutely clear is Abel, who prefigures the priesthood. Since they all have to do with religious functions, however, Noah, with the "principal office", would seem to prefigure the papacy. In Letter 8, for example, Hildegard refers to the pope as sitting in *principali cathedra*. The function of Moses, as the regal messenger, is less clear, and the prophets, with their many offices, are clearly intended to be generalized.

5. Here, some MSS add "and Abraham, like strong planets, when he established circumcision," and then after Moses replace "strong planets" with "the other stars."

6. Note how nicely she carries out her microcosm/macrocosm thought pattern ("For the sun is like the light of His eyes" just above) and how well she ties it into the biblical passage cited just below.

6. Van Acker suggests that Hildegard may have confused Noah with Moses in Ex 24.15-16: "And when Moses was gone up, a cloud covered the mount. And the glory of the Lord dwelt upon Sinai, covering it with a cloud six days: and the seventh day he called him out of the midst of the cloud."

8. Some MSS add at this point: "And Abraham, too, despite the pain of his heart and the love for his son, did not refuse to bind up this son as a burnt offering."

9. I.e., the Cathars.

10. Some MSS add here "These are the drunken and the lecherous, and unless you cast them out of your midst, the whole Church will be destroyed."

11. Hildegard speaks frequently of the spirits of the air, or airy spirits, as she does in a passage from the *Vita* (II.ii.27) where she describes how certain *aerei spiritus* came and talked with one another about their plans for her.

12. Some MSS add here: "And again he [the devil] says to himself, 'God loves chastity and continence, and so I will make a show of these among them.' In this way does the ancient enemy, through his airy spirits, 'inspire' [*inflat*] men to abstain from sexual sins."

13. Some MSS add: "Then the people will rejoice at their way of life, because they will appear to be just."

14. Some MSS add: "Yet, as Elijah said, many of the just who are not taken in by these errors nor uprooted from their fundamental beliefs will be preserved."

15. Some MSS add at this point "Yet, later, they will engage in secret lechery with these women, and thus the iniquity of their sect will be laid bare."

16. Cf. *Scivias* III.v.187ff: "When a person understands that he has acted contrary to God's will, he must be purged either by a bodily punishment or by the penalty of penitence or by tortures in the next life."

17. Some MSS add the following at this point: "For the first dawn of justice will then arise in spiritual people, just as, at first, it began with a small number, and they will not want to have great power and wealth which destroy souls, but they will say: "Woe to us, because we have sinned"" [Lam 5.16]. For from their past fear and grief they will be strengthened for justice, just as the angels were strengthened by the love of God when the devil fell. And thus, afterwards, they will live in humility and will not desire to rebel against God by performing wicked deeds, but, cleansed of their many errors, they will remain in the mighty strength of uprightness."

18. The schism began in 1159 when the cardinals elected two popes, Alexander III and Victor IV. The latter was given Barbarossa's approval, and he retained his schismatic position until his death in 1164. At this point Barbarossa, in blatant defiance of the Church, elected his own pope, Paschal III, and, after him, another, Calixtus III. The schism lasted until 1177, when Barbarossa and Alexander III were reconciled.

19. This portion of Letter 15r, attested by only two MSS, Van Acker prints only as an appendix. To be read in the context of the letter as a whole, it should be inserted, as in the MSS, at line 14, p. 58, immediately after the sentence, "Rather, you are the darkness, in which you lie as if you are already dead."

20. For Abel is the Old Testament antetype of Christ.

21. The *Glossa ordinaria* interprets the ark as a figure of the Church, as in the following interpretation of God's sealing the door of the ark: "*Nemo enim intrat in Ecclesiam, nisi per sacramentum remissionis peccatorum, quod de latere aperto*

*emanavit*". Note how carefully Hildegard works out her argument by her recurrent use, as here, of the word *foundation*.

22. The unicorn of *Physiologus* and *Bestiary* has become fully Christianized. This is one of the earliest (oblique though it is) references to the Holy Hunt, where the simple maiden used to capture the mighty unicorn has been transformed into the Holy Virgin. In the *Physica* (viii.5), Hildegard writes at length of the unicorn in the purely naturalistic, non-allegorical, terms.

23. This is the Abuse of Power conception of the Redemption, whereby Satan, completely unaware (and kept unaware) of the divinity of the Christ, oversteps his bound and has an absolutely sinless man killed. He thereby forfeits his original prey and opens the way to the harrowing of hell and the fulfillment of the plan of redemption.

24. The orders of the angels are, in ascending order, angels, archangels, virtues, powers, principalities, dominations, thrones, cherubim, and seraphim. As Barbara Newman notes ("Intro," *Har and Bishop, Scivias*, p. 30), Hildegard took the idea of the celestial hierarchy mirroring the ecclesiastical hierarchy from Pseudo-Dionysius.

25. Probably Henry IV, with whom Hildegard felt a new, evil, "womanish" age began.

26. Note Hildegard's essential conservatism. This is a condemnation of new religious orders.

27. At this point a third MS picks up the text of this questionable passage.

28. This is Van Acker's second appendix to this letter, again attested by only two MSS. In the MSS, the text appears after line 25, p. 60, following the sentence, "But let each, to the best of his ability, escape them through good works and the safe harbor of uncorrupted will, and God will provide him with His aid."

29. That is, from the error of the Cathars?

BINGEN, Hildegard of. **The letters of Hildegard of Bingen: volume I.** (Translated by Joseph L. Baird and Radd K. Ehrman). New York/US: Oxford University Press, 1994, p. 73.

## 21

### Hildegard to Conrad, Archbishop of Mainz (1162?)

*Hildegard congratulates Conrad on becoming the new archbishop of Mainz and exhorts him to rule justly. Conrad was archbishop of Mainz from 1162 to 1165. Steadfastly refusing to recognize the anti-pope Paschal III, he held with Pope Alexander III in opposition to Barbarossa. As a result of his loyalty to the pope, he lost his seat, and never regained it, even after the reconciliation between pope and emperor.*

I saw and heard these words in the True Light: The day calls forth the day and puts an end to pestilence, just as it is said: "Day to day uttereth speech, and night to night sheweth knowledge" [Ps 18.3]. For God is reason, and all justice is in God. Thus all good and just things have proceeded from Him to mankind and all creatures. And His creative act is pure in Him, as it is written: "All things were made by Him" [John 1.3]. Day would not be bright if it did not have knowledge, that is, knowledge of darkness which reveals praise of the day. Just so, the malevolence and the faithlessness of the devil reveal God, because neither faithlessness nor grievous wars can prevail against Him. God did not make evil, but He overcame it, making it into his footstool [cf. Ps 109.1; Heb 1.13, 10.13], because "without Him was made nothing" [John 1.3].

You are now, O son of God, at the very invocation of the day. Therefore, take up the shield of faith [cf. Eph 6.16], and diligently hold the beautiful justice of God in the embraces of your heart, as you would clasp your dearly beloved to your bosom, and, in all your works, flee from the darkness of injustice, because God is truthful. In doing so, you will become one of the elect, the legitimate son, rather than the son of the concubine injustice [of. Gen 16, 21.1-21; Gal 4.22 ff].

But gird yourself with justice and the love of eternal felicity. Moreover, in the dawning of this new day, do not give heed to those who spurn God and reject His works, as it is written: "Deliver, O God, my soul from the sword my only one from the hand of the dog" (Ps 21.21). In this way, you will escape from the sword which falls on evil men, and avoid the infidelity of the words of men who, like dogs, reject God. Now, however, may God teach you to be a faithful servant so that you may live forever.

BINGEN, Hildegard of. **The letters of Hildegard of Bingen: volume I.** (Translated by Joseph L. Baird and Radd K. Ehrman). New York/US: Oxford University Press, 1994, p. 109-112.

#### 40

### Odo of Soissons to Hildegard

*The master of the University of Paris seeks an answer from Hildegard on a question debated in scholastic philosophy.*

Odo of Paris,<sup>1</sup> humble and unworthy master – master by title and position only – sends his prayer and whatever else may be considered worthy of such saintliness and nobility of person to the lady Hildegard, the remarkable virgin of Christ.

Because, lady, you have made yourself the handmaiden of Christ, He has exalted you beyond yourself. Thus it is believed that He has revealed some of the secrets of the virginal bridal chamber to you, even while you are still clothed in the flesh, so that you are believed to be one of those about whom it is sung: the king has brought me into his chamber [cf. Cant 2.4, 3.4]." But the prophetic and faithful soul says repeatedly : "My secret to myself, my secret to myself" [Isa 24.16], and King Hezekiah grievously offended God by opening up the storerooms of spices and the treasuries of the temple to the Babylonian messengers [cf. Isa 39.2-8]. Therefore, blessed are those who are so exalted above us sinners that they attain sight of heavenly things, for on their paths they await the spirit of discernment among those who, by God's grace, have acquired treasures for themselves more by overcoming temptation than by receiving revelation, and blessed are those who here below among mankind learn from their visions what they are to reveal and what they are to keep hidden.<sup>2</sup> For since God distributes His gifts to each according to his humility, certain things which might distress the apostolic and ecclesiastical institution are kept under seal and not made known.

Hear these things, O wise woman, for "the woman that feareth the Lord, she shall be praised" [Prov 31.30] It is reported that, exalted, you see many things in the heavens and record them in your writing, and that you bring forth the melody of a new song,<sup>3</sup> although you have studied nothing of such things. But this does not surprise us at all, because it does not exceed your purity and saintliness, without which no one can attain to such things. But we can know that whatever is revealed to you there about things holy signifies your glory; whatever is hidden here requires a kind of humiliation.<sup>4</sup>

Despite the fact that we live far away, we have the utmost confidence in you, and, therefore, we would like for you to resolve a certain problem for us. Many contend that God is not both paternity and divinity.<sup>b</sup> Would you please explain to us in a letter what you perceive in the heavens about this matter.<sup>5</sup>

Farewell, beloved lady.

#### Notes

1. Odo took the title of Odo of Paris after he became teacher at the University of Paris.

2. The syntax of the Latin lends some clarity to this messy passage. In the original, the "My secret to myself" passage and the King Hezekiah anecdote are dependent *because* clauses qualifying this long, complicated sentence. The general

sense seems to be that not all revelations from heaven should be noised abroad, lest one offend God as Hezekiah did.

3. *aque modos noui carminis edas*. This remark is very significant, for it indicates that Hildegard had acquired some little fame for her musical compositions quite early, even before she finished the *Scivias* in 1151. Elsewhere, in the *Liber vitae meritorum*, Hildegard lists the *Symphonia* as one of the works she had completed between the completion of the *Scivias* and the beginning of this new *Liber* in the year 1158.

4. This passage seems hopelessly corrupt. The PL rendering of the MS is *quidguid hic abest agitur*, where *abest agitur* makes no sense. Van Acker has emended to *ab eis agitur*, which scarcely gives better sense, given the entire context of the passage. We have chosen to adopt PL's conjecture *absconditur*, which contrasts nicely with the *revelatur* of the preceding clause, and is also paleographically acceptable.

5. This is one of the semi-heretical theses of Gilbert de la Porrée, bishop of Poitiers, who was soon to be brought up to a hearing at the Council of Rheims. At this Council, held in 1148, Pope Eugenius forbade the reading of his work until "corrected." As Peter Dronke remarks (*Women Writers*, p. 149), "Odo credited Hildegard with a means of judging different from and superior to normal methods of metaphysical enquiry."

**40r**  
**Hildegard to Odo of Paris**

*In answer to Odo, Hildegard speaks briefly on the nature of divinity.*

I, poor little woman that I am, say this in the smoke of spices on the lofty mountain: the sun sends down its rays and illumines the trivial and unstable affairs of many places. And you also, O master, open up many inroads into the Scripture, and spread your teaching abroad among both the high and the low like streams of water.<sup>a</sup> I, on the other hand, tremble greatly because of my humble condition.

Listen now: a king sat on his throne, surrounded by lofty columns bedecked with fine ornaments and set on bases of ivory. And these columns displayed the king's vestments proudly to all. Then it pleased the king to lift up a small feather from the ground, and command it to fly, as he himself wished. Yet a feather does not fly of its own accord, but the air bears it along. And I, like the feather, am not endowed with great powers or human education, nor do I even have good health, but I rely wholly on God's help.<sup>1</sup>

And I say to you: From a certain very learned man who inquired of me, I heard that the fatherhood of the supreme Father and the divinity of God were not themselves God. And he asked me, a puny little woman, to look very carefully to the true Light concerning this matter.<sup>2</sup> I looked and I learned, seeing in the true Light – certainly not through my own cogitation – that God is indeed both paternity and divinity, for man does not have the capacity to speak of God in the same way that he would speak of the humanness of a human being or the defining characteristic of a work made by human hands.<sup>b</sup>

The Living Light, therefore, says in the secret word of wisdom: God is complete and whole, and has no beginning in time, and so He cannot be divided by a word as man can, for God is nothing other than entirety, and for, this reason nothing can be added to or subtracted from Him. For He Who Is both paternity and divinity, as it is written: "I am who I am" [Ex 3.14]<sup>c</sup> And He Who is Completeness. How is this true? In the fullness of making, of creating, of perfecting.

Whoever says that God is not paternity and divinity names a point without a circle, and if he wishes to have a point without a circle, he denies Him who is eternal.<sup>d</sup> And whoever denies that God is paternity and divinity denies God, because he wants there to be some void in God. And this is not true. But God is plenitude, and that which is in God is God. For God cannot be shaken out nor strained through a sieve by human argument, because there is nothing in God that is not God. And since creation has a beginning, it follows that man's reason discovers God through names, for reason itself, by its very nature, is full of names.<sup>e</sup>

Noew, again, O man, hear the poor little woman speaking to you in the Spirit: God wants you to make your paths straight and to be subject to Him, so that you may be a living rock in the cornerstone.<sup>3</sup> Thus you will not be cut off from the tree of life.

**Notes**

1. See Letter 2, note 3. Also, Hildegard writes in the autobiographical section of the *Vita* (I.ii.11): "I have a trembling fear, since I have no confidence in my own ability. But I stretch out my hands to God, so that like a feather, which is light and powerless, wafted only by the wind, I may be sustained by Him."

2. For all her humility, Hildegard, it seems clear, is at times not above getting her digs in: this man “flowing in learning” [*doctrina fluente*] had to have recourse to me, a puny woman [*me pusillam*].

3. I.e., of the New Jerusalem.

BAIRD, Joseph L; EHRMAN, Radd K. **The letters of Hildegard of Bingen (volume II)**. Baird. New York/US: Oxford University Press, 1998, p. 16-19.

**Gembloux**

**102**

**The Monk Guibert to Hildegard**

1175

*This extraordinary monk<sup>1</sup> was to become Hildegard's last secretary, taking on the position in 1177, when the saint was seventy-nine years old, and remaining in that capacity until her death two years later. This letter is his first contact with her. Note his extravagant praise: save for the Blessed Virgin, her grace is "unique among women"; she is the equal of the great women prophets of the Old Testament, etcetera. Still, he feels it necessary to warn her, at length, of the dangers of pride in one's holiness. Then, he poses the first group of his famous questions to Hildegard, about the language in which she receives her visions; about her learning, whether the result of personal study or divine revelation, etc.*

To the servant of Christ, Hildegard, most excellent of name and merit, with reverence, Brother Guibert, least among the brothers at Gembloux, with a prayer that, with the virgins in eternal beatitude, she receive the crown of glory [cf. I Pet 5.4] from the Bridegroom of virgins.

When, venerable mother, we reflect on the singular gifts bestowed upon you by the Holy Spirit, gifts scarcely heard of through all the ages up to the present day, all of us who have seen your writings offer thanks out of our poor gifts to the Author of gifts. For although, on account of our sins, we do not merit to receive these gifts ourselves, nevertheless, through you, we drink of them frequently, because you are like a pure vessel into which they are poured, and, overflowing, you distill them to us. Truly, "thy breasts are better than wine" [Cant 1.1] to us, your fragrance better than the "best ointment" [Cant 1.2], for on coming forth from the cellars of contemplation where the eternal King often brings you as His bride [cf. Cant 1.3], you make us participants through your writings of those holy visions which, with unveiled face [cf. II Cor 3.18], you see while in the embraces of your Bridegroom, and you draw us after you, running in the fragrance of your ointments [cf. Cant 1.3]. Who indeed reads those visions, or even the exposition of them, without being delighted as in great riches? Or who tastes how sweet and sound your Catholic doctrine is, without immediately crying out about you: "Thy lips are as a dropping honeycomb, honey and milk are under thy tongue" [Cant 4,11]; "thy plants are a paradise of pomegranates with the fruits of the orchard" [Cant 4.13]?

Truly, holy mother, rivers of living water flow to us from your belly [cf. John 7.38], according to the promise of the Lord, and for the joy of the city of God (which is the Church) you have become "the fountain of gardens" in the Church, "the well of living waters, which run with a strong stream from Libanus" [Cant 4.15]. From Libanus, indeed, for they flow to us not from you, but through you, from Libanus, from the mountain, that is to say, covered and made white by all the virtues, from the mountain which the Father lifted not only above the hills but above the tops of the highest mountains, from the many-peaked and fat mountain [cf. Ps 67.16]. And He also does not fail to abundantly irrigate you, among the other mountains (whence cometh our help [cf. Ps 120.1]), with the showers of His benediction from the peaks.

Truly, save for her through whose Son we attain our salvation, your grace is unique among women. For although we find in the Scripture some songs and prophecies of Miriam, the sister of Aaron and Moses, or of Deborah or Judith, you seem to us coequal, if I may say so, to those contemplators of the highest mysteries through visions or revelations from the Lord, bedewed much more by the floods of the Spirit. O the wondrous and unceasing mercy toward humankind of our gracious Redeemer! For through the same sex by which death entered the world, life has been restored – through His mother. And the same hand that served us the deadly cup of perdition has now poured out for us the antidote of recovery through your salvific teaching.<sup>a</sup>

Still, saintly lady, I must warn you not argumentatively, certainly, but reverently to be cautious and persevering. I know that I need not advise you about spiritual progress, since you have already reached the heights of perfection. All the same, remember that you bear your treasure in a fragile vessel, and that it is not the reeds and twigs (which easily bounce back) but the mighty trees that are uprooted by the winds. Look to David and Peter, and "do not aspire too high, but fear" [Rom 11.20], and however high you are, humble yourself in all things, so that the grace that you now have may be preserved whole until the end. Be aware, too, that the way is filled with traps and scandals, and that dangers abound; and, therefore, proceed cautiously until you complete the journey. And never rest secure until the accounting of the talents entrusted to you has been settled with the great Creditor. And do not boast about these talents as if they were your own, save in accordance with the Scripture: "Whoever boasts, let him boast in the Lord" [I Cor 1.31]. It is true that you need not fear that terrible power or strength which is described as being in the loins or the belly of the Leviathan [cf. Job 40.11] since you have crushed the head of the evil one [cf. Gen 3.15], that is to say, the principal inducement to lechery, beneath the foot of chastity. Still, you should bear in mind that in Apocalypse the tail of the dragon not only carried off the fields of the earth, but also a third part of the stars of heaven [cf. Apoc 12.4]. One reads there too that the horses had the power of injuring, not only in their mouths, but also in their tails. For "their tails are like to serpents, and with them they hurt" [Apoc 9.19]. Therefore, holy mother, now that you have escaped the head of the ancient serpent, take care that you are not struck by the tail, and, as far as you can, with God's protection, guard your heel, that is, your departure from life, from the serpent's treachery.

I do not fear that you will accuse me of presumption in speaking to you thus, for my advice does not stem from temerity but from my sincere devotion to you. Besides, I have taken the time simply for the happy occasion of being able to talk with you freely. That advice was for *your* benefit. On my side, I, who "stick fast in the mire of the deep" [Ps 68.31, and whose "sores are putrified and corrupted, because of my foolishness" [Ps 37.6], I pray through the sweetness of the almighty God that you deign to count me among the number of your close friends, and that you will not refuse to keep in mind the one who is always mindful of you. Thus lifting up pure hands in prayer [cf. I Tim 2.8], I beseech the immense goodness of the blessed Redeemer, that He will not be slow to grant me forgiveness of my past sins, emendation of my present ones, and warning about any future lapses. But because I am a monk, and have neither the opportunity nor the means of visiting you so that I can discuss with you in person the matters I wish to learn from you, I pray that you will deign to give diligent attention to the questions I have candidly set before you through the present messenger.<sup>2</sup> I am asking for a revelation of the spirit to aid me in these and other personal concerns. Please do not delay in informing me what course

of action I am to take, and in responding to my queries in writing. We – my friends and I – wish to know whether it is true, as is commonly said, that you completely forget what you have spoken in a vision once it has been taken down by your amanuenses at your bidding. Personally, I can scarcely believe it. We also desire to know whether you dictate those visions in Latin, or whether, after you have uttered them in German, someone else translates them into Latin. We wish to know too whether you have mastered letters or the Holy Scriptures through study, or whether you have learned through divine anointing alone, which chooses those it would inspire.

But because, my lady, I do not yet deserve to see your face, resplendent, as I believe, with divine light, at least let me hear your voice, so sweet to me, through a letter, so that I may have a memorial of you, in which the image of your saintliness will shine back to me like a reflection in a mirror. Thus, the closer it is, the more frequently your memory will remain in my heart.

May the Lord deign to preserve the manifestation of your sanctity unimpaired for years to come, reverend mother, for the honor and profit of His Church. Amen.

The lord abbot and our prior, along with the entire church at Gembloux entrusted to them, greet you, and pray God for your health, requesting that you do the same for them. I, the writer of this letter to you, greet you with all my heart, as does too my beloved brother, also named Guibert, who took the dictation. And we all especially ask for your prayers. Greeting you also are those whom you love and who love you too, men whom you know personally: Lord Siger de Waura and Nicholas, a young knight from Niel, whom you saw when the two of them visited you during Lent. Brother Franc, the recluse, an upright son in Christ of our church, sends his greetings. So too does Brother Robert, who is sick of body, but sound of mind, currently in the infirmary at Mount St. Guibert, as it is called. Lord Emmo, parochial priest of our church, sends greetings, as does a certain young man whom I care for greatly. His name and the course of action I am prescribing for him will be fully revealed to you by this penitent woman,<sup>3</sup> a woman whom I cherish highly.

All of these people, saintly lady, would gladly impart to you their own special requests about their needs if they could speak to you face-to-face. But, here, we do not have the space. However, since they cannot meet with you at present, we ask that you intercede with God to Whom all things are known and for Whom all things are possible for each of them, so that He may come to their aid in these tribulations, and especially for those who are beset by dangers. Thus may the merciful Helper, Who knows our needs, come at the appropriate time, bringing help to these, and, moreover, remission of sins, correction of morals, and eternal joy. May He Who is blessed above all, God forever, grant all these things from His beneficence for the sake of your prayers both for me and for those for whom I pray. Amen.

Farewell in Him, my most beloved lady.

#### **Notes**

1. This and the following letters from Guibert of Gembloux (Nos. 104, 105, 106, 107, 108, and 109) are translated from the edition by Derolez (*Guiberti Gemblacensis Epistolae*, pp. 216-57). Van Acker supplies the numbers, but refers the reader to Derolez for the text.

2. The gender of “messenger” (*latricem*) is feminine, and indeed in his next letter (103), Guibert identifies her as “Sister Id.”

3. That is, Sister Ida, the messenger.

BAIRD, Joseph L; EHRMAN, Radd K. **The letters of Hildegard of Bingen (volume II)**. Baird. New York/US: Oxford University Press, 1998, p. 21-25.

**103r**  
**Hildegard to the Monk Guibert**

1175

*Hildegard writes in answer to the insistent Guibert of Gembloux. Much of this letter is taken up with answers to some, though not all, of the questions posed by Guibert.*

The words I speak are not my own, nor any human being's. I merely report those things I received in a supernal vision. O servant of God, you gaze into the mirror of faith in order to know God, and through the formation of man in whom God established and sealed His miracles, you have become a son of God. For just as a mirror, which reflects all things, is set in its own container, so too the rational soul is placed in the fragile container of the body. In this way, the body is governed in its earthly life by the soul, and the soul contemplates heavenly things through faith. Hear, then, O son of God, what the unfailing Light says.

Man is both heavenly and earthly [cf. I Cor 15.47-49]: through the good knowledge of the rational soul, he is heavenly; and through the bad, fragile and full of darkness. And the more he recognizes the good in himself, the more he loves God. For if someone looks in a mirror and finds that his face is very dirty, he will want to wash it clean. So too, if he understands that he has sinned and been caught up in vain pursuits, let him groan and cry out with the Psalmist because his good knowledge makes him aware that he is polluted: "O daughter of Babylon, miserable" [Ps 136.8]. Here is the sense of this verse: human desire was tainted through the poison of the serpent. Thus it is impoverished and wretched, for despite the fact that it tastes the glory of eternal life through its good knowledge, it nevertheless fails to seek that glory from God with true desire – for which reason it has a low reputation in philosophical thought.<sup>a</sup> But blessed is he who understands that he has his life from God, and blessed is he whose knowledge teaches him that God created and redeemed him. For through this divinely given freedom, he breaks the evil habit of his sins, and poor as he is in celestial riches, he dashes his wretchedness upon the rock that is the foundation of beatitude.<sup>b</sup> For when a person knows that he is filthy and cannot resist tasting sin whatsoever, black birds completely befoul him. But then also the rational soul, which he neither sees nor knows, leads him to put his faith in God by believing. Yet although he knows that this is his nature, and knows too that he will live forever, he still cannot keep himself from sinning over and over again. And so: O how lamentable is the fact that God makes such fragile vessels which cannot refrain from sin, save through the grace of God. And yet how wondrous that these same vessels are sometimes adorned with the stars of His miracles. For even Peter, who vowed vehemently that he would never deny the Son of God, was himself not safe [cf. Matt 26.33ff; Mark 14.29ff; Luke 22.33ff; John 13.37f]. The same was true of many other saints, who fell in their sins. Yet these were all, afterward, made more useful and more perfect than they would have been if they had not fallen.

O faithful servant, I – poor little woman that I am – say these words to you again in a true vision: If God were to raise my body as He does my spirit in this vision, my mind and heart would still not be free from fear, because, although I have been cloistered from childhood, I am fully aware that I am only human. For many

wise men have been so miraculously inspired that they revealed many mysteries, and yet they fell, because in their vanity they ascribed all these miracles to their own power. On the other hand, those who have drunk deeply of God's wisdom in elevation of spirit while still regarding themselves as nothing – these have become the pillars of heaven. Paul was such a one, for although he was a far better preacher than all the other disciples, he still counted himself as nothing [cf. II Cor 12.11; Eph 3.8]. Likewise, the evangelist John was mild and humble, and therefore drank deeply of divine revelations [cf. Apoc 1.1-2].

And how could God work through me if I were not aware that I am but a poor little creature? God works His will for the glory of His name, not for the glory of any earthly person. Indeed I always tremble in fear, since I know that I cannot safely rely on my own innate capacity.<sup>c</sup> But I stretch out my hands to God so that He might raise me up like a feather,<sup>1</sup> which, having no weight of its own, flies on the wind. Still, I cannot fully understand those things I see, as long as I am an invisible spirit in a fleshly body, because man was injured in both these faculties.<sup>2</sup>

I am now more than seventy years old. But even in my infancy, before my bones, muscles, and veins had reached their full strength, I was possessed of this visionary gift in my soul, and it abides with me still up to the present day. In these visions my spirit rises, as God wills, to the heights of heaven and into the shifting winds, and it ranges among various peoples, even those very far away. And since I see in such a fashion, my perception of things depends on the shifting of the clouds and other elements of creation.<sup>d</sup> Still, I do not hear these things with bodily ears, nor do I perceive them with the cogitations of my heart or the evidence of my five senses. I see them only in my spirit, with my eyes wide open, and thus I never suffer the defect of ecstasy in these visions.<sup>3</sup> And, fully awake, I continue to see them day and night.<sup>4</sup> Yet my body suffers ceaselessly, and I am racked by such terrible pains that I am brought almost to the point of death. So far, however, God has sustained me.

The light that I see is not local and confined. It is far brighter than a lucent cloud through which the sun shines. And I can discern neither its height nor its length nor its breadth. This light I have named "the shadow of the Living Light,"<sup>e</sup> and just as the sun and moon and stars are reflected in water, so too are writings, words, virtues, and deeds of men<sup>5</sup> reflected back to me from it.

Whatever I see or learn in this vision I retain for a long period of time, and store it away in my memory. And my seeing, hearing, and knowing are simultaneous, so that I learn and know at the same instant. But I have no knowledge of anything I do not see there, because I am unlearned.<sup>f</sup> Thus the things I write are those that I see and hear in my vision, with no words of my own added. And these are expressed in unpolished Latin, for that is the way I hear them in my vision, since I am not taught in the vision to write the way philosophers do. Moreover, the words I see and hear in the vision are not like the words of human speech, but are like a blazing flame and a cloud that moves through clear air. I can by no means grasp the form of this light, any more than I can stare fully into the sun.

And sometimes, though not often, I see another light in that light, and this I have called "the Living Light."<sup>6</sup> But I am even less able to explain how I see this light than I am the other one. Suffice it to say that when I do see it, all my sorrow and pain vanish from my memory and I become more like a young girl than an old woman.

But the constant infirmity I suffer sometimes makes me too weary to communicate the words and visions shown to me, but nevertheless when my spirit sees and tastes them, I am so transformed, as I said before, that I cosign all my

sorrow and tribulation to oblivion. And my spirit drinks up those things I see and hear in that vision, as from an inexhaustible fountain, which remains ever full.

Moreover, that first light I mentioned, the one called "the shadow of the Living Light," is always present to my spirit. And it has the appearance of the vault of heaven in a bright cloud on a starless night.<sup>7</sup> In this light I see those things I frequently speak of, and from its brightness I hear the responses I give to those who make inquiry of me.

In a vision I also saw that my first book of visions was to be called *Scivias*,<sup>8</sup> for it was brought forth by way of the Living Light and not through any human instruction. I also had a vision about crowns. I saw that all the orders of the church have distinct emblems according to their celestial brightness, but that virginity has no such distinguishing emblem save the black veil and the sign of the cross. And I saw that a white veil to cover a virgin's head was to be the proper emblem of virginity. For this veil stands for the white garment which man once had, but subsequently lost, in Paradise. Furthermore, upon the virgin's head is to be set a circlet of three colors joined into one. For this circlet stands for the Holy Trinity. To this circlet four others are to be joined: the front bearing the Lamb of God; the right, a cherubim;<sup>9</sup> the left, an angel; and the one behind, man.<sup>10</sup> For all of these are pendants to the Trinity. This sign given by God will bless God, for He once clothed the first man in the whiteness of light. All of this is fully described in the *Scivias*. And I wrote this *Scivias*, as well as other volumes, according to a true vision, and I continue my writing up to the present day.

Body and soul, I am totally ignorant, and I count myself as nothing. But I look to the living God and relinquish all these matters to Him, so that He, Who has neither beginning nor end, may preserve me from evil. And so pray for me, you who seek these words of mine, and all of you who long to hear them in faith-pray for me that I may remain God's servant in true happiness.

O child of God, you who faithfully seek salvation from the Lord, observe the eagle flying toward the clouds on two wings. If one of those wings is wounded, the eagle falls to earth and cannot rise, no matter how hard it tries. So too man flies with the two wings of rationality, that is to say, with the knowledge of good and evil. The right wing is good knowledge, and the left, evil. Evil knowledge serves the good, and good knowledge is kept in check by the evil, and is even made more discerning by it. Indeed the good is made wise in all things through the evil.<sup>9</sup>

Now, dear son of God, may the Lord raise the wings of your knowledge to straight paths so that although you come into contact with sin through the senses – since man's very nature makes it impossible not to sin – you nonetheless never willingly consent to sin. The heavenly choir sings praises to God for the person who acts in this way, because, although made from ashes, he loves God so much that, for His sake, he does not spare himself, but, totally despising the self, preserves himself from sinful works. O noble knight, be so valiant in the battle that you may take your place in the heavenly choir, so that God will say to you: "You are one of the sons of Israel, because in your great desire for heaven you direct the eyes of your mind to the lofty mountain."

As for all those you called my attention to in your letter, may they be guided by the Holy Spirit and inscribed in the Book of Life (cf. Apoc 20.12]. Moreover, O faithful servant of God, speak specifically to Lord Siger, and warn him not to turn from the right hand to the left [cf. Deut 5.32; Prov 4.27]. For if someone resists a vow that he has made, let him put on the breastplate of faith and the helmet of celestial desire [cf. Eph 6.14ff], and fight manfully. Then, he will successfully complete his journey. And

let him consider the fact that when the first man obeyed the voice of his wife rather than the voice of God, he perished in his presumption [cf. Gen 3.17], because he consented to her. But if the tribulation appears to exceed their powers, let them remember the Scripture: "God is faithful, who will not suffer you to be tempted above that which you are able: but will make also with temptation issue, that you may be able to bear it" [I Cor 10.13]. Thus strengthened by this blessed promise, let him and his wife be of one mind, and let them follow whatever course of action is best, whether suggested by the husband or the wife. And let them not fall prey to that first deception, with the man accusing the woman, and the woman, the man. But let them settle this whole matter according to the will of God. I pray that the fire of the Holy Spirit so enkindles their hearts that they never withdraw from Him.

### Notes

1. This image of herself as a feather borne up by the breath of God is a frequent one in the letters and in the *Scivias*. See Letter 2, n. 3.

2. Hildegard's phrasing here is quite curious: *quamdiu in corporali efficio sum et in anima inuisibili, quoniam in this duobus homini defectus est*.

3. Hildegard always insists that her visions are not the result of ecstasy, that she receives them in full consciousness, "with eyes wide open." See Vol. 1, p. 29, n.

4. Elsewhere, Hildegard stresses the uniqueness of this fully conscious visionary state. Compare the very different mystical experience of Elisabeth of Schönau, who apparently has her visions only in a state of ecstasy. See Letter 201.

4. This entire paragraph and most of the preceding one (beginning "God works His will for the glory of His name") are cited in the *Vita Hildegardis* I.8.

5. Hildegard's words are *scripture, sermones, uirtutes, quedam opera hominum*. *Scripture* could, of course, be rendered as "the Scriptures," and *sermones* perhaps as "sermons."

6. Does Hildegard remember here the verse from psalms 35.10, "*Et in lumine tuo videbimus lumen*," "And in the light we shall see light"?

7. *Et illud uideo uelut in lucida nube firmamentum absque stellis aspiciam*. Whatever Hildegard means by this strange image, it certainly captures the immensity of her vision.

8. This, the first of Hildegard's mystical works, takes its title apparently from a shortened form of the phrase *Sci* (or *Scito*) *Vias* (*Domini*), "Know the Ways (of the Lord)."

9. The plural *cherubim* used for the singular is a common medieval error.

10. In *Scivias* II.v.7 the "chorus of virgins" wear white veils, "because those who strive for the glory of virginity are to protect their minds from all noxious heat, and, adorned with the beautiful splendor of chastity, hold on to the warmth of innocence by their faith." In Letter 52r, Hildegard justifies the veils and crowns that her virgins wear on feast days in answer to charges of immodesty and feminine vanity from a certain Tengswich.

BAIRD, Joseph L; EHRMAN, Radd K. **The letters of Hildegard of Bingen (volume II)**. Baird. New York/US: Oxford University Press, 1998, p. 26-33.

#### 104

#### The Monk Guibert to Hildegard

*Guibert joyfully writes to inform Hildegard that an opportunity has arisen for him to come to see her. Also, with what can only be described as a kind of wild, irrepressible exuberance, he expresses his ecstasy on receiving her first letter. Then, Guibert reports reading the letter before a large group of people, one of whom proclaims Hildegard to be the equal of the greatest theologians in France. After this, Guibert recounts in direct discourse a long commentary by "another person," presumably Guibert himself, again filled with high praise, but this time accompanied by specific details about Hildegard's life. Finally, Guibert cannot, once again, refrain from warning Hildegard of the dangers of pride. This letter is a good example of the inflated and ostentatious rhetoric that is characteristic of Guibert's style.*

To the lady and mother, Hildegard, whom I will always receive with the most sincere affection, Guibert, her servant, with a prayer that she obtain lasting health of body and soul from the God of our salvation [cf. Ps 67.20].

In the first letter that I sent to you, blessed and worthy lady, I asked certain questions and made some personal observations, and thus quite naturally looked forward to a written response from you. In that letter, I also declared, unequivocally, that I had no hope of being able to come to see you – which, most certainly, I would not have done, if, at that time, I had had any notion or intention of seeking you out, lest my own words should convict me of trifling or of untrustworthiness. Still, I know – I am indeed certain – that things impossible for human beings are nonetheless possible with God [cf. Matt 19.26; Mark 10.27; Luke 18.27], to Whom immediately, whenever He wishes, things are possible [cf. Wisdom 12.18].

Moreover, I uttered those words of hesitation not out of any distrust of divine assistance (for it often gives comfort even to the ignorant), but because I am still uncertain whether it would be good for me to make this journey. For experience has taught me very well that God, in His great mercy, has frequently thwarted the ill-considered impulses of my foolish will. Yet, on the other hand, by bringing certain arguments to bear, He has quickened the slothfulness of my soul and recalled me to better things, even when I was striving in precisely the opposite direction. And it is this latter, revered mother – I confess in my great joy – that has happened to me by His grace and by your merits. For although I was doing nothing about seeking you out, or even thinking about it, He, Who, in the abundance of His mercy, exceeds the desires and merits of our prayers, and sometimes even adds what our prayers do not presume to ask,<sup>1</sup> He, I believe, planted the resolve in me and enkindled the desire, when an opportunity and means of visiting you came our way. And He did this, I believe, because He knew that it would be good for me.

Hear briefly the upshot of these matters. Our mutual friend, Lord Siger, a man of notable family, all the more notable for his very clear devotion to God, had delivered my second letter to you, and, having returned from your presence, saintly lady, had been home scarcely a single night before sending word to me. For, behold, the very next morning, he sent a horse for me by a young man I knew well, and summoned me into his presence. And although I did not find him at home when I

arrived, his wife, Elizabeth, herself a very fervent worshiper of God, gave me the letter you had sent me through him, sweet lady, and I received it with reverence and joy. Suspecting that the letter contained something remarkable and magnificent (as indeed turned out to be true), I did not dare to read it until I had prayed. Indeed – if I may reveal the complete agitation of my soul – I was terribly afraid that divine wrath, angered at my sins, would pour some kind of destruction upon me through your mouth immediately, or would at least threaten it for the future.

Therefore, I entered the church next to the house and placed your letter upon the altar. Then, falling to my knees, I prayed the Holy Spirit to make me worthy to read it and to so strengthen the weakness of my heart that I could accept what I would read. Moreover, if any danger lay in store on account of my sins, I asked Him to show me a way to avert it through the prayers of the saints. Then I took up your letter again and read it two or three times in silence. And in sheer wonder at the words, I was, as it were, completely changed and brought almost into ecstasy, for the things said there surpassed my poor powers, and seemed to be more the voice of the Spirit or the speech of angels than of a human being. And so from the bottom of my heart, I blessed the Father of lights [cf. James 1.17], Who spoke and caused light to shine in the darkness [cf. Gen 1.3ff], and Who has filled your spirit with such great brightness that (as you unerringly note in this letter) you are inundated with a double light, ineffable and unending. One of these is with you constantly, that is to say with no intervening fluctuation; the other, only at certain times. Truly, by a special privilege among the women of our time, the light of God's visage has been sealed upon you [cf. Ps 4.7], in order that He might diffuse a salvific joy in your heart.

Truly, in this respect, my lady, your glory is unique! Unique, excepting always, of course, that eminent woman from whom the Sun of Righteousness arose [cf. Mal 4.2], He Who in the radiance of the holy ones was born from the womb of the Father before Lucifer. As the mother of such a one, that woman is rightly called the gate of perpetual light and the resplendent star of the sea. With the exception of her, I say, no other woman in the history of the world save you has ever brought it about that the female sex, which brought the darkness of death into the world, has been marked with the privilege of a greater gift or suffused with such great brightness.

Moreover, I poured out my thanks to our munificent Savior for that other gift, bestowed on you by heaven, for He has poured such grace forth upon your lips that, irrigated in certain parts by the distillation of your words and doctrine, the soil of the Church rejoices, putting forth shoots and producing worthy fruit, through God's kindness. And so let the Church sing a hymn to His name for this voluntary rain which God set apart for His heritage, for He has so magnified your name that your praise will never cease from the lips of men.

Finally, I am very grateful to you, sweet lady, commending you to God. For I have been granted my highest desire, since, as I gather from your words, you have deigned to give me a high place among your special friends, unworthy and undeserving though I am. Thus when you unlocked the chapel of your radiant heart to me, you made known to me the manner and quality of your enlightening more clearly than to anyone else so far, as may be inferred by those who have read your writings.

Assuredly, you have weighed my request and your generosity in your honest scales [cf. Lev 19.36; Job 31.6; Ezech 45.10], judging it right to open the chamber of love to the eye of love and to make me a participant of that exultation, of that delightful secret, not as a spy but as one who takes delight in your joy. You willingly did this for me because the door is opened to the one who knocks [cf. Matt 7.7]. Why,

therefore, should my heart not exult in the Lord, my mouth be filled with jubilation, my lips rejoice, since I was uttering with my mouth, proclaiming with my lips, and turning over in my heart those words that were sent out especially to me, words which you could not have learned from your own self, nor from any other human being, but which could only have come in a supernal vision?

Now, however – to turn from my expression of admiration for you to speak, for a moment, of myself – I was burning with no little embarrassment, and my heart was palpitating with fear when, in one part of your letter, the weakness of my conscience and the inconstancy of my character were laid bare, while, in as another – with me reading these words in open public<sup>2</sup> – you called me, variously, "servant of God" or "son of God" or "worthy knight." Venerable mother, may almighty God have mercy on you!<sup>3</sup> What kind of burden have you imposed on me, an inept and indolent creature? You will see in what spirit you have made such pronouncements. Where, after all, do such qualities as these appear in me? If anyone but you were saying such things, I would reject them out of hand, accounting them as lies or mere flattery. Yet I do not dare to contradict your words, which flow, as you assert, from the supernal fountain. Still, I suffer some little agony of turmoil about myself within my being when I contrast what I hear from you with what I know to be true about myself. Nevertheless, because I believe that you are neither willing nor able to lie, let it be done to me according to thy word [cf. Luke 1.38], whatsoever my real condition. That is to say, with the Lord's help may I become a servant, serving with my whole heart, and a son in my devoted imitation of His Son. And, since the life of man on this earth is a state of war, may I become an approved knight of God, recovering from my weakness and made strong in battle, fighting manfully against vice and the demons that instigate vice. And so that I may not lack your aid also in this battle, pray to Him, Who "knoweth the high afar off" [Ps 137.6], and regards humble things up close, both in heaven and on earth, pray to Him that He not allow my heart to be destroyed by a calamitous outcome, on the one hand, nor, on the other, to exult when the battle goes my way. And pray that He keep my eyes from being lifted up in pride with a desire to walk among the mighty or meddle in things too high for me [cf. Ps 130.11], but may He make me humble and poor in spirit, trembling at His word [cf. Is 66.2], so that He may deign to gather me with the meek of the earth and regard me with compassion.

Meanwhile, when day was beginning to turn to evening, Lord Siger returned home, and when he saw me, smiled graciously and directed to me the greetings you had entrusted to him. And when he learned that I had read your letter, he said, "I pray that you will expound it to me in French, lest I be like the ass that carries the wine but does not taste it." And although he kept urging his request, with some little difficulty I got him to put the matter off until the next day, for it was already evening. Later, seeking to fulfill his desire to the best of my ability, I attempted to satisfy him in this difficult matter, in the presence of a number of people, both clergy and laity. Then, awe seized everyone, and, filled with wonder, they all gave thanks to Wisdom, and to the Spirit that was speaking through its instrument, that is, your mouth. All of these people, of varying rank and age, kept insisting – indeed demanding – that I fulfill this difficult task of translation, unwilling though I was. Yet how gladly they listened to that letter of yours, how eagerly they had copies made, how enthusiastically they read and praised it-not just individual readers but almost the entire church!

Hence it is that when that letter was read to Lord Robert, former abbot of Val-Roi and a man of great reputation and learning, he sat quietly, shaking his head time and again. He was so moved that he burst out in a way that could scarcely have been anticipated, though still with dignity, and he testified that the words he had

heard could have come from none other than the Holy Spirit. "I believe," he said, "that not even the greatest theologians in France today, however great their intelligence, could completely comprehend the power and depth of some of the words found in this letter, except through the revelation of that same Spirit which inspired them.<sup>b</sup> They prattle with parched heart and blathering cheeks, reveling in questions and battles, from which quarrels arise. And, all the while, they don't have the slightest idea what they are talking about. Thus they enmesh themselves – and others – inextricably in the entangling coils of contention.<sup>4</sup> But this blessed lady, constantly disciplined, as I hear tell, by the whip of infirmity, and restrained by her own will, contemplates the one thing that is alone necessary, the glory of the Blessed Trinity, in the utmost simplicity of heart. Mild and gentle in heart, she drinks from that fullness within herself and pours it out of herself to relieve the thirst of those who thirst."

Another person added comments that quite agreed with this. "It is nothing new or unusual," he<sup>5</sup> said, "for the souls of men to be illumined by the various gifts of the Holy Spirit. As the Apostle says, 'every one hath his proper gift from God; one after this manner, and another after that' [I Cor 7.7], and in another passage, 'now there are diversities of graces, but the same Spirit' [I Cor 12.4], 'dividing to every one according as he will' [I Cor 12.11]. A new sign of sanctification at length shone forth among our predecessors, about which we solemnly sing:

Today He has bestowed  
upon Christ's apostles  
a singular gift,  
Unheard of in any generation.<sup>6</sup>

This refers, of course, to the flickering tongues of fire sitting on each one of the apostles, from whose mouths came forth all manner of tongues [cf. Acts 2.3-4]. Just so, beyond doubt, this too is a new kind of illumination by which this lady is granted clear sight. And unlike others who see divine things in sleep, or in dreams, or in ecstasy, she perceives those things shown to her, wondrous to say, fully awake, irradiated, as she herself declares, in a certain eternal light, which she calls the shadow of the Living Light. And during such visions, she is always alert and self-controlled. Furthermore, if she sees certain things in enigmatic terms, there are many more that she observes with a pure, veracious understanding, with all mystic appearances removed, and she is so much at peace in either mode that she cannot be drawn away from the contemplation of inner things by noticing exterior things.

"Moreover, this gift of hers exceeds the illumination of all others, because the words that she hears in those visions have the double effect of fire in her: she both burns and shines in them. And, also, in that Light (by which she has been illumined from childhood, and which she still enjoys to this day) her spirit is exalted and expanded, since she not only gains an understanding of the Holy Scriptures but is also made capable of seeing into certain (if not all) works of men, however far distant they are from her. The blessed Gregory testifies to the uniqueness of her gift by his evidence to the contrary,<sup>7</sup> for he maintains that the spirit of prophecy does not always irradiate the minds of the prophets, citing two passages from the Scripture in proof in one David asks Nathan about the building of the temple, and Nathan at one moment grants, at the next forbids it [cf. II Sam 7.2ff]. It is clear that he would not have done this if the spirit were continually present. In the other passage Elisha speaks to Giezi concerning the Sunamite: Let her alone for her soul is in anguish, and the Lord hath

hid it from me, and hath not told me' [II Kings 4.27]. And since 'deep calleth on deep' [Ps 41.81] in the height of divine revelations, it follows that this illumination in her is totally new, and surpasses all others up to the present time. For on those rare occasions when she enters the mystery of the Living Light, as she herself testifies, she seems to herself to be completely transformed, as it is written thy youth shall be renewed like the eagle's' [Ps 102.5]. And just as she feels herself to be a young girl again, she completely forgets all troubles that have befallen her – infirmity, sadness, pain, and the feebleness of her advanced years – and carried away by the sweetness of the symphonic harmony, a delight inexpressible to her and inconceivable to us (since, although well known to her, it surpasses our senses), she, mentally, grows quiet and sleeps in peace in that Light, while, physically, she is fully awake [cf. Ps 4.9].

"Moreover, returning to ordinary life from the melody of that internal concert, she frequently takes delight in causing those sweet melodies which she learns and remembers in that spiritual harmony to reverberate with the sound of voices, and, remembering God, she makes a feast day from what she remembers of that spiritual music. Furthermore, she composes hymns in praise of God and in honor of the saints, and has those melodies, far more pleasing than ordinary human music, publicly sung in church.<sup>8</sup> Who has ever heard such things said about any other woman?

"And so what does it matter if she is ignorant of the liberal arts and grammar? And what does it matter if she does not know anything about the agreement of cases, inflections, genders, numbers, degrees, or anything else of that kind?<sup>9</sup> She is, for all that, refulgent with such extraordinary learning, and possesses such a great understanding of the Scriptures that, as we read of St. Martin, she is ready to answer biblical questions on the spot. And in ordinary conversation she is articulate and lucid, always ready to answer whatever is asked of her. Nor has it been her custom to do this impudently and petulantly, as one might, but, quite the contrary, when she has a ready answer, she pours forth what has been distilled to her without delay. If, however, she is not prepared to answer immediately, she prays, with seemly delay and humble devotion, for things which are unclear to her or of which she is ignorant to be opened up to her by the One Who reveals mysteries. And when she receives what she seeks from the largess of the One Who breathes where and when He will [cf. John 3.8], in absolute faith she imparts to those who question her the abundance of blessing she has received – without ill-will or refusal.

"This woman abundantly proves St. Gregory's dictum that 'the gift of the Holy Spirit is not constrained by law.'<sup>10</sup> And rightly so, since she neither allows herself to be separated from the One because of the love of another, nor to be bound by the law by subjecting herself to the power of a man through marriage. Rather, called to freedom of spirit, she keeps the faith to that One alone, to Whom she has proved herself and Whom she desires to please with a holy body and spirit. In this way, she surpasses other women, who bear the burdens of marriage.

"The Apostle does not allow a woman to teach in church [cf. I Tim 2.12], but, through the gift of the Spirit, this woman is absolved from that prohibition, and, having been taught by His instruction, she has come to know that Scripture very well in her heart: 'Blessed is the one whom thou shalt instruct, O Lord: and shalt teach out of thy law' [Ps 93.12]. And ignorant perhaps in word, but not in knowledge, she teaches many through her sound doctrine, pouring forth abundantly from her two breasts, as it were, the milk of consolation for the ignorant and the wine of correction for the strong. But although the divine anointing teaches her within about all things, and

commands her, as we find in her writings, to disclose faithfully and openly for the instruction of her hearers what the Spirit intimates to her secretly, she nevertheless bears in mind her sex, her appropriate condition, and especially the Apostle's aforementioned prohibition. She is obedient to the Spirit, and does not contradict the Apostle sent by the Spirit, but, rather, she educates the Church with books and sermons wholly consonant throughout to the Catholic faith, teaching in the Church, but not after the fashion of those who are accustomed to harangue the people.

"The Apostle also commands women to cover their heads with veils [cf. I Cor 11.5ff], not only out of respect for discipline but also as a commendation either to some mystery or to the submission they are obliged to observe. Yet this woman is not obliged to wear the kind of veil that wives commonly wear, although some kind of veil is required. For in her great loftiness, she transcends the lowly condition of women. And she is to be compared to the most eminent of men, for 'beholding the glory of the Lord with unveiled face, she is transformed into the same image from brightness unto brightness, as by the Spirit of the Lord' [II Cor. 3.18]

"How appropriate 'from brightness unto brightness' is for one whose spirit is always illuminated by the various shifts and welcome approaches of that Light, which, as we said above, she has learned to call the shadow of the Living Light, and, carried off into that same Light of Life, she gives thanks to God, saying, 'Thou shalt fill me with joy with thy countenance' [Ps 15.11], and 'the light of thy countenance, O Lord, is signed upon us' [Ps 4.7], 'for with thee is the fountain of light; and in thy light I see light' [Ps 35.10]. When, on those rare occasions, she is inundated and carried off by the radiance of that Living Light, she is so totally, miraculously, changed, as her friends as well as her writings testify, that from the very gain in spiritual and bodily strength, one can tell to the minute when that fiery torrent flows into her, of which torrent it is written, 'suddenly there came a sound from heaven, and like a torrent of wind it filled the whole house' [Acts 2.2], and 'A divine fire came, a fire not burning but illuminating, blazing but not consuming, and it found the hearts of the disciples to be clean vessels, and it imparted to them the gifts of the spirit!' Then she becomes more lively in spirit, more spirited in expression, sharper in perception, readier with her words, and more agile in her body. Thus although at other times she never went anywhere without being assisted by one or two nuns, at that time, miraculously strengthened, she walks easily without any assistance whatsoever, to the great wonder and joy of those who are present.

"But why should one wonder if by that Majesty, by whose nod all things move, she is able to do that which, by herself, she is not able to do? Do not the words of that Lady, blessed above all women, apply here, if not literally, at least as a very clear sign? That Lady, through whom the restored human race rejoices, said while gestating our salvation in her womb, 'Daughters of Jerusalem, why do you marvel at me? This mystery which you see is divine.'

"Another miraculous thing is reported of her, which her friends, who have frequently witnessed it, assert to be true: sometimes she fails to obey a divine command to write something or to go out to other monasteries, far or near, in order to admonish the faithful or, where necessary, to correct certain problems. And whether this failure of hers is due, God forbid, to sloth or obstinacy, or whether it is to be blamed on feminine dread or virginal shamefastness (lest it be said that she did it through presumption or through her own will), whatever the reason, she is immediately scourged doubly by the whip of illness, and by a clear sign she utterly closes up the mouths of those who speak evil of her [cf. Ps 62.12], for her body suddenly becomes so totally rigid that it appears not to be human flesh but

unbending wood, and this rigidity is never relaxed until she fulfills those commands."<sup>11</sup>

After your letter was read, and he saw the astonishment of those who heard it, he became not an envious, but a well-wishing preacher of your glories, reverend mother, and he spoke of grace divinely bestowed upon you, making those listeners even more fervent in praise of God and in admiration of you. Everyone agreed that that same God, Who is always marvellous in His saints [cf. Ps 67.36], was manifested in you. And by His gift and the glory of virginity, you shine unburnt in the middle of the Babylonian furnace [cf. Dan 3.19ff], and, having drunk of the fountain of life, you pour forth sweet honey and rich butter to us who hunger.

Now, concerning those things which many people say about you in our region, holy mother, this will suffice at present. For if I go beyond measure in this matter, someone who does not know my heart might think I am currying favor with you through flattering words, and you, either troubled by this praise or terrified by it, might become angry with me. Indeed, if I may speak the truth, it is better for you to be terrified than to be delighted, for it is certainly true that to wish to have a praiseworthy name without a praiseworthy life is certain damnation. That man of the highest perfection!<sup>12</sup> says, "I do not consider that I have achieved anything" [Phil 3.13] in any Christian battle. Also it is written, "when a man hath done, then he begins" (Ecclus 18.6). Moreover, as a certain wise man says, praise of a man, if true, is a proclamation, if false, a condemnation. Thus it follows that nobody, although conscious of no crime or sin in himself, should take pride, but should fear. And anyone in a good situation should desire and seek more earnestly to have good work than to have a good name, and he should not boast in himself to his ruin, but in the Lord to his benefit, for not the one who commends himself but the one whom God commends is worthy [cf. II Cor 10.18].

### Notes

1. The letter part of this sentence about God's mercy is from *Oratio Dominica XI post Pentecosten*. See P. Bruylants, *les Oraisons*, n. 770.

2. Guibert anticipates himself a bit here. But he does read the letter in public, as he makes clear below.

3. With this expression of humility, cf. Gregory, *Dialogues* 2.33. PL 66, 196 A.

4. Here again, one can see the friction developing between the old monastic order and the new spirit developing in the universities, which will come to full flower in the age of scholasticism.

5. Derolez notes that this is "sans doute Guibert lui-même."

6. Notker Balbulus, *In Pentecoste*, 23. In *Analect Hymnica*, 53, p. 120.

7. See Gregory, *Dialogues*, 2.21. PL 66, 174 A.

8. Barbara Newman (*Symphonia*, p. 9) writes of Hildegard's music: "We know that the *Ordo Virtutum* was intended for performance by Hildegard's nuns, and after that artistic triumph, she may well have prepared additional if less ambitious 'dramatic programs' to enhance the monastic liturgy. I suggest that she composed her songs not to fulfill a conceptual scheme but to suit particular occasions, integrating them with suitable homilies, prophecies, and dramatic exchanges."

9. See Introduction, Vol. 1, pp 6-7.

10. Cf. Gregory, *Dialogues* 1.1. See PL 77, 156 C.

11. When Kuno, abbot of St. Disibod, refused to give his permission for her move to Mount St. Rupert, Hildegard took to her sickbed with a paralyzing illness. Lying rigid and stiff, she could not be moved, even though Kuno attempted with all his

strength. Convinced, Kuno granted his permission, and Hildegard rose from her sickbed immediately. *Vita S. Hildegardis* l.v.34 43.

12. That is, St. Paul.

BAIRD, Joseph L; EHRMAN, Radd K. **The letters of Hildegard of Bingen (volume II)**. Baird. New York/US: Oxford University Press, 1998, p. 34-39.

105

### The Monk Guibert to Hildegard

1176

*Guibert reports having visited Hildegard in the fall. On the way back, he notes, he stopped at the abbey at Villers, where he read the letter he had received from Hildegard earlier, adding details he had learned while visiting at Mount St. Rupert. The monks were so impressed that they wrote their own letter, along with thirtyfive questions (which Guibert appends) for Hildegard to answer.*

To the holy mother and lady Hildegard, Guibert sends filial service with reverence. Proper reverence.

When I returned from my visit with you last autumn, blessed lady, before returning to the chamber of my mother, that is, the church at Gembloux, I turned aside to the abbey at Villers to visit my most reverend brothers and masters. In the presence of the abbot and those brothers, I read and reread that letter I had received from you through the agency of Lord Siger. I added also that information which, from your God-given wisdom, you imparted to me during my brief stay with you, for, at that time, day and night, I hung on your every word. When they had heard all these things, their spirits were enkindled with such great ardor of learning from you that they unanimously formulated the appended questions for you to resolve for them, and directed me as your particular friend to get them to you, along with the following brief letter:

*To the virgin and servant of Christ, Hildegard, the brothers of the monastery at Villers.*

*O most holy mother, beloved of God and men, your presence is lovely and gracious, and your memory is ever blessed, because through you and in you the Lord has done a new thing on earth. For He has illumined you miraculously with a new kind of sanctification, not with the untaught words of human wisdom but with the teaching of the Spirit, and He has filled you with the spirit of understanding [cf. Eccclus 39.8] so that through you He might open up the secrets and mysteries of His wisdom [cf. Ps 50.8] to the faithful. Casting ourselves at your feet, revered lady, we sincerely pray that, to the best of your God-given powers, you will deign to give us answers to the appended questions through the love of Jesus Christ. In this way, you will "give knowledge of salvation" [Luke 1.77] to us who "sit in darkness, and the shadow of death so that we may direct our feet in the way of peace" [Luke 1.79]. Farewell.*

To their petition I add my own. Your faithful servant, I join these and the many others who make supplication to you, beseeching you to gird yourself for this task we most earnestly hope you will undertake, since divinity itself has been called to our assistance, and to perform without delay this labor which will benefit the whole Church. It will, of course, be up to your judgment to sort out—and therefore touch upon only briefly—the easier questions or those already discussed the fathers from

more obscure ones fully elucidated that will require more of your such as those concerning the soul, those that deal the distinction between the *nativity* the Son *procession* of Holy Spirit, as others kind. By earnestly considering these matters and fully resolving them so that even the simplest soul can understand them, you will make available the goods of your house to the poor so that they may eat and be satisfied [cf. 21.27]. Thus you yourself will provide them with the material for praise, and their praises to Lord will reflect your success. So the glory of His name, Who makes His miracles memorable and gives food to those who fear [cf. Ps 110.4-5], let it be said of them, "So they did eat, and were filled exceedingly, and he gave them their desire: they were not defrauded of that which they craved" [Ps 77.29-30]. Not content with just once, I advise, I pray, I beseech you again and again to knock at the door of the Lord with untiring prayer for the solution of each of these questions, until, admitted into His sanctuary, you understand all of them, and then, coming forth to us again with radiant face, you illumine the darkness of our ignorance with the splendor of God's revelations.

Sometimes holy prophets, when they are consulted, offer things out of their own spirit merely from the habit of prophesying, although they are thought to speak from the spirit of prophecy—as St. Gregory himself testifies.<sup>1</sup> This, above all, you must beware of, lest when you are strong with the great grace of the Spirit, you have too little discernment of spirits, and whatever you see in your spirit, you immediately impute to the Holy Spirit, saying, "I heard and saw these things in the Spirit." Beware of this, unless He who scrutinizes even the high things of God indicates what you are to say by a clear manifestation. Thus in accordance with him who said, "The Lord hath hid it from me, and hath not told me" [II Kings 4.7], it is much safer and much more praiseworthy to humbly confess one's ignorance in matters so obscure and remote from human comprehension than to ill advisedly build up something new that is not subject to proof.

If you are, by chance, aware that you have already answered some of those questions in one of your written works, would you please tell us where that answer is to be found, or, as I prefer, have it copied out for us just as it appears in the original.

Recently, after the Feast of the Purification of St. Mary,<sup>2</sup> when I went to Villers, once again, to visit your sons Siger and Anselm, who are novices in Christ's army, the monks there demanded to know whether or not I had sent those questions to you that we have been discussing. When I tried to excuse myself on the grounds that no dependable messenger had been available to me, they rejected my every excuse and accused me of laziness, for they were greatly distressed that I had delayed so long.

In the meantime, while I was staying there, Peter, a cleric of Villa Monasterias, a man of my acquaintance, arrived on his way back from Jerusalem. And since he had passed through your region on his return, he unexpectedly brought a letter from you. In this letter you send gracious consolation to those aforementioned novices, but underlying all was the mournful sorrow of your soul at the death of Volmar, your provost.<sup>3</sup> When we read the letter, we rejoiced at the zealous kindness and diligence you have shown your friends, even though they dwell far from you. At the same time, however, we groaned in commiseration at the misfortune of your house on the loss of that staff which provided support for you, With due observance of masses and prayers for your friend who has returned to his home in heaven, we have, however, fulfilled your request—and we continue to do so. Also, we have asked all our friends and associates to do the same.

When I returned to the monastery at Gembloux, I heard, quite unexpectedly, that our lord abbot was preparing to go to St. Quirin to pray, and that he was arranging, if possible, to return through your region. I was filled with great joy when I heard this. I immediately began to work on this letter, intending to send it to you by way of those who were accompanying him on the trip. But, although such a thing was beyond my hopes, the crown of rejoicing [cf. Ecclus 1.11], so to speak, was set on my head, because, for whatever reason, I was chosen to accompany him on the journey. Thus I could be confident that soon I would be able to hand that letter to you personally, from my hands, as they say, to yours.

The following are the questions<sup>4</sup> which the reverend brothers are sending to you, saintly lady, for answers:

1. How is the Scripture "He that liveth for ever created all things at once" [Ecclus 18.1] to be understood, since it is written elsewhere that God divided his works over a period of six days [cf. Gen 1]?

2. What is the meaning of the Scripture "He divided the waters that were under the firmament, from those that were above the firmament" [Gen 1.7]? Are we to believe that the waters above the firmament are physical waters?

3. How is the passage "A spring rose out of the earth, watering all the surface of the earth" [Gen 2.6] to be understood?

4. Before the first human being sinned, he saw God with his bodily eyes. Will we also see Him with our physical eyes, although the Apostle says that in the resurrection we will be given spiritual bodies [cf. I Cor 15.44ff]?

5. What kind of speech and form did God employ when He appeared to the first human being to give him a command [cf. Gen 2.16-17], and what form did He assume when He walked in the garden after mankind's sin [cf. Gen 3.8]?

6. What sort of eyes were opened in our first parents after their sin, since they both had sight beforehand, for the Scripture says, "the woman saw the tree" [Gen 3.6]?

7. What did the Lord mean when He said, "Behold Adam is become as one of us, knowing good and evil" [Gen 3.22]?

8. What is the meaning of this passage: "Sevenfold vengeance shall be taken for Cain: but for Lamech seventy times sevenfold" [Gen 4.24]?

9. Since, as we believe, both Enoch and Elijah were bodily taken into the earthly paradise [cf. Gen 5.24, II Kings 2.11; Ecclus 44.16, Heb 11.5], are we to believe that they had need of physical food and clothing in place of such bliss?

10. In what part of the earth are we to believe that paradise was situated?

11. What is the meaning of the Lord's words to Noah and his sons "I will require the blood of your lives at the hand of every beast, and at the hand of man" [Gen 9.5], and again in the next verse, "Whosoever shall shed man's blood, his blood shall be shed" [Gen 9.6]?

12. What kind of bodies did those angels who appeared to Abraham have, those whom he served with the finest flour, a calf, butter, and milk [cf. Gen 18.1ff]? Do angels have physical bodies like human beings? And are they breathing creatures like men, save that they are immortal, a state which human beings have not yet achieved? Moreover, do angels alter and change their bodies into whatever shape or form they wish when they desire to be seen, by condensing and solidifying them as much as they like? Further, since in their essence they are impalpable and invisible to our sight because of their rarified nature, do they exist as an uncompounded spiritual material, taking on physical bodies when necessary and

then putting them aside when their duty has been fulfilled, reverting to their original essence?

13. Why does Abraham command his servant, and, likewise, Jacob command his son to take the oath by placing their hands under the thigh [cf. Gen 24.9; Gen 47.29]?

14. Why were the holy patriarchs so desirous of being buried in the double cave that Abraham bought from the sons of Heth [cf. Gen 23.8-9; Gen 25.9-10; Gen 49.29]?

15. Was it a real fire that Moses saw burning but not consuming the bush [cf. Ex 3.2], and, similarly of that one which blazed on Mt. Sinai [cf. Ex 19.18], or the one which fell like tongues on the disciples at Pentecost [cf. Acts 2.3], or the one which appeared on the head of St. Martin as he was celebrating the sacraments?

16. What is the meaning of the passage about the ark in the book of Kings. "There was nothing in the ark except the tables of the covenant" [cf. I Kings 8,9], while in the Epistle to the Hebrews, we find, "After the second veil, the tabernacle, which is called the holy of holies: having a golden censer, and the ark of the testament covered about on part with gold, in which was a golden pot that had manna, and the rod of Aaron, that had blossomed, and the tables of the testament" [Heb 9.3-4]?

17. Are we to believe that Samuel was called back to life at the summons of the sorceress [cf. I Sam 28.7ff]? What is the meaning of the verse about Jonathan eating the honey: "His eyes were enlightened" [1 Sam 14.27]?

18. What does the Apostle mean when he says that he was snatched up into the third heaven, not knowing whether he was in the body or out of it [cf. II Cor 12.2-3]? Did he go out of the body when his spirit was snatched there, or did he arrive there while still in the body, and thus vivify it?

19. And what does the Apostle mean when he says, "Every sin that a man doth, is without the body; but he that committeth fornication, sinneth against his own body" (I Cor 6.18)?

20. What does he mean when he says, "If I speak with the tongues of men and of angels" [1 Cor 13.1]? What are the tongues of angels?

21. What is the meaning of "length," "height" and "depth" in Ephesians (cf. Eph 3.18)?

22. What is the meaning of the passage about the Lord, "And the a came and ministered to him" [Matt 4.11]? In what way did they minister to him? What sort of ministering was involved?

23. Where are we to believe the Lord was from the day of the Resurrection to the day of the Ascension when he was not with the disciples?

24. Since we believe that new souls are newly created from nothing by the providence of the Creator, and that these animate the bodies of infants still in the womb of the mother, how do they contract the pollution of original sin, and how can they be justly punished?

25. What is the Apostle's meaning when he says, "For in him we live, and move, and are" [Acts 17.28]? Likewise, what does he mean by this, "A night and a day I was in the depth of the sea" [II Cor 11.25]? Finally, why does he say, "I am the least of the apostles" [I Cor 15.9] when he worked harder than any of the others?

26. In the Gospel, the Lord says of Himself, "From God I proceeded, and came" (John 8.42), and of the Holy Spirit, "The spirit, who proceedeth from the Father" [John 15.26]. What is the difference between the "procession" of the Son and the "procession" of the Holy Spirit. For He is called the Son, which cannot, and ought

not, to be said of the Holy Spirit. What is the difference, then, between the begetting of the Son and the "procession" of the Holy Spirit, since both of them come from the Father?

27. What do the grace of God and free will have in common? What are the unique qualities of each?

28. How are we to understand this passage, "Thou hast ordered all things in measure, and number, and weight" [Wisdom 11.21]

29. What is the nature and quality of that harmony of elements, about which it is said, "While the elements are changed in themselves, as in an instrument the sound of the quality is changed" [Wisdom 19.17]? Does not what the Lord says in another passage relate to this, "Who can make the harmony of heaven to sleep" [Job 38.37] Since wicked thoughts frequently come forth from the human heart [cf. Matt 15.19], is it possible to know which come from our own corrupt, depraved nature, and which from the instigation of the fallen angels?

30. Can bodily things be seen with spiritual eyes, and, vice versa, can spiritual things be known through bodily sight?

31. Does the fire of hell [cf. Matt 5.22] have a physical nature or not? If it is physical, as many of the faithful maintain, are we to believe that it is compounded from the four elements?

32. Regarding the various parables in the Gospels, such as that about the man who fell in with thieves (cf. Luke 10.30ff), or about the king who a wedding feast for his son (cf. Matt 22.2ff), or about the ten virgins (cf. Matt 25.1ff), etc. Did these events actually happen, or are they used only as a simile to make a point about something else?

33. Since in terms of the soul alone, Abraham and Lazarus are at rest, and the rich man is in hell [cf. Luke 16.19ff], what do the "bosom" of Abraham, the "finger" of Lazarus, and the "tongue" of the rich man signify?

34. What special significance is there that, according to the writings of Bishop Gregory of Tours, St. Martin was shown so many times in the midst of fire?

35. If the blessed Nicholas did not appear in his own body to the sailors, some sleeping, some waking, as well as to both Constantine and the prefect,<sup>1</sup> then in what sort of body did he appear? Also, when Peter and Paul and other saints, whose bodies have been interred, are seen by people, some sleeping, some waking, in what kinds of bodies do they come?

### Notes

1. *Homiliae in Hiezechibelem Prophetam*, l.i. 304-7.

2. February 2.

3. Actually, Volmar died some three years earlier, in 1173. The reference here is apparently a mistake for Gottfried, Volmar's successor as Hildegard's provost and secretary, who died early in 1176.

4. With these difficult and sometimes seemingly frivolous questions, one might compare the *Problemata* Heloise sends to Abelard for answers. The questions are quite similar, especially with respect to seeming contradictions in the Scripture.

5. For the Nicholas legends, see Jones, *Saint Nicholas*.

BAIRD, Joseph L; EHRMAN, Radd K. **The letters of Hildegard of Bingen (volume II)**. Baird. New York/US: Oxford University Press, 1998, p. 46-48.

109

### The Monk Guibert to Hildegard

1177

*Guibert expresses his great joy that Hildegard is still alive, and, inevitably, asks her to continue working on the answers to the questions while she is still among the living. He also expresses his desire to gather all the letters that have passed between the two of them into a single volume.*

Guibert to his most holy mother, Hildegard, with his prayer that she gain eternal salvation in the Lord.

The sword of grief that pierced my soul when the news of your death was spread among us was at last, after some long delays, removed when sister Mathilde returned from your presence, blessed lady. After long delays, I say, because when she left us to seek you out before the Festival of All Saints, we thought that she would return no later than the Octave of St. Martin. Yet, impeded by some misfortune, she was delayed until the Octave of Epiphany.<sup>1</sup> Because of so long a delay, therefore, we thought that she had either fallen ill or had died on her journey. Then, returning unexpectedly and reporting that you had recovered from a serious illness, she poured joy and happiness into my ears, rejoiced my spirit, and opened my mouth to give thanks after such great grief. For, although I do not deserve it, I earnestly hope and desire, God willing, to be nourished by the breasts of your maternal consolation [cf. Is 66.11] for a long time still.

And so, O mother and lady, while you have life and wisdom, I beseech you to press on with the work you have undertaken of answering those questions, and never cease to pray continually to our Lord for my innumerable sins. He knows how far short I have fallen, and how much I need His great mercy and aid.

Once again I commend that young man to you whom I commended to you in my first letter, saintly lady, this time even more earnestly, because Satan has sought him out for special temptation, and he has been sifted in the sieve of temptation for a long time. And, alas, he has yielded to the tempter in many things, fearlessly pursuing a young man's desires. Be mindful of that young man whom the blessed evangelist John mercifully restored to the Church, and even put him in high office, after he had been drawn away from his lawlessness and absolved by his subsequent penitence and many good works.<sup>2</sup> Just so, please pray constantly for this young man that God, "Who commanded the light to shine out of darkness" [II Cor 4.6], will take back that lost vessel, wash it of its pollution, and make it a vessel of election and grace in His house [cf. Acts 9.15], for God patiently suffers vessels of wrath and disgrace, even vessels deserving death [cf. II Tim 2.20]. Pray also that God will grant that young man the strength to avoid deadly delights. And if God chooses to reveal it to you, I would like to know what I myself should do in his case. For if it is foreknown that he will continue in the hardness of heart [cf. Eccles 16.11] that now holds him down, I would neither throw a saint to the dogs, nor cast the pearls of Christ's word before swine [cf. Matt 7.6], in my fear to counter God's judgment. And I would not want to cultivate barren soil that has been cursed, though God forbid that this be true

in his case! But if I knew that he was to share in the inheritance of the saints [cf. Col 1.12], I would more frequently salve his many festering wounds with the tough medicine of exhortation, so that he could be brought back to health. Moreover, through my spiritual friends I would bring about a continual outpouring of prayers to God for him, so that with that balm poured around his wounds, his yoke would be broken [cf. Is 10.27], and he would shatter those fetters of impiety that now hold him tightly bound. Thus called back to the liberty of the glory of God's sons, he will be able to sing in exultation [cf. Ps 115.16]. O Lord, "thou hast broken my bonds: I will sacrifice to thee the sacrifice of praise" [Ps 115.16].

Moreover, there are two clerics that I love very much. One is William of Namur, a man of ethical life, gracious and highly honored, not just by me (lest I seem to be deceived from some personal interest) but also by everyone who makes his acquaintance. For he is a man of solid integrity, one truly to be venerated. The other, Bovo by name, is a very mild-tempered young man among the community here at Gembloux. I beseech you to pray to God that, in His benevolence, He may deign to so mold them that they will illumine and aid either our monastery or some other.

I pray also that you not cease to pour out your prayers for my beloved Robert, the scribe of the present letter. For recently by God's grace and our admonition he has turned from the vanity of the world and now labors under the banner of Christ's army. Thus your prayers may call forth the mercy of the Eternal King, Who may look upon the first service of His future soldier with kindly favor. Then he will be protected from all the weapons that the malicious disturber, the devil, uses to terrify tender novices, and he will be able to direct his course through the crises of the present life as faith billows his sails, and the Holy Spirit grants him a welcome, favoring breeze until he is brought safely through every and is anchored in the peaceful harbor, that is, in the security of eternal beatitude, which he longs for in answer to his vows.

Through your sweet mouth, let me dutifully greet the sacred convent of those sisters who serve God under your direction. Please have them pray for me and for all those whom I have entrusted to Christ's mercy. Beseech the Holy Spirit especially to remove carnal desires from us and to cause our hearts, which have so far been dark and slothful, to burn with the heat of His love and to radiate with His light.

Would you please send the present letter back to me, and also whatever letters I or the brothers of Villers have sent to you at various times up to the present. For it is my intention to gather all our letters, yours to me and mine to you, into one volume and to preserve them not only for my consolation but also as a means of exciting divine wonder for His gifts to me in those who will by chance deign to read them. Farewell in Christ to you and yours.

### **Notes**

1. The delay was long indeed. She left before November 1 (All Saints Day) and did not return until January 13 (the Octave of Epiphany). The brothers had reasonably expected her to return at least by November 18 (the Octave of St. Martin).

2. See *Virtutes Iohannis*, iii.66-82. In *Acta Iohannis*.

BAIRD, Joseph L; EHRMAN, Radd K. **The letters of Hildegard of Bingen (volume II)**. Baird. New York/US: Oxford University Press, 1998, p. 122-123.

**Mainz (?)**

**169**

**A Community of Brothers to Hildegard**

1163

*The brothers have heard that Hildegard has written against the heresy of the Cathars, and they write to request a copy of her treatise.*

To the dear lady and most holy mother, Hildegard, servant of Christ and mistress of the sisters in the monastery of the blessed Rupert in Bingen, from the whole community of the brothers of St. N., with a prayer that she be granted to walk with consent in the house of God [cf. Ps 54.15], and be pleasing to the Bridegroom of virgins in this valley of tears [cf. Ps 83.17].

Because it is proper that we look to God's will in matters that concern us, we flee to the refuge of your compassion, pious lady. For God has regarded you and has marvellously endowed you with a divine gift – a gift unheard of in our time – and, in accordance with God's bidding, you employ that gift not for yourself alone, but for the benefit of many others. Indeed, having seen and heard the miracles that the Lord works through you, we offer to God our resounding praise, unworthy as it is. But because we frequently neglect God, we are crushed by numerous tribulations, afflicted by countless disasters, and subjected to anxieties without number. And so lest despairing, we perish, it is proper – as it is necessary – for us to flee to those who devoutly love God, and who, with Mary, have chosen the best part [cf. Luke 10.42], so that we may seek their counsel and help. We have heard from truthful persons that you have written against the heresy of the Cathars, just as you learned to do through a vision of the secrets of God. We devoutly ask that you send this writing to us, for we have greater faith in revelations and responses from God than from man. And so we commend ourselves to your saintly prayers, asking you to kindly send to us whatever your Bridegroom, the Lord Jesus, deigns to reveal to you concerning these matters.

Farewell.

**169r**

**Hildegard on the Cathars**

1163

*This is Hildegard's treatise against the Cathars,<sup>1</sup> in which she cites liberally from the apocalyptic biblical books of Daniel, Isaiah, and Apocalypse.*

In the month of July of the present year, which is one thousand one hundred and sixty-three from the Incarnation of our Lord, I looked from afar and, in the shadow of a true vision, I gazed under the altar [cf. Apoc 6.9] which is before the eyes of God [cf. Apoc 9.13], and I gazed also under the throne of God.

And I saw that the twenty-four elders, who sit around the throne [cf. Apoc 4.4ff], moved the glass sea, which is before the throne [cf. Apoc 4.6], and they said: Let us move the vain foundations of mockery laid down by those who seek to substitute their injustice for justice; and let us move the sparks of burning injustice kindled by those who say that they govern the people, but do not really govern them;

and let us move the weeds of various squalid morals and the gilt cords of illusions and the schisms of schisms.

For the ancient lion roars, longing to fly into the midst of the aforesaid sparks of burning injustice. But the time has not come for this. Let us call upon the Ancient One, in Whom all species of growing things and all creatures are enumerated; and let us look upon the sword that appeared in the mouth of the speaker [cf. Apoc 1.16; 19.15f]; and let us consider the cost of two pounds of wheat and barley [cf. Apoc 6.6]; and let us contemplate the trumpet that sounds before the first woe; and through the oath of those and through the power of the One Who sits on the throne [cf. Apoc 7.10; 21.5], let us bind the neck of the ancient lion, and restrain him with the bridle, lest before the time of times and the half time [cf. Apoc 12.14], and before the forty months, he send the sea forth after the woman fleeing in the desert [cf. Apoc 12.6].

For it has now been twenty-three years and four months since the four winds brought about great ruin through the permission of the four angels at the corners of the earth, and this came about because of the perverse works of mankind, which are blown forth from the mouth of the black beast. For their own works rose up over them so that the instability of filthy morals was blown forth in the East, and in the West blasphemy and forgetfulness of God came upon His saints through the ill-repute of the calf and through the worship of idols which perverts the holy sacrifice [cf. Ex 32.4ff], and in the South the filth of hateful vices, and in the North widened phylacteries of vestments [cf. Matt 23.5] in accordance with the will of the coiled serpent, and these are contaminated by the sudden arrival of all the aforementioned evils.

Yet it has been sixty years and twenty-four months since the ancient serpent began to delude the people with the phylacteries of vestments. Now, however, the innumerable saints of God, who are under the altar, lift up their voices, crying out that the sprinkling of their corporal ashes is violated by the iniquity of the people [cf. Apoc 6.9f]. Thus from the sound of these saints, a wind is beginning to blow, which is now working miracles. Still, the one who sits upon the black horse [cf. Apoc 6.5] is sending forth the noise of a contrary wind to dissipate those miracles. But it will not prevail.

And, again, the ancient dragon roars in anger against the saints of God, and lifting himself up on the wings of the winds [cf. Ps 103.3], says: What is this? I will destroy what these, and those like them, have established. And they answer him: "Who hath measured the waters in the hollow of his hand, and weighed the heavens with his palm? Who hath poised with three fingers the bulk of the earth, and weighed the mountains in scales, and the hills in a balance" [Is 40.12]? For we have weighed by God's scales, by Whom we do all things through the fiery spark that blazes before His face. You, however, have eyes that flash forth a destructive fire, and you will send forth a flame almost to the place where you were first established, and you will do this against God and against the heavens and against all those who are in heaven. But you will not be able to accomplish that. For when God has weighed the heavens in his palm, then a burning mountain will fall upon your neck, and all your strength will be utterly destroyed. But at that time a new canticle [cf. Ps 39.4] will be given to us from the throne, and to us also will be given eyes that look around on all sides, seeing and understanding all things. You, however, no longer have the time for devouring with your voracious throat. Therefore, in the name of God's throne and all His garments, give up this madness!

But, O you people, hear the Spirit of God saying to you: Within your midst, the ancient serpent is building towers in their ears, that is, those who are like the

Sadducees and like those who call Baal God, and do not know the just God, so that by the cunning of a deceitful spirit, he sometimes appears to them like a spark, either black or stormy, or bright and local, and which soon vanishes. And this is a diabolical and deceptive thing, for deceptive spirits sometimes disguise themselves as the four elements and all their powers, because they conquered the first man. This, however, is by the permission of God, the source of wisdom and prophecy, but the revelation of matters that do not pertain to man remain hidden, because God is incomprehensible.

These men in whose ears the devil is building towers are like a crab, which moves forward and backward, and they are like scorpions, which furtively sting you with fiery tails and kill you with the terrible poison of cruel unbelief. These men the devil at times inspires with seemingly divine precepts, which they themselves seek by their own will, since they are, after all, the image of God. And the devil does this so that he may the more easily deceive them.

They are also like those large birds that cast aside their own eggs. And they say: Let us get rid of this, because it is poisonous. These are the people who deny first principles, that is, that God created all things, and commanded them to was and multiply. These are the people who deny the sovereign principle, that is, that it was clear even before the ancient days that the Word of God was bound to become man. These people should be considered worse than the Jews, who are too blind to see the fiery form that now shines as man in holy divinity. After a long time, these Jews will think that they have seen the just one, until God strikes the one that they believe in with a fiery scourge.

These Cathars are also fiery, sulfurous mountains, along with that evil beast who will open his mouth against God, and against heaven, and against all those who are in heaven [cf. Apoc 13.6]. And they are the very bowels of that unnatural beast, which coughs up and spits out the most disgusting impurity. And just as the prophets preceded the Lord and prophesied the way of salvation, demonstrating that He was filled with all the virtues of justice, so too do these precede the beast, embracing the filth and wickedness of all evils, going the way of the errant. For these prophets were inspired and taught by the finger of God, just as the devil fills these people with blasphemy, wickedness, and the falseness of all evil. For in the beginning of his ruin, the ancient serpent lost the key that he thought he had, but now he thinks in himself that this wicked beast is his key, and that he will be able to fulfill all his will through him. But in that beast, all his strength will be utterly destroyed.

Now, you, O people who hold the purest faith, looking to God, hear the voice of the one "who was and who is and who is about to come" [Apoc 1.4]: Hear the words of the priests who hold and preserve My justice. For these My words will sound in their ears, and they will speak these words to you in My name. Then with clamoring voices cast this impure and profane people out of your midst, and torment them with harsh and cruel words. Send them into exile, and put them to flight into the unhappy caverns and caves, for they want to seduce you. And do this immediately, lest you be cursed by God and peace flee from you. For you cannot be called teachers, and priests, kings, leaders, and princes of the people before God while you allow these people to live among you, for your cities and villas will be destroyed, and your estates will be plundered while these wicked people remain among you.

Now, praise be to God, Who sits on the throne and looks into the abyss [cf. Dan 3.55], and Who governs all of heaven. And the Spirit of God says: Whoever will neglect to hear and understand these words, and refuses to believe them – this one the sword of God's word [cf. Eph 6.17] will strike with great tribulation.

And soon in that same vision, I heard a resounding voice saying to me: Write these things which you have seen and heard, and send them quickly to those priests of the Church [cf. Apoc 1.11] who worship God with the purest faith, so that they may preach them everywhere to the people in their parish, and thus protect them from these devilish treacheries, lest those evil people put down roots among them, and they perish.

I, a poor little form of a woman, languished for many days oppressed by sickness so that I could scarcely walk until I had committed these things to writing.

#### **Notes**

1. On the Cathars, see Introduction, Vol. I, pp. 11-14. See also Letter 15r.

BAIRD, Joseph L; EHRMAN, Radd K. **The letters of Hildegard of Bingen (volume II)**. Baird. New York/US: Oxford University Press, 1998, p. 190-191.

**Trier (St. Eucharius)**

**209**

**The Abbot Bertolf to Hildegard**

1148-59

*The abbot Bertolf was present at the famous synod of Trier, when Pop Eugenius read from the Scivias to the assembled prelates. Here, he writes a letter of praise for Hildegard, and requests her prayers for himself and his community.*

To Hildegard, refulgent pearl, Bertolf, poor servant of Christ and unworthy abbot of St. Eucharius, with a prayer that, dedicated to virginity, she be pleasing to the Bridegroom of virgins.

We have heard of and fully believe in the fame of your virtue, may not just the fame but the real virtue that is active in your fragile vessel [cf. II Cor 4.7] of divine piety. We heard and fully believed, and immediately we knew that the following prophecy was fulfilled in you: "It is good for a man, when he hath borne the yoke," et cetera [Lam 3.27]. Indeed, you have far exceeded your sex by having surpassed with manly spirit that which we were afraid even to approach, and you have made it such a part of your calling that you can say with the Apostle, "Our conversation is in heaven" [Phil 3.20].

Although, saintly lady, we have failed to greet you for a long time, impeded as we have been by the vacillations of this unstable age, you must not believe that the fire of love for you that once blazed in our hearts has grown cold. Therefore, blessed lady, please be no less mindful of us, puny as we are, in the presence of Him with Whom you are one spirit [cf. I Cor 6.17]. Likewise, please instruct the sisters entrusted to you to pray without ceasing both for us and for our community. We also desire to hear words of admonition from you, and with all our hearts we wish you to be always in good health. Farewell.

BAIRD, Joseph L; EHRMAN, Radd K. **The letters of Hildegard of Bingen (volume II)**. Baird. New York/US: Oxford University Press, 1998, p. 46-48.

109

### The Monk Guibert to Hildegard

1177

*Guibert expresses his great joy that Hildegard is still alive, and, inevitably, asks her to continue working on the answers to the questions while she is still among the living. He also expresses his desire to gather all the letters that have passed between the two of them into a single volume.*

Guibert to his most holy mother, Hildegard, with his prayer that she gain eternal salvation in the Lord.

The sword of grief that pierced my soul when the news of your death was spread among us was at last, after some long delays, removed when sister Mathilde returned from your presence, blessed lady. After long delays, I say, because when she left us to seek you out before the Festival of All Saints, we thought that she would return no later than the Octave of St. Martin. Yet, impeded by some misfortune, she was delayed until the Octave of Epiphany.<sup>1</sup> Because of so long a delay, therefore, we thought that she had either fallen ill or had died on her journey. Then, returning unexpectedly and reporting that you had recovered from a serious illness, she poured joy and happiness into my ears, rejoiced my spirit, and opened my mouth to give thanks after such great grief. For, although I do not deserve it, I earnestly hope and desire, God willing, to be nourished by the breasts of your maternal consolation [cf. Is 66.11] for a long time still.

And so, O mother and lady, while you have life and wisdom, I beseech you to press on with the work you have undertaken of answering those questions, and never cease to pray continually to our Lord for my innumerable sins. He knows how far short I have fallen, and how much I need His great mercy and aid.

Once again I commend that young man to you whom I commended to you in my first letter, saintly lady, this time even more earnestly, because Satan has sought him out for special temptation, and he has been sifted in the sieve of temptation for a long time. And, alas, he has yielded to the tempter in many things, fearlessly pursuing a young man's desires. Be mindful of that young man whom the blessed evangelist John mercifully restored to the Church, and even put him in high office, after he had been drawn away from his lawlessness and absolved by his subsequent penitence and many good works.<sup>2</sup> Just so, please pray constantly for this young man that God, "Who commanded the light to shine out of darkness" [II Cor 4.6], will take back that lost vessel, wash it of its pollution, and make it a vessel of election and grace in His house [cf. Acts 9.15], for God patiently suffers vessels of wrath and disgrace, even vessels deserving death [cf. II Tim 2.20]. Pray also that God will grant that young man the strength to avoid deadly delights. And if God chooses to reveal it to you, I would like to know what I myself should do in his case. For if it is foreknown that he will continue in the hardness of heart [cf. Eccles 16.11] that now holds him down, I would neither throw a saint to the dogs, nor cast the pearls of Christ's word before swine [cf. Matt 7.6], in my fear to counter God's judgment. And I would not want to cultivate barren soil that has been cursed, though God forbid that this be true

in his case! But if I knew that he was to share in the inheritance of the saints [cf. Col 1.12], I would more frequently salve his many festering wounds with the tough medicine of exhortation, so that he could be brought back to health. Moreover, through my spiritual friends I would bring about a continual outpouring of prayers to God for him, so that with that balm poured around his wounds, his yoke would be broken [cf. Is 10.27], and he would shatter those fetters of impiety that now hold him tightly bound. Thus called back to the liberty of the glory of God's sons, he will be able to sing in exultation [cf. Ps 115.16]. O Lord, "thou hast broken my bonds: I will sacrifice to thee the sacrifice of praise" [Ps 115.16].

Moreover, there are two clerics that I love very much. One is William of Namur, a man of ethical life, gracious and highly honored, not just by me (lest I seem to be deceived from some personal interest) but also by everyone who makes his acquaintance. For he is a man of solid integrity, one truly to be venerated. The other, Bovo by name, is a very mild-tempered young man among the community here at Gembloux. I beseech you to pray to God that, in His benevolence, He may deign to so mold them that they will illumine and aid either our monastery or some other.

I pray also that you not cease to pour out your prayers for my beloved Robert, the scribe of the present letter. For recently by God's grace and our admonition he has turned from the vanity of the world and now labors under the banner of Christ's army. Thus your prayers may call forth the mercy of the Eternal King, Who may look upon the first service of His future soldier with kindly favor. Then he will be protected from all the weapons that the malicious disturber, the devil, uses to terrify tender novices, and he will be able to direct his course through the crises of the present life as faith billows his sails, and the Holy Spirit grants him a welcome, favoring breeze until he is brought safely through every and is anchored in the peaceful harbor, that is, in the security of eternal beatitude, which he longs for in answer to his vows.

Through your sweet mouth, let me dutifully greet the sacred convent of those sisters who serve God under your direction. Please have them pray for me and for all those whom I have entrusted to Christ's mercy. Beseech the Holy Spirit especially to remove carnal desires from us and to cause our hearts, which have so far been dark and slothful, to burn with the heat of His love and to radiate with His light.

Would you please send the present letter back to me, and also whatever letters I or the brothers of Villers have sent to you at various times up to the present. For it is my intention to gather all our letters, yours to me and mine to you, into one volume and to preserve them not only for my consolation but also as a means of exciting divine wonder for His gifts to me in those who will by chance deign to read them. Farewell in Christ to you and yours.

### **Notes**

1. The delay was long indeed. She left before November 1 (All Saints Day) and did not return until January 13 (the Octave of Epiphany). The brothers had reasonably expected her to return at least by November 18 (the Octave of St. Martin).

2. See *Virtutes Iohannis*, iii.66-82. In *Acta Iohannis*.

BAIRD, Joseph L; EHRMAN, Radd K. **The letters of Hildegard of Bingen (volume II)**. Baird. New York/US: Oxford University Press, 1998, p. 198-199.

## 217

**Hildegard to the Abbot Ludwig(?)**

1173-74(?)

*Although Schrader and Führkötter (Echtheit, p. 146, n. 91) express some uncertainty about the recipient of this letter, whether Ludwig or some other abbot at a later date, Peter Dronke (Women Writers, pp. 312-13) argues that the letter is a follow-up to 215r in which Hildegard indicates that she will send her book (the Liber Divinorum Operum) to Ludwig for correction. Here, Dronke is convinced, is the cover letter for the manuscript that Hildegard is now sending. The similarity of language here to that of 215r, unquestionably addressed to Ludwig, as well as the echo of the language of the Liber Divinorum Operum, serves to support Dronke's contention.*

The sun rises in the morning, and from its appointed place it suffuses all the clouds with its light like a mirror, and it rules and illumines all creatures with its warmth until evening. Just so, did God fashion all creation—which is mankind—and, afterward, vivified it with the breath of life and illumined it.

Just as morning first arises with damp cold and shifting clouds, so also man in his infancy is damp and cold, because his flesh is growing and his bones are not yet full of marrow, and his blood does not have its full vigor. As the third hour begins to grow warm with the course of the sun, so also man begins to chew his food, and learns to walk.

In his youth when infancy is over, man, becoming bold, happy, and carefree, begins to think of what he will do in life. If in the light of the sun he chooses the good by turning to the right, he will become fruitful in good works. But if he turns to the left to pursue evil, he will become black and corrupt in the evil of sin. When he reaches the ninth hour while doing his work, he becomes arid and weary in his flesh and marrow and the other powers through which he earlier grew and advanced. So also the great Artisan set in order ages of the world from the first hour until the evening.

Therefore, O father, you who take your name from the Father, reflect on how you began and how the course of your life has proceeded, for in your infancy you lacked wisdom, and in your youth you were happy and carefree. In the meantime, however, you were seeking the affairs of the unicorn, all unbeknownst to yourself.<sup>1</sup>

This is the subject of my writing, which resonates of the fleshly garment of the Son of God, Who loved a virginal nature and rested in the lap of the Virgin like the unicorn, and with the sweetest sound of beautiful faith gathered all the Church unto Himself.

Be mindful, O faithful father, what you have often heard of that aforesaid garment of the Son of God from this poor weak form of a woman. Now, because the almighty Judge has taken my helper from me, I submit my writing to you, humbly asking you to preserve it carefully and correct it diligently. Then, your name will be inscribed in the book of life. In this you will imitate the blessed Gregory, who, despite

the burden he bore as bishop of Rome, never ceased from his writing, which was infused with the sound of the lyre of the Holy Spirit.

Now, put on the armor of heaven like a valiant knight, and wash away the deeds of your foolish youth. In the angelic vestment of the monk's habit, labor strenuously at noon, before the day ends, so that you will be received joyfully into the company of angels in the heavenly tabernacles.

### **Note**

1. Schrader and Führkötter (Echtheit, p. 146, n. 91) believe that this sentence refers to a question asked by the person to whom Hildegard's letter is addressed, which, on the face of it, seems unlikely. There are, in fact, so many meticulous connections (*interim, tamen, tunc*) to the preceding sentence that it seems, rather, that the reference is to the ignorance of foolish youth. The point being made seems to be that the person was seeking God even before he himself was aware of it.

BAIRD, Joseph L; EHRMAN, Radd K. **The letters of Hildegard of Bingen (volume III)**. Baird. New York/US: Oxford University Press, 1998, p. 113.

**Letter 313**  
**Hildegard to King Frederick**

Before Pentecost 1153 (1152/53)

*Hildegard harshly criticizes Frederick.*<sup>1</sup>

O king, it is imperative for you to have foresight in all your affairs. For in a mystic vision I see you like a little boy or some madman living before Living Eyes." Yet you still have time for ruling over worldly matters. Be-ware, therefore, that the almighty King does not lay you low because of the blindness of your eyes, which fail to see correctly how to hold the rod of proper governance in your hand. See to it that you do not act in such a way that you lose the grace of God.

**Note**

1. Peter Dronke (*Women Writers*, 149) thinks that this letter was written "probably" as late as 1164, when Frederick had set up his second anti-pope.

BAIRD, Joseph L; EHRMAN, Radd K. **The letters of Hildegard of Bingen (volume III)**. Baird. New York/US: Oxford University Press, 1998, p.113-114.

**314****The Emperor Frederick to Hildegard**

1156/58

(Before 1163)

*In this famous letter, Frederick informs Hildegard that all those things she had predicted to him while she was present in his court at Ingelheim have since come true. Frederick also refers to a matter that Hildegard had submitted to his attention.*

Frederick, by the grace of God Emperor of the Romans and always august, sends his grace and every good to the lady Hildegard of Bingen.

We inform you, holy lady, that we now have in hand those things you predicted to us when we invited you to our presence while we were holding court in Ingelheim.<sup>a</sup> We will continue to strive with all our efforts for the honor of our kingdom. Therefore, beloved lady, we sincerely beseech you, and the sisters entrusted to your care, to pour out your prayers to almighty God for us so that He may turn us to Himself as we labor on our earthly business and so that we may merit to obtain His grace.

Please be assured that with regard to that matter you directed to our attention we will be swayed by neither the friendship nor the hatred of any person, but we intend to judge with perfect equity.

BAIRD, Joseph L; EHRMAN, Radd K. **The letters of Hildegard of Bingen (volume III)**. Baird. New York/US: Oxford University Press, 1998, p.181.

**387**

**Admonition: God's Word against the Heretics**

1173-79(?)

He Who is the breath of life and in spirit is one God says these things: The thought of almighty God is His Son, to Whom all creation, which is His work, is subject, because by the Word of God, that is, by His Son, "all things were made" [John 1.3], all things that were given life in the height of heaven and in the depths, which is this earth that stands opposite the luminaries above. God gave to His work the capacity to praise Him and to work for Him, and because He is the warrior who carries the banner against His enemies, the inhabitants of darkness, He cuts off all that darkness, all those, that is, who attribute to themselves the things which have been achieved in them by the grace of the Holy Spirit. Such people are designated "apostates." Those people who look wholly to themselves and not to their Creator are called His enemies, those who, blinded by their own "knowledge," cast away the service due to the Father. And so they, with all the works they have stored up for themselves in the darkness, done without reference to God, will be cast into torment, along with the devil, who wished to be like the Most High. Such people are the bowels of the devil, because they work according to his designs, and are, therefore, stripped of the brightness of God's light. At the devil's instigation, they seek to destroy the Scriptures and the doctrine laid down by the Holy Spirit. Yet just as heaven cannot be sundered before the appointed time, so also the words of the Holy Spirit cannot be altered.

## ANEXO 3C – Autorização para utilização das cartas de Hildegarda de Bingen pela Brepols Publishers n. v.

20/08/2024, 19:10

E-mail de Universidade Estadual de Maringá - Permission to use copyright in publications - theses



Michele de Oliveira Jimenez &lt;pg54902@uem.br&gt;

---

### Permission to use copyright in publications - theses

---

**Brepols Publishers - Rights** <rights@brepols.net>  
Para: Michele de Oliveira Jimenez <pg54902@uem.br>

16 de agosto de 2024 às 10:21

Dear Michele Jimenez,

Thank you for your email. We kindly grant you the permission for using the requested texts in your thesis, provided you give a clear and full reference to our original publication including that all rights are reserved by Brepols Publishers n.v.

Good luck with defending your thesis!

All the best,

Alexander

Alexander Sterkens  
General Manager



**Brepols Publishers**  
Begijnhof 67  
2300 Turnhout  
Belgium  
[www.brepols.net](http://www.brepols.net)

E [alexander.sterkens@brepols.net](mailto:alexander.sterkens@brepols.net)

T +3214448025

🐦 [@alsterkens](https://twitter.com/alsterkens)



ANEXO 3D – Cartas de Hildegarda de Bingen (latim)

CORPVS CHRISTIANORVM

*Continuatio Mediaevalis*

XCI

HILDEGARDIS  
BINGENSIS

EPISTOLARIVM

*PARS PRIMA*

I-XC

TVRNHOLTI

TYPOGRAPHI BREPOLIS EDITORES PONTIFICII

MCMXCI

SVMPTIBVS SVPPEDITANTE  
SVPREMO BELGARVM MAGISTRATV  
PVBLICAE INSTITVTIONI  
ATQVE OPTIMIS ARTIBVS PRAEPOSITO  
EDITVM

© Brepols 1992

All rights reserved. No part of this publication may be reproduced,  
stored in a retrieval system, or transmitted, in any form or by any means,  
electronic, mechanical, photocopying, recording, or otherwise,  
without the prior permission of the publisher.

## CLASSIS I

## I

HILDEGARDIS AD BERNARDVM ABBATEM CLAREVALLENSEM a. 1146-1147

O uenerabilis pater B(ernarde), qui mirabiliter in magnis honoribus uirtutis Dei ualde metuendus es illicite stultitiae huius mundi, uexillo sancte crucis cum excelso studio in ardenti amore Filii Dei capiens homines ad bella pugnanda in christiana militia  
5 contra paganorum seuitiam, rogo te per Deum uiuum, ut audias me interrogantem te.

Pater, ego sum ualde sollicita de hac uisione, que apparuit mihi in spiritu mysterii, quam numquam uidi cum exterioribus oculis carnis. Ego, misera et plus quam misera in nomine  
10 femineo, ab infantia mea uidi magna mirabilia, que lingua mea non potest proferre, nisi quod me docuit Spiritus Dei, ut credam.

Certissime et mitissime pater, responde mihi in tua bonitate, indigne famule tue, que numquam uixi ab infantia mea unam

## Ep. I

*codd.*: Gb (f. 651-661); M (f. 611-621); R (f. 342<sup>a-b</sup>); Wa (f. 1191-v; fragm.); Wr (f. 611<sup>a</sup>-621<sup>a</sup>); Z (f. 311-321).

*edd.*: PL 29, 189C-190D (cfr R); *Echth.*, p. 105-107; cfr HAUG, p. 61, n. 12.

*comm.*: *Echth.*, p. 104-110; *Vorbem.* 1, p. 167; *Vorbem.* 2, p. 141.

1, *Tit.*: om. Wa Epistola s. Hildegardis ad sanctum Bernhardum Gb  
Bernardo Clareuallensi abbati Hildigardis M Hildegardis R Epistola  
s. Hildi. ad eundem abbatem Wr B. Clar. Z

I, 4 capiens homines] cfr Luc. 5, 10.

*app. comp.*: I, 1 ante O *add.* In spiritu mysteriorum Dei tibi dico GbMR, In spiritu mysteriorum tibi dico WrPL 5 paganorum] tyrannorum GbRWr 5/7 rogo - Pater om. GbRWr 7 ego] quod GbRWr sollicita] constricta GbMRWr de] in GbRWr apparet GbMRWr 8 numquam uidi] non uideo GbMRWr cum om. R 10 mirabilia magna R 11 docet GbMRWr ut credam] qualiter ea dicam GbMRWr 12 responde mihi] audi me GbRWr 13 indignam famulam tuam GbRWr 13/14 uixi - secreta] ab infantia mea secreta (secure PL) uixi RPL unam horam om. GbRWr

*app. crit.*: I, 1 B(ernarde)] B. WaZ, om. GbRWr 4 Dei om. Gb in s. lin. WaZ 8 uidi s. lin. Z

horam segura, et de tua pietate et sapientia scrutare in anima  
 15 tua secundum quod doctus fueris in Spiritu Sancto, et adhibe  
 consolationem ancille tue de tuo corde.

Scio enim in textu interiorum intelligentiam expositionis Psal-  
 terii et Euangelii et aliorum uoluminum, que monstrantur  
 mihi de hac uisione, que tangit pectus meum et animam sicut  
 20 flamma comburens, docens me hec profunda expositionis. Sed  
 tamen non docet me litteras in Teutonica lingua, quas nescio,  
 sed tantum scio in simplicitate legere, non in abscissione textus.  
 Et de hoc responde mihi, quid tibi inde uideatur, quia homo  
 sum indocta de ulla magistratione cum exteriori materia, sed  
 25 intus in anima mea sum docta. Vnde loquor quasi dubitando.

Sed audiens de tua sapientia et de tua pietate consolabor,  
 quia non ausa sum ulli homini hec dicere pro eo quia multa  
 schismata sunt in hominibus, sicut audio dicere homines, nisi  
 cuidam monacho, quem scrutata sum in conuersatione proba-  
 30 tioris uite. Et illi monstraui omnia secreta mea, et consolatus  
 est me certe, quod hec magna et timenda sint.

Volo, pater, propter amorem Dei, ut me consoleris, et certa  
 ero. Ego te uidi supra duos annos in hac uisione sicut hominem  
 aspicere in solem et non timere, sed ualde audacem. Et plorauit,  
 35 quod ego tam ualde erubesco et tam inaudax sum. Bone pater  
 et mitissime, posita sum in animam tuam, ut mihi reueles per  
 hunc sermonem, si uelis ut hec dicam palam, aut habeam  
 silentium, quia magnos labores habeo in hac uisione, quatenus

---

*app. comp.*: 14 scrutare] intellige R 15/16 et - corde] quoniam ea que tibi  
 de me dicta sunt, secundum hunc modum sunt GbRWr 18 et<sup>1</sup> om. R 19  
 de] in GbMRWr pectus meum tangit GbRWr post animam add. meam  
 GbMRWr 23 Et - uideatur om. GbRWr quid - uideatur om. M 25  
 quasi dubitando] tibi non dubitans de te GbMWr tibi de te non dubitans R  
 26 audiens om. GbRWr tua<sup>1</sup> om. RWr de<sup>2</sup> om. R pietate tua R  
 27 quia - dicere om. GbRWr quia<sup>2</sup>] quod GbWr 28 homines dicere  
 R nisi] Nam GbRWr 30 post uite add. hec primum dixi GbRWr omnia  
 secreta mea monstraui R 31 certe om. GbRWr quod] ita quod GbRWr  
 32 ut propter amorem Dei GbMRWr certa] constans M 32/33 me -  
 ero] in orationibus tuis mei recorderis GbRWr 33 te - uisione] ante duos  
 annos te in hac uisione uidi R supra] ante GbMWr (cf. R) 34 in solem  
 (sole PL) aspicere RPL 35 tam ualde] tantum R 36 posita sum] pone  
 me WrEchth., pono me GbMR 36/38 ut - silentium] et (om. R) ora pro me  
 GbRWr 37 si uelis ut] an M aut] an M 38 in hac uisione habeo R

---

*app. crit.*: 14 segura ex securam corr. Wa 22 in<sup>2</sup> om. Wa, s. lin. Z abscissione  
 PL\* 24 indoctus PL\* 29/30 probationis Wr 30 Et illi eqs. desunt in  
 Wa illa R (sed illi PL.) 31 hec + rus. in textu, hec magna et timenda sint  
 in marg. Z sunt PL 35 tam<sup>2</sup> om. R

dicam quod uidi et audiui. Et interdum de hac uisione proster-  
 40 nor in magnis infirmitatibus in lectum, quia taceo, ita ut non  
 possim me erigere.

Ergo plango cum merore coram te, quod ego sum mobilis  
 cum motu in torculari arbore in natura mea, orta de radice  
 surgente in Adam de suggestione diaboli, unde ipse erat exsul  
 45 in peregrinum mundum. Nunc autem surgens curro ad te. Ego  
 dico tibi: Tu non es mobilis, sed semper erigens arborem, et  
 uictor es in anima tua, non tantum te ipsum solum sed etiam  
 erigens mundum in saluationem. Tu etiam aquila es aspiciens  
 in solem.

50 Oro te per serenitatem Patris, et per eius Verbum admirabile,  
 et per suauem humorem compunctionis, Spiritum ueritatis, et  
 per sanctum sonitum, per quem sonat omnis creatura, et per  
 ipsum Verbum, de quo ortus est mundus, et per altitudinem  
 Patris, qui in suauis uiriditate misit Verbum in Virginis uterum,  
 55 unde suxit carnem sicut circumedificatur mel fauo. Et ipse  
 sonitus, uis Patris, cadat in cor tuum et erigat animum tuum,  
 ut non torpeas otiose in uerbis istius hominis, dum omnia  
 requiras a Deo, uel homine, uel secreto ipso, dum transeas per  
 foramen anime tue, ut hec omnia cognoscas in Deo.

---

43/45 radice - mundum] cfr Gen. 15, 13. 51 Spiritum ueritatis] cfr Ioh.  
 14, 17.

---

*app. comp.*: 39 dicam - audiui] quod uideo et audio dicam R uideo et  
 audio GbWr (cfr R) 39/40 de - lectum] in magnis infirmitatibus de hac  
 uisione in lectum prosternor R 40 ut] quod GbMRWr 41 possum  
 GbMRWr 42 plango - te] cum merore coram te plango R quod] quia  
 R ego om. GbRWr mobilis sum R 44/45 de suggestione - mundum]  
 qui factum est exul in peregrinum mundum de suggestione diaboli GbMRWr  
 47 in anima tua es R 48 erigens - saluationem] homines (cfr MWr)  
 erigens in saluationem Gb alios homines (cfr GbMWr) in saluationem erigens  
 R mundum] homines MWr 51 ante Spiritum add. scilicet GbMRWr 54  
 in<sup>1</sup> - uterum] Verbum in (in om. PL\*) suauis uiriditate in uterum Virginis misit  
 R PL Virginis in uterum Gb 55 post unde add. illud GbMRWr suxit  
 - fauo] carnem (carmen PL\*), sicut circumedificatur mel fauo, suxit R PL 55/  
 56 Et - tuum<sup>2</sup> om. GbRWr 57 torpeas - hominis] otiose in uerbis meis  
 torpeas R otiose om. Gb istius hominis] meis GbWr (cfr R) 57/58 dum  
 - ipso] sed ea in cor tuum pone, ita ut non cesses GbRWr 58 homine] ab  
 homine ipso M ipso] a me ipsa M dum] et dum M 59 ut - Deo]  
 aspiciens ad (ad om. Wr) Deum pro me, quia ipse te uult GbWr ad Deum pro  
 me aspiciens, quia ipse te uult R

---

*app. crit.*: 42 Ergo] litt. go s. lin. Z 43 de s. lin. Z 44 surgente s. lin. Z  
 ipse in marg. Z 46 non om. PL 48 etiam] autem PL 50 admirabile  
 s. ras. Z 54 uiritati M 56 uis s. lin. Z tuum<sup>2</sup> s. lin. Z 58 dum] tum  
 PL\* 59 foramen] formam PL\*

6

EPIST. I, 60 – IR, 13

60 Vale, uale in anima tua, et esto robustus in certamine in Deo.  
Amen.

IR

BERNARDVS ABBAS CLAREVALLENSIS AD HILDEGARDEM

a. 1146-1147

Dilecte in Christo filie Hildegardi, frater Bernardus, Clareual-  
lis uocatus abbas, si quid potest oratio peccatoris.

Quod de nostra exiguitate longe aliter quam nostra sese  
conscientia habeat, sentire uideris, non nisi humilitati tue cre-  
5 dimus imputandum. Minime tamen ad litteras caritatis tue  
rescribere dissimulaui, quamuis id breuius omnino quam uellem  
negotiorum multitudo compellat.

Congratulamur gratie Dei, que in te est, et ut eam tamquam  
gratiam habeas et toto ei humilitatis et deuotionis affectu  
10 studeas respondere, sciens quod *Deus superbis resistit, humilibus  
autem dat gratiam*, quod in nobis est, hortamur et obsecramus.  
Ceterum, ubi interior eruditio est et unctio docens de omnibus,  
quid nos aut docere possumus aut monere? Rogamus magis et

Ep. IR

*codd.*: Gb (f. 64v-65r); R (f. 341v<sup>b</sup>-342r<sup>a</sup>); Wr (f. 61r<sup>b</sup>-v<sup>a</sup>); Z (f. 32v-33r).

*edd.*: PL 29, 189A-C (cfr R); *Echth.*, p. 107-108; Bernardus Clar., *Opera* – ed.  
J. Leclercq-H. Rochais, VIII, 1977, ep. 366, p. 323-324; cfr HAUG, p. 62, n. 13.

*comm.*: *Echth.*, p. 104-110; *Vorbem.* 1, p. 167; *Vorbem.* 2, p. 141.

IR, *Tit.*: Epistola sancti Bernhardi ad sanctam Hildegardem Gb Bernardus  
Clareuallis abbas H. R Epistola s. Bernardi abbatis in Clara Valle ad sanctam  
Hildig. Wr Rescriptum Bernhardi abbatis ad Hildehardam Z

IR, 10/11 Deus – gratiam] Iac. 4, 6; 1 Petr. 5, 5; cfr Prou. 3, 34.

*app. comp.*: IR, 1 Clareual(l)ensis GbRWr 2 uocatus] dictus GbWr 4/  
5 sentire – imputandum] quidam sentire uidentur, non nostris meritis, sed  
stultitie hominum imputandum est GbRWr 5/6 Minime – dissimulaui] Ad  
dulcedinem autem pie caritatis tue scribere properaui GbRWr 10 *post*  
respondere *add.* admonemus GbRWr 13 *post* monere *add.* Diceris enim celestia  
secreta rimari et ea que supra homines sunt Spiritu Sancto illustrante dinoscere.  
Vnde GbRWr

*app. crit.*: IR, 1 Hildegardi filie Gb H. Z Hild. RWr Hildegardi PL B.  
Z Bernardus Gb 3/4 conscientia sese Wr 13 *aut*<sup>1</sup> *om.* Wr

## EPIST. IR, 14 – II, 10

7

suppliciter postulamus, ut nostri memoriam habeas apud Deum  
 15 et eorum pariter, qui nobis spiritali societate in Domino iuncti  
 sunt.

## II

## HILDEGARDIS AD EVGENIVM PAPAM

a. 1148

O mitis pater, ego paupercola forma scripsi tibi hec in uera  
 uisione in mystico spiramine, sicut Deus uoluit me docere.

O fulgens pater, in tuo nomine tu uenisti in terram nostram,  
 sicut Deus predestinauit, et uidisti de scriptis ueracium uisio-  
 5 num, sicut uiuens lux me docuit, et audisti ea in amplexibus  
 cordis tui. Nunc finita est pars scripture huius, sed tamen eadem  
 lux non reliquit me, sed in anima mea ardet sicut eam ab  
 infantia mea habui. Vnde nunc mitto tibi litteras istas in uera  
 admonitione Dei. Et anima mea desiderat, ut lumen de lumine  
 10 in te luceat, et pueros oculos tibi infundat et spiritum tuum .

## Ep. II

*codd.*: Gb (f. 40v; fragm.); M (f. 54v-55r); R (f. 328r<sup>a-b</sup>); Wr (f. 431<sup>a-b</sup>);  
 Z (f. 49r).

*add.*: PL I, 145C-146C (cfr R); *Echth.*, p. 112-113; cfr HAUG, p. 65, n. 61.

*comm.*: *Echth.*, p. 112-113; *Vorbem.* 2, p. 120, c. annot. 134.

II, Tit.: Ex epistola sancte Hildegardis ad Eugenium papam quando Treueris  
 celebrauit concilium Gb Eugenio apostolico Hildigardis M Eug. apostolico  
 Hild. R Epistola sancte Hildig. ad Eugenium papam Wr Eugenio apostolico  
 Hild. Z

IR, 16 (*app. comp.*) Multum - assidua] Iac. 5, 16.

*app. comp.*: IR, 16 *post* sunt *add.* Nam cum spiritus tuus (tuus *om. PL*) Deo  
 coniungitur, confidimus quod nobis multum prodesse ualeas et subuenire. Multum  
 enim ualet deprecatio iusti assidua (Iac. 5, 16). Nos etiam pro te assidue oramus,  
 ut conforteris ad bona, (et *add. Gb*) instruaris ad interiora, dirigaris ad permansura,  
 ita ne (ut ne *PL*) hi qui spem suam in Deum posuerunt, desperando pro te  
 claudicent, sed ut in profectu benedictionis quam a Deo accepisse cognosceris  
 bene confortati in melius et melius proficiant GbRWr(PL)

*app. crit.*: IR, 15 in Domino *om. PL*

*app. crit.*: II, 1 forma] femina PL\* 4/5 uisionum in marg. Z 5 ea in] eam PL. 7/8 eam *post* mea Wr 8 *post* ista *add.* mea M 10 tibi *om. PL*.

exsuscitet ad opus scripture istius, quatenus anima tua inde coronetur, quod Deo placet; quia multi prudentes de terrenis uisceribus spargunt hec in mutationem mentium suarum propter pauperem formam, que edificata est in costa et que est  
15 indocta de philosophis.

Tu ergo, pater peregrinorum, audi illum qui est: Fortissimus rex in palatio suo sedit, et magnas columnas coram se stantes habuit, aureis cingulis precinctas et multis margaritis et pretiosis lapidibus ualde ornatas. Sed regi huic placuit, quod paruam  
20 pennam tetigit, ut in miraculis uolaret, et ualidus uentus illam sustinuit ne deficeret.

Nunc iterum dicit tibi qui est lux uiuens in supernis et in abyssonibus lucens, nec latens in abscondito audientium cordium: Prepara scripturam hanc ad auditum me suscipientium, et fac  
25 illam uiridem in suco suauis gustus et radicem ramorum et uolans folium contra diabolum, et uiues in eternum. Caue ne spernas hec mystica Dei, quia sunt necessaria in illa necessitate, que absconsa latet et que nondum aperte apparet. Odor suauissimus sit in te, et non fatigeris in recto itinere.

## III

## HILDEGARDIS AD EVGENIUM PAPAM

a. 1148-1153

Qui non silet, hec dicit propter imbecillitatem illorum, qui

## Ep. III

*codd.*: M (f. 55r-v); R (f. 328r<sup>b</sup>-v<sup>a</sup>); *Wr* (f. 43r<sup>b</sup>-v<sup>a</sup>); Z (f. 29r-v).

*edd.*: PL 1, 146C-147B (cfr R); cfr HAUG, p. 60, n. 7.

*comm.*: *Echth.*, p. 113; *Vorbem.* 2, p. 120, c. annot. 134.

III, *Tit.*: Item Eugenio apostolico Hildigardis M    Apostolico Eugenio Z  
*uide tit. ep. II RWr*

II, 14 edificata – costa] cfr Gen. 2, 22.    16 qui est] cfr Ex. 3, 14; Apoc. 1, 4.

*app. comp.*: II, 29 post itinere ep. III, mutato initio, annectunt RWr

*app. comp.*: III, 1 Qui non silet] Sed ille qui loquitur et non silet RWr (cfr ep. II, 29)

*app. crit.*: II, 14 que<sup>2</sup> om. Wr    16/17 est fortissimus Rex, et in palatio PL  
17 sedit] sed Wr    22 Nunc] *hic inc. Gb*    23 nec] ac WrR    26 contra  
diabolum in marg. Z    28 abscondite Gb    28/29 Odor eqs. desunt in Gb

## EPIST. IV, 19 – V, 2

II

Cogita itaque, filia, quoniam ille serpens antiquus, qui primum  
 20 hominem a paradiso deiecit, magnos perdere cupit, ut Iob, et  
 deuorato Iuda ad cribrandos apostolos expetit potestatem. Et  
 quia scis multos esse uocatos, paucos autem electos, ita intra  
 numerum paucorum te collige, ita usque ad finem in sancta  
 conuersatione persiste, ita creditas dispositioni tue sorores sa-  
 25 luti operibus instrue, ut cum eis pariter ad illud gaudium  
 ualeas, prestante Domino, peruenire, *quod nec oculus uidit, nec  
 auris audiuit, nec in cor hominis ascendit.*

De cetero super hoc quod a nobis requirere uoluisti, uenerabili  
 fratri nostro H(enrico), archiepiscopo Maguntino, mandauimus  
 30 quatenus uel illius sororis, que a te fuit ei concessa, regulam  
 faciat in loco ei commisso firmiter obseruari, uel eam ad magis-  
 terium tue discipline remittat. Quod ex transcripto litterarum  
 nostrarum tibi plenius innotescet.

## V

## HILDEGARDIS AD EVGENIUM PAPAM

a. 1153

Oculus uiuens uidet, et dicit: Qui sapit et discernit quamque  
 creaturam, qui et eas omnes exsuscitat, uigilat. Valles plangunt

## Ep. V

*codd.*: M (f. 55v-56r); R (f. 328v<sup>a-b</sup>); W<sup>r</sup> (f. 43v<sup>a</sup>-44r<sup>b</sup>); Z f. 34r-v).

*add.*: PL 1, 147B-148B (cfr R); *Echth.*, p. 114 (fragm.); cfr HAUG, p. 62, n.

15.

*comm.*: *Echth.*, p. 114; *Vorbem.* 2, p. 120, c. annot. 134.

V, Tit.: Item Eugenio apostolico Hildigardis M Hildigardis apostolico  
 Eugenio Z *uide tit. ep. II R W<sup>r</sup>*

IV, 19 serpens antiquus] cfr Apoc. 12, 9; 20, 2. 21 ad cribrandos –  
 potestatem] cfr Luc. 22, 31. 22 multos – electos] cfr Matth. 22, 14. 26/27  
 quod – ascendit] 1 Cor. 2, 9; cfr Is. 64, 4.

*app. comp.*: IV, 19 antiquus om. R 28/33 De cetero – innotescet] De cetero  
 autem commonitoria uerba de te audire desideramus, quia spiritu miraculorum  
 Dei imbuta diceris, unde plurimum gaudemus et diuine gratie gloriam damus  
 R W<sup>r</sup>

*app. comp.*: V, 1 Oculus] Nam oculus R W<sup>r</sup> (cfr ep. III, 27) 1/2 quasque  
 creaturas R

*app. crit.*: IV, 19 quoniam] quod W<sup>r</sup> 21 apostolorum Z 25 pariter om.  
 PL

*app. crit.*: V, 2 eas s. lin. Z ante uigilat add. et PL.

super montes, et montes cadunt super ualles. Quomodo? Subditi nudati sunt de disciplina timoris Dei, et ideo incitati sunt rabie uertices montium ascendere, prelatos incusare. Et ipsorum temeritas non accusat praua opera sua. Sed dicunt: Vtilis sum, ut sim prelatus utilitate. – Et omnia prelatorum opera habent indigna, quia eos sibi excellentiores esse dedignantur, quoniam subditi iam sunt nubes nigre, et in femoribus suis non sunt accincti, sed dispergunt omnia instituta agri, dicentes quod hec uilia sint. Et hoc faciunt, quia uenenosi sunt per inuidiam.

Pauper homo magnam stultitiam habet, quando uestimenta sua scissa sunt, et ipse semper in alterum aspicit, quem colorem uestimentum illius habeat et suum a sorde non abluit. Montes autem transiliunt clauim uie ueritatis, et eorum itinera non sunt parata uolare ad montem myrrhe. Ideo obtenebrate sunt stelle diuersa nube. Luna stat, stelle clamant, quod luna cedit. Sol illam et illas premit, quia nullus eorum clarescit, sed in turbine implicati sunt.

Vnde, o pastor magne et post Christum nominate, prebe lumen montibus et uirgam uallibus. Da precepta magistris et disciplinam subditis, montibus iustitiam cum oleo sparsis, et uallibus ligaturam obedientie, mixto bono odore, et fac illis recta itinera, ut non appareant uiles soli iustitie. Puros oculos tuos fac, ut ubique oculos habeas. Mens tua puro fonte rigetur, ut cum sole splendeas et Agnum imiteris.

Paupercula forma tremit, quod in sono uerborum loquitur ad tam magnum magistrum. Sed, o mitis pater, antiquus uir et preliator magnificus dicit hec, unde audi: De summo iudice dirigitur ad te, ut graues et impios tyrannos eradices et a te eicias, ne stent in magna irrisione sua in tua societate.

Esto autem misericors publicis et priuatis erumnis, quia Deus non spernit uulneratos nec spernit dolores trementium se.

---

9/10 in – accincti] cfr Ps. 44, 4. 15 uie ueritatis] cfr Ps. 118, 30; Bar. 4, 13. 16 ad montem myrrhe] cfr Cant. 4, 6. 20 post Christum nominate] cfr Rom. 15, 20. 24 soli iustitie] cfr Mal. 4, 2. 28 antiquus uir] cfr Dan. 7, 9 et al.

---

app. comp.: 13 et ipse om. R alterum – quem] alium aspiciens, considerans quem R 14 et] nec R non om. R 18 illam et illas om. R nulla earum RWr 19 implicate RWr

---

app. crit.: 4 ideo om. PL. 14 Mentis Wr 17 cedit PL.\* 24 oculos tuos om. PL. 30 dirigitur PL.\* 31 sua om. PL.

Vnde, o pastor ouium, audi hec super antistitem hunc labo-  
 35 rantem in fatigatione multorum. Lux dicit: Mystica Dei sciunt  
 iudicium super unumquemque secundum meritum illius. Multi  
 tamen homines uolunt habere scrutinium per zelum suum et  
 per ignominiam morum suorum, sed nesciunt iudicium meum.  
 Quapropter in estimatione sua supra modum mentiuntur ut  
 40 lupi predam rapientes.

Ideo, quamuis homo dignus sit propter scelera sua iudicari,  
 tamen mihi non placet, quod homo sibimet ipsi uult habere  
 iudicium secundum arbitrium suum. Et hoc nolo. Sed tu causam  
 istam discerne secundum materna uiscera misericordie Dei, qui  
 45 a se non separat mendicum et egenum, quoniam plus uult  
 misericordiam quam sacrificium.

Nunc igitur nigri uolunt abluere nigredinem per turpitudinem  
 suam, sed ipsi sunt polluti et surdi in fossa iacentes. Illos erige,  
 et adiuua pusillum.

---

34 pastor ouium] cfr Ioh. 20, 2. 36 iudicium - meritum] cfr Eccli. 16,  
 13-15. 40 lupi - rapientes] Ez. 22, 27. 43/44 causam - discerne] cfr Ps.  
 42, 1. 44 uiscera - Dei] cfr Luc. 1, 78. 45/46 quoniam - sacrificium] cfr  
 Os. 6, 6; Matth. 9, 13; 12, 7.

---

*app. comp.*: 34/35 antistitem - laborantem] laborantes MRWr 38 iudicium  
 meum nesciunt R 43/44 causam istam] unamquamque causam RWr 49  
 pusillos MRWr post pusillos ep. VI, mutato initio, annectunt RWr

---

*app. crit.*: 34 Vnde eqs.] *additis uerbis* H. de causa H. archiepiscopi Mog. in  
 marg. inf. al. man. Z. 35 sciunt] sunt R 37 et om. Wr 38 ignorantiam  
 PL.

fortissime clavis, que non uadit libenter ad azyma in forma sardii.

- 15 In pectore ergo tuo quere saluationem aquarum, ne in turbinem uadas, sed ut in mansuetudine requiescas ad languorem et ad liuorem illorum, qui permixti sunt maceratione diuersorum uulnerum, in hoc imitans Saluatorem tuum, qui te redemit. Et Deus non derelinquet te, sed in lumine illius uidebis.

## X

## HILDEGARDIS AD ALEXANDRVM PAPAM

a. 1173

O summa et gloriosa persona, que primum constituta es per uerbum Dei, per quod omnis creatura rationalis et irrationalis in genere suo facta est, tibi specialiter idem Verbum claves regni celestis per indumentum humanitatis sue, scilicet ligandi  
5 atque soluendi potestatem, concessit.

Tu quoque, excellentissime pater, materia omnium spirituum personarum existis, que tuba iustitie Dei sonant in Ecclesia, que uariis ornamentis circumamicta fulget, dum alii aliis bona exempla uitam sanctorum imitando prebent. Qui et si quid  
10 recti agunt, Deo et non sibi attribuunt, et de bonis imitatoribus suis gaudent, sequentes priores sanctos, qui carnem suam do-

---

Ep. X

cod.: R (f. 331r<sup>a</sup>-b).

ed.: PL 4, 154C-155C (cfr R).

comm.: *Echth.*, p. 147; *Briefw.*, p. 117; *Vorbem.* 1, p. 150.

---

X, *Tit.*: Alexandro apostolico Hildegardis R

---

IX, 19 Deus – te] cfr Ps. 36, 28. in – uidebis] cfr Ps. 35, 10.

X, 3/5 claves – concessit] cfr Matth. 16, 19. 8 uariis – circumamicta] cfr Ps. 44, 10; 44, 15.

---

*app. comp.*: IX, 17 ad om. R 18 post redemit partem ep. CXXIII inserunt RW<sup>r</sup> 18/19 Et – uidebis] memorare quod homo in terra es, et ne timeas quod (quia R) Deus derelinquet te, sed (quoniam R) lumen illius uidebis RW<sup>r</sup> (cfr ep. CXXIII)

---

*app. crit.*: IX, 13 azymam Z, a. corr. W 17 ante maceratione add. in *Echth.*

X, 9 Qui et si] quae etsi PL 10 recte PL et<sup>1</sup> s. lin. R 11 sanctas PL.\*

mabant et seipsos cum manifesta uictoria celestis militie contra uitia diaboli pugnantes roborabant, et cum bona uoluntate uelut angeli in Deum aspiciebant.

- 15 Sic et tu, o mitis pater, benignum patrem imitare, qui penitentem filium et ad se reuertentem, saginatum uitulum propter illum occidens, cum gaudio suscepit, et sauciati ex latronibus uulnera uino lauit caligine confusa. Asperitatem correptionis et pietatem misericordie designat. Et stella matutina, que solem  
20 diei precucurrit, esto in Ecclesia, que diu schismatis caligine confusa, lumine iustitie Dei caret. Et tu ergo secundum zelum Dei corripe et oleo misericordie penitentes unge, quoniam Deus magis uult misericordiam quam holocaustum.

- Nunc, o mitissime pater, ego et sorores mee genua nostra  
25 coram paterna pietate tua flectimus, orantes ut digneris paupertatem paupercule forme respicere, que nunc in magna tristitia sumus, eo quod abbas de monte sancti Disibodi et fratres eius priuilegiis et electioni nostre contradicunt, quam semper habuimus. De qua semper magna cautela preuidendum nobis  
30 est, ne aliquatenus nobis tollatur, quia, si nobis timoratos et religiosos, quales querimus, non concederent, religio spiritualis omnino in nobis destrueretur.

- Vnde, domine mi, propter Deum adiuua nos, ut uel electionem nostram obtineamus uel alios, ubi possimus, qui nos secundum  
35 Deum et utilitatem nostram procurent, libere queramus et accipiamus.

- Nunc iterum rogamus te, piissime pater, ne petitionem nostram et etiam nuntios istos despicias, qui per fidelem amicum nostrum moniti te petentes ad nos diuerterunt, et hoc quod  
40 apud te obtinere querunt, facias, quatenus post finem huius uite, que ad uesperum iam declinat, in indeficientem lucem peruenias et dulcem uocem Domini audias: *Euge, serue bone et fidelis, quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam; intra in gaudium Domini tui.* Inclina ergo supplicationibus  
45 nostris aures tue pietatis, et nobis et illis clara dies sis, ut ex indulgentia tue largitatis communiter Domino gratulemur, quatenus et tu in eterna felicitate semper gaudeas.

---

15/17 penitentem - suscepit] cfr Luc. 15, 18-32. 17/18 sauciati - confusa] cfr Luc. 10, 30-37. 22/23 quoniam - holocaustum] cfr 1 Reg. 15, 22; Os. 6, 6; Matth. 9, 13; 12, 7. 42/44 Euge - tui] Matth. 25, 21; 25, 23.

---

17 ante sauciati fort. (illum qui) addendum est 22 ante oleo add. de PL 24 mee s. lin. R 25 sua PL\* 27 sumus s. lin. R 29 prouidendum fort. recte PL 30 est s. lin. R 33 Deum] Dominum PL 45 ut PL

## XII

HILDEGARDIS AD HARTVVIGVM ARCHIEPISCOPVM BREMENSEM a. 1151-1152

O laudabilis persona, que necessaria est homini, habens in altissimo Deo successionem, quod est pontificale officium, ideo oculus tuus Deum uideat, et sensus tuus iustitiam eius intelligat, cor tuum in amore Dei ardeat, ita ut anima tua non deficiat.  
 5 Sed sta in summo studio edificare turrinam celestis Ierusalem, et det tibi Deus adiutricem, uidelicet dulcissimam matrem misericordiam, et esto lucida stella lucens in tenebris noctium prauorum hominum, et esto uelox ceruus currens ad fontem aque uiue. Respice quia in hoc tempore multi pastores sunt ceci  
 10 et claudi et raptores pecunie mortis, suffocantes iustitiam Dei.  
 O care, multum est mihi amabilis anima tua pre genere tuo. Nunc audi me, cum lacrimis et erumnis prostratam ante pedes tuos, quia anima mea ualde tristis est, quoniam quidam horribilis homo consilium et uoluntatem meam atque aliarum sororum mearum et amicorum deiecit in carissima filia nostra.  
 15 Richarde, abstrahens eam de claustro nostro per temerariam

## Ep. XII

*codd.*: M (f. 58v-59r); R (f. 333r<sup>b</sup>-v<sup>a</sup>); W<sup>r</sup> (f. 49r<sup>b</sup>); Z (f. 29v-30v); Z, *iter.* (f. 50r-v).

*add.*: PL 10, 162D-163A (cfr R); cfr HAUG, p. 60-61, n. 9; p. 65-66, n. 64.  
*comm.*: *Ecbth.*, p. 161-162; *Vorbem.* 2, p. 120; 139.

XII, *Tit.*: Hertuuino Bremensi archiepiscopo Hildigardis M Bremensi archiepiscopo Z Hartuuigo Bremensi archiepiscopo Hildegardis Z, *iter.* *uide tit. ep. XI R W<sup>r</sup>*

XII, 5 celestis Ierusalem] cfr Hebr. 12, 22. 8/9 ceruus - aque] cfr Ps. 41, 2. 13 anima - est] cfr Matth. 26, 38; Marc. 14, 34.

*app. comp.*: XII, 1 O laudabilis persona] Tibi dico in spiritu mystici doni: Tu es laudabilis persona MZ, *iter.* Sed et in spiritu mystici doni tibi dico: Tu es laudabilis persona R W<sup>r</sup> (cfr ep. XI, 19) 3 et om. R 4 ante cor *add.* et R W<sup>r</sup> ita om. R 6 Deus det tibi MR W<sup>r</sup> Z, *iter.* 7 et esto] Esto etiam R 8 esto om. R 10 et<sup>1</sup> om. R 11/17 O care - suam om. R W<sup>r</sup>

*app. crit.*: XII, 1 homini] homo Z, *iter.* 4 ante ardeat *add.* ualde PL 5 sta] sit PL. 8 fontes W<sup>r</sup> 9 in om. PL.\* 11 pro Haug 13 quoniam] quod Haug 16 Richarde] R. Z.

uoluntatem suam. Quia Deus sciens omnia, scit ubi pastoralis  
cura utilis est, ideo fidelis homo non circueat querens prelatio-  
nem. Quod si quesierit in inquieta mente uolens magister esse,  
20 magis uoluptatem potestatis appetens quam uoluntatem Dei  
inspiciens, lupus rapax est in persona sua, et ipsius anima  
numquam fideliter querit spiritualia. Sed ibi est simonia.

Vnde abbati nostro non erat necesse, sanctam animam pre-  
destinare in obcecato sensu suo et in ignorantia sua in hec gesta  
25 et in tam magnam temeritatem cece mentis. Si filia nostra  
quieta mansisset, Deus prepararet illam ad uoluntatem glorie  
sue.

Ideo obsecro te, qui sedes super cathedram episcopalem se-  
cundum ordinem Melchisedech, rogans te per illum qui dedit  
30 animam suam pro te, et per nobilissimam matrem eius, ut  
dimittas ad me carissimam filiam meam, quia electionem Dei  
non pretereo nec eam contradico ubicumque fuerit, ita ut Deus  
det tibi benedictionem quam Isaac dedit Iacob filio suo, et  
benedicat te in benedictione quam dedit per angelum suum  
35 Abrahe in obedientia illius.

Nunc audi me, non abiciens uerba mea sicut mater tua et  
soror tua et comes Hermannus ea abiecerunt. Non facio tibi  
iniuriam sine uoluntate Dei et sine salute anime sororis tue, sed  
rogo ut ego consoler per eam et ipsa per me. Quod Deus  
40 ordinauit, non contradico.

Deus det tibi de rore celi benedictionem, et omnes chori  
angelorum benedicant tibi, si audieris me famulam Dei et si  
perfeceris uoluntatem Dei in hac causa.

---

21 lupus rapax] cfr Gen. 49, 27. 28/29 secundum - Melchisedech] cfr  
Ps. 109, 4; Hebr. 5, 6. 33 benedictionem - suo] cfr Gen. 27, 27-29. 34/  
35 in benedictione - illius] cfr Gen. 22, 16-18. 41 de rore celi] cfr Gen. 27,  
28.

---

*app. comp.*: 17 Quia] sed RW<sup>r</sup> 19 post mente add. sua RW<sup>r</sup> uolens  
magister esse om. R 20 magis - potestatis] potestatem magis uoluptate R. et  
magis uoluptate potestatem W<sup>r</sup> 21 est post sua RW<sup>r</sup> anima ipsius R 22  
fideliter om. RW<sup>r</sup> spiritualia MRW<sup>r</sup>Z, iter. simonia est RW<sup>r</sup> 23/43 Vnde  
eqs om. RW<sup>r</sup> qui ep. XIII<sup>r</sup>, mutato initio, annectunt

---

*app. crit.*: 23 non s. lin. M 26 Deus] dominus Haug 30 per - matrem]  
pro nobilissima matre Haug 33 Isaac om. Z Iacob dedit Z 36 uerba in  
marq. Z 36/37 et soror tua om. Haug 37 Hermannus M 38 salute]  
nauitate M Z, iter.

remota omni occasione, quia nec uolumus nec possumus eo carere, siue imparatus est siue non, per presentium portitorem nobis transmittere non dubitetis; ubi Deum temptare nolumus, sed ubi mirabilia eius uidere desideramus.

XIV<sub>R</sub>

HILDEGARDIS AD ARNOLDVM ARCHIEPISCOPVM COLONIENSEM(?) a. 1150-1156(?)

Nunc autem, o pastor populi tui, ego paupercula, sicut petisti, scripta ueracium uisionum istarum tibi misi, nihil humani ingenii et proprie uoluntatis mee continentia, sed que indeficiens lumen compositione sua et eisdem uerbis manifestare uoluit, quomodo sibi placuit, cum nec hoc ipsum quod tibi nunc scribo, ingenio meo nec ullo humano arbitrio, sed superna ostensione compositum sit.

## XV

PHILIPPVS DECANVS CLERVSQVE COLONIENSIS AD HILDEGARDEM a. 1163(?)

Philippus decanus, licet indignus, maioris ecclesie, totusque

Ep. XIV<sub>R</sub>

*codd.*: R (f. 334r<sup>a</sup>); *W*r (f. 50r<sup>a-b</sup>).

*ed.*: PL II, 164C-D.

*comm.*: *Echtb.*, p. 163, annot. 27; *Vorbem.* 2, p. 140. Hanc clausulam, alibi non repertam, coniunctis epistolis CCCXXXIV, CCCXLIII, CCCXV huius editionis annectunt R *W*r.

Ep. XV

*codd.*: R (f. 409v<sup>b</sup>-410r<sup>a</sup>); *W*r (f. 125r<sup>a-b</sup>).

*ed.*: PL 48, 243C-244A (cfr R).

XIV<sub>R</sub>, *Tit.*: *uide app.* (*sub comm.*)

XV, *Tit.*: Philippus dechanus cum ceteris clericis Hild. R Epistola conuentus maioris ecclesie in Colonia ad s. Hil. *W*r

XIV, 13 Deum – nolumus] cfr Eccli. 18, 23.

XIV, 12 siue<sup>1</sup>] si R est *om.* R

XIV<sub>R</sub>, 1/2 sicut petisti *post* misi R 5 hoc *om.* R nunc tibi PL\* nunc *om.* *Blanckw.*

XV, 1 indignissimus PL

clerus Coloniensium, Hildegardi de sancto Ruperto in Pinguia  
uenerande sectatrici partis illius, quam elegit Maria, et nunc  
per munditiam cordis et in futuro facie ad faciem Deum intueri.

5 Quia maternam pietatem uestram diligimus, uobis notum  
facimus quia, postquam nuper a nobis recessistis, cum per  
diuinam iussionem ad nos uenissetis, ubi uerba uite, prout Deus  
uobis inspirauit, nobis aperuistis, in maximam admirationem  
ducti sumus pro eo quod Deus in tam fragili uase, in tam fragili  
10 sexu hominis tanta mira secretorum suorum operatur.

Sed *Spiritus ubi uult spirat*. Nam, cum ex multis rerum indiciis  
manifestum sit, quod in precordiis uestris placitam sibi sedem  
elegerit, merito et nos in admirationibus nostris ad uos quasi  
ad uiuum Dei templum preces oblaturi accedimus, et de corde  
15 uestro, sicuti reuera de Dei oraculo, ueritatis responsa flagita-  
mus. Beatitudinem enim uestram quam intime exoramus, ut  
desideria nostra, quoniam ad curam animarum respiciunt, in-  
tentius Deo commendatis, et si quid adherens Deo animus uester,  
ut assolet, in uera uisione de nobis peruiderit, litteris nobis  
20 intimare curetis. Rogamus etiam, ut ea que uiua uoce nobis  
prius dixistis, litteris quoque commendatis et nobis transmit-  
tatis, quia, dum carnalibus concupiscentiis dediti sumus, spiri-  
talia, que nec frequenter uidemus nec audimus, facile per  
negligentiam obliuioni tradimus.

25 Valeat dilectio uestra, et ille uobiscum sit quem toto corde  
diligitis.

---

3 partis - Maria] cfr Luc. 10, 42.    11 Spiritus - spirat] Ioh. 3, 8.

---

2 Hildigardi *Wr*    Ruperto *scripsit*] Roberto R *Ruperto Wr*    3 partis] Parris  
*PL*\*    5 paternam *Wr*    6 nuper *om. PL*    11 cum *om. PL*    12 sit] fit  
*PL*    19 in uera uisione ut assolet R    23 frequenter *om. PL*.

*Qui erat et qui est et qui uenturus est*, pastoribus Ecclesie dicit: Qui erat, creaturam facturus erat, ita quod testimonium testimoniorum in semetipso habuit, omnia opera sua faciendo sicut uoluit. Qui est, omnem creaturam fecit, et testimonium  
 5 testimoniorum in omnibus operibus suis ostendebat, ita quod unumquodque formatum apparuit. Qui uenturus est, omnia purgabit et ea denuo in alia uicissitudine iterabit, et omnes rugas temporum et temporum absterget, et omnia simul semper noua esse faciet, et post purgationem ignota ostendet. De ipso  
 10 uentus fluit, sic dicens: Firmamentum cum omnibus ornamentis suis posui, nulla ui carens. Oculos enim quasi ad uidendum, aures ad audiendum, nares ad odorandum, os ad gustandum habet. Nam sol quasi lumen oculorum eius est, uentus autem  
 15 uiriditatem sudando ut oris spiramen. Luna quoque tempora temporum dat, et sic scientiam hominibus ostendit. Stelle autem, uelut rationales sint, sic sunt, quia circulum habent, sicut etiam rationalitas multa comprehendit. Quattuor etiam angulos orbis

## Ep. XVR

*codd.*: Gb (f. 33v-36r; fragm.); R (f. 410r<sup>a</sup>-413r<sup>b</sup>); Wr (f. 125r<sup>b</sup>-129v<sup>a</sup>); W (f. 51r-57r).

*ed.*: PL 48, 244A-253B (cfr R).

*comm.*: *Echth.*, p. 169, c. annot. 104; *Einl.*, p. VII-IX.

XVR, *Tit.*: om. W Epistola sancte Hildegardis ad Colonienses de futura tribulatione clericorum Gb Ad clerum Coloniensium H. R Epistola s. Hil. ad eundem conuentum Wr

XVR, 1 Qui - uenturus est] Apoc. 1, 4. 10/11 Firmamentum - posui] cfr Gen. 1, 6 eqs. 11/12 Oculos - odorandum] cfr Ps. 113, 5-6; Marc. 8, 18; Rom. 11, 8. 18 Quattuor - orbis] cfr Apoc. 7, 1; 20, 7.

*app. comp.*: XVR, 6 unumquodque] quodque R

*app. crit.*: XVR, 1 est uenturus est Wr pastoribus Ecclesie s. lin. W 3 sua om. Wr est] enim PL 5 quod s. lin. R 6 formatum om. Wr formarum PL\* 8 semper om. PL 10 fluit] flauit PL\* 11 quasi s. lin. W 13 quasi s. lin. W 14 post eius<sup>2</sup> add. est Wr 15 ante nudando add. in Wr 17 sic] sicut Wr sicut] sic PL

igne, nube et aqua firmaui, et sic omnes terminos terre quasi  
 20 uenas coniunxi. Lapidés de igne et aqua sicut ossa fudi, et  
 terram de humiditate et uiriditate quasi medullam constitui.  
 Abyssos uelut pedes qui corpus sustinent in fixura extendi,  
 circa quos sudantes aque sunt ad firmamentum eorum. Sic  
 omnia sunt constituta, ne deficiant. Si nubes ignem et aquam  
 25 non haberet, firma coagulatio non esset, et si terra humiditatem  
 et uiriditatem non haberet, uelut cinis esset. Et si cetera lu-  
 minaria lumen de igne solis non haberent, per aquas non  
 fulgurarent, sed ceca essent.

Hec sunt etiam instrumenta edificationis hominis, que tan-  
 30 gendo, osculando et amplectendo comprehendit, cum ei minis-  
 trant; tangendo scilicet quia homo in ipsis manet, osculando  
 quoniam scientiam cum ipsis habet, amplectendo quia nobilem  
 potestatem cum eis exercet. Sed et homo nullam licentiam  
 possibilitatis haberet, si ista cum eo non essent. Sic ista cum  
 35 homine, et homo cum illis.

O filioli, qui greges meos pascitis de instanti instructione  
 dominice uocis, quare non erubescitis, cum omnes creature  
 precepta, que de magistro suo habent, non deserunt, sed perfici-  
 unt? Vos constitui sicut solem et cetera luminaria, ut luceretis  
 40 hominibus per ignem doctrine, in bono rumore fulgurantes et  
 ardentia corda parantes.

Hoc in prima etate mundi feci. Abel enim elegi, Noe dilexi,  
 Moysen ad institutionem legis imbui, prophetas etiam amantis-  
 simos amicos meos constitui. Vnde etiam Abel sacerdotium  
 45 prefigurabat, Noe principale magisterium, Moyses regale nun-  
 tium et prophete plurima magisteria. Sed et Abel ut luna  
 splendorem suum effudit, quia tempus obedientie in munere suo

---

42 Abel - elegi] cfr Gen. 4, 4. Noe dilexi] cfr Gen. 6, 8. 43 Moysen  
 - imbui] cfr Ex. 3, 5; 20.

---

app. comp.: 23 quas RWr 26 Et] Sed et RWr Sed PL 37 omnes] cetera  
 RWr 42 post dilexi add. Abrahe me ostendi RWr 45 post magisterium add.  
 Abraham renouationem sobolis RWr

---

app. crit.: 19 igne s. lin. W 21 terra R (sed recto PL) 22 Abyssos ex  
 Abyssus corr. W pedes om. R 25/26 firma - haberet om. PL 26 essent  
 PL 28 fulgurarent] fulminarent PL 31/32 quia - amplectendo om. PL  
 32 mobilem W 34/35 Sic - illis s. lin. W 35 post homine add. sunt,  
 post illis add. est W 36 instanti] litt. stanti s. lin. W instructione in marg.  
 W 37 uocis dominice W 42 mundi s. lin. W 43 etiam s. lin. W 44  
 amicos s. lin. W

ostendit, et Noe uelut sol, quoniam edificium obedientie perfecit,  
ac Moyses ut fortes planete, cum per obedientiam legem collegit;  
50 et prophete ut quattuor anguli qui terminos terre sustinent, in  
fortitudine perstiterunt, cum orbem terre propter instantem  
iniquitatem corripuerunt, per quod etiam Deum ostenderunt.

Lingue autem uestre mute sunt in clamante uoce canentis  
tube Domini, sanctam rationalitatem non amantes, que sicut  
55 stelle circumlocutionis habet. Tuba Domini iustitia Dei est,  
quam magno studio in sanctitate ruminare deberetis, eam quoque  
in officiali lege et obedientia cum sancta discretione per conuenientia  
tempora iterando populis, et non in nimietate eam illis  
incutiendo.

60 Sed hoc propter petulantiam proprie uoluntatis uestre non  
facitis. Vnde firmamento iustitie Dei luminaria in linguis uestris  
desunt, uelut cum stelle non lucent. Vos enim nox spirans  
tenebras estis et quasi populus non laborans, nec propter tedium  
in luce ambulans; sed uelut nudus coluber in cauernam se  
65 abscondit, sic uos fedtatem in uilitate pecorum intratis.

He, he, uos esse deberetis ut dictum est: *Mons Sion in quo  
habitasti in eo.* Nam uos benedicti et signati in celestibus personis  
habitaculum esse debuistis, myrrham et thus redolens, in quo  
etiam Deus habitaret. Sed hoc non estis, sed ueloces estis ad  
70 lasciuiam puerilis etatis, illorum scilicet qui de salute sua loqui  
nesciunt. Sed et quicquid caro uestra postulat, facitis. Quapropter  
de uobis dicitur: *Leua manus tuas in superbias eorum in  
finem; quanta malignatus est inimicus in sancto!* Nam potestas  
Dei colla uestra iniquitate erecta deprimet et ad nihilum de-  
75 ducet, que uelut in sufflatu uenti inflata sunt, cum Deum nec  
cognoscitis, nec hominem timetis, nec iniquitatem contemnitis,  
ut eam in uobis finiri desideretis. Deum enim non uidetis nec  
eum uidere desideratis, sed opera uestra inspicitis et ea in

---

66/67 Mons - eo] Ps. 73, 2. 72/73 Leua - sancto] Ps. 73, 3. 74/75  
ad - deducet] cfr Ps. 59, 14.

---

*app. comp.*: 48 *post* perfecit *add.* ac Abraham ut fortes planete, cum circumcissionem  
attulit RWr 49 ac - planete] et Moyses et cetera stelle RWr 56 in  
sanctitate om. R 64 cauerna R 70 loqui de salute sua Wr 75 nec] non  
RWr

---

*app. crit.*: 48 edificium] officium Wr 50 et s. lin. W 55 habent RWr  
56 deberetis] *litt.* re s. lin. W 60 petulantiam *conici*] pecuniam RWrWr  
pertinaciam PL\* 61 faciatis Wr uestris] nostris Wr 67 uos om. PL  
69/70 ad lasciuiam om. Wr 74/75 reducet Wr 77 enim om. PL 78  
eum om. PL.

uobismetipsis iudicatis, scilicet faciendo et relinquendo secun-  
80 dum placitum uestrum que uultis.

O quanta malignitas et inimicitia hec est, quod homo nec  
propter Deum nec propter hominem in bona conuersione esse  
uult, sed quod honorem appetit sine labore et premia eterna  
sine abstinentia, et quod tantum uelut in sanctitate inaniter  
85 cupit personare secundum quod diabolus dicit: Bonus et sanctus  
sum. - Sed non hoc.

Quid nunc dicitis? Oculos non habetis, cum opera uestra in  
igne Spiritus Sancti hominibus non lucent et cum bona exempla  
eis non ruminatis. Vnde firmamentum iustitiae Dei in uobis luce  
90 solis caret, et aer edificio uirtutum in odore suauitatis. Vnde  
dictum est: *Oculos habent et non uidebunt, nares habent et non  
odorabunt.* Nam sicut uenti flant et omnem orbem perfundunt,  
sic uos ueloces uenti cum doctrina uestra omni populo esse  
deberetis, sicut dictum est: *In omnem terram exiuit sonus eorum.*  
95 Vos autem in unaquaque uolante seculari fama iam lassati estis,  
ita quod interdum milites, interdum serui, interdum etiam  
ludificantes cantores existitis, sed per fabulosa officia uestra  
muscas in estate aliquando abigitis.

Per doctrinam quoque Scripturarum, que de igne Spiritus  
100 Sancti compositae sunt, anguli fortitudinis Ecclesiae esse debe-  
retis, eam sustentantes sicut anguli qui terminos terre sustinent.  
Sed prostrati estis nec Ecclesiam tenetis, sed in cauernam  
uoluptatis uestrae fugitis, ac propter tedium diuitiarum et auar-  
ritiae et ceterarum uanitatum subditos uestros non imbutis, nec  
105 eos doctrinam a uobis querere permittitis, dicentes: Omnia  
elaborare non possumus. - Nam eos per precepta legis perfundere  
et constringere deberetis, ne ullus eorum per fragilitatem, quasi  
per medullam faceret quod sibi eligit, uelut terra humiditate et  
uiriditate perfusa et constricta est, ne cinis sit. Propter uos  
110 autem ut cinis sparguntur et in unaquaque causa que uolunt  
faciunt.

Vos enim ignea columna esse deberetis, illos precedendo et  
eis clamando, ac bona opera coram ipsis exercendo, ac dicendo:

---

91/92 Oculos - odorabunt] Ps. 113, 5-6. 94 In - eorum] Ps. 18, 5.

---

*app. comp.*: 96 etiam om. RWr 103 ac] et R 104 et] ac WR 113  
ipsis] illis R

---

*app. crit.*: 81 inimica WR 82 conuersione fort. recte PL Bund 84 quod]  
quo PL\* 85 quod s. lin. W 89 eius R 104 et om. PL\* 107 debetis  
PL. 110 ut cinis om. PL. 112 precedendo] perdendo *Blanchew.* perducendo  
PL.\* 113 ac<sup>1</sup> s. lin. W

115 *Apprehendite disciplinam, ne quando irascatur Dominus, et pe-*  
*reatis de uia iusta.* Nam lex Domini per amorem et timorem  
 plena discipline est, et ideo queque natura, scilicet et spiritalis  
 ac carnalis, in recto itinere exercenda est, ne Creator minetur  
 eis quos creauit, quod uias suas non ambulant.

120 Sed uosmetipsos seducitis, dicentes: Nec hos nec illos superare  
 possumus. - Quod si per rationalitatem quam Deus uobis dedit,  
 subditos uestros ueraciter corripere, ueritati resistere non  
 audent, sed, quantum possent, uerba uestra uera esse dicerent.  
 Sed quia hoc non facitis, de uobis dicitur: *Turbati sunt et moti*  
*sunt sicut ebrius, et omnis sapientia eorum deuorata est.* Nam  
 125 turbati estis, cum nullum respectum boni in uobis habetis, ita  
 quod bene ambuletis. Moti quoque in magna dubitatione estis,  
 cum opera uestra rectum responsum uobis non dant, uelut  
 nesciatis quid faciatis, sicut ebrius, quando illa que optio mentis  
 ac proprie uoluntatis uestre desiderat, facitis. Vnde omnis sa-  
 130 pientia quam de Scripturis et de doctrina ubique quesuistis, in  
 puteo proprie uoluntatis uestre deuorata est, cum hoc quod  
 tangendo et sapiendo sciebatis, in plenis desideriis uestris et in  
 pinguedine carnis uestre faciebatis, uelut infans qui in infantia  
 sua nescit quid faciat.

135 Quapropter iterum ad uos dicitur: Mores moralitatis ad po-  
 pulum in recta stabilitate non habetis, sicut pedes reliquum  
 corpus sustinent, quatenus Scripturis eos circumdetis, uelut  
 abyssus aquis sudantibus undique circumdata est. - Sed dicitis:  
 Tempus loquendi modo non habemus, nec etiam nunc tempus  
 140 est ut audiamur, sicut in prioribus temporibus erat. - Sed dico:  
 Abel autem propter odium fratris sui munus suum non deseruit,  
 sed illud Domino suo obtulit, quamuis ob hoc occisus sit. Noe  
 in tremendo iudicio suffocationis creaturarum angustiatus mul-  
 tum sudorem emisit, cum mortem ualde timuit, ubi super nubem  
 145 stetit. Quod quidam alii homines uidentes, dixerunt: Quid facit  
 stultus iste? Venti enim destruent eum. - Sed tamen ipse impleuit

---

114/115 *Apprehendite - iusta*] Ps. 2, 12. 123/124 *Turbati - est*] Ps. 106,  
 27. 141/142 *Abel - sit*] cfr Gen. 4. 142/147 *Noe - preceperat*] cfr Gen.  
 6-7; (Ex. 24, 15-16?). 146/147 *Sed - preceperat*] cfr Gen. 6, 22; 7, 5.

---

*app. comp.*: 117 *ac*] et R<sup>W</sup>r 122 *possint* R 124 *post est add.* Hoc tale  
 est R<sup>W</sup>r 126 *quod*] ut R 138 *circumdata scripsi cum PL circumdatus fort.*  
*recte codd.* 144/145 *super nubem stetit*] *iussa Dei compleuit* R<sup>W</sup>r

---

*app. crit.*: 116 *scilicet om. PL\** et *om. W*r spiritalis PL 125 *bonum*  
 W<sup>r</sup> 126 *quoque*] *namque W*r 128 *illa s. lin. W* 135 *iterum om. PL*  
 137 *eon om. W*r 140 *Sed dico s. lin. W* 145 *uidentes om. PL*

quod Deus ei preceperat. Moyses quoque legislator dura et  
aspera a fratribus et a uicinis suis in multo dolore passus est,  
sed tamen legem non dereliquit, sed precepta Dei adimpleuit.  
150 Prophete etiam de infidelibus hominibus uelut de rabidis lupis  
occisi sunt, cum Deo obediebant.

Vos autem in modico et conueniente tempore iniurias a populis  
sufferre non uultis, et ideo innumerabilia et infinita tormenta  
in sinum uestrum colligitis. Dies esse deberetis, sed nox estis.  
155 Nam aut nox aut dies eritis. Eligite uobis in qua parte stare  
uelitis. Vos autem in firmamento iustitie et legis Dei sol et luna  
et stelle non estis, sed tenebre, in quibus uelut mortui iacetis.

Vnde diabolus in semetipso de uobis dicit: Escas epulantium  
et conuiuia omnis uoluntatis mee in istis inuenio. Sed et oculi  
160 et aures et uenter meus, ac uene mee de spumis istorum plene  
sunt, et ubera mea plena sunt de uitiiis eorum. Nam ipsi laborare  
in Deo suo nolunt, sed eum quasi nihilum computant. Qua-  
propter incipiam cum eis militari et iocando cum eis ludere,  
quoniam eos in agro domini sui laborantes non inuenio, quem-  
165 admodum dominus eorum ipsis iubet. Sed, o uos, discipuli et  
subditi mei, multo plus eis coram populo disciplinati estis. Et  
quia sic estis, erigite uos super illos et omnes diuitias et omnem  
honorem eorum abstrahite ab eis, ac omnino despoliantes suf-  
focate eos.

170 Hec diabolus in semetipso dicit, que etiam in multis iudicio  
Dei ita complebit. Sed ego, *qui sum*, audientibus me dico: In

---

147/149 Moyses - adimpleuit] cfr Ex. 20 eqs. 157 (*app. comp.*) Adam -  
iuit] cfr Gen. 3. Cain - occidit] cfr Gen. 4. Noe - produxit] cfr Gen.  
6-7. filio - inhonoraret] cfr Gen. 9. filius - factus est] cfr Gen. 9, 21-27.  
Diuinitas - muliere] cfr Gen. 11, 30. filios - percussit] cfr 3 Reg. 18.  
Verbum - factum est] cfr Ioh. 1, 14. incarnatus - obediuit] cfr Phil. 2,  
8. discipulos - precepit] cfr Matth. 28, 19. corona - inclinabitur] cfr Ier.  
13, 18. 171 qui sum] Ex. 3, 14.

---

*app. comp.*: 147 post preceperat add. Abraham uero nec propter dolorem cordis  
sui, nec propter amorem filii sui cessauit quin eundem filium suum in holocaustum  
ligaret R Wr 152 conueniente] congruente R 153 non uultis sufferre Wr  
157 post iacetis *plura add.* R Wr; uide *Appendicem 1 ad calcem huius epistolae* (p.  
44-46) 158 Vnde] Nam R Wr Nam et PL 161/162 in Deo suo laborare  
R 163 militare R Wr 168 ac] et R

---

*app. crit.*: 147 Deus] Dominus PL 148 post fratribus add. suis Wr et om.  
Wr a<sup>2</sup> om. PL 150 rapidis PL 151 obediant PL 157 in quibus s.  
lin. W 161/162 in deo suo laborare in deo suo Wr 165 ipsos Gb 167  
quia sic estis] ideo Gb 168 eorum s. lin. W illorum Wr spoliantes Gb  
170/171 complebit ita iudicio Dei Wr 171 ita om. PL

tempore illo cum istud fiet, per quendam populum super uos  
preuaricantes preuaricatores ruina cadet, qui ubique uos per-  
sequetur, et qui opera uestra non celabit, sed ea denudabit, et  
175 qui de uobis dicet: Isti scorpiones sunt in moribus et operibus  
serpentinis. - Sed et quasi in zelo Domini de uobis imprecabitur:  
*Iter impiorum peribit.* Nam uias uestras in iniquitate uestra  
deridebunt et subsannabunt.

180 Sed populus iste qui hoc faciet, a diabolo seductus et missus,  
pallida facie ueniet, et uelut in omni sanctitate se componet ac  
maioribus secularibus principibus se coniunget. Quibus et de  
uobis sic dicet: Quare hos uobiscum tenetis, et quare eos uo-  
biscum esse patimini, qui totam terram in maculosis iniquita-  
tibus suis polluunt?

185 Populus autem qui hoc de uobis dicet, cappatus sub nigra  
ueste incedet et recto modo tonsus, atque omnibus moribus suis  
placidum et quietum se hominibus ostendet. Auaritiam quoque  
non amat, pecuniam non habet, ac in occultis suis tantam  
abstinentiam imitatur, quod etiam uix ullus ex eis reprehendi  
190 poterit. Diabolus enim cum hominibus istis est, latitante fulgore  
eis se ostendens, uelut in constitutione mundi ante ruinam fuit,  
et prophetis aliquantum se similem facit, et dicit: Populus  
iocando loquitur, scilicet quod uelut rabida et immunda ani-  
malia et uelut muscas ei me ostendam. Sed nunc in pennas  
195 uentorum fulgurante tonitru uolare uolo, et eos omnibus modis  
ita infundere, quod omnem uoluntatem meam perficiant. Et sic  
in hominibus istis signa mea omnipotenti Deo assimilabo.

Nam diabolus per aërios spiritus hec operatur, qui propter  
praua opera hominum in sufflatu uenti et aeris ita innumerabiles  
200 circa quosdam discurrunt sicut musce et culices, qui in ardore

---

177 Iter - peribit] Ps. 1, 6.

---

*app. comp.:* 172 populum] errantem populum peiorem erranti populo qui nunc  
est GbRWr 174 post sed add. qui Gb, que Wr 175 ante operibus add. in  
GbRWr 177 post uestra add. ad internecionem (-nitionem) GbRWr 184  
post polluunt add. Isti enim ebrii et luxuriosi sunt, et nisi eos a uobis abiciatis,  
tota Ecclesia destruetur GbRWr 185/186 cappatus - tonsus] uilibus cappis  
que alieni coloris sunt induitur et recto modo tonsus incedet GbRWr 188  
ac] et R 189 quod] ut R etiam om. R 190 possit R 194 me ei Wr  
195 tonitruo Wr 196 quod] ut R

---

*app. crit.:* 173 qui] que Wr 174 post sed add. que Wr 175 qui om. PL  
que Wr 182 dicent PL tenetis] habetis Gb 183 qui] quia Wr 184  
suis s. lin. W 187 hominibus se s. lin. Gb hominibus s. lin. W 189  
deprehendi Bund 192 aliquantulum Gb 193 rapida PL\* 194 me eis  
Gb 196 ita om. Gb perficient Gb 199 ita s. lin. W 200 qui] que Gb

caloris homines pre multitudine sua infestant. Ipse enim homines istos hoc modo infundit, quod castitatem eis non aufert et quod eos castos esse permittit, cum castitatem habere uoluerint; unde mulieres non amant, sed eas fugiunt. Et ita quasi  
 205 in omni sanctitate hominibus se ostendent ac illudentibus uerbis dicent: Ceteri homines qui ante uos castitatem habere uolebant, ut assum piscem se torrebant. Nulla autem pollutio carnis et concupiscentie nos tangere audet, quia sancti sumus et Spiritu Sancto infundimur.

210 Wach! errantes homines qui nunc sunt, nesciunt quid faciunt, sicut et illi qui nos in prioribus temporibus precesserunt. Nam alii homines qui eo tempore in fide catholica errant, istos timebunt et seruili seruitio eis ministrabunt, et quantum poterunt eos imitabuntur. Cumque isti cursum erroris sui hoc  
 215 modo compleuerint, doctores et sapientes, qui tunc in catholica fide persistunt, undique persequentes expellent, sed tamen non omnes, quoniam aliqui illorum fortissimi milites in iustitia Dei sunt. Sed et quasdam congregationes sanctorum, quorum conuersatio sancta est, mouere non poterunt. Quapropter principibus et diuitibus consilium dant, ut doctores et sapientes ac  
 220 clericos fustibus et lignis coerceant, quatenus iusti fiant. Et in aliquibus hoc complebitur, unde alii territi contremiscent.

Ipsi autem in inceptione seductionis erroris sui mulieribus dicent: Non licet uos nobiscum esse, sed quoniam rectos doctores  
 225 non habetis, nobis obedite et quecumque uobis dicimus et

---

*app. comp.*: 203/204 uoluerunt R 204 post uoluerint add. Et iterum intra se dicit: Castitatem et continentiam Deus diligit, quod et ego (et ego om. Wr) in istis imitabor. Ac (Et R) sic idem antiquus hostis per aërios spiritus eosdem homines inflat, ita quod ab incestis peccatis se abinent GbRWr 205 ac] et RWr 212 istos] istos homines GbRWr 213 seruitio] officio GbRWr 214 post imitabuntur add. Tunc de conuersatione istorum populus gaudebit, quoniam ei iusti uidebuntur GbRWr 215 compleuerint] confirmauerint GbRWr 215/216 catholica fide] fide catholica fideliter GbRWr 220/221 doctores – clericos] eosdem ecclesiarum (ecclesie R) magistros ac (et R) reliquos spiritales homines, scilicet subditos eorum GbRWr 222 post contremiscent add. Sed tamen secundum quod Helic dictum est (cfr 3 Reg. 19, 18), multi iustorum seruabuntur, qui in erroribus istis non confundentur nec (ut Gb) a fundamentis suis destruentur (destruantur Gb) GbRWr 223 Ipsi autem] Seductores autem isti GbRWr

---

*app. crit.*: 201 pre om. PL\* 203 quod om. Gb, s. lin. W 204 post unde add. et PL 207 torquebant Gb 210/211 Wach – precesserunt in marg. inf. W 212 alii s. lin. W 213/214 potuerunt Gb 214 sui om. Gb 215 tunc s. lin. W 217 illorum] istorum GB eorum PL 219 sancta] recta Wr non s. lin. W (Quapropter] Qua Wr 220 dabunt Wr

precipimus, facite et salue eritis. -Et hoc modo feminas sibi contrahunt ac eas in errorem suum ducunt. Vnde etiam ipsi in superbia tumentis animi dicent: Omnes superauimus.

Sed *qui sum*, dico: Sic iniquitas que iniquitatem purgabit, 230 super uos ducetur, sicut scriptum est: *Posuit tenebras latibulum suum, in circuitu eius tabernaculum eius tenebrosa aqua in nubibus aeris*. Nam Deus praua opera uestra que absque luce sunt, constituet ad uindictam, in qua se a uobis sine adiutorio abscondet, quoniam nullus equitatem super uos clamabit, sed 235 omnes uos iniquos esse dicent. De celo enim lex et doctrina est, in quibus apud uos habitare debuit, si ornamentum uirtutum et redolens hortus deliciarum essetis.

Sed malum exemplum in mentibus hominum estis, cum nullus riuulus bone fame de uobis fluit, ita quod nec cibum ad uescendum nec uestimentum ad operiendum in respectione anime 240 habetis, sed iniusta opera absque bono scientie. Vnde honor uester peribit et corona de capite uestro cadet. Sic iniustitia iustitiam prouocat, et querit ac perscrutatur omnia scandala, ut scriptum est: *Necesse est enim ut ueniant scandala. Verum-* 245 *tamen ue homini per quem scandala ueniunt*. Nam oportet ut per tribulationes et contritiones praua opera hominum purgentur. Sed tamen multe erumne et illis accumulatur, qui aliis in impietate sua miserias inferunt. Infideles autem homines isti, et a diabolo seducti, scopa uestra erunt ad castigandum uos, quia 250 Deum pure non colitis, et tamdiu uos cruciabunt quousque omnes iniustitie et iniquitates uestre purgentur.

Isti autem illi deceptores non sunt, qui ante nouissimum diem uenturi sunt, cum diabolus in altum uolauerit, ut ipse in initio

---

229 Qui sum] Ex. 3, 14. 230/232 Posuit - aeris] Ps. 17, 12. 241/242 honor - cadet] cfr Ps. 8, 6; Hebr. 2, 7. 244/245 Necesse - ueniunt] Matth. 18, 7. 253/254 cum - cepit] cfr Is. 14, 12 eqs.

---

*app. comp.*: 227 ac] et R 228 post superauimus *add.* Qui tamen postea eisdem feminis secreta luxuria commiscebuntur, et ita (ita *om. Gb*) iniquitas et secta eorum denudabitur *GbRWr* 234 nullus *om. GbRWr* ante clamabit *add.* non *GbRWr* 235 omnes *om. GbRWr* dicent *GbRWr* 238 nullus *om. GbRWr* 239 fluit] non fluit *GbRWr* 240 ante respectione *add.* recta *GbRWr* 244 Necesse - scandala *om. GbRWr* 245 scandalum uenit *GbRWr* 251 omnes *om. GbRWr* 252 deceptores illi R

---

*app. crit.*: 227 ipsi *om. Gb* 229 que *om. Gb* 231 in circuitu *s. lin. W* 236 apud uos *om. Gb* 240 inspectione *Gb* 241 bone *Wr* 242 iustitia *PL* 246 per *s. lin. W* hominum opera *PL* 247 multe tamen *a. corr. W* 250 cruciabunt uos *Gb* 251 omnes *om. PL* iustitiae *PL*.

255 contra Deum pugnare cepit, sed precurrens germen illorum  
sunt. Sed tamen, postquam ipsi in peruersitatibus Baal et in  
aliis prauis operibus sic inuenti fuerint, principes et alii maiores  
in eos irruent et uelut rabidos lupos eos occident, ubicumque  
eos inuenerint. Tunc aurora iustitiae exsurget, et nouissima uestra  
260 meliora prioribus erunt, ac de omnibus preteritis timorati eritis,  
et quasi purissimum aurum fulgebitis et sic per longa tempora  
permanebitis.

Et tunc multi homines mirabuntur quod tam ualida tempe-  
tas hanc lenitatem precurrit. Homines autem qui ante tem-  
pora ista fuerunt, multas et ualidas pugnas contra uoluntates  
265 suas in periculis corporis sui sustinuerunt, de quibus se eripere  
non potuerunt. Sed in temporibus uestris inquieta bella propter  
propriam uoluntatem et propter incompressos mores uestros ha-  
bebitis, in quibus ad nihilum redigemini.

Quicumque ergo pericula ista effugere uoluerit, caueat ne in  
270 oculis suis ita contenebretur, quod in rebus erumnarum ista-  
rum occupetur. Sed unusquisque, quantum preualebit, per bona  
opera et per respectum bonae uoluntatis illa fugiat, et Deus  
auxilium suum illi prouidebit.

Ego autem timida et paupercula per duos annos ualde fatigata  
275 sum, ut coram magistris et doctoribus ac ceteris sapientibus in

---

261 (*app. comp.*) Ve - peccauimus] Thren. 5, 16. 269/270 in - contenebretur] cfr Thren. 5, 17. 273 (*app. comp.*) Adam - inspirauit] cfr Gen. 2, 7. Emitte - terre] Ps. 103, 30. quia caritas est] cfr I Ioh. 4, 8. conuiuium - est] cfr Matth. 22, 8.

---

*app. comp.*: 258 exsurget *om.* GbWr, s. lin. R 261 post permanebitis *add.* GbRWr: Nam prima aurora iustitiae in spiritali populo tunc surget, ut primitus cum paruo numero incepit, nec ipsi multas facultates nec diuitias multas (multas diuitias R) habere uolunt, quae animas occidunt, sed dicent: Ve nobis, quia peccauimus (Thren. 5, 16). Ipsi namque de preterito timore et de (de *om.* Gb) preterito dolore ad iustitiam confortabuntur, quemadmodum angeli in casu diaboli in amore Dei confortati sunt. Et sic postea in humilitate uiuent, nec prauis operibus Deo rebellare cupient, sed a multis erroribus purgati, deinceps in fortissima uia rectitudinis persistent (Hic *expl.* Gb) 262 Et] sed et RWr 267 propter *om.* R 268 ad nihilum redigemini] multas tribulationes patiemini RWr 272 per *om.* R 273 post prouidebit *plura add.* RWr; *uide Appendicem II ad calcem huius epistolae (p. 46-47)*

---

*app. crit.*: 254 Deum] Dominum PL ceperit Wr 256 post operibus *add.* suis Gb fuerint] sunt Wr 258 inuenerunt Gb 262 Et tunc *sq.* *desunt in* Gb tunc *om.* PL quod] quia Wr 263/264 ista tempora Wr 264 contra uoluntates suas s. lin. W 265 de] et PL\* eripere se PL. crapere W 266 ante inquieta *add.* multa PL 267/268 habetis PL\* 270 occultis Wr 271 preualet Wr

quibusdam maioribus locis, ubi mansio illorum est, uiuente uoce ista proferrem. Sed quia Ecclesia diuisa erat, uocem hanc subtraxi.

---

*app. comp.*: 277 ante subtraxi *add.* interim *RWr*

---

*app. crit.*: 276 quibusdam] *litt. dam s. lin. W*      277 ecclesie *post lac. W*

\*  
\* \*

APPENDIX I: 157 *post* iacetis *add.* *RWr*: Vnde iterum dico: Deus opera que per semetipsum fecit, illis qui ab eo declinant proponit, quoniam manipulos bonorum fructuum recte non ferunt, quemadmodum pater probitatis sue opera filiis suis, cum ab eo recedunt, ostendit, ubi in  
5 honestate bene non ambulant. Adam in beneuolentia preceptum Dei suscepit, sed consilio diaboli defecit; unde claritatem, quam uelut uestimentum lucidum habuit, et patrimonium paradisi perdidit, ac lamentabile uestimentum induit et in tenebrosam terram iuit. Tunc diabolus gaudebat quod hominem deriserat, et hoc fecit usque ad Abel, qui bona  
10 uoluntate Deum dilexit et uoluntatem illam bono opere ostendit. Ibi autem Cain diabolus inuasit, ita quod fratrem suum occidit. Hec Deus in mente sua uelut in libro scripta inspexit; que mysteria diabolus nesciuit, quoniam in sancta diuinitate tantum apparuerunt, quia uirginitas in Abel sacerdotali officio et sanguine martyrii ornata est, quod  
15 postea totum in Filio Dei completum est. Deinde Deus per Noe in edificatione arce celeste fundamentum prefigurauit, ubi nouum mundum produxit. Tunc namque terra nouum sucum, scilicet uinum dedit, in quo mors et uita est, in quo etiam diabolus filio Noe persuasit, quod propter nuditatem patrem inhonoraret; unde etiam filius eius idem, de  
20 benedictione libertatis denudatus, etiam seruus factus est. Postea Diuinitas per circumcisionem et ueram ostensionem muros eiusdem fundamenti in Abraham demonstrabat, et etiam in sterili muliere. Circumcisio enim confusio serpentis et uulnus mortis erat. Prima quoque mulier sterilis uite fuit; Ecclesia autem feta uite per fidem erat. Dia-  
25 bolus autem in quibusdam in genere Abrahe cum maledictione irrisionem per homicidium et per alia praua opera fecit, unde de benedictione Dei ceciderunt. Sed digitus Dei legem Moysi scripsit, ubi turres predicti fundamenti in altum produxit. Quapropter idem diabolus ibi pessimum et summum malum iniit, quod prius consiliatus, hic manifeste ostendit,  
30 cum in Baal se esse Deum dixit. Vnde Deus filios Israel multis plagis percussit. Tunc unicornis uenit ac in sinu Virginis dormiuit, quando Verbum Dei caro factum est et celeste fundamentum totum compleuit. Ipse enim in uirginea natura sacrificium Abel per sanguinem martyrii pleniter factus est. Antiquus quippe serpens ei insidiabatur, quia nes-

35 ciuit quis esset, et quoniam mysteria illa que in mente Dei erant, non  
 cognouit et Iudaicum populum hortabatur ne illum in mirabilibus suis  
 audirent, sed quod eum a discipulo suo uenditum caperent. Quapropter  
 ipsi in diuersas regiones uenditi sunt ac regionem suam perdiderunt.  
 Filius autem Dei Ecclesiam quasi arcam Noe super alios altos montes  
 40 posuit, quando per discipulos suos principes, duces ac reges fidem do-  
 cuit, ubi eam quoque omnibus generibus, scilicet iustorum, publicano-  
 rum ac peccatorum impleuit. Ipse quoque in Abraham obedientiam  
 incepit, cum incarnatus Patri suo usque ad mortem obediuit ac in  
 circumcissione baptismum in nomine sancte Trinitatis dedit, cum dis-  
 45 cipulos suos baptizare credentes precepit. In eodem autem baptismo  
 serpens in confusione suffocatus est, ac mors deuicta ac uulnerata est,  
 unde Ecclesia nouam generationem per alienam uiam genuit, qua Eua  
 sterilis uite fuit, Maria autem maiorem gratiam contulit quam Eua  
 nocuisset. Sed antiquus serpens Iudeis ac infidelibus hominibus persua-  
 50 sit ut sanctos eius persequerentur et occiderent. Filius autem Dei  
 uexillum uictorie in omnibus operibus suis obtinuit, et discipulis suis  
 sicut Moysi legem dedit, ut omnes populos docerent ac ut magistros  
 constituerent, et ut Ecclesiam in omnibus ordinibus suis ornarent; et  
 hoc fecerunt per inspirationem Spiritus Sancti qui in cordibus eorum  
 55 ueram doctrinam scripsit. Et quia Verbum Dei incarnatum erat, Deo  
 placuit quod omnes ordines angelorum, qui per nomina sua hominibus  
 noti sunt, in spiritali populo spiritaliter designarentur, uelut in presby-  
 teris ac episcopis, ac in ceteris huiusmodi spiritalibus ordinibus. Tunc  
 Ecclesia in spiritalibus hominibus sicut aurora apparuit et ita in uir-  
 60 tutibus fulgebat, quoniam in tribulationibus eorum defensionem quasi  
 scutum et protectionem quasi lorica habebat. Et ita spiritalis populus  
 in magno honore coram Deo et hominibus stabat, usque ad tyrannum  
 quendam qui Baaliticus cum seruitute idolorum esse cepit. Quod spi-  
 ritualis populus uidens, primo suspirauit et contremuit. Sed tamen idem  
 65 spiritalis populus deinde singularitatem ac singularem proprietatem in  
 actibus suis iniiit et a pacto quod Deo per Spiritum Sanctum promiserat,  
 declinauit, ac uelut Iudei fecerant, illud post illud ac aliud post aliud  
 preceptum reliquit, et unusquisque ordo legem secundum proprietatem  
 uoluntatis sue sibi posuit, et de bona conuersatione ac de bona doctrina  
 70 se auertit. Tunc etiam ueste obedientie sicut Adam denudabantur, ac  
 ita secundum uoluntatem carnis sue uiuere ceperunt. Et hoc ut tene-  
 brosa terra fecerunt, sicut etiam Adam post inobedientiam a Deo tene-  
 brosus nominatus est, et Ecclesie sicut prius fulserant, non lucebant,  
 sed uelut obnubilatio turbinis ei facti sunt, quemadmodum etiam Adam  
 75 propter inobedientiam obnubilatus nec sibi nec aliis lucebat, sed in  
 tenebris incedebat. (*Hic incipit Gb*) Et de uiuente luce iterum audiui  
 uocem dicentem: O filia Sion, corona honoris capitis filiorum tuorum  
 inclinabitur, et pallium dilatationis diuitiarum eorum minuetur, quia  
 tempus illud non cognouerunt quod eis ad uidendum et subditos suos  
 80 ad docendum dedi. Nam et ubera ad nutriendum paruulos meos eis  
 data sunt, que ipsis recto et congruenti tempore non prebent, unde  
 sicut peregrini filii fame multi defecerunt, quoniam recta doctrina non

## 46 EPIST. XVR, APPEND. I, 83 – II, 13

reficiuntur. Vocem quoque habent, et non clamant; opera etiam eis  
 data sunt, et non operantur. Gloriam absque merito habere uolunt, et  
 85 meritum absque opere. Qui gloriam cum Deo habere uult, proprietatem  
 suam abscidat, et qui meritum apud Deum habere desiderat, opus ad  
 hoc exercent. Sed quia hoc non facitis, ad seruos seruorum computa-  
 bimini, et ipsi iudices uestri erunt, ac libertas uestra a uobis declinabit  
 sicut benedictio a Chanaan. Ista flagella precurrent, alia autem, et  
 90 postea alia peiora uenient.

---

5/8 Adam – iuit] cfr Gen. 3. 11 Cain – occidit] cfr Gen. 4. 15/17  
 Noe – produxit] cfr Gen. 6-7. 18/19 filio – inhonoraret] cfr Gen. 9. 19/  
 20 filius – factus est] cfr Gen. 9, 21-27. 20/22 Diuinitas – muliere] cfr Gen.  
 11, 30. 30/31 filios – percussit] cfr 3 Reg. 18. 32 Verbum – est] cfr Ioh.  
 1, 14. 43 incarnatus – obediuit] cfr Phil. 2, 8. 44/45 discipulos – precepit]  
 cfr Matth. 28, 19. 77/78 corona – inclinabitur] cfr Ier. 13, 18.

---

2 qui] que *Wr* 4 opera probitatis sue *R* 5 non bene *R* 6/7 lucidum  
 uestimentum *R* 8 tenebrosa terra *R* 9 quod] quia *R* 11 diabolus Cain  
*R* 17/18 in quo] ubi *R* 19 *post* patrem *add.* suum *R* idem filius eius  
*R* 20 denudatur *Wr* 24 uite<sup>2</sup>] uitis *PL* 25 maledictionem *Wr* 25/  
 26 irrisiōnem *om.* *Wr* 29 iniit *om.* *PL* 30 Israel *om.* *Wr* 31 ac] et *R*  
 33 Ipse] In se *Wr* 34 factum *a. corr.* *Wr* 37 cum *om.* *Wr* 38 ac] et  
*R* 40 ac] et *R* 41 quoque *om.* *Wr* 42 ac *om.* *PL* 43 ac] et *R* 45  
 credentes *om.* *Wr* 46 ac<sup>1</sup>] et *R* 47 qua] quia *PL* 50 eius] Dei *R* 52  
 ac] et *R* ut<sup>2</sup> *om.* *R* 53 ut *om.* *R* 54 perfecerunt *R* Sancti] Dei *R*  
 57 nota *R* designarent *Wr* 58 ac<sup>1</sup>] et *R* 67 ac<sup>2</sup>] et *R* 68  
 reliquerunt *R* 68/69 uoluntatem proprietatis *R* 69 ac] et *R* 70 auerterunt  
*R* ac] et *R* 71 sue *om.* *R* hoc] illud *R* ut] in *R* 74 ei *om.* *PL*  
 76 incedebant *R* Et *om.* *Gb* 78 imminuetur *Wr* 80 nutriendos *Gb*  
 82 sicut] et *Gb* 86 abscidat *PL* 87 exercent] exhibeat *Gb* *R* 90  
*post* alia *add.* et *Gb* *R*

APPENDIX II: 273 *post* prouidebit *add.* *R Wr*: Diabolus namque in  
 opere Dei errorem fecit, quod etiam in primo homine incepit, unde  
 spumas uitiorum suorum super spiritalem populum exspuit. Sed Deus  
 populum quem sibi elegit, in rectitudine seruabit, sicut etiam quosdam  
 5 homines contra nouissimum errorem seruat, ut illum dissipent. Sic  
 diabolus in cauda erroris huius confundetur et sicut coluber in cauernam  
 abscondetur, uelut etiam in nouissimo errore in confusionem ducetur.  
 Deus enim opera sua in Adam prouidit, quem de limo carnem et ossa  
 fecit, cum ei spiraculum uite inspirauit. Sed cum spiritus hominis ab  
 10 homine recesserit, caro et ossa in cinerem uertuntur, sed tamen in  
 nouissimo die renouabuntur. Quod autem Deus hominem de limo fecit,  
 ueterem legem dandam homini prefigurauit, sed quod idem homo de  
 limo in carnem et ossa surrexit, spiritalem legem ostendit quam Filius

Dei per semetipsum attulit. Qui etiam post cinerem renouabitur et  
 15 eternus erit, in quo demonstrabitur quod cum premio sanctitatis ac  
 cum premio uere legis faciem Creatoris uidebit, quia ibi uere renouatus  
 est, quemadmodum scriptum est: *Emitte Spiritum tuum, et creabuntur,*  
*et renouabis faciem terre.* Quod dicitur: Tu Deus, qui omnia creasti,  
 20 emittes in nouissima tuba Spiritum tuum, et homines in immortalitate  
 surgent, ita quod amodo non crescent, neque arescent, nec in ullam  
 putredinem conuertentur. Et sic renouabis faciem hominis, scilicet quod  
 corpus et anima in una scientia et in una perfectione erunt. – Hoc  
 Deus faciet, in quo nec initium nec finis est. Nam Deus in nullum  
 respicit, quia ipse totus est. Et ipse hominem creauit, in quem opus et  
 25 miracula sua posuit et cui quodque edificium uirtutum commisit, per  
 quod ad ipsum tendat, quod idem Deus ualde amat, quia caritas est.  
 Nam Deus facit uelut aliquis pater familias qui familiari amico suo  
 bona sua committit, quatenus pro bono opere eorundem bonorum  
 mercedem ab ipso recipiat. Nunc, o filii Dei, audite et intelligite, quid  
 30 Spiritus Dei ad uos dicat, ne de meliore parte pereatis. Et Spiritus Dei  
 uobis dicit: In ciuitatem et in regionem uestram aspice et a uobis  
 nefarios homines abicite, qui peiores Iudeis sunt et similes Sadduceis.  
 Nam quamdiu uobiscum manserint, tuti et securi esse non poteritis.  
 Ecclesia enim super iniquitate istorum plorat et plangit, quoniam filii  
 35 eius in iniquitate istorum contaminantur. Quapropter ipsos a uobis  
 proicite, ne congregatio et ciuitas uestra pereat, quoniam in Colonia  
 pridem conuiuium regaliu nuptiarum preparatum est, unde platee  
 eius adhuc fulminant.

---

8/9 Adam – inspirauit] cfr Gen. 2, 7.    17/18 Emitte – terre] Ps. 103, 30.  
 26 quia caritas est] cfr 1 Ioh. 4, 8.    37 conuiuium – est] cfr Matth. 22,8.

---

2 quod om. PL    6 coluber om. Wr    10 homine] eo R    12 homini  
 dandam R    15 ac] et R    20 quod amodo] quodammodo PL    neque] nec  
 R    21 hominis] terre R    26 ad] in PL    ipsum] idipsum PL    31 in<sup>2</sup>  
 om. R    31/32 nefarios homines a uobis R    33 et securi om. PL    34  
 iniquitatem R    35 inequitate Wr

HILDEGARDIS AD CUNRADVM ARCHIEPISCOPVM MOGVNTINENSEM a. 1162(?)

Hec uerba in uero lumine uidi et audiui: Dies diem uocat et pestilentiam comprimit, ut dictum est: *Dies diei eructat uerbum et nox nocti indicat scientiam*. Nam Deus rationalis est, et omnis iustitia in Deo est, atque omnia bona et iusta ab ipso processerunt in homine et in omnibus creaturis. Et factura ipsius in ipso pura est, ut scriptum est: *Omnia per ipsum facta sunt*. Dies preclarus non esset, scientiam si non haberet, scilicet tenebras que laudem diei ostendunt. Sic etiam malignitas et impietas diaboli Deum ostendunt, quoniam omnis impietas ac inquieta bella illi obsistere non possunt. Deus malum non fecit, sed illud superauit uelut scabellum pedis sui, quia *sine ipso factum est nihil*.

Nunc tu, o fili Dei, in inuocatione diei es. Apprehende ergo scutum fidei, et pulcherrimam iustitiam Dei in amplexione cordis tui diligenter habe uelut dulcissimam amicam in sinu tuo, atque in omnibus operibus tuis tenebras iniustitiae fuge, quia Deus uerax est, ita quod electus filius hereditatis sis, et non concubine, scilicet iniustitiae.

Sed et cingulo iustitiae te cinge, atque in amore eterne felicitatis lumbos tuos constringe, nec etiam in inuocatione diei illos audi, qui Deum spernunt et qui opera illius contradicunt, ut dictum est: *Erue a framea, Deus, animam meam, et de manu canis unicam meam*, ita ut tu incidentem gladium in malignis hominibus fugias atque infidelitatem uerborum hominum qui Deo quasi canis contradicunt. Nunc autem Deus te doceat ut fidelis seruus sis, et ut in eternitate uite permanearis.

---

Ep. XXI

cod.: W (f. 94r-95r).

ed.: PI 115, p. 557-558 (cfr W).

---

XXI, Tit.: Cunrado archiepiscopo Moguntiensi W

---

XXI, 2/3 Dies - scientiam] Ps. 18, 2. 6 Omnia - sunt] Ioh. 1, 3. 11 scabellum - sui] cfr Ps. 109, 1. 11/12 sine - nihil] Ioh. 1, 3. 13/14 Apprehende - fidei] cfr Eph. 6, 16. 17/18 electus - concubine] cfr Gen. 16, 15; 21, 2; Gal. 4, 22-26. 19 cingulo - cinge] cfr Is. 11, 5. 22/23 Erue - meam] Ps. 21, 21.

---

XXI, 25 canes fort. recte PI

Hildegardi sancte ac Dei amice, sponse Christi, V., Wessionensis calamus confractus, forma mali, esca diaboli.

Scriptum est: *Non habentes tegumenta, amplexantur lapides.* Sed hoc, proh dolor! tempore ablati sunt de uia lapides qui uie  
5 iniquitatis obsistant, cesserunt montes qui super peccatores cadant, colles qui profugos Christi operiant. Denudata sunt apud Deum turpia hominum facta in suo cursu medium iter habentia, nulloque mediante certatim in lapidem offensionis et petram scandali impingunt.

10 Ex quibus et in quibus, mi domina, ego desperatus cotidie huic impingens petre, contritus et confractus, adhuc de Dei misericordia sperare presumo. Per ipsam itaque Dei misericordiam uos adiuro ne me uobis innitentem abiciatis, nec spernatis per eum qui propter nos sperni dignatus est. Obtestor uos per  
15 pretium sanguinis Iesu Christi, dilecti sponsi uestri, de cruce fluentis, per quem uos subarrauit et sponsam assumpsit: uerbis presentium de me narrantis pias aures inclinetis, et apud ipsum sponsum uestrum sollicitantes, quid sit quod me totiens ad se clamantem de profundis nequitiarum et de luto fecis eripere  
20 dedignatur, si sperare ulterius ueniam, si spiritum contribulatum et cor contritum mihi largiri uelit, domina, intenta prece exquire.

Litteris mandans que uidentur, demanda. Vale. Iterum atque iterum hec eadem iterans, per Christum ne dimittatis adiuro.

---

Ep. XXXIX

*codd.*: *Hm* (teste Mart. 72, 1108); *R* (f. 377<sup>a-b</sup>); *Wr* (f. 106<sup>v-a-b</sup>).

*ed.*: *PL* 133, 360D-361B (cfr *Hm*).

*comm.*: *Einkl.*, p. XII-XIII.

---

XXXIX, *Tit.*: Monachus quidam Hild. *R* Epistola V. Wessionensis ad s. Hil. *Wr*

---

XXXIX, 3 Non - lapides] *Iob* 24, 8. 5/6 montes - operiant] cfr *Os.* 10, 8; *Luc.* 23, 30; *Apoc.* 6, 16. 6/7 Denudata - turpia] cfr *Is.* 47, 2. 7/8 medium - habentia] cfr *Sap.* 18, 14. 8/9 in - scandali] cfr *Is.* 8, 14; *Rom.* 9, 32-33; 1 *Petr.* 2, 8. 19 clamantem de profundis] cfr *Ps.* 129, 1. de luto fecis] cfr *Ps.* 39, 3. 20/21 spiritum - contritum] cfr *Ps.* 50, 19.

---

XXXIX, 5 peccatores] peccantes *Hm* montes *R* 6 qui *om.* *RWr* 8 lapide *R* 21 cor *om.* *Hm* 22 demandanda *Hm*

## XXXIXR

HILDEGARDIS AD ODONEM SVESSIONENSEM

a. 1148-1149 (1)

In uera uisione mysteriorum Dei scribo, uidendo et audiendo et sciendo in uno modo: Tu autem, o homo, similis es nubi que progreditur et regreditur et que in hac utraque parte aliquantulum lucida est, et per quam tamen sol sepius obnubilatur, ita  
 5 quod diutius exspectatur quando luceat. Et scriptum est: *Quia ecce qui elongant se a te peribunt.* Hoc est: Qui diem bone scientie habent, sed in alienam suscitationem inutilitatis respiciunt ac in uarietates tenebrarum, que auxilium in rationalitate non querunt sed uane sunt, arescunt, nec uiriditatem in Deo habent.  
 10 Adam enim, cum plenus innocentie sanctitatis fulgeret, in preuaricatione deprehensus est, ita quod in preuaricatione preceptorum Dei periit, cum diadema innocentie, scilicet pulcherrime filie regis, ab eo abscisum est.

Nunc mentem tuam ad bona restaura et aspice in fontem  
 15 aque salientis, et non require diuersas causas in aliena domo, quia unaqueque causa que utilis non est, arescet, quoniam a Deo plantata non est. Mens tua pura sit in Deo et in esurie iustitie Dei, ac in recto itinere, et Deus suscipiet te.

Vnde labores, quos propter Deum incepisti et quos facis, tibi  
 20 sufficiant. Sed mentem tuam et cogitationes tuas, quantum potes, ad Deum dirige. Orationes quoque meas ad Deum semper pro te fundam.

---

Ep. XXXIXR

*codd.*: Hm (teste Mart. 72, 1108-1109); R (f. 377r<sup>b</sup>-v<sup>a</sup>); W (f. 63v; fragm.); Wr (f. 106v<sup>b</sup>-107r<sup>a</sup>).

*ed.*: PL 133, 361B-C (cfr Hm).

*comm.*: Einl., p. XII-XIII.

---

XXXIXR, *Tit.*: Responsum Hildegardis R Odoni Sussionensi magistro  
 (*in marg.*) Hildigardis (*in marg.*) W Epistola s. Hil. ad eundem Wr

---

XXXIXR, 5/6 Quia – peribunt] Ps. 72, 27. 14/15 fontem – salientis] cfr Ioh. 4, 14. 15 in – domo] cfr Prou. 5, 10. 16/17 arescet – est] cfr Matth. 15, 13.

---

XXXIXR, 1 In] *litt. init. deficit* W et *om.* R 2 nube W 4 sol sepius *eqs. desunt in* W 6 scientie bonae PL.\* 7 sciscitationem R ac] et R 10/11 in – quod *om.* R 13 abscisum Hm 15 non require *post* domo R 16 quia] quoniam R unaqueque] queque Wr arescit Wr 18 ac] et R PL.\* 19 quos] quod PL.\* cepisti Wr 20 tuas *om.* Wr 21 quoque *om.* R

Domine Hildegardi, eximie uirgini Christi, V., Parisiensis humilis et indignus magister nomine et loco quo fungitur, orationem et quicquid tante sanctitatis et nobilitatis persone condignum censetur.

- 5 Quia tu, domina, ancillam te fecisti Christi, ipse te super te eleuauit et secreta tibi uirginalis thalami adhuc in carne posite reuelasse ex parte creditur, ut una ex his credaris de quibus canitur: Introduxit me rex in cubiculum suum. Sed quia prophetica et fidelis anima dicit et ingeminat: *Secretum meum mihi*,  
 10 *secretum meum mihi*, et Ezechias rex, qui cellas aromatum et thesauros templi nuntiis Babyloniorum aperuit, Deum in hoc grauiter offendit, beati illi qui nos peccatores in tantum precel-  
 lunt, ut celestia rimentur, in uis suis spiritum discretionis ex his, qui per temptationem magis quam per reuelationem, Deo  
 15 dante, prouentum profecerunt, prestolentur, et inferius etiam apud homines de uisionibus suis discant que proferant uel que reticeant. Sic namque, Deo donum ipsorum per humilitatem disponente, quedam subsigillant, nec ea proferunt que apostolicam et ecclesiasticam institutionem permoueant.  
 20 Hec, prudens femina, attende, quia *mulier timens Deum ipsa laudabitur*. Dicitur quod eleuata in celestibus multa uideas et multa per scripturam proferas, atque modos noui carminis edas, cum nihil horum didiceris. Super his nequaquam miramur, quia non excedunt munditiam et sanctimoniam tuam, sine quibus  
 25 talia ab homine non capiuntur. Scire autem possumus: Quicquid

---

Ep. XL

*codd.*: *Hm* (teste Mart. 66, 1097-1098); *R* (f. 374<sup>r</sup>-<sup>b</sup>); *Wr* (f. 102<sup>v</sup>-103<sup>r</sup>).

*ed.*: *PL* 127, 351D-352B (cfr *Hm*).

*comm.*: *Einkl.*, p. XII-XIII.

---

XL, *Tit.*: Vdo Parisiensis magister Hildegardi *R* Epistola V. Parisiensis magistri ad s. Hil. *Wr*

---

XL, 5/6 te eleuauit] cfr Ez. 11, 1. 8 Introduxit - suum] cfr 4 Reg. 9, 2; Esth. 2, 16; Cant. 2, 4; 3, 4. 9/10 Secretum - mihi] Is. 24, 16. 10/12 Ezechias - offendit] cfr Is. 39, 2-8. 14/15 per<sup>1</sup> - profecerunt] cfr 1 Cor. 10, 13. 20/21 mulier - laudabitur] Prou. 31, 30.

---

XL, 1 Parienensis *Wr* 7 credaris] credatis *Hm* 10 secretum meum mihi *om.* *R* 11/12 grauiter in hoc *Wr* 14 qui *om.* *Hm* 25 ab homine talia *Wr*

ibi de sanctis reuelatur, innuat gloriam; quicquid hic ab eis agitur, exigat humiliationis formam.

Nos autem, quamuis a te longe positi simus, fiduciam in te habentes quedam a te petimus, scilicet, quoniam plurimi contendunt quod paternitas et diuinitas Deus non sit, quid inde in celestibus sentias nobis exponere et transmittere non differas. Valeat dilectio tua.

## XLR

## HILDEGARDIS AD ODONEM SVSESSIONENSEM

a. 1148-1149

Ego paupercula forma in fumo aromatum montis excelsi dico: Sol lumine suo descendit et multas indignationes uicissitudinis locorum illustrat. Et sic, o tu magister, in magistratione multos riuulos in scripturis habes quos inter alios interdum spargis, scilicet inter magnos et paruos. Sed ualde tremisco propter humilem formam que in me est.

Nunc audi: Rex in solio suo sedit et magnas columnas et ualde elegantes in magnis ornamentis coram se statuit, que supra ornamenta eboris erecta sunt et que omnia indumenta

## Ep. XLR

*codd.*: F (f. 142v); Hm (teste Mart. 66, 1098-1099); R (f. 374r<sup>b</sup>-v<sup>b</sup>); W (f. 72r-73r); Wr (f. 103r<sup>a</sup>-b); Z (f. 76r-v).

*edd.*: PL 77, p. 539-541 (cfr FHM W); PL 127, 352C-353B (cfr Hm); cfr HAUG, p. 68, n. 93; Echth. p. 172 (fragm.).

*comm.*: Echth., p. 172-173; Einl., p. XII-XIII.

XLR, Tit.: Odoni magistro de Parisio F Responsum Hildegardis R Odoni magistro de Parisio Hild. W Epistola s. Hil. ad eundem magistrum Wr Odoni magistro de Parisio Hildigardis Z

XLR, 1 aromatum montis] cfr Cant. 8, 14.

*app. comp.*: XLR, 2 uicissitudinum R Wr 5 Sed om. R

XL, 26/27 ab eis agitur] abest agitur Hm, absconditur com. PL.\* 31 exponere et om. Wr

*app. crit.*: XLR, 2 uicissitudinis ex uicissitudines corr. Z 5 magnos ex magnas corr. Z 7 sedet Hm 8 ualde om. Wr 9 super Wr sunt Hm

10 regis in magnis honoribus gestabant et ea ubique ostendebant.  
Tunc regi placuit, et paruam pennam de terra leuauit et illi  
precepit ut uolaret sicut idem rex uoluit. Penna autem a seipsa  
non uolat, sed aer eam portat. Sic ego non sum imbuta humana  
doctrina nec potentibus uiribus, nec etiam estuo in sanitate  
15 corporis, sed in adiutorio Dei consisto.

Et dico tibi: A quodam homine in doctrina fluente et me  
interrogante audiui quod paternitas summi Patris et diuinitas  
Dei non esset Deus. Et me pusillam rogauit ut de hoc ad uerum  
lumen diligentius aspicerem. Et uidi et didici, in uerum lumen  
20 uidendo et non per me in me requirendo, quod paternitas et  
diuinitas Deus est, quia homo hanc potestatem non habet ut  
de Deo dicat sicut de humanitate hominis et sicut de colore  
facti operis de manu hominis.

Viuens ergo lux in secreto uerbo sapientie dicit: Deus plenus  
25 est et integer et absque principio temporum, et ideo non potest  
diuidi sermone sicut homo diuidi potest, quoniam Deus totum  
est et non alius, ac idcirco illi nihil abstrahendum aut addendum  
est. Nam etiam paternitas et diuinitas est ille *qui est*, ut dictum  
est: *Ego sum qui sum*. Et *qui est*, plenitudinem habet. Quomodo?  
30 Faciendi, creandi, perficiendi.

Quicumque enim dicit quod paternitas et diuinitas non sit  
Deus, hic nominat punctum absque circulo, et si punctum habere  
uult absque circulo, illum qui eternus est negat. Et quicumque  
negat quod paternitas et diuinitas Deus sit, Deum negat, quia  
35 uult quod aliqua uacuitas in Deo sit. Quod non est. Sed Deus  
plenus est, et quod in Deo est Deus est. Deus enim nec excuti  
nec excribrari secundum hominem potest, quia in Deo nihil est  
quod Deus non sit. Et quoniam creatura initium habet, ex hoc

---

28 qui est] Ex. 3, 14; Apoc. 4, 8. 29 Ego - sum] Ex. 3, 14. qui est]  
Ex. 3, 14; Apoc. 4, 8. plenitudinem habet] cfr Col. 1, 19.

---

*app. comp.*: 16/21 A quodam - Deus est] quomodo in uera uisione edocta  
sum quid paternitas et diuinitas sit, quoniam ego (ego om. R) a te percepi hoc  
plurimis necessarium esse, quatenus in uera fide roborentur. Nam (Nam om. R)  
ad uerum lumen uidi et didici uigilanter et aperte uidendo et (quod Hm) non  
per me in me requirendo quod paternitas et diuinitas Deus est HmRWr 21  
potestatem hanc R 25 et<sup>3</sup> om. R 27 ac] et R 28 Nam om. R paternitas  
etiam R ille est RWr 32/33 et si - circulo om. HmRWr 33 negans  
HmRWr 37 potest secundum hominem HmRWr

---

*app. crit.*: 10 et - ostendebant om. Hm 21 non habet potestatem F 24  
Videns Pl sapientie uerbo Wr 27 non s. lin. Z post abstrahendum add.  
est Wr 28 ante paternitas add. et HmWr 29 Et] etc. PL\* 32/33 uult  
habere FPl 36 est<sup>2</sup>] et PL\* nec excuti s. lin. Z 37 excribrari Z

inuenit rationalitas hominis Deum per nomina, sicut et ipsa in  
40 proprietate sua plena est nominum.

Nunc iterum audi, o homo, pauperulam formam in Spiritu  
tibi dicentem: Deus uult ut recta itinera facias et ut illi sub-  
iectus sis et ut etiam uiuus lapis sis in lapide angulari. Et de  
ligno uite non deleberis.

## XLI

a. 1153-1154

## GVNTHERVVS EPISCOPVS SPIRENSIS AD HILDEGARDEM

Guntherus, Dei gratia Spirensis Ecclesie minister et episcopus,  
Hildegardi, dilecte magistre de monte sancti Ruperti in Pinguis,  
salutem eternam in Christo.

Quod bonus odor es tam remotis quam uicinis et de Spiritu  
5 Sancto solamen omnibus te querentibus, diuine pietati gratias  
referimus. Vnde et certum habere debet dilectio tua quod  
honorem et utilitatem Ecclesie tue libenti animo uidemus, et  
modis omnibus quibus uoluntatem nostram in prouectum eius-  
dem Ecclesie tue effectui mancipare poterimus, libenter facie-  
10 mus.

Rogamus autem intime sanctitatem tuam, quatenus pro di-  
lectione nostra Deum pro nobis interpelles et orationibus tuis  
eum nobis placabilem facias, et scias omni ambiguitate remota,

## Ep. XLI

*codd.*: R (f. 336r<sup>b</sup>); *Wr* (f. 53v<sup>a-b</sup>).

*ed.*: PL 15, 171D-172A (cfr R).

XLI, *Tit.*: Episcopus Spirensis Hil. R Epistola Spirensis episcopi ad s.  
Hildegard. *Wr*

XLR, 43/44 de – deleberis] cfr Prou. 3, 18; Apoc. 2, 7; 22, 14 et al.; Apoc.  
3, 5.

XLI, 4 bonus – es] cfr 2 Cor. 2, 15. 12 pro – interpelles] cfr Rom. 8,  
34; Hebr. 7, 25.

*app. comp.*: XLR, 39 in *om.* R 43 ut etiam *om.* R

*app. crit.*: XLR, 44 ligno] libro *fort. recte HmWr*

XLI, 1 Gonterus R 2 dilecte *om.* R sancti *om.* *Wr* Roberti R  
Pinguis R 8 nostram] unstram *Pl.* 12 interpellas R *Wr* (*om. Pl.*\*)

#### **ANEXO 4 – Decreto Proteção Imperial de Frederico Barba Ruiva ao Mosteiro de Rupertsberg de Hildegarda de Bingen**

SILVAS, Anna. **Jutta and Hildegard**: the biographical sources. Pennsylvania/EUA: The Pennsylvania State University Press, 1998.

##### CHARTER OF EMPEROR FREDERICK I

The following is a translation of Document 214, KUB 2, pp. 484-86. The original charter, stamped with Emperor Frederick's seal, is preserved in the Hauptstaatsarchiv, Koblenz, Urk. Ki. Rupertsberg Nr.3 (A). Here the Emperor takes Rupertsberg and all its property under his protection, confirming its foundation and all the goods acquired at that time and its independence from the monastery of Disibodenberg, whose Abbot retains responsibility for the priestly ministry at Rupertsberg, as long as he respects their freedom to choose their abbess and their provost. Several passages are simply taken over from the second charter of Archbishop Arnold of Mainz. This is the only contemporary document which gives Hildegard the title of 'abbess': see the notes here and at Ep. 38, X.

Date: 18 April 1163.

IN THE NAME OF the holy and undivided Trinity. Frederick, by favour of the divine goodwill, Holy Roman Emperor (18).

In the judgment of God who sees all things, we believe there will be equal merit to benefactors and those who confirm their benefactions. We also believe that the responsibility of the whole government pertains to our imperial majesty, and specially that, in order to foster the well-being of all the holy communities" of God we ought with all haste to abolish all that hinders them, lest they deteriorate through serious obstruction, or, for whatever occasion that arises, dwindle in our time from their original culture and religious spirit. Therefore, while we faithfully carry through these provisions in both the fear and the love of God, may we receive an equal share in the merits and God.

Consequently, let it be known to both the present age, and the succeeding posterity of all Christ's faithful in our realm, that we, through the intervention and petition of the venerable abbess, (20) lady Hildegard, take under our protection the monastery of Rupertsberg located at Biage, and its nuns who serve God there, and their possessions both movable and immovable and their fields and all matters belonging to the aforesaid place, which they already have or by the gift of God are able to obtain in the future. With the protection of our unreserved corroboration we confirm the abovementioned place, the abbess, her sisters and all their possessions in accordance with the instrument of Arnold, by imperial privilege at one time the venerable archbishop of the See of Mainz.

We remember and commend to everlasting memory that the aforesaid lady abbess Hildegard moved from Disibodenberg to Rupertsberg with certain young women as their offering to God, and with a just exchange redeemed the same place as their own property from various people with vineyards contributed to them by certain of the faithful. Having entered into common counsel, (21) the aforesaid brothers through the lord Abbot Cuno then gave to them and those after them eight houses in various places in perpetual exchange for the offerings which the same young women had contributed for themselves to the monastery of Disibodenberg.

Afterwards the lord Abbot Helenger (23) confirmed this and in the presence of the aforesaid Archbishop Arnold and of many others, his brothers having given assent without any opposition, released the same place as a freehold possession. This proviso was retained, that whoever might be the Abbot of Disibodenberg, now or in the future, should have the care of their souls, and provide according to their need and petition priest-monks of worthy reputation to dispense to them the divine things, and that he should not remove those who have been provided against the sisters' will, and in all matters to which they might call him, he should help them with a good will, as long as the monastic spirit flourishes in both of the above mentioned monasteries, and these requests can be honourably asked of them by the sisters and be granted them by the brothers.

Also we have laid it down that after the death of their spiritual mother, the same sister should, in a free election according to the Rule of blessed Benedict, choose another for themselves as a spiritual mother who is of benefit and suitable for their common and sound purpose in both internal and external matters. To her they shall all show a fitting obedience in all things, and they shall refer to her all matters which need to be decided upon in the place above mentioned.

Thus, receiving under our imperial protection the same place with its nuns and its possessions, we have decided, and have hallowed it by imperial edict that no one should usurp for himself the advocacy of this same place, but that through the imperial right hand and the help of the Archbishop of Mainz it should always continue free and secure from all attacks and injustices ...

#### Notes

18 *Romanorum imperator augustus*.

19 *sanctarum Dei ecclesiarum saluti*. *Ecclesia* in this context refers not to diocese but to communities of monks or nuns.

20 Here and lower down are the only contemporary references to Hildegard as 'abbess'. See the note to Ep. 38, X. The use of this title seems to be flattery with a political purpose. Frederick had been in a state of schism since 1159, supporting an anti-pope Victor IV against Alexander III (1159-1181), who for his part addresses Hildegard in a letter as prioress' (Ep. 10, Van Acker, p. 25). When Victor died and Frederick compounded his contumacy by setting up a successor to him, he tasted Hildegard's prophetic wrath in full, see Ep. XXVII (PL 187, 186-87), and Barbara Newman in *Scivias*, trans. by Hart and Bishop, pp. 15-16.

21 *in ito communi consilio*.

22 Cuno, Abbot of Disibodenberg, 1136-1155; the documentation has not survived.

23 Helenger, Abbot of Disibodenberg, 1155-1178; the documentation has not survived.

## ANEXO 5 – Material de estudio para elaboración da *Árvore das Virtudes*

1. Texto de apoio sobre as virtudes em Hildegarda de Bingen e a representação delas como uma árvore.

AZUCENA, Adelina Fraboschi. Introducción. In: HILDEGARDA DE BINGEN. **El libro de los merecimientos de la vida**. Tradução de Azucena Adelina Fraboschi. Buenos Aires: Mino y Dávila Editores, 2011.

p. 23-24 (siete Virtudes de la Parte Primera)

<b>Virtudes</b>	<b>Vicios</b>
El Amor Celestial	El Amor Mundano
La Disciplina	La Jactanciosa Insolencia
La Modestia	El Jocosos Descaro
La Misericordia	La Dureza de Corazón
La Divina Victoria	La Flojedade de Ánimo
La Paciencia	La Ira
el Anhelos Celestial §§1-14	la Alegría Torpe e Inapropiada

Explicación:

Nota 9 (p. 24) “Se consideramos que las siete Virtudes mencionadas se encuentran como en el inicio mismo de la asunción de un enfoque serio de la propia vida.; o bien para usar una imagen muy hildegardiana, si decimos que son las raíces del árbol de esa vida que ha de desarrollarse y crecer, vigorosa y fecunda, sustenta por ellas; entonces diremos que los siete Vicios aquí presentes son como los gusanos que infectan y corroen esas raíces y, finalmente, secan el árbol”.

p. 24-25 (ocho Virtudes de la Parte Segunda)

<b>Virtudes</b>	<b>Vicios</b>
La Sobriedad o Abstinencia	la Glotonería
La Verdadera Largueza de Ánimo	la Acritud
La Piedad	la Impiedad
La Verdad	la Mentira
La Paz	el Ánimo Contencioso
La Santa Felicidad o Bienaventuranza	La Infelicidad
El Discernimiento	La Desmesura
La Salvación de las Almas §§1-16	La Perdición de las Almas

Explicación:

Nota 10 (p. 25): "Si las siete Virtudes citada en la Primera Parte eran como las raíces del árbol, estas ocho Virtudes - que consideran la relación del hombre con Dios y su proyección hal el prójimo: dual es la relación con Dios, tal es para con los demás - son como su tronco: hacen a la sólida construcción de la persona, a la realización de su vida en su contexto real, es decir, como creatura de Dios en el mundo. Los ocho Vicios que se les oponen dejan el tronco sin tutor y, debilitándolo, muestran a los ojos de los demás tan sólo una triste figura raquítica".

p. 25-26 (siete Virtudes de la Parte Tercera)

<b>Virtudes</b>	<b>Vicios</b>
La Humildad	La Soberbia
La Caridad o Amor	La Endivia
El Temor de Dios	La Vanagloria
La Obediencia	La Desobediencia
La Fé	La Infidelidad
La Esperanza	La Desesperación
La Castidad §§3-16	La Lujuria

Explicación:

Nota 11 (p. 25) “Estas siete Virtudes se incluyen en - o bien explicitan - la Virtud de la Religión, y guardan correspondencia con los siete dones del Espíritu Santo. Se trata, pues, de la intimidad del hombre con Dios, una intimidad de amor entrañable que alienta todo su ser y su vida toda. Continuando con la imagen del árbol presentada en las dos partes anteriores, podríamos decir que estas Virtudes son como su savia; y los siete Vicios que se les enfrentan se esfuerzan por privar el árbol de su alimento, frustran su crecimiento y atentan contra su existencia misma”.

p. 26 (ocho Virtudes de la Parte Cuarta)

<b>Virtudes</b>	<b>Vicios</b>
la Justicia	la Injusticia
la Fortaleza	la Indolencia
la Santidad	el Olvido de Dios
la Constancia	la Inconstancia
el Deseo Celestial	la Preocupación por las Cosas Terrenales
la Compunción del Corazón	la Obstinación
el Desprecio del Mundo	el Deseo Desordenado e Insaciable o Aidez
la Concordia §§1-16	la Discordia

Explicación:

Nota 12 (p. 26) “Estas ocho Virtudes hacen hincapié en la batalla definitiva a librarse entre Dios y el diablo - en el tiempo que transcurre entre la primera y la segunda venida de Cristo -, batalla cuyo campo de acción es el hombre. Las Virtudes aparecen aquí con diversos matices: esfuerzo, valor, sufrimiento, perseverancia, superación de las dificultades en pos de un fin deseado y a conquistar. Si queremos traer nuevamente la imagen del árbol de las tres partes anteriores, diríamos tal vez que estas Virtudes, que proceden de buena raíz, de un tronco fuerte y están alimentadas con savia abundante, son como su flor y su fruto. Los ochos Vicios podrían ser vientos que sacuden violentamente las flores y las deshacen, o bien animales que las devoran como también devoran los frutos, o gusanos que destruyen a ambos desde su interior”.

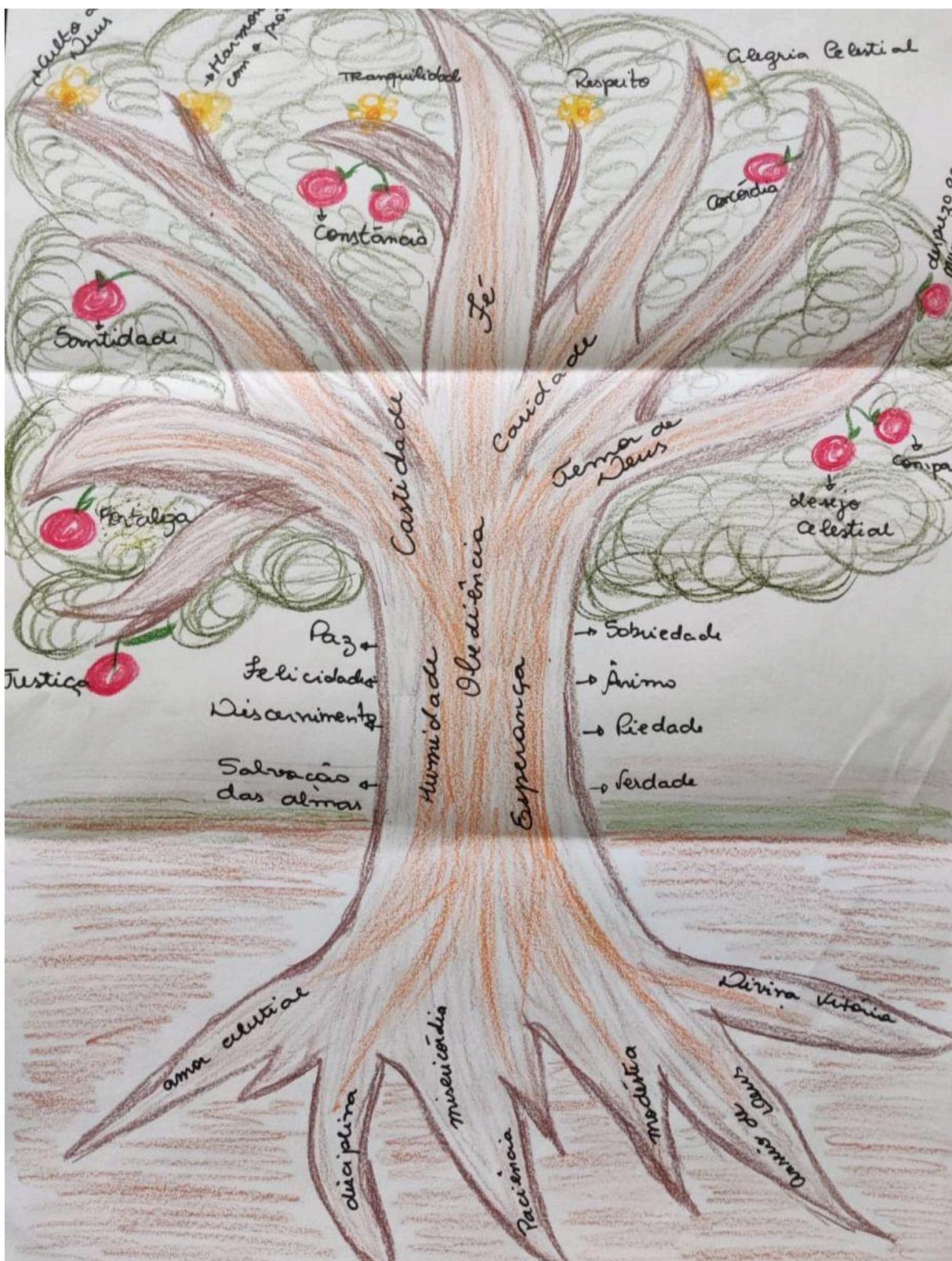
p. 27 (cinco Virtudes de la Parte Quinta)

Virtudes	Vicios
el Respeto	el Sarcasmo
la Tranquila Estabilidad	el Vagabundeo o Labilidad
el Verdadero Culto a Dios	el Ocultismo
el Contento con lo Propio	La Avaricia
el Gozo Celestial §§2-11	La Tristeza por la Propia Existencia

Explicación:

Nota 13 (p. 27) “Estas cinco Virtudes que se oponen a otros tantos Vicios en la Parte Quinta, a diferencia de lo que ocurre con las que se mencionan en las cuatro anteriores, no tienen correspondencia en las visiones de *Scivias*, ni en ninguna otra de las obras de Hildegarda. Sin embargo, y dado que entre los parágrafos 69 y 74 se alude a la figura del maestro, en la que se reproduce la del abad según la *Regla de San Benito*, hemos procurado rastrear alguna referencia a dichas Virtudes en la *Regla*. Y así, siguiendo la imagen propuesta del árbol, podríamos decir que estas Virtudes: porque pertenecen al ámbito monástico, esto es, al camino de la perfección según el consejo evangélico (*Mat.* 19,21), camino que nos lleva al hombre - atraído por el aroma de Sus Virtudes - en pos de Jesús; y porque a semejanza del Divino Maestro, sus discípulos han de irradiar también dicho aroma hacia el mundo, por todo ello podríamos decir que son como el perfume de las flores y de los frutos del árbol de las Virtudes. En tal caso, los cinco Vicios que se les oponen serían como el hedor que emana de una flor y de un fruto pútridos, fétida pestilencia que lejos de atraer, repele”.

## 2. Primeira versão da Árvore das Virtudes (desenho livre)

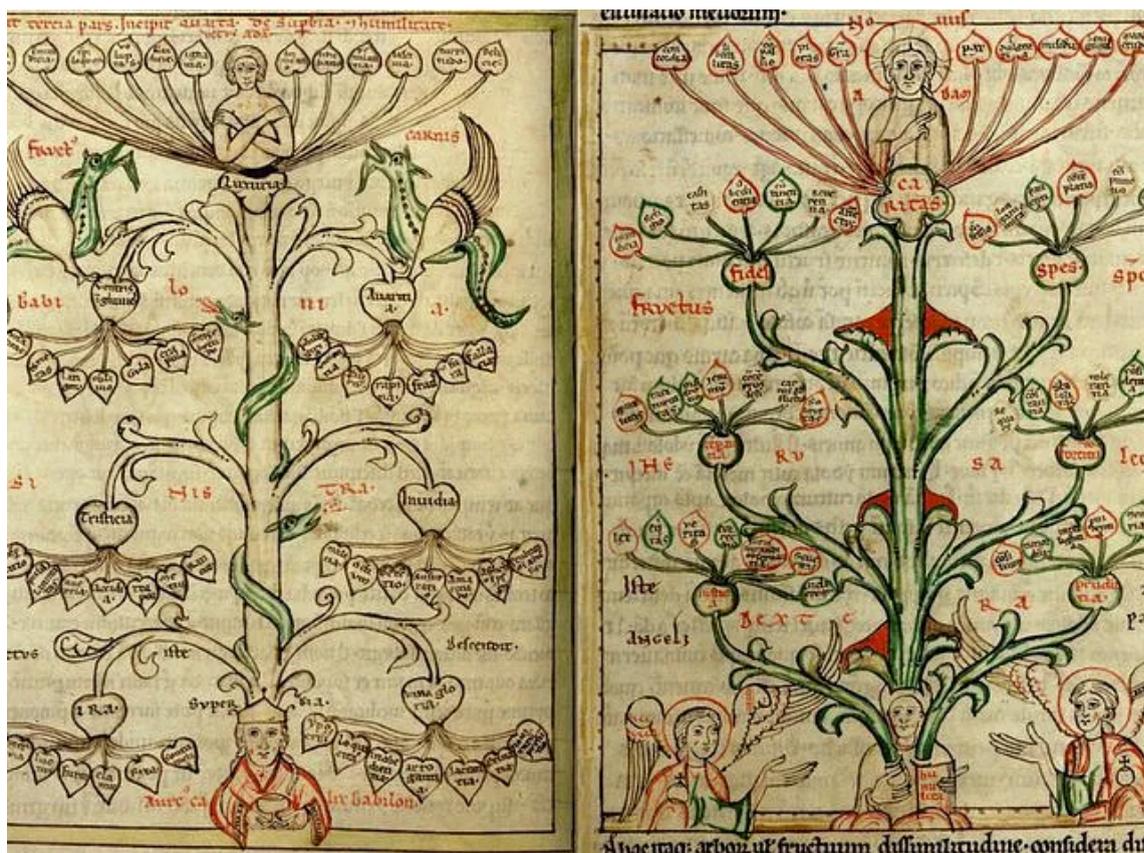


Fonte: elaboração própria (2023).

Nota: elaborada a partir da *Introducción del Libro de los merecimientos de la vida*, de Azucena Fraboschi (2011).

### 3. Conceito de Árvore das Virtudes

By the High Middle Ages, writers began to add diagrams showing the various virtues (such as humility) versus those that show vices (like pride). You could find these diagrams on opposite pages of a medieval manuscript, and even if you cannot read Latin you can tell which tree is which, since on a tree of virtues, the leaves point upward toward heaven, while on a tree of vices the leaves point downward toward hell.



Fonte: <https://www.medievalists.net/2015/06/trees-in-the-middle-ages/>

#### 4. Fontes consultadas como material de estudo

ABTEI St. HILDEGARD. **Geschaut Im Lebendigen licht:** Die miniaturen des Liber Scivias der Hildegard von Bingen. 2. ed. Rüdersheim/Eigingen/Alemanha: Beruner Kunstverlag e Bialystok/Polken: Gesine Beran, 2016.

HILDEGARDA DE BINGEN. **Visões.** Tradução de Roberto Mallet. Dois Irmãos: Minha Biblioteca Católica, 2020.

MANUSCRITO DE LUCCA [Iluminura do Livro das Obras Divinas (1173-74), último livro teológico de Hildegarda]. Disponível em: [https://www.internetculturale.it/jmms/iccuviewer/iccu.jsp?id=oai%3Awww.internetculturale.sbn.it%2FTeca%3A20%3ANT0000%3ALU0022\\_ms.1942&mode=all&teca=MagTeca+-+ICCU](https://www.internetculturale.it/jmms/iccuviewer/iccu.jsp?id=oai%3Awww.internetculturale.sbn.it%2FTeca%3A20%3ANT0000%3ALU0022_ms.1942&mode=all&teca=MagTeca+-+ICCU).

##### 4.1 Fontes *online*:

[https://www.she-philosopher.com/gallery/gallery\\_cat07.html](https://www.she-philosopher.com/gallery/gallery_cat07.html)

<http://www.ulm-late.com/english/visualpoetry/chapter11.htm>

[https://en.wikipedia.org/wiki/Tree\\_of\\_virtues\\_and\\_tree\\_of\\_vices](https://en.wikipedia.org/wiki/Tree_of_virtues_and_tree_of_vices)

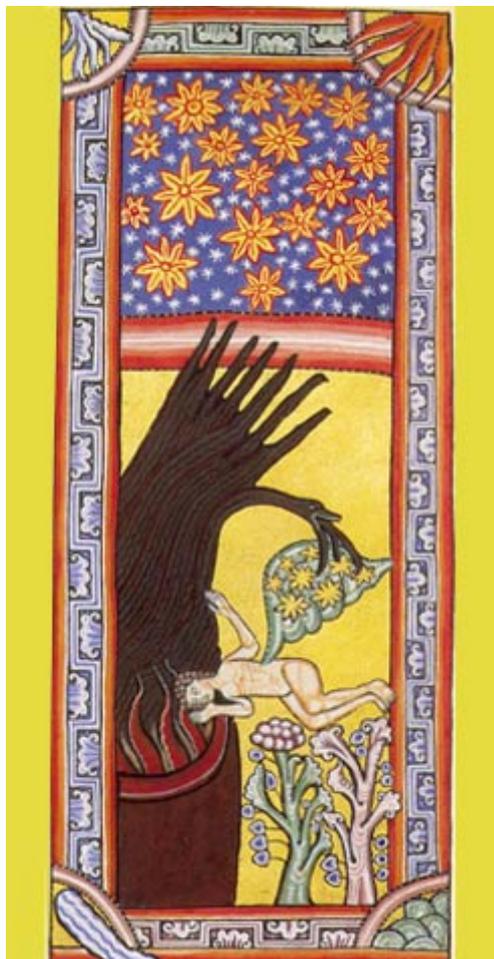
<https://www.facebook.com/photo/?fbid=2875317349261450&set=a.573700976089777>

<https://bibliophilly.library.upenn.edu/viewer.php?id=Lehigh%20Codex%204#page/118/mode/2up>

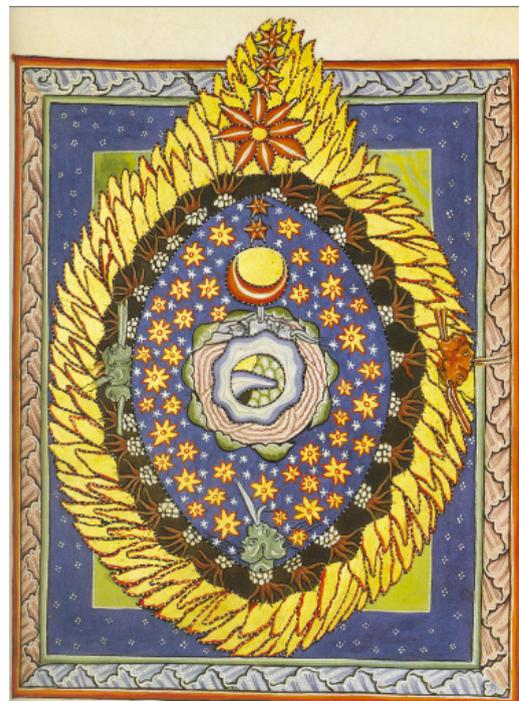
<https://schoenberginstitute.org/>

<https://mss.pennpress.org/home>

5. Iluminuras do *Scivias* utilizadas como referência e disponibilizadas, online, pela Abadia de Santa Hildegarda, no link: <http://abtei-st-hildegard.de/die-scivias-miniaturen/>



Fonte: (*Scivias*, L. I, v. I).

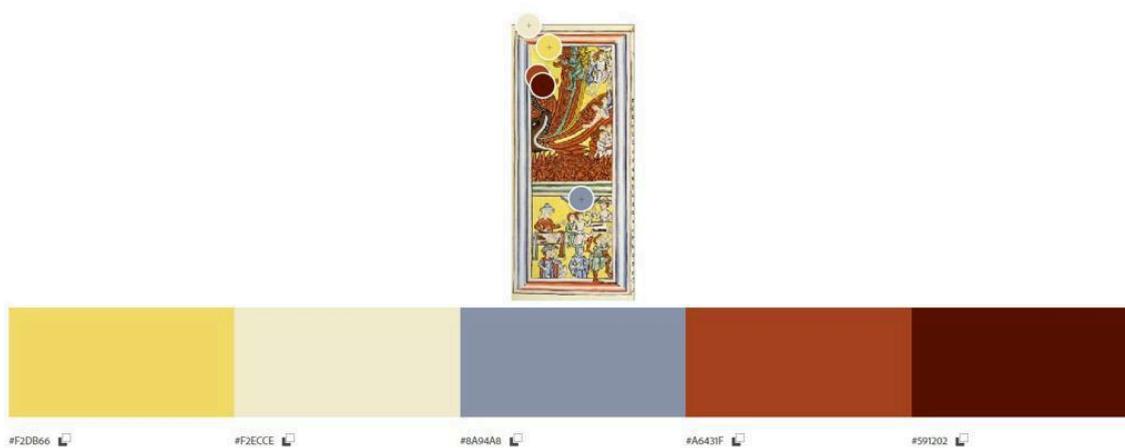
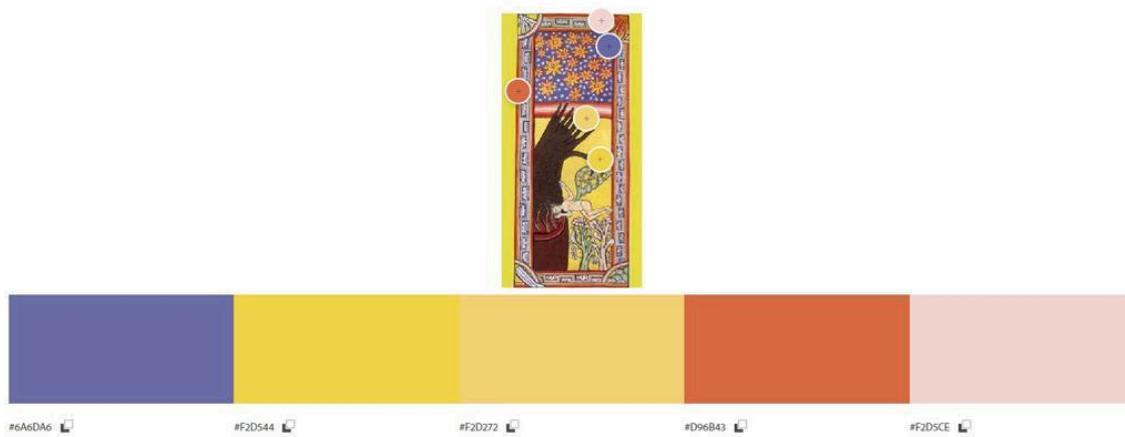


Fonte: (*Scivias*, L. I, v. III).



Fonte: (*Scivias*, L. II, v. VII).

6. Estudo das iluminuras escolhidas, principalmente, das cores predominantes (conforme item 4)



Fonte: <https://color.adobe.com/pt/create>.

## 7. Primeira imagem gerada pela Inteligência Artificial (IA) Blue Willow



Nota: Trabalho produzido com as ferramentas Blue Willow e Photoshop. Prompt de comando para a I.A.: the tree of virtue, oil paint, medieval art, first renaissance. Referências usadas para criação: *Árvore das virtudes*; *Iluminuras Scivias* ( L. I, v. I; L. I, v. III; L. II, v. VII).